

JOÃO GRAVE

A INIMIGA



Acq. Dept., Library
Univ. of North Carolina
Chapel Hill, N. C. 27514

3

CF
00
C8
SR

aria Char-

Volis:

C
SR

Init:

7

ed

Y-LC

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA



ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.G7
I 6
1928

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

[illegible]

À INIMIGA

Obras de JOÃO GRAVE

Os Famintos
A Eterna Mentira
O Último Fauno
O Passado
Gente pobre
Jornada romântica
Reflorir
Reinado trágico
A Inimiga
O Mutilado
A morte vence
Vitória de Parsifal
Paixão e morte da Infanta
Os Sacrificados

Os que amam e os que so-
frem
Cruel Amor
Fogueiras de Santo An-
tónio
Gleba
Vida do Espírito
S. Frei Gil de Santarém
O Amor e o Destino
Almas inquietas
Os Vivos e os Mortos
Memórias dos dias findos
O Santo
Lourdes

Pregos, ver a tabela em vigor.

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à convenção de Berne. — (Em Portugal pela lei de 13 de Março de 1911 — No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de Janeiro de 1919)

PORTO — ARTES GRÁFICAS

JOÃO GRAVE

Da Academia das Ciências de Lisboa

Reçu

PQ9261

.67

I 6

1928

A INIMIGA

TERCEIRA EDIÇÃO, EMENDADA

... *Hiems transiit; imber abiit, et recessit* ...

... *Vox turturis audita est in terra nostra* ...

Surge, amica mea, speciosa mea, et veni.

(CANÇÃO DA PRIMAVERA, do *Cântico dos Cânticos*).



PORTO

Livraria Chardron, de Léo & Irmão, L.^{da}
editores — Rua das Carmelitas, 144

—
1928

A INIMIGA

I

O encontro puramente casual de Henrique de Miranda com a doce e grave mulher em quem sempre agora seismava, fôra na rua, por uma clara e gloriosa manhã de domingo. Recordando êsse fortuito acontecimento que tanta suavidade e tanta alegria lhe comunicára ao espírito, reconstituía com nitidez e precisão os seus mais vagos, indecisos episódios. A cidade, sob o louro fulgor da luz, espreguiçava-se indolentemente no encanto e na frescura das primeiras horas matinais; as casarias, de linhas irregulares e policrómicas, repousavam no religioso recolhimento do dia de descanso, sem um grito mais vibrante, um rumor mais vivo que sobressaltasse a serenidade envolvente; os estabelecimentos conservavam as portas fechadas; todo o movimento normal dos ruidosos e fecundos ins-

tantes de trabalho havia paralizado. Apenas algumas pessoas, silenciosas e meditativas, erravam lentamente pelos passeios e raros automóveis fugiam na calçada, entre ténues nuvens de fumo branco emanando-se da gasolina queimada. Duma vivenda burguesa, com portas envidraçadas abrindo para a varanda do primeiro andar, vinha o som evocador dos *lieder* de Schumann, fazendo pensar saudosamente em magoados amores e felicidades mortas : e essas páginas musicais exalavam, naquele momento de solitude e paz, uma poesia indizível que amaciava os agressivos aspectos exteriores.

Nenhum pormenor, por mais fugidío que fôsse, tinha esquecido a Henrique, tam funda era a impressão que a Desconhecida nêle produzira. Os seus olhares cruzaram-se um instante, demorando-se na contemplação, como as flores que nos vergeis, pela primavera, o vento aproxima e ficam mesclando a beleza, a côr e o perfume — e isso bastou para que dois destinos, que marchavam por caminhos opostos, se juntassem, movidos pelas mesmas aspirações e simpatias.

Ela era alta, magra, de formas esbeltas e bem lançadas. Revelava-se no seu corpo, ao mover-se, qualquer coisa de harmonioso, de ondulante, de rítmico, que lhe aumentava o estranho poder de sedução ; e uma palidez, condizendo finamente com a melancolia dos seus olhos scismadores, maior destaque lhe imprimia à graça natural. Henrique nunca a tinha visto, nem sequer lhe sabia o nome, ignorava se era solteira ou casada, rica ou pobre, desgraçada ou feliz : contudo, essa imagem aliciante e sonhadora que de súbito lhe apparecera

e que fôra para o seu dorido sentimento como a visitaçào amorosa duma oculta divindade, não se lhe dissipou na alma. Aspirando voluptuosamente o ar matutino impregnado de perturbantes eflúvios, não reparando em nada do que à volta ocorria, seguiu-a com a vista até que ela se sumiu no ângulo duma esquina, deixando atrás dos seus ligeiros passos um leve aroma de violeta denunciando uma existência elegante e costumes requintados. Daí em diante, na amargura, no desconsòlo dos pesados tédios, Henrique comprazia-se em reviver esta aparição fugaz que lhe apaziguava as inquietações e tornava mais confiante a sua esperança.

Tinha então quarenta anos, os cabelos começavam a embranquecer-lhe e a vida fatigava-o, de-certo por falta dum interêsse mais sério e duma felicidade mais intensa que o estimulassem, lhe sobreexcitassem a energia. Romântico exaltado desde a adolescência, tôda a aventura o solicitava. Ao concluir o curso de Direito na Universidade de Coímbra e ao encetar na advocacia uma carreira em que empregasse o tempo e desenvolvesse uma actividade fértil, logo experimentou a necessidade imperiosa de consagrar-se para sempre a uma dessas extraordinárias mulheres, seres de devoção e de sacrifício, que fôsse a dócil companheira de infortúnios e de venturas e que no seu coração fizesse abrir a misteriosa e divina flor da ilusão e do enlêvo. Casou, e os primeiros meses foram serenos e prometedores para a sêde de infinito, de ideal, que o abrasava. Transformou-se completamente. Para êle, o mundo inteiro resumia-se ao seu lar florido e tranqüilo, à diligente e afável *ménagère* que o ani-

mava e que diàriamente vinha esperá-lo à porta, oferecendo-lhe o vermêlho cravo dum beijo nos lábios cândidos que a mentira e a hipocrisia não tinham maculado ainda. Por um egoísmo humano e compreensível nas organizações de *élite*, Henrique pensou em formar uma psicologia nova à espôsa. Pretendeu dominá-la, impôr-lhe as suas predilecções e a sua inteligência, quis levá-la ao culto consciente de tudo quanto intimamente se prendesse com a sua personalidade, desejou modelá-la, sob o ponto de vista moral, ao contacto duma ternura transbordante, com o cuidado e a ansiedade com que um escultor modéla, na pedra inanimada, as puras curvas — por entender que só assim poderia completar-se uma perfeita unidade entre ambos. A vitória desta suprema ambição contribuiria poderosamente para o triunfo e para o orgulho do seu amor, porque representaria a certeza esplêndida dos seus dons criadores. O casamento, porém, foi para Henrique um lôgro e uma angústia. Os apetites sensuais conturbaram-lhe a lucidez das faculdades de análise, traíndo-o. Em vez da mulher idealizada em horas de divagação e febre, deparou-se-lhe uma burguezinha trivial, certamente bela e talvez capaz de dedicações sinceras, mas sem curiosidades intellectuaes, não ultrapassando nunca os estreitos limites em que o seu modesto destino se confinára, não o surpreendendo por um dêsses imprevistos vôos líricos que tanto apaixonam as naturezas emotivas. Volvido um ano, a fôrça, a substância sensitiva com que êle entrára na vida conjugal haviam-se consumido como tudo se consome fatalmente nas incertezas do mundo transitório, deixando resíduos,

cristalizações impuras de desalento — esgotando-se com o ardor voluptuoso, secundário na adoração de Henrique — uma adoração quási casta, porque êle procurava na mulher mais subtileza, mais finura de espírito, do que as grosseiras sensações da carne. Desaparecera o entendimento que chegou a julgar dotado com uma nobre elevação capaz de compreendê-lo, restando apenas um lindo rosto inexpressivo que o lisonjearia, fazendo-o invejado pelos homens inferiores que uma ânsia de coisas delicadas jâmais atormentou, mas que nenhuma claridade interior iluminava.

— Não era isto o que eu, ingênuamente, tinha imaginado ! — murmurava êle, quando o desgosto mais o pungia.

O que Henrique esperava da criatura a quem se ligára, impellido por uma absorvente inclinação afectiva, não era, com efeito, a efêmera embriaguez dos sentidos pelos delírios da aliciação sexual, mas um milagre, um esplendor de beleza psíquica que o renovasse, o purificasse, sublimando-o e sarando a sua emotividade doente. Ser-lhe-ia preciso, para a realização da felicidade absoluta, uma alma admirável que à perspicácia da sensibilidade aliasse a sagacidade da compreensão e que o acompanhasse no seu idealismo. Afinal, a sua preferência recaíra numa pobre rapariga de instrução rudimentar e acanhado cérebro, apagada, banal como as outras, concêntrica, sempre igual nos seus actos, que se considerava imensamente feliz dentro das quatro paredes da casa só com a certeza de que possuía um marido, de que teria alguns vestidos e alguns chapéus em tôdas as estações do ano, de que sabia tocar

no piano, sem a menor vibração artística, vários trechos de música de assustadora vulgaridade. Nunca se curvára um minuto sobre o pensamento de Henrique para perscrutar-lhe a transcendência ou os lados fúteis: e, quando o desejo carnal que os aproximara arrefeceu, não pôde substituí-lo por virtudes de inteligência que dão à mulher uma atracção irresistível e que nela ressuscitam um outro ser encantador. Se tentava incitá-la à aquisição duma cultura geral que a redimisse da sua inferioridade, pedindo-lhe, suplicando-lhe quási que lesse os livros que para ela comprava, tinha imediatamente de calar-se, transido, ante um desdém que nem ao menos se mascarava:

— Ler êsses grossos volumes para quê? De que serve isso? — respondia ela, esboçando um gesto de surpresa e de aborrecimento.

— Mas, minha filha!... — acudia Henrique, perturbado e desiludido.

— Ora, adeus! Eu não me casei para leituras, mas para tratar do govêrno da nossa casa. E o que eu quero para sempre é o teu amor...

Apertava-o, então, num abraço contra o seio, atirava-lhe beijos vorazes à bôca, pousava-lhe a face desfalecida no ombro forte e gemia...

— Prometes?... Prometes não me esquecer nunca?

— Ó tôla! — exclamava Henrique, repelindo-a com brandura. Está claro que não te esquecerei... Olha que propósito!

— Jura-mo! — insistia ela, tomando-lhe a cabeça entre as mãos e mirando-o fixamente nos olhos.

Henrique, entregando-se passivamente, sem entusiasmo, sem calor, a estas exaltações súbitas, respondia, alheado e pensativo, para a tranquilizar :

— Está bem ! Juro ! . . .

Mas o seu enfado tornava-se mais penoso. Pegava no chapéu e na bengala, calçava as luvas e saía, para espairecer, para curtir em silêncio os seus pezares. A monotonia do lar principiava a ser-lhe desagradável. Não encontrava aí nenhuma doce alegria que o vitalizasse, transmitindo asas ao sonho que o trazia apreensivo, nenhuma formosura, nenhuma confiança que nêle sossegasse o veemente desejo de comunicações espirituais. O ar livre, o tumulto das ruas, ao menos, aturdiam-no. Lentamente, foi resvalando para um frio scepticismo, os sarcasmos aze-daram-se mais na sua bôca. Observando nas salas onde se reunia com a espôsa outros casados que, como êle, pareciam felizes exteriormente, sorria com um desprêzo que velava para que ninguém lho suspeitasse e recompunha na fantasia imaginárias scenas caseiras, passadas no recato das vistas irónicas : — incompatibilidades de opiniões, desigualdades de sentimento, disputas pelos factos mais insignificantes, gavetas fechadas com arremêso, móveis empurrados com cólera, palavras sardónicas, lamentações, recriminações mútuas, queixumes. Todos êstes horrores, que comprometiam irremediavelmente a pacificação e o encanto de viver, se escondiam quando êsses casados surgiam diante das multidões, para que a ilusão da sua concordância e da sua aparente ventura se mantivesse e causasse emulações. Eram os histriões da felicidade. Ocul-

tavam os rostos com máscaras impenetráveis e representavam constantemente em público uma lúgubre farça, para que as convencionais mentiras da sociedade adquirissem maior extensão. Em quantas faces risonhas, contentes, radiantes, Henrique adivinhava os fundos vincos do drama, as lágrimas pungentes da miséria ainda mal enxutas, o rictus singular do sofrimento que em vão se quere esconder e que continuamente se trói ! O seu caso subtilizara-o. Era um observador experimental e a tragédia secreta dos meios sociais afinava-lhe a capacidade analítica.

Pressentindo já o momento ao mesmo tempo libertador e cruel em que teria de romper abertamente contra a impostura da sua vida conjugal, Henrique preparava elementos que lhe servissem, perante a moral colectiva, de desculpa e subterfúgio. Foi assim que certa noite, em casa de Rodrigues Gorjão, ante um escandalizado auditório feminino, defendeu com eloquência a fuga dum homem casado com a mulher dum amigo. As senhoras acusavam com perversa insistência o sedutor, reclamando para êle todos os castigos.

— Mas quem nos diz a nós . . . — interrompeu Henrique.

— Não seja passa-culpas ! — atalharam as damas, irritadas. Gente honesta não pode absolver ignomínias . . . Porque se trata duma verdadeira ignomínia !

— Evidentemente ! — confirmou a espôsa de Rodrigues Gorjão, com um rubor de vergonha na face e abanando com fúria o leque de rendas.

— Não é assim ? — inquiriam as outras, em

côro, voltando-se para ela. Além dum crime, foi uma traição !

— A-pesar-disso — continuou Henrique — eu proclamo bem alto o livre direito que todo o ser consciente tem à boa fortuna do seu amor.

— Ora essa ! . . . De resto, aqui não há amor. Há sòmente vileza . . . — asseveraram as contraditoras.

— Na realidade, o que o doutor diz parece-me forte, muito forte ! — murmurou Rodrigues Gorjão.

— E porquê, porquê ?

— Porque estamos diante duma patifaria !

— Dão-me licença ? . . . Eu pergunto se essas duas criaturas, tam ruidosamente injuriadas pelos desvarios da sua paixão, não conquistaram, fugindo ao cativoiro, a felicidade sonhada. Creio que não pode haver maior tormento do que a ligação forçada de dois corações que se odeiam e que continuamente se repelem : e creio também que se essa mulher e êsse homem, que fugiram, tivessem encontrado no casamento a paz, a satisfação, o contentamento esperado, procederiam por modo bem diverso. Sejam os justos !

— É absurdo isso que diz.

— É paradoxal.

— É contradizer por acinte, para indispor . . .

— Não minhas senhoras. Sou sincero e justiceiro !

A espôsa de Henrique, sentada numa cadeira estofada e encostando românticamente o braço nú, em que brilhava à luz uma sedosa penugem loura, ao mármore duma mesa que sustentava jarras de cristal onde agonizavam flores que se iam desfo-

lhando, olhava o marido com espanto. Parecia-lhe que êle estava praticando uma acção repreensível, com a defesa daquele clamoroso adultério. Então, as senhoras, intransigentes na sua condenação, rodearam-na, sorrindo e dizendo :

— Nós bem sabemos que isto, no doutor, é um hábito adquirido nos tribunais. Em todo o caso, espreite-o, tenha ciúmes dêle . . .

— Eu pelo menos, no seu lugar, não estaria sossegada — asseverou, solenemente, M.^{me} Rodrigues Gorjão.

— Mas, isso é lançar a discórdia entre duas pessoas que se amam, não é verdade, Maria Clara ? — perguntou Henrique, rindo. É preciso que estas senhoras saibam que eu te mereço plena confiança . . . Não é assim ?

— Pois é ! — asseverou ela, sublinhando as palavras com uma inclinação de cabeça.

— Então, pobre de si, querida ! Se confia demasiadamente, será enganada a todos os instantes — exclamaram as antagonistas de Henrique. Não se compreende uma mulher sem ciúmes, desde que ela ame verdadeiramente seu marido.

A chama crepitante do gás, ardendo em globos de cristal fôsko, derramava uma claridade suave que adocava as linhas dos móveis e dava um tom dourado às carnações. Ao lado do piano, tendo ainda aberto na estante um caderno de valsas de Franz Lehar, o busto em mármore dum pequerrucho destavaca, como uma nota de virginal alvura, sôbre o pesado pano de veludo escarlate que cobria o plinto de madeira, num arranjo artístico. Um tépido aroma de água de Colónia andava esparso no ar e fazia dila-

tar sensualmente as narinas. O rumor das conversas, dos risinhos abafados, morria no ambiente. Henrique, de pé, pousando indolentemente a mão, onde tremia o brilho vivo dos anéis, no espaldar duma cadeira, murmurou :

— Minhas senhoras, V. Ex.^{as} estão aconselhando um erro grave. As mulheres casadas nunca devem duvidar do amor dos maridos, se quiserem ser verdadeiramente felizes, se desejarem, mesmo, ser fielmente amadas. Quando a hora da dúvida para elas chegar, alguma coisa muito pura morrerá no seu sentimento e essa morte trará, inevitavelmente, a tristeza e a dor.

— Que barbaridade !

— Não, não é barbaridade . . . Escutem : — o verdadeiro amor é confiante. A alegoria grega que o representa de olhos vendados é absolutamente exacta.

— Isso é o jôgo da cabra-cega ! — interromperam.

— De maneira que, para o senhor doutor, a mulher modelo de virtudes conjugais será aquela que usar, pelo menos, óculos fumados ! . . . — interveio M.^{me} Silva Marques, uma ruiva com sardas que tinha uns cabelos que pareciam incendiar-se à luz e que era azougada e sarcástica.

Riram mais alto, celebrando o dito feliz. Henrique, torcendo nervosamente na ponta dos dedos a corrente do relógio, cumprimentou :

— Bravo ! Era assim que outrora conversavam na Grécia as mulheres do século de Péricles. M.^{me} Marques tem muito espírito, o que vai sendo cada vez mais raro nos salões portugueses.

— Obrigada pela amabilidade . . .

— Em todo o caso, continuarei asseverando — insistiu Henrique — que tôda a mulher, seja ela quem fôr, que começa a espreitar seu marido, é porque desconfia dêle e a desconfiança é uma fonte de infortúnios e um mal que não tem cura. Agravando-se constantemente, destruirá as uniões mais íntimas, gerará todos os desalentos e produzirá tôdas as desgraças. Nem a ventura no casamento será possível desde que a lealdade entre os cônjuges não subsista através dos maiores obstáculos e das mais violentas tempestades.

— A lealdade das espôsas, as pobres sacrificadas ! — disse M.^{me} Rodrigues Gorjão.

— Essa então é essencial, creiam.

— Se os homens são tam egoístas, bom Deus ! ... O senhor deve ser inexorável para as mulheres que os desenganos e as tiranias levam à rebelião.

— Ainda há pouco provei o contrário. Não as recriminarei. Posso eu querer-lhes mal por isso ? Não ! Li em não sei que romance que cada ser consciente dispõe, para o seu primeiro amor, duma determinada porção de energia sensível. Mas essa energia não é perene, eterna. Gasta-se, como tudo se gasta nesta vida, e por isso, muitas vezes o amor acaba, até ao instante em que aquele que amou possa fazer uma nova provisão de sensibilidade amorosa, excitado por uma outra adoração. Que mais querem ?

Rodrigues Gorjão baixava a cabeça, manifestando a sua concordância com tal forma de pensar. As senhoras emudeceram, e Henrique, satisfeito com o successo dos seus argumentos, prosseguiu :

— Justos céus, não serei eu que atirarei a primeira pedra aos pecadores, lembrando-me das eloqüentes palavras de Jesus Cristo em defesa da mulher perdida. Foi por isso que ainda agora defendi uma delas, enquanto V. Ex.^{as}, iradas, a condenavam sem remissão . . .

Veio o chá, que foi servido por criados de casaca, em porcelanas finas do Japão. As chávenas exibiam paisagens representando cegonhas pensativas, sob as cerejeiras em flor, à beira de lagos plácidos. Em tableiros de prata, cobertos de finas toalhas de renda, os doces ofereciam-se à gulodice feminina. Um vapor esbranquiçado e leve subia do líquido dum louro transparente.

— Pois, passou-se um alegre bocado de noite ! — ponderou gravemente, com uma trouxa de ovos entre os dedos, Rodrigues Gorjão.

— Fez-se um pouco de moral — insistiu M.^{me} Silva Marques, com intenção. — De moral para os homens, bem entendido.

— E para as mulheres também — acrescentou Henrique, respondendo à insinuação.

Perto do piano, esquecido ao seu canto, o pequerrucho de mármore ria sempre o seu riso inocente, alheio à controvérsia e esplendendo da alegria que o espiritualizava, comunicando quási uma consciência à pedra em que um escultor de talento o cinzelára, fazendo brotar dela as formas maravilhosas da vida.

— O que eu lembro à snr.^a D. Maria Clara é que, se seu marido um dia quiser levá-la a casa dum oculista, se recuse tenazmente — exclamou M.^{me} Silva Marques, no meio de aplausos, enquanto a

espôsa de Henrique escondia, com o leque, as faces coradas de pudor melindrado.

— Minha senhora, quem não deve não teme. Já assim dizia o Alfagême de Santarém . . .

E depois dum certo momento de pausa, ainda acrescentou, no intuito de lisonjear M.^{me} Silva Marques, que o olhava fixamente :

— Safa ! . . . As mulheres, inegavelmente, são rosas. Mas picam, teem espinhos ! Deus me livre de tê-las por adversários . . .

Os convidados levantaram-se. As damas abafaram-se nos seus agasalhos, para evitarem o ar da noite, que estava frio, e os homens vestiram os seus grossos sobretudos, enrolando lenços de sêda à volta dos pescoço.

— Então, já ? — perguntou, amável, Rodrigues Gorjão. É tam cedo ! E a cavaqueira estava cada vez mais animada, mais curiosa.

— São horas, são horas ! . . .

Fizeram as despedidas e saíram. Fóra, na rua, o sossêgo era absoluto. No céu sem mancha de nuvem, scintilavam estrêlas e uma lua branca e plena ascendia como um enorme globo eléctrico, derramando sôbre as casarias adormecidas, sôbre os arvoredos imóveis, sôbre as praças desertas, um dormente fulgor. Uma serenata soluçante passava ao longe, tocando um fado sugestivo e impregnado de tristura, em que se exalava a alma elegíaca dum povo.

— É interessante ! — concordaram as senhoras, beijando-se e afastando-se cada uma para seu lado, pelo braço dos maridos.

A caminho de casa, Henrique ia pensando mentalmente nos incidentes da conversação — e uma

grande, indecifrável mágoa penetrava-o. Com efeito, Maria Clara, que à sua ilharga se fazia mais pequenina, estivera sempre silenciosa. Não tivera uma palavra, uma opinião, não revelára um ponto de vista pessoal que imprimisse algum relêvo à sua figurinha terna e doce, mas apagada, sem expressão. Estabelecia comparações entre ela e essa M.^{me} Silva Marques, feia, desagradável, com a massa dos cabelos ruivos enrolados no alto da cabeça e uma pele sem frescura e sardenta, mas picante, cheia de vivacidade, espirituosa, animando tôda a palestra com o fogo duma jovialidade ruidosa, brilhante, e com o calor duma verbosidade que por vezes surpreendia pela côr, pelo vigor incisivo, pelo imprevisto, pelo que nela havia de original. Se falava, dir-se-ia que as linhas plásticas do seu busto se tornavam mais flexíveis, que um estranho encanto a envolvia, que um disco de claridade lhe coroava luminosamente a fronte, imprimindo-lhe graça, enlêvo, uma extraordinária sedução. Pensando nisto, Henrique julgava que uma mulher assim faria a ventura perfeita dum homem dotado de superioridades de inteligência e delicadeza. Agora que estava desiludido, que tôda a sêde do desejo carnal se apaziguava nêle, a beleza aparecia-lhe como uma banal qualidade, sempre que não tivesse a valorizá-la elevados dons mentais. Outrora, nos descuidados tempos de Coímbra, quando cursava Direito e trovava, à guitarra, pelas verdes solidões do Choupal, de capa traçada e a cabeleira flutuando à aragem, via essa beleza por um outro prisma. À noite, nos cafés da Baixa, bebendo cerveja e fumando cigarros, envolvia-se em calorosas disputas com certos condiscípulos sentimentais

que aspiravam à glória pela arte e louvavam, em estrofes sonoras, as mulheres de quem a formosura se esquecera e que passavam no mundo como grandes almas incompreendidas e, no entanto, admiráveis.

— Pièguices ! — bradava êle enfaticamente, atirando furiosos murros ao mármore das mesas — Pièguices ! Vocês ignoram a complexa influência que a beleza exerce na humanidade. A Vénus helénica, esplêndidamente bela, acirra os apetites do homem, concorrendo para que do flanco feminino jorre ininterruptamente uma caudalosa torrente de vida. É essa influência prodigiosa que produz a sucessiva renovação dos seres. Além disso, a beleza é uma lição permanente, educa o gôsto, determina uma ascensão infinita para a perfeição suprema, para o ideal ; e foi por isso que os antigos, mais inteligentes e sábios do que nós outros, e mais puros de sentimento e de costumes, lhe elevaram templos, a colocaram sôbre os altares, nos bosques religiosos, entre lampadários de prata onde continuamente ardia um óleo virgem e perfumado. Ali iam adorá-la, prosternados, entoando-lhe hinos, as multidões de crentes, cantando sob o branco vôo das pombas sagradas ! — concluía Henrique, relembrando-se de certas páginas sonoras de Gustavo Flaubert.

— Nós somos pelo espírito contra as baixas sensações da matéria — contradiziam os companheiros. Ora, já os mais remotos filósofos e moralistas notaram, com êsse poder de observação que foi todo o segrêdo do seu génio, que nas mulheres muito belas geralmente não existe a menor sombra de espírito...

— Palavras, palavras ! . . . A energia geradora da beleza é mais importante para os destinos humanos do que o influxo dêsse espírito que vocês celebram.

Em roda, nas outras mesas, sossegava um momento o ruído para se escutar aquela contenda literária. A fumarada do tabaco acumulava-se numa atmosfera espessa e insalubre. Cantarolavam-se, em voz baixa, trechos de zarzuelas. Em salas interiores, palrava-se e batiam-se jovialmente carambolas.

— Sem a beleza — continuava Henrique — a terra seria um insuportável degrêdo.

— Ó menino — acudira, uma vez, João Silvano, seu camarada em Direito civil e autor do livro de versos, *A aspiração dos humildes* — estás inteiramente fóra da questão.

— Pois, eu . . .

— Escuta. Estás fóra da questão, digo-to eu. Uma mulher surpreendentemente bela é um espectáculo permanente destinado à admiração dos olhos profanos e só poderá fazer a felicidade dum marido imbecil. Eça de Queirós chamava, com razão, a estas criaturas de Deus, mulheres de exterior, nascidas para receberem na rua, no passeio, nas igrejas, nos chás de família, as saudações de todos os barbados. Pertencem menos aos filhos, aos deveres da vida caseira, do que à sociedade. São estátuas que não falam à nossa intimidade moral, mas à nossa vista. E nós, com todos os diabos, aludimos às mulheres de interior, às amorosas mães, às espôsas impecáveis.

— É isso mesmo! — afirmavam, triunfantemente, os adversários de Henrique.

— Dize-me lá — perguntava João Silvano — tu querias para tua companheira essa Vénus grega, magnificamente formosa, mas sem coração, sem cultura, ou antes uma pobre rapariga modesta, recolhida e piedosa, com o entendimento exacto das coisas, compreendendo-te, sacrificando-se por ti, encontrando na sua ternura tudo o que te fôsse grato, doce, inefável? Responde.

— Respondo, caramba! Preferia a Vénus grega.

— Isso é a ambição obscena dum devasso!

— E isso é a expressão dum insolente e dum parvo! — atalhou exaltadamente Henrique.

— Paz, paz, cristãos e amigos! — intimou o bom Silveira, atleta e repetente de Direito civil, que se interpôs entre os dois, ao ver o João Silvano erguer-se impetuosamente e avançar para Henrique, brandindo uma garrafa com a mão nervosa...

Há tantos anos este conflito ruidoso ocorrera, e eis que Henrique o recordava agora, confirmando a exactidão dos juízos do seu antagonista! Effectivamente, o parvo era êle e João Silvano estava na verdade. Com que tristeza se confessava vencido! Incomparavelmente belas eram as flores, pelo colorido, pela forma, pela gracilidade, pela poesia. Em todo o caso, morriam momentos depois de serem colhidas, sem fazerem a menor revelação às almas insaciáveis. E acabava de ver que junto de Maria Clara, tam linda, uma outra mulher, tam feia, resplandecia, se destacava poderosamente pelos finos dons espirituais, seduzindo, encantando, as

cendendo a límpidas alturas onde elle queria que sua espôsa o conduzisse. Para que servia a beleza a Maria Clara? Apenas a notariam e enalteceriam aqueles que consideram a mulher um « animalzinho de prazer » sem outra função na existência que não seja a da formosura!... Esta virtude puramente exterior e enganadora que a salientava, iludiu-o outrora, numa época em que a sua análise não investigava, não mergulhava com avidez até ao âmago das coisas e dos sentimentos. Exaurida, porém, a voluptuosidade que o alvoroçou, achava-a muito inferior a M.^{me} Silva Marques, casada com o capitalista Torreção Marques, quieta e redonda bola de banha vivendo feliz e embevecido no culto da « sua mulherzinha » — como enternecidamente lhe chamava — e rejubilando sempre que a via, perto do seu carinho e na envaidecedora certeza da sua posse, « fazer figura ». Antes, na realidade, essa M.^{me} Cenoura, nome sarcástico por que a designavam na roda mundana que ela frequentava, de-certo pelo tom dos seus cabelos e da sua pele, do que a pobre Maria Clara, estreita de cérebro, acanhada, incapaz de sustentar com vivacidade a mais fútil das conversações e que andava permanentemente agarrada ao seu braço, gemendo :

— Meu queridinho ! Meu queridinho !...

Henrique despertou destas dolorosas lucubrações quando, já próximo de sua casa, um homem com o chapéu derrubado sobre a orelha e a ponta do cigarro nos lábios queimados, surgiu, cambaleando, da sombra e gaguejou :

— Ora, viva a bela sociedade ! Viva o luxo !...

Excitou-se, saltou de furor, revoltado contra

aquela petulância e ergueu a bengala ameaçadoramente, gritando :

— Olá, ó seu bêbado, siga para a frente e não se intrometa com quem passa.

O ébrio parou um instante na calçada, mirando-o.

— É o que lhe digo ! Marche e já — ordenou, de novo.

Maria Clara, trémula e inquieta, encostou-se ao marido, pedindo tímidamente :

— Deixa-o, meu filho. Não sabe o que faz . . .

O desconhecido ainda rosnou um momento, rouquejando :

— Aquilo não foi para ofendê-lo, meu patrão . . . Nem à madama também . . . A gente vai alegre, vai alegre . . . A alegria é a única riqueza dos pobres. Desculpe !

Sem lhe responder, Henrique e Maria Clara continuaram o seu caminho. Em breve o episódio imprevisto lhe esquecia e novamente êle reatava o fio interrompido das suas meditações . . . Antes M.^{me} Cenoura, realmente. A sua paixão conjugal encontraria a tôdas as horas novos estímulos, na companhia duma mulher assim, que o prenderia a ela pela inteligência, que lhe ofertaria constantemente motivos de gozo íntimo e de reconhecimento.

Vibrando sob a impressão destas cogitações, Henrique construía na sua imaginação uma nova teoria do amor. Pensava que êsse amor era uma sensação muito fina e muito subtil que apenas as organizações de *élite* poderiam experimentar e viver, prolongando-a indeterminadamente. Os tempe-

ramentos obtusos são incompatíveis com as emoções delicadas, não lhe apercebem a finura, a plenitude psíquica que comunicam, o prazer de ordem moral com que embalam os sentidos, a pureza que delas se eleva como o aroma se eleva das corolas nas manhãs de sol, tudo, enfim, o que nessas emoções há de etéreo, de aéreo, de fugidio, de celeste, de irreal. Indubitavelmente, todos os seres conscientes julgavam amar, entrados na sua promissora primavera. Que erro fatal ! O que muitos tomavam como sendo um verdadeiro amor, sublimado de impurezas terrestres, não era mais do que um cio animal em que a alma não intervinha e em que só a carne alucinantemente latejava, reclamando com violência um contacto que lhe acalmasse a vibração impura. Raciocinava assim por experiência própria. Também êle confundira lamentavelmente o amor com as exigências duma sensualidade ardente. E agora via que, sendo êsse amor eterno, por tudo o que nêle há de divino e de imarcessível, a luxúria é transitória, efêmera, dura apenas um instante, deixando depois de saciada um resíduo de tédio abominável. Henrique, sem reparar na espôsa que ao lado dêle caminhava, com uma imponderável pulverisação de luar no rosto branco, na sêda do vestido, na mantilha de rendas com que agasalhava a cabeça, tôda radiante de luz, considerava que só uma personalidade de cérebro muito culto e de sensibilidade muito sagaz saberia amar verdadeiramente, sem que jâmais nela se esgotasse a «fôrça sensitiva» de que Gabriel de Annunzio falou algures. E para transmitir maior nitidez a esta reflexão, formava paralelos.

— Uma camponesa e um cavador — monologava — são levados um para o outro pelo despótico instinto da procriação, da renovação da espécie. O que êles imaginam ser affecto profundo, não é mais do que animalidade. O seu intellecto bronco ou embotado não deixa que a flor do sentimento desabroche. Estas criaturas hão-de ignorar sempre o que seja amor. Necessariamente, as grandes inspiradoras que na Arte se chamam Laura, Catarina, Virgínia, Beatriz, e que deram asas ao génio dos homens illustres, amaram por outra forma muito mais espiritual e pura, assim como os seus cantores. E aqui está a diferença : — nos primeiros, a adoração falsa extingue-se com a saciedade carnal; nos segundos, essa mesma adoração exacerba-se, subsistindo até para além da posse, quando tal posse se realizar. E porquê, porquê ? Porque a mulher devia ser uma excelsa Musa, uma fecunda origem de inspiração, em vez dum submisso, dócil, passivo instrumento de volúpia. Seria preciso, portanto, para que na vida houvesse mais harmonia, mais ritmo, mais beleza, que tôdas as mulheres cultivassem o espírito como quem cultivava uma planta rara e que todos os homens vivessem mais por êsse espírito do que pelo corpo . . .

— Em que vais tu a matutar, Henrique ? — perguntou Maria Clara, com um riso muito cantado.

— Eu ? — inquiriu êle, sobressaltado. Porquê ?

— Porque chegamos e tu queres continuar o passeio. Anda, abre a porta . . .

— Ah ! é verdade ! Tem graça ! . . .

Entraram. Maria Clara, um pouco fatigada,

acendeu a luz e sentou-se numa poltrona, soltando suspiros de alívio e murmurando :

— É tam bom estarmos em nossa casa ! Pois, não é, Henrique ?

— É — respondeu êle distraidamente, tirando as luvas e pousando o chapéu e a bengala.

— Que estava hoje uma noite muito bonita ! . . .

— Muito bonita ! — repetiu, com a mesma distração e sentando-se também, para descansar.

Insensivelmente, começou a reparar nas coisas que o cercavam. Estavam no quarto de vestir, um diante do outro. O mobiliário de plátano envernizado resplandecia sob o clarão do gás. Um fôfo tapête de Bruxelas, com cercadura de folhagens e grandes ramos de rosas vermelhas ao centro, abafava o som dos passos e espalhava no compartimento uma saborosa, acariciadora nota de conforto e de bem-estar. Os móveis haviam sido dispostos com certa ordem e refrescavam o ambiente com o tom claro das madeiras. Pesados reposteiros caíam direitos, em severas pregas, das portas interiores. Cortinados leves de rendas creme ornamentavam as janelas. Exalava-se de tudo aquilo um agradável ar de elegância ; mas Henrique notava no arranjo do conjunto uma evidente falta de gosto, ausência de equilíbrio decorativo, de distinção.

— Tu não dizes nada, Maria Clara ? — perguntou êle à mulher, que cerrára as pálpebras para se concentrar e para que a crueza da claridade lhe não ferisse os olhos ainda embebidos de luar.

— Eu ? Ainda agora falei ! — afirmou com riso sereno e feliz que dava maior encantamento à sua atitude preguiçosa. Quem não fala és tu.

Às minhas palavras, só respondes: — «sim, não, é».

E tentava imitar-lhe a voz, aconchegando-se mais na poltrona.

Em frente dela, encostada à parede, havia um guarda-vestidos com porta de espelho em que o seu vulto pequenino e adorável se reflectia em cheio, sob o jôrro fulvo da luz. Os traços fisionómicos ganhavam nitidez, as formas do seu seio arredondavam-se mais, os cabelos dum louro cendrado, presos por um pente de tartaruga com incrustações de prata e cristal facetado, adquiriam a patine terna de certas tintas de Botticelli na pintura das Madonas que parecem sonhar na suavidade dos fundos de ouro das telas. Henrique achava-a, então, deliciosa como mulher, assim *mignonne* e indolente, com uma frescura de mocidade perene que o tempo não fanava. Um momento, a sua carne vibrou, os seus olhos dilataram-se, solicitados pelo desejo; mas considerando, repentinamente, êste movimento como inferior, curvou com desalento a cabeça sobre os braços cruzados, monologando:

— É, de-certo, um perfeito corpo, mas a sua perfeição já nenhuma novidade tem para mim. Eu queria que, em vez de tanta beleza, tivesse mais alma. Porque lhe falta alma!...

— Tu que tens, Henrique? — interrompeu Maria Clara.

— Eu? Não tenho nada. Estava agora a ver-te ao espelho... Que linda!...

Então, espreguiçando-se, muito quebrada, muito lânguida, Maria Clara levantou-se, foi para êle lentamente, sentou-se-lhe nos joelhos, abraçou-o

comovidamente, beijou-o devagar nas mãos, na face, na bôca, como se quisesse sorver-lhe tôda a substância. Henrique, ao contacto aliciante destas carícias, principiou a lembrar os mínimos detalhes do idílio passado, a hora em que se encontrára, com Maria Clara, na Granja. Era de verão. Ela trazia pregada na *corrage* de brancas rendas vaporosas uma rosa pálida que finamente condizia com a sua carnção de loira. Olhou-a e ficou desde logo prêso ao seu encanto de mulher, iludido por um sentimento que julgou ser amor e que não era mais do que desejo fugaz. Momentos de inolvidável doçura! Como duraram pouco! Agora, que êle tinha uma tam profunda necessidade de elevação, de vida psíquica, de coisas nobres e delicadas que o pacificassem e ressuscitassem o seu enlêvo morto, Maria Clara nada mais lhe oferecia do que a beleza física!

— Não fazes nenhum caso de mim! — queixou-se ela. Estou aqui a amimar-te, e nem um beijo! Porque és tu tam mau?

— Olha que criancice! — atalhou Henrique, passando-lhe levemente as pontas dos dedos pelo rosto.

— Sim, és mau, és mau! — insistiu Maria Clara, apertando-o contra o peito, num forte abraço. És mau, e eu não sou tua amiga!...

E, inclinando-lhe a cabeça para trás, num movimento brusco, perscrutou-lhe longamente o olhar, como se quisesse surpreender-lhe os mais íntimos segredos, pensamentos secretos, emoções que se não revelavam. Henrique entregava-se sem resistência a êstes caprichos sentimentais, fazendo esforços

para não traír o enfado que êles lhe causavam. O seu coração estava adormecido e só pelo espírito Maria Clara conseguiria despertar-lho. Mas como se, espiritualmente, ela era tam trivial, tam vulgar ? Contudo, decidira que nunca a faria sofrer e que procuraria rodeá-la constantemente da ilusão de que a amava sempre com o mesmo entusiasmo e a mesma sinceridade. Devia isto à sua dignidade de homem . . .

Foi neste estado de alma que, inesperadamente, lhe appareceu a mulher desconhecida que tanto o impressionou.

II

Começou então para Henrique uma vida nova que o trazia alvoroçado, em sobressalto permanente. Nos primeiros dias, invadira-o uma inexplicável tristeza que não podia definir com nitidez. Ape-tecia o isolamento, refugiava-se nos sítios desertos, para melhor dialogar com a própria consciência, em inalteráveis horas de pacificação envolvente. Nas tardes luminosas e serenas, abandonava os trabalhos forenses, dirigia-se ao Palácio de Cristal, sentava-se num banco, procurando a sombra das árvores solitárias, fumando e pensando no seu caso sentimental que principiava a preocupá-lo. O fumo do cigarro, soprado à brisa, subia no ar diáfano, esgarçando-se, perdendo-se em espirais entre as verdes ramagens. Com a bengala esquecida sôbre os joelhos, Henrique seguia-o, pensativo. Dum céu muito lus-

troso e azul descia uma luz muito clara, filtrando-se através das massas da folhagem que o vento enchia de sussurro. Os ramos cruzando-se, enlaçando-se caprichosamente, pareciam formar naves suntuosas de catedrais góticas, propícias à evocação do passado, de tudo o que foi amado e que morreu. A clareza tocava as coisas e as formas dum delicado colorido. O silêncio era profundo. O sol scintilava. Nenhum grito inesperado perturbava a paz exterior, naqueles momentos de semana, longe da multidão irrequieta.

Os jardins vastos e o parque tornavam-se aprazíveis ao gosto de Henrique pela quietude inalterável, pela penumbra inspiradora que baixava das árvores, pela tinta e pelo aroma das florações que, nas alvoradas olímpicas, desabrochavam nos canteiros e que exalavam a alma em perfume. Escolhia sempre um ponto donde avistasse o rio correndo para o mar no marulho embalador das suas águas, as colinas verdes da banda de Vila Nova de Gaia, com suas tranqüilas vivendas alvejando entre pinheirais ou pomares e lembrando as mulheres românticas de Camilo. Ouvia ao longe as lentas cantilenas elegíacas dos barqueiros. Com que suavidade o apaziguavam êstes instantes de recolhimento! Mas torturava-o também a recordação constante da mulher ignorada que na rua, por acaso, o fitára com olhos dum negro líquido em que dir-se-ia reflectirem-se as imagens duma felicidade que fugira. Não a encontraria mais, talvez. Quási sempre dois destinos congéneres que se cruzam na rua e que seguem por caminhos opostos, se dispersam, se separam! No entanto, exaltava-o a lembrança da

criatura que um só minuto pudera contemplar. Porquê tal insistência dos seus sentidos ? Suspeitaria o seu instinto que essa mulher lhe faria alguma revelação que o renovasse espiritualmente ? Observava-se com minúcia, perguntando a si próprio se teria o direito moral de ir inconsideradamente para um outro amor, êle que era casado, que tinha à sua volta um ser que, para ser feliz, dependia da sua lealdade. Uma voz íntima dizia-lhe que não devia, pelo menos, fazer sofrer a espôsa. Era a obrigação de todo o homem nobre e correcto. O contrário, representaria um egoísmo atroz e uma traição.

Como era bom, pretendia igualmente ser justo — porque a noção da justiça apenas é absolutamente compreendida pelas almas sensíveis.

Um receio, além disso, o inquietava. Com effeito, muito embora entre as pessoas da sua intimidade se entregasse aos paradoxos, às contradições absurdas, não para perscrutar a verdade mas para desenvolver effeitos de riso — e por isso mesmo defendera o adultério em casa de M.^{me} Gorjão — Henrique era um tímido, não dispondo de energia, da confiança em si mesmo, para afrontar as ironias, os sarcasmos, os comentários sardónicos dessa entidade subtil e desdenhosa que é o Senhor Todo-o-Mundo. Admirava a audácia nos outros : mas seria incapaz de praticar um acto audaz, sem antecipadamente calcular as conseqüências que dêle derivariam. A realidade assustava-o. Era essa timidez que outrora, nos seus tempos de solteiro, o levava a gaguejar de comoção diante das mulheres que mais fortemente o sensibilizavam : e muito bem reconstituía as peripécias ocorridas à roda do seu namôro com

Maria Clara. Distinguia-a entre tôdas, seguia-a dõcilmente, num arroubo, passava sob as suas janelas, fitando-a demoradamente, como se quisesse dizer-lhe com os olhos o que pelas palavras não tinha a coragem de confessar. Esta indecisão tornava-o tam grotesco, que Vicente Salgueiro, seu condiscípulo na Universidade e seu colega no fôro — a quem êle abertamente confiára a paixão que o absorvia — certa noite, numa *soirée* em casa do vêlho Vasco Lobão a que Maria Clara assistia também, não se conteve e, chamando-o de parte, abafando a voz nas pregas dum reposteiro, exclamou :

— Homem, estás sendo imensamente ridículo com êsses olhares de êxtase, essa adoração muda, essa *gaucherie*. Já tôda a gente reparou, e já as senhoras riem, por detrás dos leques.

— Mas, que hei-de fazer então ? Aconselha-me ! . . .

— Que hás-de fazer ? Se gostas da pequena, dize-lho francamente, sem desmaios, sem atitudes de tenor pousando a mão no peito para cantar uma ária ! É isto. Pão pão, queijo queijo, como afirmava a despropósito de tudo aquele abençoado lente Mateus, nosso professor de direito romano, sôbre quem pesa a responsabilidade de haver cretinizado seis gerações de bachareis. O amor extático já se não usa, não está na moda desde Laura, desde Elvira, desde outras apaixonadas, mesmo desde Santa Teresa de Jesus !

— E se Maria Clara me repele ? Sim, se me repele ? . . . Se me manda falar primeiro com a mamã ?

— Se te repelir, faz-lhe uma vénia e, em casa, transforma a tua dôr num poema . . .

Vicente Salgueiro tinha magnificamente razão. Nessa inolvidável noite, Henrique, tomando uma atitude resoluta, esclareceu a sua situação sentimental — e as coisas passaram-se com uma simplicidade encantadora. Sentando-se ao lado de Maria Clara, trémulo, comovido, disse-lhe, quando as senhoras formavam círculo, escutando D. Mariana Lobão, excelente senhora austera e devota, com uma fronte em que a bondade esplendia :

— Sabe que me não é indiferente ?

Còrando, Maria Clara baixou os olhos cândidos sôbre o regaço e o seu peito arfou mais apressadamente.

— Que faria se eu a amasse muito ? — insistiu Henrique.

Novamente Maria Clara, mais enleada, escondeu o rubor da face, torcendo nos dedos a ponta do pequenino lenço de rendas de Valenciennes.

— Uma palavra só : — tem algum compromisso ?

Desta vez, ela resolveu-se a falar, exclamando, perturbada :

— Não ! . . .

O namôro principiou logo com uma assiduidade e um enleio que depressa haviam de conduzir ao casamento.

Henrique evocava êstes episódios findos que tanta importância tiveram na sua vida, porque a timidez antiga reaparecia agora, quando outro amor, ainda vago, ainda indefinido, se erguia no seu coração como uma aurora. As condições, porém, eram muito diversas, porque os preconceitos sociais impunham-lhe deveres que tinha de cumprir,

para não ser apontado desdenhosamente nas ruas. E que sensações estranhas experimentava, pensando com obsessão na mulher entrevista apenas um fugaz momento ! Quando passava nas praças, bastava que alguém o fitasse com mais insistência, para que imediatamente julgasse que o seu segredo se divulgára, que já tôda a gente o conhecia, que o escândalo duma ligação ilícita, mesmo pura e contemplativa, começava. Esta suposição excitava-o por tal forma, que se analisava a si próprio, monologando :

— Bem ! Não nos conhecemos, não trocámos sequer uma palavra, e a minha cobardia leva-me a imaginar como sendo do domínio público uma coisa que sòmente eu sei ! . . . Sofrerei do delírio das perseguições ?

Durante horas seguidas, acendendo com desespero uns cigarros nos outros, fantasiava e torturava-se, sentindo uma espécie de prazer doentio na tortura. Muitas vezes, cansado, conturbado, perdia a faculdade de definir as emoções mais fundas. O perfume que vinha das corolas, com asas invizíveis, entristecia-o sem saber porquê. Levantava-se de arremêso e passeava agitadamente nas ruas, ouvindo a areia ranger sob as solas dos seus sapatos, surpreendendo-se de instante a instante a falar alto, traçando no ar, com a mão, gestos irritados, como se quisesse, movendo-se, imprimir mais fôrça e acção ao pensamento. Depois, dirigia-se para casa, quando o sol se escondia e uma ténue sombra principiava a melancolizar a atmosfera, no esmorecimento religioso da luz diurna. Como constantemente encontrava amigos, ainda se demorava um pouco pelos passeios, à porta das taba-

carias, palestrando distraidamente e falando com verbosidade, na ânsia compreensível de se libertar da tirania duma idéa fixa.

— Ó Miranda, e que nos dizes àcerca dos aspectos da política nacional? — inquiria um côro de vozes.

— Meninos, eu, de política, não entendo. Nunca procurei até entendê-la, o que parece impossível num país de políticos profissionais, em que todos teem um programa para salvar a nacionalidade! . . .

— Em Coímbra, no entanto . . .

— Precisamente! Em Coímbra, enquanto os meus camaradas conspiravam ou enrouqueciam na formidável e rotunda oratória dos comícios, eu namorava, tocava guitarra, entregava-me a um saboroso lirismo. Aí está!

Ao escurecer do crepúsculo, a cidade animava-se, modificando-se na sua fisionomia. A sombra resvalava do beiral dos telhados sôbre os passeios, os menores ruídos adquiriam sonoridade, acendiam-se os lampiões, em que os leques do gás ardiam, sibilando em surdina. Um inexplicável mistério envolvia as casarias, com fogachos de ouro tremendo nas vidraças. Rodavam carruagens fugindo com estrépito nas pedras das calçadas. Henrique despedia-se, estendendo a mão enluvada aos conhecidos e murmurando:

— Vão sendo horas da sopa . . .

Em casa, efectivamente, já Maria Clara o esperava, vestida para o jantar, linda na sua leve *toilette*, um pouco ofegante da lida caseira, repousando, com as mãos, onde faülhavam as pedrarias dos anéis, abandonadas no regaço. Henrique entrava

e era uma alegria! Ela levantava-se, abraçava-o, beijava-o, amimava-o como a uma criança doente. O «Janota», Angorá branco e de longo pêlo corredo, que parecia uma bola de algodão em rama, mal mostrando o focinho côr de rosa, as pequeninas orelhas, os olhos vivos e reluzentos como contas de vidro, desenroscava-se indolentemente da cêsta de vime em que dormia e ronronava, sôbre lãs quentes e macias, e vinha, de cauda no ar, miando a sua amigável saüdação, roçar-lhe nas pernas. A sensação de um doce bem-estar reconfortava Henrique.

Na realidade, que delícia! Aquele ambiente era sereno, não tinha hostilidades nem agitações. Na toalha de linho fresco da mesa pousavam solitários de cristal colorido, com flores ainda viçosas e aromáticas. As porcelanas brancas, com um leve filete azul e ouro, faíscavam à luz. As pratas resplandeciam de súbitas, inesperadas claridades. Os móveis eram confortáveis e modernos. Como deslizavam suaves os instantes passados na quietude dêste refúgio, tam longe das dolorosas paixões humanas, especialmente quando os inevitáveis males da vida o faziam sofrer! Henrique envolvia tudo num olhar de reconhecimento por aquele indizível minuto de felicidade: — e sentando-se, depois de ter purificado com água bem fria o rosto e as mãos, desdobrava o guardanapo, contemplava Maria Clara, sempre tam tranqüila, alheia às tempestades emotivas que o devastavam a êle, vivendo na feliz ignorância das excitações que magoam, que aviltam, que fazem chorar, que produzem grandes revoltas nos seres affectivos. Ah! pudesse êle ressuscitar o seu amor doutrota por essa

meiga mulher, que tudo lhe oferecia e que não reclamava em troca mais de que um pouco de affecto !

— Tardaste hoje tanto, filho ! — dizia ela, para iniciar a conversação.

— Sim ! É verdade ! Tardei ! Tive muito que fazer, innumeráveis coisas que despachar, uma séca . . .

Na cozinha, ao fundo da casa, retiniam copos, tilintava louça ; ouviam-se no corredor os passos diligentes da criada de sala servindo o jantar, no seu vestido preto com punhos e gola de renda branca e de touca alva sôbre os cabelos louros. Na gaiola de arame dourado, suspensa do teto por um delgado fio de sêda vermelha, o canário cantava.

— Fatigas-te, fatigas-te e nem sei para quê. Queria-te mais tempo perto de mim. Às vezes, chego a ter ciúmes dêsse trabalho — continuava Maria Clara, tocando na comida com a ponta do garfo. E sabes qual era o meu desejo ? Ora, vê se adivinhas . . . Não sabes ?

— Ó menina ! Pode lá um homem saber nunca qual é o desejo, entre tantos, que mais interessa uma mulher ?

— Pois, era êste : — viver contigo longe de todos os cuidados, vendo correr os dias ! — afirmava ela, pousando o garfo e repelindo o prato com enfado.

Henrique, então, fitando-a longamente, re-preendia-a :

— Tu não comes nada, não te alimentas. Assim, não pode ser.

— Se não tenho vontade ! As refeições são para mim um sacrifício . . . Mas, deixemos isso. Que tal achas a minha ambição ?

— A tua ambição ? . . . Oh ! mas é o ideal duma preguiçosa, amor ! — respondia êle, sorrindo.

— Duma preguiçosa ? — queixava-se Maria Clara. Aí está como os homens compreendem a vida duma mulher que ama ! — atalhava, amuando.

Henrique acariciava-lhe ligeiramente a pele dourada do braço cheio e redondo, firme de linhas e de contornos.

— Escuta, não te zangues. Bem vêes que estou a brincar. As mulheres são duma susceptibilidade, duma susceptibilidade ! . . .

— Pois tu ! . . .

— De resto, não falei por ti, entendamo-nos. Bem conheço e aprecio o teu arranjo, a ternura que consagras às nossas coisas . . . Falei unicamente por mim, que não podia ficar junto de ti, perpétuamente, numa imobilidade de faquir, contemplando o umbigo à espera da suma perfeição do Nirvana . . . Dá cá um beijo.

Maria Clara, logo reconciliada, beijava-o na face direita, passando-lhe a palma da mão pelos cabelos.

— E outra beijoca daqui dêste lado, na face esquerda, para equilibrar . . . Muito bem !

No fim do jantar, com o Angorá nos joelhos, Henrique acendia o charuto, soprava algumas lentas baforadas de fumo que se azulava no ar e começava sorvendo o seu café em pequenos goles, voluptuosamente. Maria Clara, aconchegando-se mais na cadeira de alto espaldar, seguia-lhe todos os movimentos, enlevada na beleza da sua fronte máscula, do busto varonil, sorrindo em silêncio penetrada de confiança e de ventura. Para não per-

turbar o fino encanto da contemplação, mantinha uma inalterável mudez : e Henrique, pressentindo esta adoração quasi mística, engolfava-se de novo nas suas meditações. Apenas a parte material, o resíduo impuro do seu corpo, estava presente ; a imaginação, a sensibilidade, o espírito, erravam por muito longe : e cogitando no seu drama amoroso, nem mesmo iniciado sequer, sentia-se prêso pela consciência àquela doce mulher ingénua e crédula que só para êle vivia, que nêle resumia às suas maiores aspirações ; mas logo uma revolta íntima o sacudia, insubordinando-o contra um tal despotismo. Como ? Pois tinha de ficar para sempre amarrado a um lindo ser que deixára de interessá-lo pelo amor e pela inteligência ? Bom Deus, não !

Mirando-a furtivamente e vendo-a de pálpebras cerradas, o esmalte dos dentes descoberto por um gracioso geito dos lábios vermelhos — tam vermelhos que pareciam terem sido molhados na água duma fonte de Juventa escarlata — lamentava-se, mentalmente, daquêle fardo animado que se lhe tornava importuno. Se pudesse recuperar, sem vexantes publicidades e sem escândalos estridentes, a sua liberdade, com que pressa correria para a Outra, em quem tudo era luz, perfume, ritmo e que, na vivacidade dos olhos, na mobilidade das linhas fisionómicas, denunciava um ser de *élite*, pelos supremos dons da beleza física e pelas puras virtudes do esplendor mental ! Passavam-lhe na mente as piores coisas, ansiedades monstruosas que não chegavam a adquirir expressão completa. Queria um pretexto que justificasse, perante os convencionalismos da sociedade, o seu rompimento com Maria

Clara — carta amorosa encontrada na sua alcova, a sedução ruidosa dum homem que a apetecesse . . . Estremecia, despertando do lasso adormecimento que o ia amolecendo, monologava :

— Que natureza de biltre a minha, hein ? Pois não estou a desejar, que só pelo egoísmo de possuir fâcilmente uma outra mulher, a minha fôsse uma desavergonhada ?

Tudo quanto no seu organismo havia de timorato e de cobarde recuava ante esta imaginária perspectiva. Oh ! não, que horror ! E como êle tinha medo de que as próprias formas inanimadas lhe perscrutassem os pensamentos secretos ! . . . Antes uma enfermidade fatal que a não fizesse padecer muito, coitada, e que a levasse para o fundo duma escura cova onde, na primavera, refloririam as roseiras ! Assim, continuaria a ser considerado como um marido modelar, fiel à memória da morta, porque saberia tornar eloqüente a sua dôr, comunicando-lhe uma aparente sinceridade . . .

Nos seus joelhos, o Angorá dormitava, de pêlo fôfo e sedoso, como um arminho que arfasse, como um novelo de penugem imaculada que tremesse, se arripiasse à aragem. Distraidamente, Henrique afagava-o, julgando-se com severidade, pensando :

— Sou um canalha, efectivamente. Sim senhor ! Bonito !

E então, por uma áspera rebeldia de quanto nêle ainda existia de incorrupto, sentindo a imperiosa necessidade de sublimar-se, erguia-se na ponta dos pés, dirigia-se para Maria Clara, apertava-a tôda num abraço e beijava-a com devoção religiosa nos olhos, na testa, na bôca, no resto con-

servando-a sempre estreitada contra o seu peito forte.

— Isso que é ? . . . Isso que é ? . . . — perguntava ela com voz amimada e fraca de convalescente, impressionada por tam súbita e transbordante ternura.

— É que te amo, que te amo, que te amo, e que preciso cada vez de amar-te mais, para me salvar, me redimir . . .

— Ameaça-te, então, alguma desgraça ? — interrogava Maria Clara, voltando para êle a cabeça assustada.

— Não, meu amor. Só o receio de perder-te . . .

— Ah ! — fazia ela, tranqüilizada. Então podes estar sossegado . . .

Findava o charuto, atirando a brasa da ponta queimada para o cinzeiro, ia ao quarto de vestir escovar-se e compor, ao espêlho, a gravata picada por uma grossa pérola que à luz irradiava fogos surdos, alisava o cabelo.

— Vais saír, Henrique ? — inquiria Maria Clara.

— Sim, filha. Um bocadinho só. Não me demoro. Porquê, tens pena ?

— Pena, tenho, para que hei-de negá-lo ? Mas não quero privar-te de nada que possa dar-te satisfação. Bem sabes . . .

— Sei ! És encantadora, encantadora ! . . .

Novamente a beijava, grato por aquela resignada passividade, saíndo para a rua desejoso de fugir a uma monotonia que lhe produzia aborrecimento e desgosto. Ao ar livre, reanimava-se, corria os passeios vagarosamente, reparando nas pessoas com quem cruzava. Dentre a multidão, um ou outro

indivíduo cortejava-o, tirando o chapéu. Henrique correspondia com um acêno afável. A noite fechava-se completamente; os candieiros da iluminação pública derramavam à volta uma penumbra levemente tocada por um vago fulgor de ouro, projectavam no chão largas manchas oscilantes e luminosas. Certas *vitruines* exibiam, em arranjos artísticos, sob lâmpadas eléctricas, as últimas criações da moda tam cubiçadas pelo gentil, vaporoso mundo feminino. As montras das joalharias, sobretudo, resplandeciam, scintilavam da iriação das pedrarias montadas em ouro ou platina, dispostas sôbre veludos dum vermêlho escuro ou em estojos forrados de camurça. A cada momento, Henrique se desviava, no piso estreito, para dar logar a solenes damas, abafadas em peles, apoiando-se ao braço dos maridos e espalhando perfumes perturbantes. Henrique, de mãos mergulhadas nos bolsos do casaco, achava, nestes instantes, um delectoso sabor à vida. Com efeito, quantos lados agradáveis ela oferecia!... Mas, o facto mais insignificante, um vulto de mulher, um riso mais alto, lhe estragavam a felicidade instantânea. Outra vez se emmaranhava no secreto mal que o consumia — e com que vertiginosa intensidade!

Divagava sôbre aquela tortura que lhe não concedia um inefável minuto de placidez. Idéas que durante muito tempo lhe pareceram nebulosas e que não pudera compreender, esclareciam-se de repente na sua intelligência, surgindo nítidas e simples.

Lembrava-se de que outrora, no quarto ano de Direito, lêra apaixonadamente, em Coímbra, os

filósofos — porque estas leituras estavam então em moda entre a mocidade académica, alvoroçada pela rude campanha política levada numa febre a todos os pontos do país e que, finalmente, destruíra a Monarquia secular, abrindo em certa manhã histórica as portas dos quartéis à Revolução. Um desses filósofos, Pedro Charron, discípulo do profundo Montaigne, causara-lhe uma viva impressão com o seu livro *La Sagesse*. No entanto, muitas páginas de Charron escapavam à sagacidade de Henrique, de-certo pela sua falta de experiência, pela sua ignorância do mundo e das ambições humanas e da angústia que traz os seres conscientes desvairados através da existência. Charron, que foi um penetrante observador, dizia : — « A tranquillidade de espírito é o bem supremo do homem, um grande e rico tesouro que os sábios buscam incessantemente por mar e terra, a pé ou a cavallo. Essa equanimidade deve ser o fruto de todos os nossos estudos e trabalhos, a corôa da sabedoria. » Henrique contava nessa época já distante vinte anos apenas, nunca sentira a amargura inenarrável das aspirações destroçadas, dos ideais traídos, dos desejos de impossível realização. A natureza exterior desdobrava-se diante da sua vista deslumbrada adormecendo em serenidade e beleza e ocultando enganosamente negruras, impurezas, sofrimentos. « Tranquillidade de espírito » era uma frase, um mero artifício literário que para êle não tinha significação. Como nunca experimentara inquietações espirituais além das que resultavam do receio de ficar reprovado ou de ser infeliz nos seus idílios com as tricaninhas da Baixa, morenas e amorosas como a Sulamite do « Cântico dos

Cânticos», não podia explicar o sentido verdadeiro das palavras de Charron. Agora, porém, compreendia tudo, porque o seu espírito sobressaltado exacerbava-lhe um padecimento intolerável. Seguindo sempre pelas ruas da cidade, que se esgueiravam como cobras assustadas na escuridão, Henrique achava muito imperfeita a organização do ser pensante, feito para a dôr. A finura de sensibilidade de certas organizações afectivas considerava-a êle um vício funesto, e não uma virtude, um elevado dom digno de louvores e da rajada lírica dos bardos, porque originaria uma infelicidade inevitável.

—Só a criatura sêca, árida, estéril de sentimento, egoísta do seu bem-estar pessoal e capaz de sacrificar a esta ambição tôdas as qualidades que possuísse, seria venturosa!—monologava êle numa abstracção.

Sim! Era necessário que o homem passasse indiferentemente, sem deter o olhar, sem se como-ver, diante de tôdas as misérias e de tôdas as abnegações. O amor mesmo, que foi desde as idades remotas em que as inteligências se iluminaram pela primeira vez, uma fonte de inspirações, de heroísmos, de santidades, de místicas exaltações, não devia tomar-se a sério por aqueles que quisessem ser completamente felizes. Julgava imprescindível uma severa educação que viesse libertar as sociedades futuras, ensinando-as a escarnecer tôdas as coisas que o passado elevára até às constelações — uma educação que cortasse cerce nas almas, como flores venenosas, as excrecências sentimentais que comesçassem a vicejar, produzindo uma humanidade que irreverentemente zombasse das lágrimas de Paulo e Francesca di Rimini, dos desmaios de Julieta à va-

randa do seu solitário palácio de Verona, nas noites de luar em que os rouxinóis cantavam pelas romanzeiras, dos delíquios de Virgínia, de tôdas as ternuras, de todos os desfalecimentos, de tôda a languidez ! Enquanto assim não fôsse, haveria sempre corações ulcerados. Culpava as religiões de provocarem estas desordens, pela sobreexcitação que produziam nos espíritos.

— Somos nós, certamente, que procuramos a amargura por nossas próprias mãos. Aqui está o casamento como exemplo. Trata-se, juridicamente, dum contrato bilateral. Nada mais representa do que uma empresa composta de dois sócios, um masculino e outro feminino, constituida para a exploração do ramo de comércio da felicidade comum. Quando os negócios não correm com regularidade, a sociedade dissolve-se. Pois bem. O que acontece ? Por uma especial predisposição para a aventura e para o mistério, por uma perversão deplorável do senso prático, homens e mulheres romantizam êste contrato, desfiguram-no com estrêlas, astros, palidez, virgens erguendo palmas nas mãos diáfanas, anjos cantando em côro o epitalâmio festival das bodas, outras pièguices piores ! Sucede, portanto, que finda a embriaguez dos primeiros dias entre dois casados, a espôsa, repentinamente despida de tôdas as transparentes roupagens astrais e celestes, aparece tal qual é aos olhos já desiludidos e desencantados do marido. Em lugar de sífide aérea, aparição divina, surge, para que o desengano seja mais cruel, um pobre ser vulgar, de acanhada mentalidade, que almoça o seu *beef* com ovos, que ingere ao jantar o seu prato de sôpa Juliana, que se queixa

de digestões difíceis, e que entre dois beijos abraçados, leva ansiadamente as mãos ao ventre, gritando, dizendo que a salada de alface lhe fez cólicas! Eis os desastres que fatalmente produz a mentira sentimental em que somos educados. Ah! é preciso que o homem se esforce por descobrir a verdade tanto na sua alma como nas relações sociais. O contrário há-de conduzi-lo irremediavelmente a uma série de falsos sentidos que aumentarão o travor da sua desgraça.

Em Henrique, êstes raciocínios eram a natural revolta da razão contra uma íntima fraqueza de ordem sensível. Pretendia reagir pela ironia, pela sátira, pelos contrastes violentos de que irrompiam, crepitantes, as ígneas faúlhas do sarcasmo, contra a deliquêscência interior que o submetia ao despotismo do amor por uma desconhecida. E com que novas formas de padecimento êsse amor alvorencente o pungia! Em casa, junto da espôsa, a sua vida era desesperadora porque o forçava continuamente a ocultar-se, a mascarar-se, a representar uma farça odiosa, que repugnava à sua consciência de homem íntegro. Maria Clara, honesta e dedicada, vinha para êle de braços abertos, oferecendo-se-lhe tôda, contente e cheia de graça. Henrique tinha de acolhê-la, de fingir adorações que eram mentirosas, de retribuir os seus beijos, castos e veneráveis pela sinceridade que exprimiam, com outros em que só havia indiferença, enfado e muitas vezes acidez. O remorso atormentava-o como uma chaga profunda que o roesse — remorso de iludir aquela ingenuidade, de traír aquela confiança.

Muitas noites, revolvendo na imaginação as

suas traições, não podia conciliar o sono. Perto dêle, sossegadamente, Maria Clara dormia em repouso, respirando tam de leve que o seu peito quási nem arfava. A luz duma lâmpada suspensa do teto e velada por um *abat-jour* de sêda verde, derramava no quarto penumbramentos delicados. Henrique, sem fazer um movimento para que ela não despertasse, contemplava-a, invejando-lhe a pacificação, a serenidade, a quietude dos nervos. Anéis rebeldes da longa cabeleira prêsa dentro da touca de rendas e setim branco, espalhavam-se, ondulantes, pelo travesseiro onde Maria Clara pousava a cabeça de flor humana. Como era encantadora, na verdade! E porque designio fatal não aliava ela à beleza corpórea a beleza intelectual que para sempre cativasse Henrique, retendo-o junto do seu seio, dos seus olhos pensativos e suaves, dos seus afagos!

Ah! não desejar mais nada para além daquele desejo, desconhecer o mundo tumultuoso para além daquela realidade pacífica, não dispôr de energia sensitiva para outras ânsias, confinar naquela mulher, que fôra a sua aspiração antiga, tôdas as aspirações espirituais da hora presente, seria de-certo para Henrique a máxima felicidade. Mas o amor que tivera por Maria Clara morrera e ela não soubera ressuscitá-lo, fazer o milagre de chamá-lo à vida, restituindo-lho puro, aliciante, irresistível! Para desafogar do mal secreto que o inquietava, falava em voz alta, sem dar por isso. Maria Clara abria os olhos, num cansaço que maior destaque imprimia à sua figura gentil, ao seu rosto còrado pelo calor do leito, murmurava:

— Tu não dormes, Henrique ? ...

— Não, filha. Não posso ! ... Não sei que tenho ! Dorme tu ... Estava agora a ver-te, interessado. Eras linda ...

— Ora ! ... — respondia ela, enternecida.

Passava-lhe o braço à volta do pescoço, docemente.

— Eu queria que dormisses também ...

E tranqüilamente, sorrindo, cheia de preguiça, Maria Clara readormecia, enquanto Henrique regressava às suas lucubrações dolorosas. Ah ! ter de enganá-la a todos os momentos, de aceitá-la quando a sua vontade era a de repeli-la, de amaciá-la quando a irritação lhe impunha que bradasse, de acariciá-la quando as suas mãos trémulas esboçavam gestos agressivos contra tanta delicadeza, tanta gracilidade, que tormento na verdade incomparável de veemência ! ... Acusava-se com rancor, rilhando os dentes. Porque lhe não dava tréguas esta fúria absurda ? Que pecados andava expiando ?

Derivava no rumo do pensamento e logo a imagem da outra, da Intrusa, se lhe desenhava na fantasia, chamando-o, atraíndo-o, prometendo-lhe uma nova primavera de sentimento. Porque a ficára êle amando tanto, depois de vê-la uma úniva vez ? Outrora, tinha lido em Stendhal que o amor forma lentas cristalizações nas almas. A teoria do autor ilustre do *Rouge et Noire* era magistralmente falsa, como análise psicológica. Um simples olhar, trocado na rua, por acaso, com uma mulher que passava, seduziu-o, de-certo porque nesse instante singular se encontrava num especial estado psíquico ...

Nas suas vagabundagens através da cidade, no encanto das horas nocturnas, estas reflexões perseguiam-no incessantemente. Nada o desviava delas, por mais que tentasse esquecê-las. Era uma obcecção.

Certa noite succedeu-lhe encontrar Vasco Salgueiro que flanava, pelos logares mais concorridos, com uma flor sempre fresca na lapela. Parou a conversar um instante.

— Ora, viva o meu caro vadio! — exclamou Vasco, espalmando-lhe com fôrça a mão no ombro possante. Fóra de casa, hein? Não é de marido exemplar.

— E tu, naturalmente, preparas-te para não sê-lo também, pelo que vejo — retorquia Henrique.

— Qual! Não me caso, não caio nessa tolice. Tiranias femininas, não! Bem me bastam as tiranias políticas.

— Cínico!

— Sincero, homem, sincero! Olha que nunca pude compreender António adormecido no quente regaço de Cleopatra e deixando perder um império. Menino, sou um fanático da liberdade e pratico-a à minha maneira.

— O que mais praticas é a pouca vergonha, mariola!...

Riram com satisfação.

— Tu, pelo que vejo, sempre fiel ao Evangelho conjugal.

— E tu sempre infiel a Nossa Senhora do Amor?

— Cometo as infidelidades que posso, porque nunca fui monoteísta. Lembras-te das nossas contorvérsias em Coímbra, à tarde, pelas verdes

espessuras do Choupal ou na Lapa dos Esteios, não é verdade ?

— E êsse fôro, essa clientela !... Trabalhas ?

— Não, homem. Deixo as alegrias do trabalho para os virtuosos. Eu sou relapso na impiedade e na madracice. Durmo, amo, passeio — *ergo sum* !

A certa altura dêste saboroso encontro, Vasco e Henrique foram surpreendidos por um ruge-ruge de sêdas, por um vulto de mulher que passava.

— Caramba, que mulherão, que apetite ! — gritou logo Vasco. Adeus !...

— Partes ?

— Sigo o meu destino !

E abalou na esteira luminosa que os setins, cobrindo maravilhosas carnações, atrás de si deixavam, apertando o castão da bengala na mão, petulante, magnífico de audácia.

— Aqui está um que vive, na verdade ! — monologava Henrique.

Tristemente, voltou a casa, amachucado, vê-xado, sentindo o seu mal-estar crescer e achando um tédio insuportável à existência.

Um dia, de manhã, quando Henrique ia para o escritório, com uma grossa pasta de carneira escura atulhada de processos, novamente esbarrou com a Desconhecida, que saía dos Congregados onde estivera orando, tôda vestida austeramente de preto. Parou, fitou-a com firmeza e outra vez o seu olhar se cruzou com o olhar dela, que era brilhante. Tirou o chapéu, fez uma reverência cortês que foi

correspondida com uma ligeira inclinação de cabeça. Na flúida, translúcida luminosidade matinal, as suas formas adelgaçavam-se, as suas linhas plásticas adquiriam uma perfeita harmonia. Ao mover-se, havia nela qualquer coisa de musical, de vaporoso, de ligeiro, que mais contribuía para lhe imprimir relêvo à beleza — uma beleza como nunca sonhára. Acompanhou-a com a vista, embevecido, incapaz de coordenar actos e idéas, sem atinar com o que devia fazer.

Já longe, antes de dobrar uma esquina, naturalmente, ela olhou para trás; então, a timidez de Henrique desapareceu, a sua irresolução findou. Aquele olhar não seria um convite incitando-o a maiores ousadias? Com certeza. Largou pelo passeio, acelerando a marcha, na pressa de torná-la a ver, no receio de que ela se perdesse e lhe fugisse para sempre. Ainda foi detido por um amigo, o Manuel Montenegro, que se lhe atravessou na frente, esgrimindo a bengala e bradando:

— Para trás! Por aqui não se passa.

— Ó diabo, tenho muito que lidar, muito que matutar... Não posso desbaratar um segundo, porque vou muito tarde. Esperam-me o tribunal, a justiça com a sua espada incorruptível e a sua balança de precisão...

— Salta, então, sobre o meu cadáver... Como vais?

E estendeu a mão enluvada.

Aquele impertinente bruto! Ia estragar-lhe, com as suas patéticas, uma excelente ocasião. Invadiu-o a vontade de cobri-lo de grosserias, de atirar-lhe à face gorda e barbeada de moço de

restaurante injúrias contundentes como ca-lhaus.

— Bem, obrigado ! E tu ? ... Adeus.

— Mas olha, espera ! ...

— Impossível. Adeus ! ...

E retomou o caminho sacudidamente, praguejando entre dentes contra as inutilidades em carne e ôsso que o bom Deus manda a êste mundo para punir os que teem culpas esquecidas.

— Êste homem exerceria outras funções mais proveitosas para a sociedade, sendo couve penca em vez de ser janota ...

O animal ! Demorando-o um momento, dera tempo a que a Desconhecida se metesse pelo dédalo confuso das ruas ! Com efeito, já a não lobrigava. No entanto, desceu a rampa da calçada conservando uma secreta esperança : e em breve a sua inquietação se tranqüilizou, porque acabava de descortiná-la dentro dum estabelecimento de modas, sentada numa cadeira, rente ao balcão, escolhendo atentamente quaisquer tecidos. Ela pareceu vê-lo também, porque não tardou a erguer-se, despedindo-se do caixeiro e saíndo. Êste movimento, talvez casual, desagradou a Henrique. A sua deusa vulgarizava-se até à suspeita infamante. Quási se lhe oferecia públicamente, e isto desanimava-o, desencantava-o. Contudo, acompanhou-a de longe, até que ela entrou, sem se voltar, no portal dum prédio de aparência modesta, com varanda de ferro no primeiro andar, onde duas palmeiras anãs vegetavam tristemente em vasos de barro. Pouco depois, com olhos curiosos, entreabria os cortinados de tule duma janela, espreitando para fóra. Henrique, que

havia fixado o número da porta, tirou outra vez o chapéu e dirigiu-se enfim para o escritório, onde durante tôda a manhã, diante dos processos por folhear, gastou o tempo compondo uma carta ardente em que todo o seu amor se confessava.

III

Os receios e, ao mesmo tempo, o indecifrável encanto da primeira entrevista ! Porque Henrique, na carta que enviára à Desconhecida e que era, conjuntamente, uma prece íntima e um cântico de amor, pedira-lhe um encontro com humildade e com fervor, por assim ser necessário à tranqüilidade do seu espírito — e pedira-lhe também que lhe dissesse o nome que ainda ignorava, a-pesar-de venerá-la, pois que, por um pudor secreto, por delicadeza de alma, não quisera perguntá-lo a ninguém. Logo na manhã do dia seguinte recebeu, alvoroçado, a resposta. Eram apenas algumas linhas escritas em letra miudinha, denunciando reflexão, que leu exaltadamente, num alheamento da vida que o cercava, como se nessas palavras, graves e sérias, houvesse um sentido oculto fugindo à nítida percepção da

sua inteligência. Ela comunicava-lhe que o esperaria, de tarde, na Avenida das Tílias do Palácio de Cristal, implorando-lhe que a não julgasse erradamente pela facilidade com que acedia ao encontro solicitado. No fim, assinava : — Maria Emília.

Henrique meteu a carta no bôlso depois de a reler, acendeu um cigarro, sentou-se à banca do seu escritório, encostando a face à palma da mão direita. Olhou distraidamente para o relógio de parede, que marcava onze horas. Como era cedo ainda ! Mas tinha de almoçar, de concluir trabalhos começados . . . Quebrando a cinza do cigarro no bordo do cinzeiro, pensava na situação talvez difícil a que o conduziria aquele amor absurdo, e quasi se arrependia de ter ido tam longe, de não haver feito esforços para esquecê-lo desde o primeiro momento em que sentira uma estranha perturbação interior. Observava que, muitas vezes, certas idéas bizarras e impossíveis, nos homens de imaginação ardente, se gravavam tam profundamente no cérebro, que êles terminavam por considerá-las como realidades concretas e que, sobretudo nos casos de paixão amorosa, essas idéas são sempre movidas por um forte, dominador, irresistível desejo. O seu estado psíquico actual era formado por uma singularidade semelhante. Um simples olhar trocado com Maria Emília, na rua, determinára uma agitação de sentimento que, em lugar de aquietar-se pelo esquecimento, mais se exaltára e se activára por uma febril fantasia que o levava a meditar constantemente no gôzo que para êle, para o seu outono emotivo, teria a adoração daquela mulher que lhe fazia visionar, em minutos de febre, a perfeição do seu corpo, a

beleza das suas formas, o encanto da sua ternura. Interrogava-se :

— Que vai succeder ?

Porque Henrique não podia oferecer a Maria Emília a felicidade completa que ella lhe exigiria, estando resolvido a cumprir, com exactidão e rigor, o dever moral, que livremente se impusera, de não romper com obrigações antecipadamente contraídas. Com effeito, era casado : e muito embora a lei lhe concedesse o divórcio, só o pensamento de repudiar por esse processo a esposa legítima para recuperar a sua liberdade, o enchia de terror e de confusão, além de o fazer corar de vergonha. Portanto, não reagindo contra um amolecimento sentimental que principiava a definir-se, mais tarde experimentaria remorsos por haver tornado desgraçada a mulher que nelle, com tam suave cegueira, confiava. No seu raciocínio estabeleceu-se um minuto fugitivo de sensatez :

— O melhor é acabar desde já, cortar isto pela raíz ! — murmurou.

Mas, immediatamente, um desgosto muito fundo, a amargura duma solicitação insatisfeita, o conturbaram — e com mais saúde e mais doçura se lembrou de Maria Emília, que nessa tarde promettera esperá-lo. Então, decidiu-se.

Levantou-se, pôs o chapéu e saiu, abandonando as suas occupações por se julgar incapaz de toda a actividade fecunda. Enquanto caminhava, ao acaso, nas ruas, subia-lhe do coração um contentamento que o alvoroitava. Mentalmente, procurava na sua própria personalidade a virtude superior que influiria em Maria Emília para que ella o amasse.

Porque não duvidava já dêste amor, tácitamente expresso na carta recebida. Qual era essa virtude? Seria exterior, de-certo, porque por mais subtilezas sejam as mulheres — e Salgueiro, seu condiscipulo e arguto psicólogo, negava-lhes êsse dom! — era-lhes impossível adivinhar as almas por um olhar vago. Ora, Henrique possuía a graça das exterioridades, que tanta impressão produz na alma feminina, tomando-a pela essência dos mais veneráveis sentimentos e não por uma artificiosa máscara de impersonalidade. Divagando e acelerando a marcha, Henrique considerava que é imprescindível uma independência moral absoluta para distinguir o valor do carácter pessoal.

— E, geralmente, — monologava — o gentil mundo feminino não dispõe dessa independência. Já li isto em qualquer livro, e verifico hoje que se trata duma verdade eloquente!

Ao passar pelo mercado das flores, Henrique demorou-se a escolher um ramo de rosas para Maria Clara. Refinava na mentira, para que ela não suspeitasse, sequer, das tempestades do seu espírito. Como ia enganá-la, queria mais do que nunca torná-la confiante. Depois, seguiu pela rua Formosa, absorvido nas suas preocupações, com as rosas orvalhadas e frescas na mão. Não sentia a menor fadiga. Parecia-lhe até que um duro fardo deixára de oprimi-lo.

Topava a cada momento gente entregue à sua lida, roçando-se por êle sem mesmo o olhar. Rodavam carroças pela calçada, guiadas por carroceiros de blusa de riscado e boina, com as rédeas preguiçosamente prêsas nos dedos e um ar sonolento. Pelos

estabelecimentos, numerosas pessoas, discutindo aos balcões com os caixeiros, faziam compras. O céu estava azul e o sol caía, a prumo, como ouro flúido e radiante de claridade. Uma grata sensação de ventura invadia Henrique. Dir-se-ia que tôda aquela multidão inquieta reparava nele com simpatia, que as mulheres lhe sorriam, que o seu destino se esclarecia . . .

A certa altura, alguém lhe tocou no braço, soltando um brado alegre. Voltou-se. Era Jacinto Gouveia, um condiscípulo do liceu.

— Só conheço no mundo duas espécies de homens que corram uma cidade assim distraídos — exclamou Jacinto.

— Quais são êles ? — interrogou Henrique, jovialmente, e estendendo a mão aberta e franca.

— Pois, são os apaixonados ou os que teem uma letra vencida e sem dinheiro para a pagar. A qual das espécies pertences, fazes favor de dizer-me ?

— Meu Deus ! Eu pertença à espécie dos homens que trabalham tôda uma longa manhã e que ainda não almoçaram !

— Está bem. Não te justifiques mais . . . E como vai essa saúde ?

— Ótima !

— E a da Madama ? Excelente, não é verdade ? Ainda ontem a vi e tive o prazer de cumprimentá-la . . . Felizardo ! . . .

— Obrigado, menino.

— Não te pergunto pela prole, porque creio que te tens desleixado.

— Não ! A culpa não é minha . . .

— Homem, olha que o primeiro dever do ser consciente que usa bigode e barba é escrever um livro, plantar uma árvore, arranjar um filho . . .

— Eu já plantei a árvore, Gouveiazinho. Já plantei a árvore. Estou à espera de ocasião para cumprir os outros conselhos do filósofo. E vem daí às minhas sopas . . .

— Não posso. Tenho banquete de circuns-tância. Estou a fazer horas e a acirrar o apetite.

Despediram-se com affecto. Quando Henrique entrou em casa, batiam as dôze horas no relógio da sala. Maria Clara correu para êle, rosada e loura no seu elegante vestido de sedinha branca, exalando a frescura da sua mocidade.

— Que lindas rosas ! — exclamou.

— São para ti ! — interrompeu Henrique, beijando-a. Já vêes que me não esqueço.

— Então, toma outro beijo pela lembrança. Mais outro ! Mais outro ! . . .

Seguiram, enlaçados, para a sala de jantar, onde o canário cantava na sua gaiola dourada. Maria Clara pôs o ramo numa jarra de Sèvres, cheia de água, e tocou a campainha, pedindo o almoço. Remexendo a sopa com a colher de prata, Henrique avaliava a enormidade da traição que ia praticar — e uma grande piedade pela traída invadi-a-o.

— O correio não trouxe nada para mim, filha ? — perguntou.

— Trouxe uns jornais. Estão lá dentro, no quarto. Se os queres, vou buscá-los.

— Não, não ! Êsses jornais nada dizem que me interesse. Apenas política, um ou outro baptizado, um ou outro casamento, uma ou outra falência.

— Quem me escreveu foi . . . Nem tu adivinhas !

— Com certeza que não.

— Mas, vê lá . . .

— Sua Santidade ?

— Que mau ! . . . Foi a Terezinha Magalhães. Está noiva, vai casar. E diz-me da sua paixão, do muito que ama, da esperança que tem no futuro.

— Capitalista, titular, argentário gordo, com refegos de carne no pescoço ?

— Não, que idéa ! . . . Sempre estás hoje trocista ! . . . Médico ! Muito novo, acabou o ano passado o curso.

— Bem, fica de casa e pucarinho com a Morte. Que seja feliz e que proceda, antes das núpcias, a um severo exame de consciência . . .

Depois do café, Henrique foi para o seu quarto, alisou o cabelo ao espelho, encharcou o lenço em água de Colónia, demorou-se ainda em casa, conversando em futilidades com Maria Clara.

Estava um dia quente, admirável como luz, transparência, fulgor. Da janela da varanda que dava para os quintais próximos, Henrique, um pouco curvado junto da espôsa, contemplava as árvores de alta copa ramalhando à aragem que de longe vinha refrescando-se e perfumando-se por folhagens e corólas. A distracção era-lhe saborosa, desanuviava-o de inquietações. Gordos gatos preguiçosos ronronavam ao sol, no beiral dos telhados ; *ménagères* diligentes acudiam às sacadas de madeira, afogueadas pelo calor do ferro de brunnir ; ranchos de crianças, nos seus bibes brancos, galravam à sombra, pelos jardins onde murchavam as despedidas de verão e os gerânios ;

e uma serenidade apaziguadora adormecia as coisas.

— Tu voltas a sair, Henrique ? — perguntou Maria Clara.

— Sim, filha, volto. Os meus afazeres não me deixam em sossêgo !

Maria Clara suspirou, com um leve sorriso de fadiga e de melancolia.

Dum pátio próximo ascendia o rumor duma bomba de madeira ; secava roupa, prêsa em cordas, pelas águas-furtadas ; alguém cantava estridentemente, dentro dos casebres que Henrique avistava da varanda, um fado sentimental ; e pombas, aos pares, arrulhavam pousadas sôbre um parreiral donde as fôlhas, amareladas e mortas, caíam já. De baixo, do quintal, subia o dormente zumbido das moscas voando sôbre o lixo. Propositalmente, Henrique ia deixando fugir o tempo, fazendo por tranqüilizar-se, para não levantar suspeitas, porque lhe parecia que Maria Clara adivinharia o seu drama, se êle mostrasse pressa em fugir-lhe. A esta idéa, que o sobressaltou, olhou-a furtivamente, espiando-a : mas viu-a tam tranqüila, tam quieta, que logo se pacificou.

— Não, coitada ! Não tem a menor desconfiança, nunca a terá — pensou.

Ela, estirada numa cadeira de vêrga, apoiada em fôfos almofadões, estendia os pés calçados em sapatos de verniz, de tacões altos, para uma réstea de sol, de pálpebras indolentemente cerradas, enquanto o seu busto se envolvia duma penumbra veludosa — uma penumbra discreta, como a côr de certos abrunhos maduros e que

só se obtem velando gradualmente a claridade diurna.

— Bem, até logo ! — murmurou Henrique, de repente, beijando-a.

— Até logo ! — correspondeu Maria Clara, despertando da sua quebreira e erguendo a cabeça da almofada.

Já na rua, Henrique viu as horas e dirigiu-se vagarosamente para o Palácio, escolhendo o caminho mais longo. Mas, o mêdo que se havia dissipado no seu espírito, voltou a atormentá-lo. Mêdo de quê ? Nem êle o saberia dizer. Era um desassossêgo que continuamente o fazia voltar para trás, na dúvida de que alguém lhe espreitasse os passos, no pavor de que o surpreendessem em companhia duma outra mulher que não fôsse a sua, de que Maria Clara viesse a ser informada de tudo, do escândalo com que uma publicidade perversa infamaria a sua conduta. Ruminando nestas conseqüências funestas, recompunha as scenas caseiras futuras, a desordem do seu lar, as acusações veementes da espôsa em lágrimas, os seus queixumes, as suas pesadas tristezas causadas pela infidelidade do marido. Mais aterrado, imaginava já desculpas com que se defendesse. Em primeiro lugar, negaria, em rijos brados, falaria na sua dedicação, na firmeza do seu carácter, pediria provas que ninguém lhe apresentaria — porque estava resolvido a ser cauteloso.

— E depois — concluia êle, para arranjar coragem — que tem que me vejam a falar com uma senhora, no Palácio de Cristal ? Não é tam natural, tam vulgar, que um homem troque em público algumas palavras com uma pessoa das suas relações ?

Ao chegar ao Palácio, o coração batia-lhe aceleradamente como se, em vez de ir para o amor, fôsse para o crime. Comprou bilhete, entrou, assoberbando entre dentes e batendo com a bengala nos troncos musgosos dos arvoredos. Eram duas horas, o sol queimava e não havia ninguém pelos jardins. Arrastando a longa cauda pelos canteiros de relva, orgulhosos pavões soltavam gritos vibrantes. A luz caía por entre as fôlhas, mosaicando o chão de manchas trémulas. A Avenida das Tílias estava deserta e sob as copas das árvores o silêncio tornava-se mais inspirador e profundo. Sentou-se num banco, do lado do parque, para estar mais escondido, e esperou. Tinha sido o primeiro a comparecer e isto desconsolou-o. Com efeito, Maria Emília não tivera pressa, o que provava que o seu amor não era tam violento como o dêle. Não a atormentava a necessidade de correr para a ventura, talvez para retardar a hora entre tôdas dolorosa do desengano devastador. Durante muito tempo, entregou-se a um scismar sem fim, olhando a paisagem a que não encontrava beleza, mal podendo vencer a fôrça secreta que o impelia para fóra daquele recinto. Como Maria Emília não apparecesse, julgou que ela se tivesse arrependido, que reconsiderasse; e, com entusiasmo, murmurava:

— É melhor assim ! É melhor assim ! Termina esta angústia.

E já se levantava para partir quando avistou ao longe, por entre os ramos esguios, um vulto feminino movendo-se apressadamente, num passo miúdo e leve. Dirigiu-se logo para ela, com um riso feliz.

— Pensei que não viesse ! — exclamou.

— É assim tarde ? — sussurrou, com a face rosada, estendendo-lhe sem receio a mão, que Henrique estreitou com ternura entre as suas.

Sem lhe responder, e como se não quisesse esquecer uma coisa muito importante, Henrique deu-lhe o braço, procurou, no parque, um banco mais isolado em que se sentaram e disse-lhe, espalhando as palavras :

— Já meditou nos possíveis resultados lamentáveis dêste nosso amor que começa ?

— Há quanto tempo ! . . . — respondeu ela.

— Pois conhecia-me ?

— Sim !

Ergueram a cabeça, fitando-se demoradamente nos olhos. Comovido, Henrique insistiu :

— E então ? Não a assustam êsses resultados ?

Maria Emília, muito enleada, calava-se, com as mãos brancas e finas no regaço.

— Diga ! Não a assustam ? Eu estou numa idade em que o amor é composto de renúncias e de abnegações. O que, precisamente, não quero é fazê-la sofrer.

— Mas, se me não faz sofrer ! . . . Sabe ? Apenas sinto uma infinita pena, por não poder chamar-lhe meu, diante de tôda a gente. No entanto, como a sua veneração me entenece !

— Pense ! . . .

— O que eu penso ! . . . O que eu penso ! . . . Isto é uma loucura. Devíamos findá-la neste momento.

— Sacrificar-me hei ! Não quero que da minha individualidade lhe fique uma lembrança odiosa, mas uma recordação feliz. Adeus ! . . .

Levantou-se, pegando nas luvas e na bengala ; mas Maria Emília, num grito abafado, acudiu :

— Não se vá, por Deus ! Eu posso lá terminar com um tormento que é tôda a minha alegria ! . . .

E fazendo a voz mais doce e branda, acrescentou :

— Veja como sou egoísta . . . Se me fôsse possível esquecê-lo, há quanto tempo o teria feito. Mas não posso, não posso ! . . .

Novamente Henrique se sentou junto dela, pegando-lhe na mão que Maria Emília abandonou. Durante rápidos instantes, baixaram as frentes e emudeceram, sem terem a coragem de fitar-se, e esta mudez era delectosa para ambos. Às pressões que Henrique lhe fazia nos dedos, ela estremecia.

— Magôo-a ?

— Não ! . . .

Maria Emília olhou-o de relance, còrou um pouco e outra vez baixou os olhos. Henrique desejava falar-lhe, dizer-lhe coisas em que muito meditára, conhecer o seu passado, saber quem era : mas hesitava em principiar a conversação e sentia que começava a tornar-se grotesco. Mais uma vez ressuscitava o que no seu ser havia de timorato, de indeciso, de ridículo.

— Quere então que a ame, que a ame ?

— Quero e não quero — respondeu ela.

— Que paradoxo !

— Não é paradoxo. Quero que me ame, porque o seu amor me é indispensável ; não quero, porque, amando-o, serei mais desgraçada . . .

— E porquê, justos céus ?

— Porque não é livre . . .

Henrique mirou-a, conturbando-se. Já ela sabia, então, que era casado, que em sua casa, uma esposa legítima velava pela pureza do lar, confiando nele — que lhe mentia vilmente — e que, naquele instante, a traía ! Esta revelação vexava-o e mais atarantava a sua timidez. Para que viera, para que seguira Maria Emília na rua, para que lhe escrevera ? Aí estava o castigo do seu inconsiderado procedimento. Se Maria Emília fôsse, na realidade, uma mulher honesta, que seriedade ligaria ela às suas exaltações amorosas ? E se, na verdade, o amasse através de tudo, não deduziria que um homem como êle, que tam fàcilmente esquecia deveres de que não podia libertar-se sem crueldade, mais fàcilmente esqueceria uma criatura a quem não estivesse ligado por um contracto e por um juramento ?

— Não sou livre, com efeito ! — gaguejou êle.

— E eis o motivo da minha tortura.

— Mas, ninguém conseguirá impedir que nos adoremos.

— De-certo. No entanto, essa adoração tornará mais amarga a minha angústia.

— Pois bem ! Mais uma vez lhe afirmo que não pretendo fazê-lo sofrer.

— Se é assim, então ame-me tanto quanto puder !

— Mas, a sua dôr ! . . .

— Que importa ! Estou costumada. Além disso, o sacrifício de agora oferece-me a doçura de ser amada também.

Henrique, desvairado pela passividade com que Maria Emília, nova, bela, em plena florescência da mocidade, teimava em agarrar-se aos seus braços,

em prender-se-lhe ao coração, experimentou a necessidade de ser sincero, para que aquella afeição nascente mais se radicasse, e exclamou :

— Escute : — é preciso que me conheça pelos meus verdadeiros aspectos morais, para vir a ser minha amiga tanto pela alma como pela inteligência. Eu não encontrei no casamento a felicidade sonhada : mas de modo algum causarei, deliberadamente, o menor padecimento às pessoas que vivem à minha volta. De-certo que a posse inteira do seu amor seria para mim, para o meu egoísmo — porque não egoísmo ? — bem doce. No entanto, terei de conter-me, porque, para evitar a dôr aos outros, sou capaz de humilhar-me e de abdicar do meu próprio bem. Eis a razão porque nunca poderei ofertar-lhe mais do que o meu amor, o que é muito pouco para as aspirações femininas.

— Para a minha aspiração não é . . . — interrompeu Maria Emília.

Henrique confessava-se, revelava as desilusões da sua vida conjugal sem que o seu orgulho de homem se revoltasse. Alucinava-o uma perturbação das faculdades mentais.

— E nunca se lamentará por isso ?

— Nunca. Eu nada peço, de resto.

— Mereço-lhe então alguma simpatia ?

— Já sabe que sim ! . . .

Abandonaram o banco, pensativos, e deram uma volta pelas alamedas onde a folhagem espessa velava tôda a luz, atenuando-lhe a crueza e o brilho faísicante. A areia esmagada rangia sob os seus pés. A sombra tornava-se mais densa e discreta.

— O que eu lhe posso dizer — interrompeu

Henrique — é que já fez um milagre no meu ser.

— E qual foi êle ? — inquiriu Maria Emília, sorrindo.

— Estamos aqui juntos apenas há alguns minutos. Pois bem ! Reconciliou-me comigo próprio, a mim que, antes de conhecê-la, era um eterno insatisfeito.

Na espessura dos ramos, as aves cantavam à sua passagem, voltadas para a luz que afrouxava ; e o amor de ambos parecia compreendê-las, como o herói de coração puro das lendas germânicas que, errando pela fechada floresta, entendia o que os pássaros diziam no seu canto.

— Ouça : — Nunca devemos, para nosso repouso pessoal, formar sentidos falsos, induzidos por emoções que não explicamos, para não caírmos no êrro e no desalento da desilusão. Para que havemos de idealizar, se as idealizações raras vezes correspondem à realidade ? — atalhou Maria Emília.

Esta observação surpreendeu Henrique, pelo que nela havia de arguto, de verídico e de penetrante, e contribuiu para aumentar o seu interêsse por aquela mulher.

— Com efeito ! — concordou êle.

— Não é assim ? . . . O senhor vai muito depressa, tira deduições sem rectificar a exactidão dos seus sentimentos íntimos.

Outra vez se sentaram num banco de cortiça, sob a ramagem coberta de sol e de murmúrio. Diante dêles, o rio rolava para o mar, num marulho emba-lador, águas dum verde translúcido. Divisavam nitidamente o Douro até aos areais do Cabedelo,

reflectindo como um espelho o azul dos céus sem mácula de nuvem. À entrada da barra, dir-se-ia que um fulgor estranho se elevava da superfície aquática para o alto. De quando em quando, pequenos barcos de vélas brancas cheias de vento, batendo como asas de gaivotas, flutuavam na corrente e quebravam a monotonia das côres vespertinas com a sua alvura.

— Quero dizer-lhe uma coisa e tenho vergonha ! — revelou Maria Emília.

— O quê ? O quê ?

— Nem sei como hei-de principiar.

— Procure ! As mulheres são subtis . . .

Num grande enleio, abrindo e fechando maquinalmente a saquinha de mão que tinha pouxada nos joelhos, Maria Emília exclamou :

— Há-de ter estranhado — não negue ! — que eu tam depressa consentisse nesta entrevista.

— Mas não é tam natural ! ?

— Bem sabe que não ! Para que afirmar o contrário ? Vindo ao seu encontro, tenho todo o ar duma criatura que se entrega. Neste instante, estará o senhor pensando que eu concedo entrevistas a todos os homens.

— Não, não, que scisma !

— Falo serenamente e com a experiência do mundo que me dão a minha idade e o meu infortúnio. De resto, se fizesse de mim um tal juízo, eu não o maldiria por isso. Mas seria injusto. E a razão do meu procedimento é bem simples. Tenho tam pouca vida real, que a necessidade de ser feliz e de conhecer melhor a existência me arrastou a êste desatino. Note, porém, que não é para mim

uma personalidade alheia ao meu interêsse affectivo . . . Acredita-me ?

— Porque havia de duvidar ?

— O que aqui me trouxe foi a ânsia de apaziguar o meu coração doente : — e ficaria igualmente satisfeita se, em lugar do amor, apenas deparasse uma piedade fraternal. Sou tam só ! E a solidude entenebrece-me, perco-me na sua mudez, no seu mistério, na sua penumbra. Creio que me não amará menos por isto.

— Amá-la hei mais ! — asseverou Henrique, procurando-lhe a mão, que apertou docemente.

Ouvindo-a falar, êle pensava na agonia das almas sequiosas de amor, talvez por muito terem padecido, por haverem perseguido ideais nunca alcançados. Outrora, na juventude, êste facto parecia-lhe pueril, duma piêguice risível. Julgava-o inventado pelos romancistas sentimentais que nunca mergulhavam no âmago das coisas e que desfiguravam tôda a verdade, arrebatados pelo fogo das improvisações : mas agora comprovava, com Maria Emília, o rigor, a precisão das suas análises.

— Amá-la hei mais, com tôda a minha lealdade e tôda a minha ternura — repetiu Henrique. Apenas lhe lembro que, para maior duração dêste amor, terei de guardar o maior recato, de esconder a minha felicidade.

— E que importam as vaidades da rua ?

— Cumpre-me defender a minha paz e a sua reputação de mulher. Eis porque lhe falo assim . . .

— Bem me vê resignada e contente na minha resignação !

Henrique fixou-a longamente nos olhos, como

se pretendesse perscrutar-lhe os mais recônditos segredos do espírito; e, neste momento, a gravidade e a suavidade de Maria Emília imprimiam à sua figura um inexprimível encanto.

— Se isto viesse a saber-se, na realidade! . . .
— murmurou ela, levantando-se.

— Que tinha isso? Não é inteiramente livre?

— Sou e não sou.

— Como? Está impossível, com esses eternos enigmas. É livre e não é! Não compreendo . . .

— É já tam tarde! E tenho ainda tanto que lidar! — respondeu Maria Emília.

— Mas, explique-me . . .

— Se é meu amigo, nada me pergunte. Por enquanto, nada mais posso dizer-lhe. Mais tarde, mais tarde . . . Como os homens são impacientes e indiscretos!

— Ora essa! — protestou Henrique, erguendo-se, amuado. Eu não quis arrombar uma gaveta fechada. . .

Deram alguns passos, silenciosos e recolhidos, na alameda. Maria Emília tomou-lhe o braço, interrogando:

— Ainda hoje falou comigo pela primeira vez. Nem sequer teve tempo de conhecer-me, de estudar o meu carácter, e já se considera ofendido por uma reserva da minha parte. Que vai ser, então, o nosso amor? Que vai ser? . . .

Henrique, concentrando-se, achava-lhe razão. Efectivamente, que direito tinha êle às suas confidências íntimas, à revelação completa do seu ser de mulher — que possuía, de-certo, uma história como tôdas as mulheres? Indo para ela, cegamente

que lhe levava em troca de tudo quanto exigia ? Nada que, sob o ponto de vista social, a lisonjeasse. Oferecia-lhe somente uma adoração que seria desconhecida e que não lhe daria a ventura ambicionada. No entanto, revoltava-se, oprimia-a, como se ela lhe pertencesse já pelo corpo e pela alma ! Era intolerável.

— Na verdade, não fui justo. Perdoe-me — acudiu êle, arrependido.

— Perdôo. E com que júbilo o faço !

Foram caminhando por entre os arvoredos, no afago da natureza circundante.

— Descanse que hei-de dizer-lhe tudo — prometeu Maria Emília. Preciso mesmo dos seus conselhos para uma deliberação melindrosa àcêrca da minha vida futura. Mas hoje não. E olhe que não é por mim ! Calando-me, defendo unicamente o seu affecto, se êle é, como julgo, profundo.

— Diz-me a verdade ? — atalhou Henrique, parando a contemplá-la.

— Tôda a verdade ! — afirmou ella sem desviar a vista e apertando-lhe a mão com mais fôrça, como se carecesse duma protecção segura. E agora, adeus ! Não me siga, que podem ver-nos.

Fitaram-se, com tristeza, no desalento da despedida. Maria Emília adiantou-se um pouco.

— Mas assim, tam friamente !...

Ela voltou atrás, risonha e còrando. Uma anelada madeixa dos cabelos pretos e luzentes fazia-lhe uma ténue sombra na brancura do pescoço, de pele aveludada e fina.

— Então, como ? — perguntou com o seio arfando inquietamente,

— Ao menos ! . . . — gaguejou Henrique.

E avançando para ela, que se não recusou, tocou-lhe com os lábios na face, que era pálida e que tinha uma pura majestade, uma nobre beleza de linhas.

— Está satisfeito ? — inquiriu ela.

Henrique baixou a cabeça com assentimento.

— E quando nos poderemos encontrar outra vez ? — perguntou êle.

— Daqui a três dias, à mesma hora e no mesmo sítio — respondeu Maria Emília, deixando-o.

Esteve durante alguns instantes a vê-la caminhar, sem pressa, naturalmente, como se regressasse dum passeio. Movendo-se, havia no seu perfeito corpo de tam correctas formas qualquer coisa de ondulante, de musical, de aéreo, que mais elegância lhe imprimia. O seu vulto gentil, por fim, perdeu-se entre os troncos e as folhagens e Henrique, numa irresolução, demorou-se ainda pelos arruamentos, resumindo as emoções daquela hora anormal em hábitos e sentimentos sempre iguais. Que perturbação Maria Emília vinha lançar na sua tranquillidade ! Antes dela surgir diante de si, o mundo era-lhe enfadonho, mas havia medida, regularidade, ordem nos seus actos. Não experimentava comoções que o sobressaltassem, não havia nem obstáculos nem dificuldades no curto espaço em que exercia a sua actividade intelectual ou emotiva. Essa fatigante monotonia tinha, em todo o caso, pacificação e ritmo. E agora, que tumulto ! A sua personalidade carecia de desdobrar-se, para melhor iludir. Em casa, com a espôsa que não amava, havia de ser necessariamente um comediante, não deixando transpare-

cer no rosto vinco ou tédio que o tornassem suspeito. Aceitaria e retribuía beijos em que não poria a alma, fingiria uma exaltação amorosa que concorresse para que à sua volta as dúvidas se desvanecessem, como o fumo se desvanece a um vento forte. Transformaria os movimentos de repulsa em carícias. O que a mentira ia reclamar d'êlé, em todos os minutos de convívio conjugal ! E como o seu carácter de homem íntegro se deprimiria, até perder as qualidades mais acentuadas ! Teria êlé arte, talento, permanentes disposições para desempenhar um tal papel ? E não chegaria uma hora nefasta em que, a-pesar das simulações, tudo viesse a saber-se ? Eis o que o angustiaava ! E pressentia que a paz da sua consciência se desordenaria, que nunca mais disporia da autoridade moral suficiente para formular acusações, que se um dia Maria Clara quisesse sacudir o seu jugo, havia de curvar a cabeça sem resistências porque a sua inteireza de homem seria a primeira fôrça a vergá-lo !

— Eu não sei que diabo vou fazer ! — monologava, coçando a barba numa súbita dúvida.

Ao mesmo tempo, porém, a novidade daquela situação inédita seduzia-o. Era um romântico, por temperamento, e não lhe desagradava uma intriga amorosa aos quarenta anos, quando há muito os seus entusiasmos, os seus sonhos líricos de moço tinham fugido, deixando-lhe apenas uma saudável recordação. Depois, Maria Emília aparecia-lhe por um aspecto que o encantava. Era inteligente, aliava a uma fina beleza plástica uma fina sagacidade mental, prometia-lhe sensações nunca experimentadas com o dom da sua graça feminina e com o dom

mais puro da sua graça espiritual. Romper imediatamente, seria de-certo uma acção honesta e concordante com a sua lealdade : — mas teria de sacrificar o gozo próprio, de abdicar do seu egoísmo de homem que já não estava em idade de sacrifícios sem que o azedume se lhe transfiltrasse na sensibilidade.

— Acabou-se ! Afrontarei os perigos que vierem . . .

E, para mais consolidar esta resolução corajosa no seu ânimo timorato, Henrique recordava os casados que também traíam publicamente e sem o menor resguardo as espôsas, não perdendo contudo a consideração do bairro em que viviam, a estima duma sociedade corrompida até à medula. Acudiam-lhe à memoria o Gorjão, sedutor profissional, o Vasques Menezes, que tinha uma tam linda mulher e que tôdas as noites adormecia no quente regaço duma espanhola que escondera entre as árvores duma quintarola próxima do Pôrto, o Pereira Negrão, proprietário, irmão de confrarias e freqüentador assíduo da missa do Carmo, aos domingos, que se babava de paixão senil nos seios brancos e redondos das amantes.

— Caramba ! Farei como os outros !

Era preciso notar — considerava Henrique — que êsses homens não procuravam as mulheres, severamente julgadas como ilícitas, movidos pelo sentimentó que o impelia a êle. Ah ! não ! No amor de Henrique, mais intelectual do que voluptuoso, havia nobreza e elevação. Ambicionava os prazeres supremos da intelligência e não os prazeres grosseiros da grosseira carne. O que determinava a

infidelidade daqueles que lembrava, para justificar-se, eram o ardor sensual, uma animalidade abjecta de organismos sanguíneos que rugem pela fêmea desvairadamente.

Saiu do palácio, foi ao escritório onde esteve consultando alguns processos e quando, ao findar da tarde, entrou em casa, derreado de fadiga, com um enfado como nunca sentira, abraçou-se em Maria Clara, apertando-a contra si, beijando-a com devoção, quási com religiosidade.

— Mas que é isso ! Que tens tu, meu filho ? — perguntava ela, na estranheza que lhe causava todo aquele transbordamento de amor.

— Tenho que te adoro. Não o sabias ?

— Não ! — acudiu ela, sorridente.

— E tantas vezes to tenho dito !... Que memória !...

Como acabava de traí-la, Henrique, por um singular sentimento de piedade, julgava-se na obrigação moral de compensá-la pela ternura. E era sincero nesse instantê.

— Coitada ! És tam boa, filha !... — disse-lhe.

— Se te quero tanto ! — exclamou ela resplandecente e feliz,

IV

Nesse dia, logo ao entrar no escritório pelas dez horas da manhã, Henrique recebeu carta de Salgueiro, dando-lhe uma nova considerável. Tinha chegado na véspera, ao Pôrto, o Damasceno, o Gonçalo Damasceno, que de tam meigo trovar encherá sentimentalmente o quinto ano de Direito, na Universidade de Coímbra — e que no acto final ficára escandalosamente reprovado, de-certo por se entregar mais à conversa com as Musas do que ao estudo fastidioso dos compêndios. Indignado contra aquella reprovação que tam clamorosamente irritou o curso, Gonçalo teve uma perrice de criança amimada, arranjou as malas a tôda a pressa, correu à estação, comprou bilhete e partiu: mas, antes de subir para a carruagem de primeira classe que o levava para longe do Choupal, do Penedo da Saü-

dade, dos verdes campos do Mondego, da vida universitária, bateu fortemente com as solas das botas nas pedras da *gare* — para que de Coímbra nem sequer a poeira se lhe agarrasse ao calçado — vociferou contra os lentes, incapazes de compreenderem a aspiração das almas para a beleza e gritou aos camaradas que dêle foram despedir-se :

— Nunca mais cá volto ! Nunca mais ! Irra, que estou até ao pescoço !

Foi em vão que os condiscípulos tentaram mostrar-lhe o que, naquele amuo, havia de infantil, de inconsiderado. Disseram-lhe que era loucura inutilizar assim uma carreira, que devia voltar a repetir o quinto ano, podendo até vingar-se esplêndidamente, alcançando, com pouco trabalho, uma classificação ; empregaram, primeiro, tôdas as formas razoáveis e convincentes da persuasão e, depois, foram até às súplicas.

— Não, caramba ! É inútil ! Estou decidido. Tenho pensado muito. Isto não é uma resolução tomada no ar — barafustava Gonçalo, à janela do compartimento.

— Fazes mal ! Olha que fazes mal !

— De que me serve a mim ser bacharel, não me dizem ? Não tencionava advogar, seguir a magistratura, envolver-me na política. A carta da minha formatura, que aqui me entregassem, só tinha a utilidade de contentar meu pai, a quem se meteu na cabeça ter um João das Regras em casa. Mas os lentes não quizeram e eu também não quero. Sacrificar-lhes mais um ano de mocidade ? Não, que horror !

E, como o combóio se demorasse excepcional-

mente, nessa dorida tarde de despedida, Gonçalo impacientou-se, bradou contra o chefe da estação, contra a Companhia, contra uma aborrecida morosidade que era o traço mais característico da raça — segundo êle dizia, puxando com fúria para a testa o boné de viagem.

Gonçalo descendia duma família fidalga da Beira-Alta, era rico, sadio, moreno, forte. A distinção das suas maneiras cultas, a nobreza da sua figura, a correcção do seu vestuário, impressionavam as mulheres com quem convivia pelos salões. Tam venturoso era nos seus devaneios, que os camaradas lhe chamavam «o Doutor Apollo», de-certo por êle aliar às preocupações do Direito as preocupações do amor. Certa manhã, no Choupal, em seguida a uma alvorada bucólica pelas veigas onde tinham ido para se retemperar duma agitada noite com ceia ruidosa e vinho abundante e para assistir ao nascer do sol, os companheiros puseram-lhe mesmo na cabeça uma corôa de louros, festejando assim o êxito do seu livro de versos, *Auroras de ouro* e, ainda atordoados pela embriaguez, exclamaram :

— Apollo, agora anda connosco ao Monte Ida. Queremos que nos apresentes às Musas.

Apollo, porém, esfregando os olhos e sacudindo a corôa com impaciência, berrou que tinha fome e que tinha sono : — e a visita ao Monte Ida foi lamentavelmente adiada . . . Todos êstes episódios se lembraram com tristeza, na hora desconsoladora em que Gonçalo, interrompendo o curso e esquecendo momentâneamente a lira, se curvava à janela da carruagem do combóio, perguntando :

— Então, isto vai ou não vai, com todos os diabos ?

A máquina, por fim, silvou ; atiraram-se portas com estrondo, desdobraram-se lenços brancos para os elegíacos acenos do adeus.

— Meninos, até mais ver — disse Gonçalo. É quási certo que não serei bacharel. Consegui deter-me à beira do abismo. Em todo o caso, se mudar de tenção, irei bacharelar-me a Paris, à Sorbonne, às cervejarias do Bairro Latino. De Coímbra, não respirarei mais nem os ares nem a sciência dos lentes, por hygiene.

O combóio largou, vagorosamente a princípio, sumiu-se, entre rolos de densa fumarada, nas curvas da linha férrea, o quinto ano de Direito debandou. Henrique deixou Coímbra, casou, começou a envelhecer e nunca mais tornou a ouvir falar de Gonçalo Damasceno, do seu lirismo, da sua reprovação, das suas turbulências amorosas. Havia muito tempo que êsse incidente se apagára na sua memória, como em terra mole se apaga, sob a chuva, um sulco menos fundo. Eis que, porém, o jovial Salgueiro vinha despertar-lhe a lembrança adormecida do passado, com uma carta inesperada ! O « Doutor Apolo » encontrava-se de passagem no Pôrto, tinha, com efeito, freqüentado a Sorbonne, vivera romanticamente com Mimi Pinson numa trapeira do *Boul Mich'* — porque o pai fôra intransigente e não dispensára um João das Regras dando lustre à sua prole — e agora ia casar, aos trinta e oito anos, com uma doce Júlia, ainda sua remota prima, que às vantagens veneráveis da formosura mesclava as vantagens mais positivas dum bom dote.

Apelando para o dever entre todos sagrado da camaradagem, Salgueiro ordenava-lhe que comparecesse pontualmente a um jantar pantagruélico, servido na Ponte de Pedra, com guitarras e outros aperitivos . . . « Êste jantar será o último que o pobre Gonçalo nos comerá solteiro e, portanto, em estado de graça ! — concluía Salgueiro. E a caridade ordena-nos que sejamos generosos com os homens que vão morrer, como os antigos mártires. De resto, terás boa companhia. Vão o Silveira, o Tito Nunes, o gordo Novais, o lânguido Melício — irá tôda a rapaziada do nosso curso, que murcha nos tribunais « tripeiros », pedir ao Doutor Apolo que tenha, para encarar a tortura nupcial, uma coragem que não teve para viver e para repetir o acto em que ficou reprovado e que tredamente decidiu do seu destino. Se tua espôsa chorar pelo facto de hoje ter de jantar só, enxuga-lhe as lágrimas com dois beijos e não desfaleças. Abaixo a tirania feminina — e até logo, aos delírios do *champagne* e aos idílios da sobre-mesa. »

— Pois, não me desagrada êste desenjoativo !
— exclamou Henrique.

Que saborosos instantes lhe prometia desde já a vivacidade de Salgueiro, com a sua flamejante ironia e a ponta cortante do seu cinismo ! E com que fino contentamento de alma evocaria os dias findos da sua mocidade, na presença de figuras amáveis que lhe dariam um ar de realidade mais humana ! Interessava-o, especialmente, Gonçalo Damasceno, com quem vivera em intimidade numa tumultuosa « República » da Alta, em Coímbra, e que, a-pesar-de lírico, era jovial, verboso e possuía um inesgotável

reportório de anedotas. O que Henrique se rira, nas noites em que ambos, à volta dum candieiro de latão dardejando a mortíça chama do azeite, conversavam, com os compêndios fechados sôbre a mesa ! Reconstituía, para seu deleite, certos detalhes inolvidáveis. Uma vez, comovidos com a notícia do suicídio duma costureira que se afogára no Mondego, cansada da existência e de enganosos amores, falaram da desgraçada sorte das criaturas para quem o mundo era hostil. Gonçalo, no seu terceiro ano de Direito, amára a desditosa rapariga morta dramaticamente, que se chamava Eugénia e que tinha uns olhos azúis, perscrutadores, absorventes de luz, iluminando-lhe a brancura do rosto ; e Henrique julgava que o silêncio do camarada velava uma dôr profunda.

— Na verdade, há seres que aparecem nas angústias terrestres só para sofrer — murmurára, finalmente, o poeta das *Auroras de ouro*.

— De-certo, de-certo !

— Se eu possuo irrefutáveis factos comprovativos da minha afirmação ! Imagina : Havia na minha casa um cão pequeno e felpudo de extraordinária dedicação. Ora, êste malfadado animal, que lambia com reconhecimento as mãos a tôda a minha família, viveu tranqüilo e com a tigela de caldo segura até ao instante em que a cozinheira se apaixonou por um trabalhador da localidade que, a horas mortas e saltando o muro da quinta, lhe ia *chanter fleurette*. Daí em diante, em vez de alimento, recebia pancada, porque era preciso que não lardasse à personagem principal daquela escandalosa paixão . . .

— Ó Gonçalo, mas que paralelismo pode existir entre essa história e a tragédia de hoje ? — atalhára Henrique.

— Espera ! . . . Deixa-me concluir. Tenho uma irmã que era doida pelo cão. Ameigava-o, brincava com êle pelo jardim, e tôda a sua mágoa era não trazê-lo ao colo constantemente. Minha irmã, porém, namorou-se dum moço das nossas relações, estúpido e sentimental que, com certeza, há-de fazê-la feliz. E como lhe falava da janela do quarto para a rua, quando em casa tudo dormia, era necessário que o cão não dêsse sinal de nada, não fôsse indiscreto com os seus latidos. Coitado ! Ladrando, julgava, no seu raciocínio canino, cumprir um dever, sem se lembrar de que, em muitos casos, o silêncio é de ouro. Daí, paulada bravia ! Primeiro, foi a cozinheira ; depois, foi minha adorável irmã, que o espancaram com uma fúria correspondente à intensidade da sua ternura. Aqui está o paralelismo : A sorte dêste ser infeliz era levar tapona — enquanto muitos outros cães adormeciam pelos regaços de sêda ! — quando os corações femininos de minha casa entravam na sua primavera amorosa. E queres que te diga ? Os brutos possuem uma consciência. A determinada altura da sua via-dolorosa, o animal arripiou carreira, o que me fez supor que dispunha de qualidades argutas de observação. Agora, sempre que vê uma mulher e um homem juntos, agita a cauda nervosamente — e não ladra !

Henrique rompeu numa sonora gargalhada, espalmando a mão sôbre o ombro de Gonçalo e bradando :

— Viva ! Viva ! . . . Sim, senhor ! Tem graça !

— Homem, tem mais do que graça. Tem beleza !

Conversaram ainda nessa noite sôbre outros casos que reclamavam o seu comentário : os projectos de vida artística de Gonçalo — que já na Academia era considerado como « uma esperança », pela inspiração dos seus poemas — o futuro que Henrique pretendia conquistar como advogado, criando-se uma situação ; a levandade dum condiscípulo, o António Liberato, que se casára com a filha dum empregado subalterno do Govêrno civil e que vivia com a mulher em casa do sogro, já pai dum gordo pequerrucho com as pernas em rôscas de carne e um riso inocente na bôca sem dentes ; o aborrecimento daquela existência de estudantes, que os conservava jungidos aos livros de Direito, quando as suas almas exigiam liberdade absoluta ; mas, continuamente, Henrique, acometido por um ataque de hilaridade, cortava o fio das lucubrações, exclamando :

— Estou a lembrar-me do cão, Gonçalo ! ... Então, quando a tua cozinheira queria namorar em sossêgo, pancada ; e quando tua irmã se apaixonou, pancada também ...

— Sim ! E de criar bicho, homem ...

— E êle, por fim, mudando de rumo, deixando de ladrar aos amores nocturnos ... Uma inteligência !

— Um génio ! — concluía Gonçalo, esboçando, riscando com a ponta do dedo um largo gesto no ar.

Enquanto morosamente trabalhava, nessa manhã, despertando as suas lembranças, Henrique

ia sentindo a saúde do claro tempo extinto que nunca mais voltaria. Como as ilusões, flores quiméricas abertas no seu idealismo, tinham caído uma a uma ! E como seria grato revivê-las ao menos por um minuto ! Tal ressurreição derramaria bondade e encanto no seu espírito. Ah ! certamente que não faltaria ao jantar, na Ponte de Pedra, com guitarras e fados, e o Gonçalo Damasceno narrando as suas vagabundagens de Paris e desenterrando reminiscências das suas vadiagens em Coímbra. Estes encontros, à mesa do festim, com antigos camaradas que a vida dispersou, são suaves para o sentimento. Para êle teriam até um outro enlêvo, porque vacillava, irresoluto e desconsolado, entre dois problemas que o traziam em alvoroço permanente : — as obrigações morais da sua existência de homem casado e a sedução imperiosa dum amor nascente e irresistível. A imagem de Maria Emília perseguia-o incessantemente na rua, em casa, no leito, durante o sono. Se acordava por alta noite, via-a nitidamente diante de si, como uma aparição transcendente envolta num disco lunar, curvando-se-lhe sôbre a fronte para velar-lhe os sonhos ágeis. As responsabilidades desta traição para com a espôsa, que pacificamente, sem desconfiança e sem *cauchemars*, dormia ao seu lado, entre alvas rendas frágeis como rosas de espuma, amarguravam-no. E Gonçalo ia fazer alguma quietação à roda de tanto desespero, ia-o distraír, restituindo-lhe a tranqüilidade perdida, reintegrando-o por momentos na pacificação doutro.

Lá compareceria, inevitavelmente, bebendo, comendo e palrando. Para estar, mesmo, melhor

disposto, decidiu almoçar ligeiramente num restaurante, mandando, pelo moço do escritório, uma carta a Maria Clara dizendo-lhe que afazeres urgentes e inadiáveis lhe vedavam, nesse dia, o gôsto de almoçar e jantar com ela . . . « Depois te explicarei tudo. Trata-se dum cliente de quem advogo uma acção judicial importante e tenho coisas a combinar, minudências a saber, um acervo de assuntos que te não interessam e que a mim me renderão uma grossa mão-cheia de dinheiro. Sobretudo — terminava Henrique — deita-te, não me esperes, porque naturalmente regressarei tarde a casa e não quero que a minha filha se sacrifique. »

Pobre, ingénua espôsa ! A cegueira, a confiança com que ela aceitaria os seus ardilosos subterfúgios sem que procurasse verificar-lhes a exactidão ! Mais uma mentira — pensava Henrique, arrependido. Mas a sua vida futura, desde que tam irreflectidamente correrá para Maria Emília, seria tôda tecida de mentiras. Ficaria existindo uma duplicidade no seu carácter. Conservando na bôca o perfume dos beijos duma outra mulher, havia de dizer a Maria Clara que só a amava a ela ; trazendo o coração transbordante dum outro sentimento, afirmar-lhe-ia que êsse coração apenas por ela pulsava. E as suas mãos, ainda quentes do calor de outra pele, acariciariam o corpo do ser feminino que castamente se entregára à sua ternura ! . . .

Do restaurante, onde abancára diante dum *beef*, de ovos estrelados e dum copo de cerveja, enviou um bilhete a Salgueiro. « Serei gostosamente convôsko — escreveu Henrique. Estou com curiosidade de ver de novo êsse *cochon* do Damasceno.

Até logo.» E pelas seis horas da tarde, no *coupé* do «Brezunda», cocheiro do seu conhecimento que um dia defendera no tribunal por haver esfaqueado um colega, numa rixa, bateu alegremente para a Ponte de Pedra, com a charuteira atulhada de charutos e um cravo branco na lapéla do casaco.

Pelo caminho, sentindo o rodar estrepitoso da carruagem e o estalar do chicote do «Brezunda», Henrique meditava mais uma vez na sua intriga com Maria Emília, que era apenas da véspera e que já o transformára num embusteiro. Remordido pelo remorso e pensando em Maria Clara, que naquele instante estaria jantando sòzinha — olhando tristemente um lugar vazio à mesa — chocada pela sua ausência, talvez com os lindos olhos marejados de lágrimas, Henrique monologava :

— Aí está ! As mulheres são, na verdade, aquilo que os homens querem que sejam. Enquanto eu vou para a estúrdia, para a pândega, Maria Clara curte, fechada em casa, a sua mágoa. Seria lícito que eu me revoltasse ao saber amanhã que ela procurou, para o seu jantar, uma companhia amável ? . . .

Mas o «Brezunda» fez estacar, de repente, os cavalos, o carro deu um solavanco, vozes conhecidas, mirando-o através da vidraça corrida, aclamaram-no e todos os seus pezares em breve se dissipavam. Abriu a portinhola do *coupé*, saltou ágilmente e logo caíu nuns braços que o estreitaram.

— Ó bandido ! Estás mais gentil ! — murmurou Gonçalo.

— E tu mais gordo e mais reles, meu patife — retorquiu Henrique.

Ficaram em frente um do outro, contemplando-se com as caras iluminadas de riso.

— Então, essa saúde, essa advocacia, essa exuberância ! — perguntou Gonçalo. Como vão ?

— Vive se, homem !

— E casado, hein ?

— Casado, sim senhor !

— Um monstro de felicidade conjugal — atalhou Salgueiro.

— Mas, santo nome de Maria ! Quando te fomos levar ao comboio, naquela dolorosa tarde de Coímbra, eras esguio, quási imberbe. E agora ... Que mudado estás !

— Foi dos ares de Paris — atalhou Melício.

— Grande coisa, a civilização ! — afirmou No vais.

— Filhos, filhos, haverá tempo de sobra para as expansões. Neste momento, nada de palavras supérfluas. Espera-nos uma deliciosa canja, dentro dêste casarão, à beira de pinheirais. Subi, enquanto eu vou à cozinha dar umas ordens. É um momento.

Anoutezia. No alto, o céu começava a picar-se da scintilação das estrêlas e a sombra, ainda trespasgada pela claridade expirante, desprendia-se como uma ténue gaza dos ramos das árvores, flutuava na aragem, descia sôbre os campos. Ao longe, escondido na folhagem, um melro assobiava a sua canção idílica de despedida à luz. Ondeava um errante murmúrio de água corrente, refrescando o ar. A atmosfera tornava-se leve, acariciadora, perfumada, carregando-se da emanção das resinas e das exalações das seivas.

— Sítio maravilhoso para um ágape com amigos ! — lembrou Tito Nunes.

— E com amigas, caramba ! — gritou logo Melício, chupando a ponta do cigarro.

— Andaram por aqui perto os frades, que tinham a noção da natureza — bradou Novais. Foram êles, de-certo, que deram a poesia a êstes divinos e pacíficos logares.

Lentamente, entraram, um a um, na estalagem, onde as luzes se acendiam, irradiando um fulgor de ouro. Logo no limiar da porta, ouviram o harpejar de guitarras.

— Olá, temos orquestra ! — berrou Tito Nunes. E música da boa, da de inspiração e sentimento . . . Que nada existe para o sentimento como um fadinho bem tocado, bem gemido nas cordas.

— Foi lembrança do Salgueiro, que é um artista — saudou Melício.

— Para mim, não há Beethoven, nem Mozart, nem Schumann, nem Wagner : — há o fado ! — afirmou Tito Nunes.

Todos concordaram, mesmo Gonçalves, que vinha de Paris, com excepção de Henrique, que protestou :

— Eu não sou da mesma opinião. O fado sugere-me a viela, com desgraçadas às portas, a taberna, a bebedeira, a sardinha frita com salada de alface, tôda a torpeza, tôda a sujidade.

— Ó bárbaro ! É a alma da raça, a expressão mais pura do lirismo nacional ! . . .

— É uma crónica policial, com facadas, violações e misérias . . .

— Tens o gôsto estragado . . .

— À canja, que já fumega nos pratos ! — intimou Salgueiro, entrando e conduzindo os compa-

nheiros à sala do jantar, depois de terem pousado as bengalas a um canto e dependurado os chapéus nos cabides.

Então, nas guitarras tocadas por fadistas, para que tudo fôsse bem português e bem típico, rompeu, muito trinado e soluçado, o *Choradinho*.

Sentaram-se, desdobraram os guardanapos que prenderam nos coletes e, encetando a canja rescedente e loura, em que nadavam brancos bagos de arroz, emudeceram. Durante momentos reinou o sossêgo que já Balzac denominava de «solene silêncio da sôpa».

— Pois senhores — interrompeu o pesado Novais, limpando a bôca gordurosa ao guardanapo — estava de apetite !

— Não há, para estas coisas que consolam a alma, senão as cozinheiras de Portugal ! — concordou Melício, patriôticamente.

— Mas, se a memória não me trói, Salgueiro, na sua carta de convite, falou-me de guitarras e de mulheres. Guitarras há, com efeito, e exímias : mas as mulheres ? Onde estão, que quero amá-las ? — inquiriu o Silveira.

— Fui eu que me opus a que viessem ! — informou Gonçalo. Em Portugal pode haver uma canja celeste, como a que acabamos de comer ; mas, para mulheres, Paris. Aqui só existem fêmeas — e é preciso não confundir.

— Então, em Paris, mulheres magníficas, hein ? — perguntou Salgueiro.

— Maravilhosas ! — insistiu Gonçalo. De resto, temos de guardar as conveniências. Estão entre

nós homens casados, eu mesmo não tardarei a entrar no rol da gente séria . . .

As guitarras tocavam agora o fado do conde de Vimioso — e começava a servir-se o peixe. Insensivelmente, as conversas derivaram para o casamento de Gonçalo, que era a palpitante novidade daquela festa.

— Sempre te decidiste . . . — atalhou Henrique.

— Sempre me decidi. Tinha de ser ! . . . Sinto-me gasto, vazio de affectos, inútil, e quero ver se encontro uma utilidade na vida.

— Aos trinta e oito anos, já é preciso ter coragem — contrariou Salgueiro.

— Ou ter inconsciência — acrescentou Novais.

— E porquê, fazem favor de me dizer ? Julgam-me incapaz de emoções superiores e honestas ?

— Eu entendo que o Gonçalo faz bem. Os trinta e oito anos são a idade da experiência e da serenidade para todo o homem que queira formar à sua volta um repousado cantinho de felicidade — alvitrou Silveira. Os nossos antigos fidalgos só casavam quando os primeiros cabelos brancos lhes apareciam, e eram maridos exemplares.

— Uns egoístas ! — afirmou Salgueiro. Enquanto dispunham de virilidade, de energia, de mocidade, de saúde, gozavam a existência e eram inconstantes nos amores. Depois, vinham o reumatismo, a gota nos joanetes, a bronquite, o catarral, as impertinências, as rabujices, e era a ocasião de atarem a esta invalidez alguma adolescência feminina apetecida !

— Por isso essas adolescências tantas vezes reagiram ! — disse Tito Nunes.

— E com razão. Quem há aqui que atire a primeira pedra às culpadas ? — perguntou Novais.

— Não serei eu, Divino Mestre ! — atalhou Tito. Não é verdade que o nosso Novais plagiou agora Jesus Cristo interpondo-se entre a turba e Madalena arrependida ?

Riram com satisfação. Gonçalo, pousando o copo que esvaziára dum trago, asseverou que o Tito tinha « pilhéria ».

— Ó menino — exclamou Henrique para Damasceno — mas que fantasia foi essa, como principiou o idílio ?

— Nunca se sabe como estas coisas principiam . . .

— Nem como acabam ! — interrompeu, brèjeiramente, Melício.

Gonçalo mirou-o de revés e continuou :

— Voltei de Paris e encontrei em minha casa, esperando-me junto de minhas irmãs e de minha mãe (porque meu pai, coitado, morreu desastrosamente de couce dum cavalo, durante a minha estada na famosa Lutécia) uma criaturinha encantadora, ainda nossa parente. Ela olhou-me, eu olhei-a . . .

— E não tornaram a olhar-se mais em todo o dia . . . Isso vem no Dante, com uma ligeira diferença — comentou Salgueiro.

— O que mais me encantou em Júlia — ela chama-se Júlia — foi a modéstia . . . — continuou Gonçalo.

— Modéstia ? Que diabo entendes tu por modéstia, ó filho ? — acudiu Henrique. Não há mulheres modestas. Essa virtude feminina é uma su-

perstição dos nossos sentidos. Convem que não faças juízos errados em questões amorosas, que não idealizes criaturas que, para serem angélicas, apenas lhes faltam asas nos ombros. Assim, evitam-se decepções terríveis.

— Caramba ! Falas com um calor ! . . .

— É um moralista que chegou à verdade pelo método experimental . . . — disse Salgueiro, intencionalmente.

O assado foi trazido para a mesa em largas travessas enfeitadas com verduras e plantas aromáticas. Desenvolveram-se, com estampido, as garrafas de *champagne* e o vinho louro, diáfano, transparente, espumou nas taças de cristal.

— Gonçalo — brindou Salgueiro — levaste quinze anos a fazer a viagem de Coímbra à Sorbonne, para a descoberta duma carta de bacharel. Provaste que és compatriota de Vasco da Gama, que também descobriu o caminho marítimo para as Índias. Eu te saúdo ! A tua Índia é Júlia. Bebo à felicidade de ambos, bebo à futura prole, posto que sempre te tenha reconhecido como pouco propenso para trazeres filhos ao peito . . .

— À tua, Gonçalo ! — berraram todos, enquanto as guitarras tocavam a valsa da *Viúva Alegre*.

Outros brindes efusivos se trocaram, no meio da algazarra. Evocaram-se os anos de Coímbra, as ceias nas tascas, os namoros pelas ruas sombrias, ao ascender da lua, as arruaças políticas, a caça aos caloiros, lapidaram-se os lentes.

— Vocês ainda se recordam do Lobato, de direito romano ? — perguntou Gonçalo.

— Ora, se recordamos !

— Tinha uma amante no Largo de Feira e ia todos os dias à missa, naturalmente para se desculpar, com o céu, daquele seu feio pecado carnal. Dêsse-me vinguei eu.

— E como te vingaste ?

— Amando-lhe a pequena, que era encantadora e que tinha o nome romântico de Elisa. Quando êle saía, recatadamente, por volta das onze, entrava cá o rapaz, embuçado na capa — e então, imaginem o que seria. Lá em direito romano, o Lobato ultrapassava-me ; mas no resto, filhos, eu vos juro que não.

Ao café e ao *cognac* estavam todos tocados, com as faces muito còradas, os olhos mortifcos. Agarrado ao Tito, o Melício confessava-lhe, chorando, a sua ternura, ao passo que Novais descompunha o Silveira por uma fútil questão de baldios, que suscitára a controvérsia. Henrique, sorumbático, fumava tranqüilamente, com a cara encostada à mão. As guitarras tinham deixado de suspirar, para que os guitarristas, fatigados e famintos, jantassem também. Salgueiro falava ao ouvido de Gonçalo.

— Pois, rapazes, passou-se um esplêndido bocado de noite — murmurou, por fim, Henrique.

Ergueu-se, consultou o relógio e atarantadamente bradou :

— Ó diabo, que é tam tarde !

— Que horas são ?

— Onze e meia. Chamem-me aí o «Brezunda», e digam-lhe que aparelhe os cavalos ! — ordenou êle aos criados.

— Retiras ? — inquiriu Gonçalo.

— Retiro. Tenho a mulher só em casa...

Adeus ! . . . Ainda nos tornaremos a ver antes de saíres do Pôrto. Quando partes ?

— Dentro de três dias.

— Pois, então irei dar-te o abraço da despedida. E agora ao dever. Vocês ficam, não é assim ?

— Até de manhã ! — intimou Salgueiro.

— *Buona sera*, Tibérios.

— Não te percas pelo caminho, S. Francisco de Assis ! . . .

O « Brezunda » gritou, de baixo, que o carro estava pronto e que o gado não podia permanecer ao relento, porque se constipava ; apressadamente, Henrique desceu, para que a saúde dos cavalos não perigasse, e saltou para o *coupé*.

— Larga !

Na noite serena e clara, não se ouvia o menor rumor. Pesado da comida, excitado pelo tabaco e pelo alcool, Henrique encolhera-se a um canto e cerrara as pálpebras. Coordenando as suas impressões, nessa meia sonolência — que dá aos cérebros uma lucidez especial — sentia subir do fundo da alma um desgosto muito íntimo que o indispunha com a vida e com todos os seus fardos. Nunca, até êsse instante, se sentira tam só, tam afastado de interêsses espirituais e materiais. Uma dôr secreta, um inexprimível cansaço, conturbavam-lhe a felicidade. Para viver a vida salubre, enérgica, poderosa, precisava de renovar-se, de refazer uma frescura de espírito e de emoção que nêle despertassem um outro ser talvez adormecido. Mas como ? Por que processos ? Concentrava-se mais, e imaginava, antecipadamente, a scena que em casa o esperaria. Era aquela a primeira vez, depois de casado, que

deixava de jantar com a espôsa e em que se demorava por fóra até altas horas. Maria Clara estranharia, sem dúvida, esta longa ausência, porque êle mesmo a estranhava. Doía-lhe qualquer coisa dentro do peito, invadia-o um extraordinário mal estar, a sua mentira aparecia-lhe agora mais monstruosa. Se Maria Clara o interrogasse, com uma expressão dorida no rosto e os olhos molhados de lágrimas, mudamente, como havia de tranquilizar-lhe as suspeitas ? Confiava, com efeito, na sua restrita inteligência, no amor que ela lhe consagrava e que a impediria de criar situações complicadas. Mas por isso mesmo, mais penosa lhe era a má fé com que a enganava.

Por uma especial associação de idéas e de sentimentos, a recordação de Maria Emília surgiu imperiosamente nos raciocínios de Henrique, dominando-o.

— Esta tortura que me não concede tréguas !
— rosnou entre dentes.

Pretendeu insurgir-se, quis repelir uma teimosa imagem que se apoderára de tôda a sua substância material e moral, mas constantemente ela se lhe impunha ao pensamento e à emoção : e, enquanto o *coupé* rodava, com estridor, já nas ruas da cidade, vencido, não fez mais esforços para subtraír-se-lhe. Aquele amor era mais forte do que êle, subjugava-o, transformá-lo-ia num santo ou num criminoso. Pelo menos, assim o julgava, na febre da sua paixão alvorescente e insatisfeita.

No dia seguinte, teria uma nova entrevista com Maria Emília. Ela contar-lhe-ia, de-certo, a sua história, ruborizando-se e envolvendo-o num

olhar suplicante. Idealizava-a. Como Maria Emília lhe aparecia linda, resplandecente duma beleza feita para governar docemente as vontades masculinas! . . .

— Pronto, meu patrão! Chegámos — berrou da boleia o «Brezunda».

Henrique saiu do *coupé*, pagou generosamente ao cocheiro, que tirou o chapéu sebento, agradecendo, e, sacando do bôlso das calças um mólho de chaves prêsas por uma corrente niquelada, abriu a porta e entrou. O «Brezunda» abalára velozmente. Para não fazer barulho, Henrique riscou cautelosamente um fósforo e, na ponta dos pés, começou a subir a escada; mas uma claridade que o surpreendeu veio do alto. Maria Clara, com uma palmatória de prata na mão, apoiando o braço à parede, esperava-o, embrulhada num chale de lã, tôda arripiada de frio.

— Que loucura é essa, filha? Então eu não te disse! . . . — balbuciou Henrique, galgando os degraus alcatifados.

Maria Clara, com um riso triste nos lábios, não murmurava palavra.

— Ora, que nunca hás-de obedecer-me em nada! — exclamou, já perto dela. Eu tinha-te prevenido que viria tarde . . .

— Para que havia de deitar-me? — respondeu Maria Clara, espaçando as palavras. Não poderia dormir . . .

— E as criadas?

— Estão recolhidas! . . . Não podiam ficar de vigília tôda a santa noite.

— Sim senhor, bonito! As damas que me ser-

vem, e a quem eu pago para isso, ressonando ; e a ama, a pé, de castiçal !

— Ainda me não déste um beijo ! — atalhou ela.

— Desculpa ! Mas tudo isto me transtorna . . .

— gaguejou Henrique.

E abraçando-a, beijando-a na bôca, acariciando-lhe as tranças sôltas :

— Como passou por cá o meu amor sem mim ? Bem, não é verdade ?

Foram caminhando para o quarto. O silêncio era absoluto. Por uma frincha da janela filtrava-se uma réstea branca de luar.

— Mas, como passou a minha filha ? . . . Aquele importuno cliente ! . . .

— Maçou-te muito ?

— Massacrrou-me ! Venho derreado. Tem pena de mim . . .

Sentaram-se por momentos numa conversadeira. Maria Clara pousou-lhe a cabeça no ombro.

— Oh ! Henrique . . . É a primeira vez. Não calculas o dia que hoje passei ! . . .

— Que queres, menina ? Eu já te disse, já te expliquei . . .

— Não te recrimino. Mas escuta : — não tornes a deixar-me só, que eu morro !

Os brandos queixumes da espôsa, em vez de o apaziguarem, irritavam-no. Recaíu na sua mudez, ruminando episódios, sensações, impressões fugidias. As idéas baralhavam-se, confundiam-se-lhe no cérebro.

— Mas tu não falas, não me ouves e não fazes uma promessa que me tranqüilize . . . Já não és meu amigo !

— E em que hei-de falar, a estas horas, cheio de sono ?

Magoada, Maria Clara ergueu-se, fitou-o demoradamente, com as lágrimas tremendo nas pálpebras.

— Tens alguma coisa contra mim, Henrique ? — exclamou.

— Porque fazes essa pergunta ?

— É que te desconheço, nos últimos tempos. Perdeste a alegria, o calor, o entusiasmo com que outrora me confessavas o teu amor. Agora, calas-te. Pensas, pensas continuamente. Em quê ? Se na verdade tens alguma coisa contra mim, então dizemo, antes que eu sofra mais . . .

Henrique olhava-a com um olhar vago, muito sério, muito grave, e manteve-se silencioso.

— Tens alguma coisa contra mim ? — insistia Maria Clara. Declara-o, com a franqueza do costume.

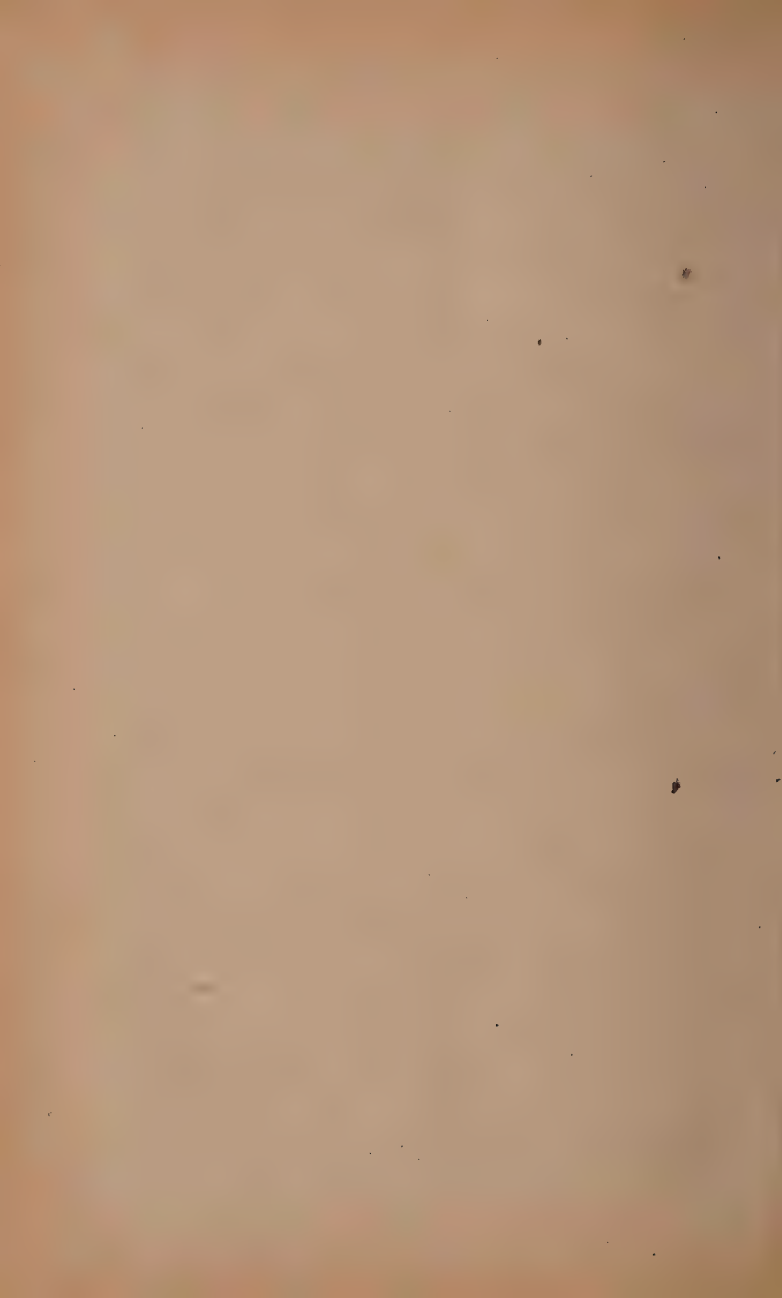
— Alguma coisa contra ti ? . . . Que idéa ! Que tolice ! . . . Eu não te acuso. De resto, se alguma coisa tivesse, a culpada não eras tu, que és tam boa, mas a vida, que é tam má . . . A culpada seria a minha aspiração insaciável.

Levantou-se, abraçou-a novamente, sem que Maria Clara fizesse um movimento. Ela parecia não o ter compreendido bem ; mas, no seu espirito ficava uma dúvida.

— Vamos deitar-nos ! — disse Henrique.

— Vamos — concordou ela maquinalmente.

E, nessa hora, ambos suspeitavam, movidos por emoções opostas, que algum sentimento fundamental adoecia nas suas almas.



V

A nova existência sentimental de Henrique principiava a simplificar-se, a esclarecer-se nas suas obscuridades, a serenar dentro da própria anormalidade. Tudo o que nele havia, dias antes, de incerteza, de timidez, de receio, desaparecera finalmente. A constância da sua ternura por Maria Emília habituou-o a amá-la sem que essa adoração lhe parecesse condenável. Pelo contrário, agora podia já raciocinar friamente e aceitava-a como espontânea e natural. Depois de intensas horas de terror e de perturbação, vieram os momentos de lucidez. À sua volta, a vida desenrolava-se sem que elle lhe apercebesse os sobressaltos e as insofridas agitações. A imaginação, que em Henrique era inesgotável, fatigou-se, mas as suas aspirações sucederam-se umas às outras, docemente e sem esforço. O amor de Maria Emília,

tinha para êle, sempre ávido de emoções fortes, o encanto duma flor pura que desabrocha na fenda dum túmulo e o cobre totalmente de esplendor e de perfume. Parecia-lhe que nunca mais conseguiria ser feliz sem ela, porque a perda dessa mulher representaria a ausência dum bem sonhado, a solidude, o vazio. E nem sequer se lamentava de ter feito da sua vida amorosa um pecado e um crime — traíndo Maria Clara e esquecendo deveres sagrados, para ir ao encontro de Maria Emília.

Era presentemente um homem rico de sensibilidade interior. Em certos instantes, bastava pensar no suave ser que o trazia inquieto, para que nele levantasse vôo um vivo enxame de impressões brilhantes e maravilhosas. Dirigindo-se nessa luminosa tarde ao encontro combinado com Maria Emília, Henrique notava a sua tranqüilidade, comparando-a com a sobreexcitação da primeira entrevista que com ela tivera no Palácio de Cristal. Êste facto pareceu-lhe de bom agouro. Já não temia que o espiassem, não se voltava na rua, de repente, para ver se alguém lhe seguia os passos. O seu alvoroço aquietara-se e o remorso que tanto o pungira esvaíu-se como a sensação matinal dum sonho mau. Considerava mesmo que o seu acto não era repreensível e, estudando-se, não encontrava motivo que o fizesse incorrer no desagrado dos escrupulosos intransigentes...

Os amores, como os ideais, nascem incessantemente nas almas, que os ultrapassam quando êles lhes não saciam as sêdes, as fomes de felicidade. Por isso mesmo, tanto os amorosos como os idealistas procuram continuamente a definitiva expressão da sua ternura ou a definitiva beleza do seu idealis-

mo. Como poderia êle eximir-se ao jugo tirânico desta lei fatal, que submetia ao seu despotismo de ferro os consciences ? Seria lutar em vão — com a antecipada certeza da derrota !

Divagando assim, se por acaso se lembrava de Maria Clara, não a julgava uma vítima da sua falta de carácter, da nenhuma firmeza dos seus sentimentos, mas uma vítima do destino, que fizera imperfeitamente o coração da humanidade. Não lhe sacrificaria a satisfação dos menores prazeres, porque fôra iludido na alucinante febre carnal que para ela o impeliu e que tam rudemente o enganou. Apenas tentaria evitar-lhe um sofrimento mais fundo, dissimulando a paixão por Maria Emília na bondade, na piedade com que a trataria . . .

Ao entrar no Palácio, teve uma surpresa. Com efeito, nessa tarde, a segunda da sua iniciação, os jardins ordinariamente desertos estavam muito movimentados. Ranchos de crianças, tôdas de branco e com o cabelo em anéis caído pelas costas, chalravam como bandos de pássaros, saltando, correndo, jogando o arco e enchendo de alarido os arruamentos quási sempre solitários. Senhoras pachorrentas, vestidas de preto, conversavam, sentadas à sombra. Contrariado, Henrique tomou por outro caminho para o parque, onde Maria Emília o esperava já desta vez, no repouso dum sítio discreto e encoberto aos olhares curiosos. Aproximou-se rapidamente, cumprimentou, tirando o chapéu :

— Hoje, foi o senhor quem se demorou ! — disse ela, sorrindo.

— Chegou há muito tempo ? — perguntou Hen-

rique, apertando-lhe efusivamente a mão entre as suas.

— Não ! Há um quarto de hora . . . Porque ?

— Porque me doía tê-la feito esperar !

Sentou-se junto dela, comovido, murmurando :

— Pensou um pouco em mim ?

— Constantemente. Se não pensasse até mais do que queria, de-certo que não me encontrava aqui, a estas horas e com tanta gente . . .

— É verdade ! Muita gente. Temos de pensar noutro ponto para podermos falar em liberdade.

— Não deseja comprometer-se ?

— Não desejo comprometê-la a si . . .

Contemplando-a, ouvindo-lhe a voz de ouro, Henrique procurava nela, na sua graça, na sua formosura, o segrêdo da chama que lhe aqueceu o coração gelado, renovando-lhe emoções antigas, as suas confianças, tôdas as alegrias íntimas que outra vez o faziam viver. Maria Emília surgia aos seus olhos como perfeita, num grande fulgor de luz e cheia de enlêvo.

— Em que está meditando ? — inquiriu ela.

— No que medito continuamente . . . É em si, neste nosso amor, na ventura que me dá e que há-de dar-me sempre, não é assim ?

— Sempre ! . . .

Arrebatado, sem calcular o efeito das palavras, Henrique quis fazer uma experiência :

— E não se sente desditosa por isso ?

— Não ! Pelo contrário, sinto-me feliz em dar-lhe tudo . . .

— Tudo ?

— Tudo o que uma mulher pode oferecer a um

homem, sem ter de còraro na sua presença. Quere-me mal por isso ?

— Não quero . . .

Riscando nervosamente o chão com a ponteira da bengala, Henrique, depois duma ligeira pausa, acrescentou :

— Eu prometi-lhe que o meu amor seria leal e constante e estou já numa idade em que se não fazem promessas inconsideradas. Vai longe em mim o ardor das paixões impulsivas que nos não deixam reflectir. Tôdas as tempestades se acalmaram no meu espírito . . . Bem vê que lhe falo com franqueza.

— Obrigada ! — murmurou Maria Emília.

Na areia rangeram passos, rugiram fôlhas sêcas, e êstes inesperados ruídos acordaram-nos do seu êxtase.

— Vem alguém ! — disse Maria Emília, num grito abafado.

— Que importa ! — acudiu Henrique, fazendo esforços para conservar a sua serenidade também perturbada.

Olharam por entre os troncos das árvores, que ramalhavam ao vento, e tranqüilizaram-se. Eram dois namorados, como êles, em busca dum logar isolado para as suas confidências. A coincidência fê-los rir.

— Se déssemos uma volta ? — lembrou Henrique.

— Será melhor, porque não nos exporemos, tanto . . .

Foram descendo mais para o recolhimento do parque umbroso e sonoro que a penumbra, bai-

xando das ramarias, aveludava, parando um instante a seguir com o olhar os barcos que subiam o rio, talhando sulcos luminosos à flor da água, sob a reverberação do sol.

— Tenho tanto que lhe dizer ! — exclamou Maria Emília.

— Então, comece . . .

— Nem sei como . . . Sinto medo !

— De quê ?

— De que depois de saber a minha história, venha a amar-me menos.

— Que idéa ! Mas, tem então uma história ?

— Sim ! . . .

— Uma história ditosa ou de infortúnio ?

— De ambas as coisas . . .

Na suavidade da tarde, que brandamente esmorecia, as côres atenuavam-se, tornavam-se mais magras as formas. Uma placidez infinita descia do céu. Até êles chegava o límpido riso das crianças brincando, com a nitidez e o som dum cristal que perto se quebrasse. Passeando sempre, vagarosamente, por entre as folhagens que lhes afagavam os rostos e ficavam oscilando com lentidão, Maria Emília, còrando ligeiramente, confessou :

— Eu não sei que juízo o senhor formará de mim nem o que verdadeiramente sou para a sua alma. Mas, creio-o sincero e hei-de dizer-lhe tudo para que entre nós não haja equívocos.

El ofegante, levando repetidas vezes a mão ao peito para conter as pulsações desordenadas do coração, Maria Emília, na doçura, na poesia vespertina, foi contando o seu passado. Não era, certamente, uma dessas ingênuas criaturas saídas da

adolescência e turvadas pela aparição do homem que, pela primeira vez, lhes falasse de amor. Tinha vinte e seis anos, entrava na plena florescência feminina e pela vida fóra deixára outras ilusões, outras ternuras . . .

Henrique esboçou um gesto que podia confundir-se com um sentimento de ciúme, e Maria Emília, notando-o, acudiu :

— Aí está, vê ? Tinha razão para os meus receios.

— Mas não, mas não ! . . . — protestou êle.

— Para que nega ? De resto, eu não o culparei por isso. A condição humana é assim egoísta. Nunca se contenta com o que tem. Aspira continuamente a possuir mais. Somos imperfeitos.

Henrique concordou, achando argúcia e verdade nestas palavras e afirmando, para desculpar-se, que as mais fortes, as mais ardentes ambições, em amor, são sempre movidas por uma elevada emoção. Apertando-lhe ternamente o braço, acrescentou :

— O homem que não desejar só para si, inteiramente e sem reservas, a mulher que o cativou é porque não a ama intensamente.

— E se êsse homem tiver chegado muito tarde ? — perguntou Maria Emília, envolvendo-o num olhar de dúvida.

— Se tiver chegado muito tarde ? . . . Não entendendo.

— Eis o nosso caso . . . Porque eu sou viúva ! . . .

Era viúva ! Esta revelação súbita transtornou Henrique, que ficou um momento pasmado diante de Maria Emília, correndo a mão pela face. Vinha,

pois, do passado, com imagens mortas no coração, com visões empalidecendo na gracilidade dos olhos, evadira-se dramaticamente doutros braços que a tinham estreitado num transporte, trazia na bôca a saúde infindável doutros beijos — dêsses beijos delirantes que lhe haviam absorvido o perfume, a castidade, a inocência ! A figura idealizada por êle em nocturnas horas de vigília, era sem mácula, ascendia tam alto que tocava as estrêlas com a fronte — e esta pureza, esta santidade, mais excitavam o seu entusiasmo. Agora, porém, que decepção amarga ! Maria Emília vivia no seu isolamento amoroso com um cadáver que de-certo ainda tentava segurá-la com os dedos descarnados, que lhe pedia fidelidade para a sua memória com uma voz de sortilégio saído das sepulturas ermas.

— Sim. Eu sou viúva ! — insistiu Maria Emília, abalada por aquele silêncio que a impressionava.

Henrique mal a escutava, perdido em vagas abstracções . . . Mas então, a sua candura corpórea fôra profanada com uma grosseira mancha que já nenhuma água lavaria ! E, para seu maior tormento, reconstituía na imaginação os episódios do idílio de Maria Emília com o finado, a timidez e o rubor do primeiro beijo que ela lhe concedera, os balbuciamentos, as felicidades duma vida comum que só a morte interrompeu ! Maria Emília irritou-se com aquela mudez, queixou-se :

— Que amava então em mim ? Uma virgindade suposta que seria grata à sua vaidade ? O senhor não me conhecia, viu-me passar na rua, seguiu-me, escreveu-me, implorou-me que o escutasse. Não sabia quem eu era, ignorava se estava casada ou se

era solteira. Que sinceridade é essa e que fé devo eu ter no amor que me confessou ?

— Meu Deus ! — respondeu, por fim, Henrique. O que aí vai de recriminações, de mau génio ! Porventura eu já lhe dei motivos que justifiquem tantas suspeitas ?

— O seu silêncio . . .

— Escutava-a apenas ! Pensava no seu sofrimento, na dôr de tudo o que perdeu, na sua desolação ! E quer saber ? . . . Parece-me que a amo agora com maior sinceridade.

Fazendo-se mais pequenina, encolhendo-se contra Henrique como se nele quisesse encontrar um amparo seguro, murmurou com as lágrimas tremendo nas longas pálpebras :

— Jura-mo ?

— Juro ! — afirmou Henrique. Veja os meus olhos. As mulheres são subtis, adivinham nos olhos os mais secretos sentimentos. Êles mentem ? . . . Mentem ? . . .

Continuando o passeio interrompido por instantes, Maria Emília, reconciliada com Henrique e serenada nas suas hesitações, reencetou a narrativa da sua vida doutroa, disse a alarmante tristeza que sempre a torturava, por não ter podido ser feliz conforme o seu sonho. Nessa confissão, exacta e minuciosa como um severo exame de consciência, nada ocultava. Sentia uma espécie de volúpia em revelar os mais íntimos segredos, em mostrar-se tôda, moralmente, aos olhos que a fixavam com ternura, talvez para que Henrique ficasse conhecendo a fé, a intensidade, a vibração com que ela seria capaz de amá-lo.

Tinha casado aos dezoito anos, angélica, inexperienced, pura como uma flor solitária, com um homem que soubera interessá-la, adormecer-lhe os sentidos, embalá-la com promessas de que ainda experimentava a doçura. Fôra para o casamento cheia de aspirações, sem mais nada querer do mundo além daquele amor que era tôda a sua riqueza.

— E foi feliz ? — atalhou Henrique.

— Em parte ! — exclamou ela.

Esta afirmação dolorosa feriu novamente Henrique, quási o exasperou. Procurando, ao entardecer da existência, uma adoração que o absorvesse, que lhe ensinasse o caminho misterioso e florido da ventura, ambicionava encontrar uma mulher que não estivesse prêsa ao passado por saúdaes de alegrias findas ou prêsa ao futuro por esperanças vivazes. Desejava deparar uma criatura feminina que fôsse para êle cegamente, sem sentimentos mascarados; que à beleza corpórea juntasse a finura da inteligência, que lhe dêsse a conhecer, sem subterfúgios, tôdas as sensações e todos os pensamentos, que estabelecesse uma comunicação permanente entre a sua alma e a alma dêle, que o completasse, que entre ambos realizasse uma unidade de tal modo perfeita que as duas personalidades se fundissem numa só. E eis que Maria Emília vinha tornar impossível esta ânsia, falando-lhe com lágrimas dum amor que perdera e que ainda lhe fazia arfar o seio, avivando-lhe na emoção as divinas horas antigamente vividas com um fantasma que se sumira nos sombrios e glaciaes abismos da morte ! Afastava-se dêle, fugia-lhe, tornava-se-lhe inacessível — muito embora ela se lhe oferecesse passiva-

vamente, sem resistência. Outra vez ficava só, ruminando a amargura da sua solidude em que apenas voavam, na treva, as falenas do tédio que tinham grandes asas negras. Recaíndo numa angustiosa mudez, Henrique experimentava a impressão bizarra de que um espectro se entrepunha teimosamente entre êle e Maria Emília, duro e cruel como uma hostilidade invencível.

— Em que pensa ? Que tem ? — interrogou Maria Emília, intrigada por aquella attitude.

Henrique, sem responder, meditava que nunca poderia dizer a uma mulher assim, estranha ao seu idealismo, o sofrimento que o devorava, o mal secreto e íntimo que o roía. Ela tinha uma vida anterior, recordações amorosas que a cada momento se iluminavam de encanto : e perguntava a si próprio se êle mesmo, amando-a, não lhe ofertava a todo instante um motivo, um tema rico de comoções para que Maria Emília mais claramente relembrasse tudo o que fôra, tudo o que tivera na sua mão e que a fatalidade lhe arrebatára, não mergulhando a memória no crepúsculo do esquecimento. Sem que o soubesse — imaginava Henrique — estava sendo talvez cúmplice da traição de que, sinuosamente, era vítima.

— O senhor reflecte em excesso ! — disse Maria Emília, com um tom de bondade na voz. As minhas revelações causam-lhe dôr ?

— Para que hei-de negá-lo ? Causam ! . . .

— Ah ! então ! . . . — balbuciou ella.

— Mas, não se ofenda, por Deus ! Nesta dôr, a sua imagem ergue-se mais radiosa e atraente para o meu espírito . . .

Dizia estas palavras, mentindo, e era levado à mentira por fraqueza de carácter, por cobardia moral, com mêdo de que uma rebelião súbita lhe agitasse no fundo da alma os sedimentos obscuros que o despeito lá tinha depositado.

— Evidentemente — continuou Henrique — ser-me-ia muito mais grato tê-la encontrado sem que no seu coração houvesse ainda a imagem perdurável dum homem. Estaria mais perto da minha emoção, da minha espiritualidade, de tudo quanto em mim existe de superior pela graça do sentir e pelos dons da compreensão. Da sua simples presença subiria então para a minha alma o eflúvio dum encanto inédito, o perfume duma deliciosa felicidade nunca experimentada. Abandonar-me-ia ao seu amor completo, e êsse abandôno ser-me-ia ditoso. Assim, uma parte da sua pessoa há-de fugir-me continuamente, refugiando-se na doçura de dias longínquos que não consegue olvidar.

— Oh ! Henrique ! . . . — protestou Maria Emília.

— Não julgue, porém, que o seu passado apagará a minha adoração, já tam imperiosa e profunda . . . Creio mesmo que a comunhão entre nós virá a realizar-se.

Tinham chegado, sem darem por isso, ao extremo do parque, onde a solidão era absoluta e a sombra discreta. Dum bosque de camélias caíam as flores, como asas mortas, produzindo um rumor ligeiro sôbre as fôlhas ressequidas que alfombravam o chão. Para lá do muro, recoberto de éras e de musgos, que vedava o recinto do Palácio, avistavam-se jardins viçosos com grandes nódoas

de côr estrelando as verduras, hortas frescas, quintais sossegados. Nos altos ramos, as aves cantavam e um fino aroma errava na atmosfera serena.

— Quere que nos sentemos ? — perguntou Henrique.

— Pois sim ! — concordou Maria Emília, triste e sem vontade.

O céu empalidecia gradualmente. Para as bandas do poente, as tintas aviventavam-se mais no azul. As massas imóveis do arvoredado escureciam de momento para momento. Não bulia haste delgada, fôlha pendente : e o menor rumor, a distância, adquiria uma extraordinária vibração.

— Deve ser muito indulgente, para desculpar-me — murmurou Henrique. A verdade é que eu abuso da sua bondade, da sua simpatia. Estou aqui a fazer scenas de ciúmes, movido não sei por que loucura, e agora, que posso encarar mais serenamente as coisas, pergunto a mim mesmo com que direito assim procedo . . .

— Ciúmes de quê, de quem ? — inquiriu ela, batendo com o leque sôbre os joelhos.

— Ciúmes de tudo o que foi . . .

Olhou-a com fixidez ; e a nuvem que no espírito se lhe condensara, desvaneceu-se. Com efeito, Maria Emília, um pouco pezarosa, estava singularmente bela naquele instante. A palidez envolvia-a de melancolia. Na sua carnção havia uma brancura mate tocada por um ténue reflexo de ouro vélho. Acabrunhada, meditativa, ela parecia-lhe desalentada e sem esperança. Mas, aquela beleza cheia de sedução galvanizou-o : e, então, compreendeu, por uma inspiração inesperada, que não

conseguiria, para o futuro, separar-se dela, que a amava com uma paixão indestrutível, que lhe queria com uma volúpia em que se torciam, se espiralavam as serpentes do desejo — e ao mesmo tempo com castidade. Contemplava-a num arrôubo, notando quanto nela havia de perfeito: — a pureza das linhas da face, a finura da cabeça em que os cabelos dum negro quasi azul se enrolavam com toques de luz que a sombra do chapéu de palha de Itália, tendo duas rosas ao lado, tornava irregulares, a languidez dos olhos pretos e húmidos.

— Mas fale!... Eu melindrei-a com a minha franqueza? — exclamou Henrique.

No olhar de Maria Emília lampejou um vivo brilho.

— Não me melindrou, mas entristeceu-me.

Henrique tomou-lhe a mão que apertou suavemente, retendo-a na sua sem que ela fizesse o menor esforço para libertar-se da pressão.

— E porque? — perguntou êle.

— Eu quis contar-lhe tudo, para que mais tarde me não acusasse. Pensava que por esta forma seria digna de si, da sua confiança, lhe daria uma clara prova de lealdade. E enganei-me... Em todo o caso, não me arrependo. O que lhe peço, no entanto, é que pense... Ainda estamos a tempo de partir, cada um por caminhos opostos, para diversos destinos, sem uma grande, incurável mágoa. Para que havemos de insistir numa adoração que mais tarde nos fará sofrer? Pelo que disse da minha vida, já sabe que costumo dedicar-me inteiramente às pessoas e aos sonhos que me dão algum enlévo. **Tenha pena de mim!...**

As suas últimas palavras terminaram num grito de angústia que despertou a piedade em Henrique. Estreitou-lhe mais a mão que não deixára de acariciar, e murmurou :

— Tenho mais do que pena!... Tenho um forte, invencível amor. Ouça : — encontro-me numa hora de completa sinceridade. Não duvide de tudo quanto lhe digo e que é sublimado pelos mais puros sentimentos. Amo-a muito. Amei-a desde que a vi, pela primeira vez, na rua. Conservo tam fielmente na recordação as comoções dêsse momento inolvidável, que não me esqueceu o menor detalhe. Lembro-me de que trazia um vestido preto com applicações de rendas no peito, que o seu chapéu também preto tinha uma longa pluma branca e que era branca igualmente a sombrinha de sêda com que se abrigava do sol.

Maria Emília sorria, com o rosto animado por um fundo júbilo, exclamando :

— É verdade ! É verdade !

— Já vê... Como poderia eu afastar-me agora de si, se uma fôrça superior à minha energia me conduz para a sua ternura, segredando-me que encontrei nela tudo o que até hoje tenho procurado em vão ?

Aturdido, estendeu para Maria Emília os lábios ávidos de beijos ; e ela, sorrindo sempre, num sorriso que a inundava de luz, de alegria, de gôzo íntimo, deixava-se beijar nos olhos, na bôca, no rosto, sem protestar — como se o seu coração se sentisse aliviado do pêso dum contínuo sofrimento de muitos anos, como se quisesse iniciar-se no mistério profundo, ignoto, em que ia entrar. As lágrimas

tremeram-lhe nos olhos, e êste pranto surpreendeu Henrique que, tocando-lhe na face com as pontas dos dedos, perguntou :

— Porque chora ?

— Por isto tudo. Mas tranqüilize-se ! Êste choro não é de pesar. Não há nele acidez, amargor. Desoprime-me, faz-me bem . . . Deixe-me chorar . . .

Em volta dêles, havia um recolhimento religioso. O ar era leve e subtil e as coisas pareciam adormecer na derradeira claridade do sol que baixava cada vez mais, faülhando, ardendo nos telhados altos, pelas copas das árvores.

— Que horas são ? — inquiriu Maria Emília.

Henrique mostrou-lhe o relógio de ouro, que tirou do bôlso.

— Meu Deus ! Como é tarde ! . . .

Levantou-se, compôs o chapéu, enxugou os olhos ao lenço de rendas. Henrique, sentado, não a desfitava, reparando na harmonia indizível que se destacava do seu corpo, do menor dos seus gestos, do mais vago dos seus movimentos.

— Adeus ! — disse ela, estendendo-lhe a mão, magra e branca, denunciando nobrezas de raça, aristocracias de sangue.

— Espere ! É só mais um momento . . . Não podemos continuar a encontrar-nos aqui, neste indiscreto lugar, por onde podem passar pessoas conhecidas de nós ambos.

— Onde, então ?

— Não sei . . . Mas é melhor não freqüentarmos sempre o mesmo sítio . . . Um alvitre.

Combinaram um ponto da cidade mais isolado, onde falariam como simples conhecidos, natural-

mente, de maneira a não atraírem a atenção dos olhares curiosos, e por fim, Maria Emília, despedindo-se de Henrique, encaminhou-se para o portão da saída, dando uma larga volta. Êle ficou ainda sentado no mesmo banco, que conservava o perfume da mulher amada, um pouco do calor da sua carne, a imperceptível modelação das suas formas. Aturdido, estonteado, coordenava idéas e emoções, sem chegar a um raciocínio lúcido. Pensamentos rápidos e incoerentes atravessavam-lhe o cérebro. Reviveu, num relâmpago, a uma luz lívida, o vulto de Maria Clara que a essa hora, sem suspeitar de nada, lidaria em casa, afadigada e contente. Outra vez os remorsos o atribularam. Não a amava, certamente, a essa pobre criatura humilde, passiva, de restrita inteligência, que nunca lhe tinha falado ao espírito depois que deixára de falar-lhe à sensualidade, aos apetites carnaes. Mas ela era honesta, virtuosa, dera-lhe tudo quanto tinha na alma e jàmais o esquecera na sua adoração. Ludibriando-a, considerava-se indigno. Verdade seja que o ludíbrio não havia chegado ainda a uma situação irremediável. O seu amor por Maria Emília era puramente sentimental, sem luxúrias pecaminosas, sem descer da sua idealidade às rudezas da terra — e isto atenuava-lhe a culpa, consolava-o no desgosto que o invadia. Ainda podia beijar a espôsa sem ter nos lábios o fogo dum beijo impuro . . .

Então, enquanto se dirigia a casa, absorvido nestas preocupações, prometeu a si mesmo ser corajoso, enérgico, dominar-se, vencer as alucinações impulsivas do seu amor por Maria Emília, não o maculando pelos desvairamentos concupis-

centes duma hora de exaltada febre. Ela, de resto, tinha-lhe pedido que não abusasse da sua fragilidade, que a respeitasse, que a defendesse contra a própria fraqueza. Cumpriria a palavra que lhe dera ! . . .

Mas, a esta idéa, o seu ser revoltou-se, indisciplinado. O desejo da posse andava mesclado ao desejo ideal de amar cândidamente Maria Emília, e só agora a porção de animalidade que nele havia lhe revelava êsse segrêdo. Imaginava que um idílio casto com ela não teria uma finalidade ; pensava mesmo que uma adoração de tal ordem estava fóra da realidade humana, de tôdas as leis naturais, tendo corpo apenas na fantasia dos poetas que viam a vida por um prisma falso.

— Olha que tortura eu arranjei ! — monologava.

Ao descer a rua dos Clérigos, já entristecida pelo ocaso, parou diante duma *vitrine*, para repousar um pouco. Sùbitamente, alguém se aproximou dêle, batendo-lhe affectuosamente nas costas. Era Salgueiro, que com um berro o saúdou :

— Homem, viva ! Por onde tens andado ? Há vinte e quatro horas que te não ponho a vista em cima !

— Tenho andado por aí ! E tu ? . . . E êsse Damasceno ? Já partiu para o casamento, para a felicidade, para a terra, para a família futura ?

— Esta manhã ! . . . Ante-ontem fizeste mal em nos abandonares tam cedo. Passou-se divinamente o resto da noite. O Novais cantou o fado, aquele fado de Coimbra de que tanto gostavas. Foi maravilhoso !

— E onde acabou todo êsse lirismo ? Nos gordos braços de Vénus ?

— Não, meu lúbrico amigo. Damasceno está noivo. Não quis ir... O Novais ainda lembrou, ainda disse... Mas o Damasceno, com aqueles escrúpulos, estragou o resto da festa...

— Felicito-vos! Foram sábios e prudentes — atalhou risonhamente Henrique, estendendo-lhe a mão.

— O quê? Já? Nem um minuto mais para os affectos?

— O ser humano com fome é egoísta. Acima dos affectos, está o jantar!...

— Criatura ingrata! — interrompeu Salgueiro, apertando-lhe a mão. Adeus.

Tinham dado alguns passos apenas, em sentido contrário, quando Salgueiro, voltando atrás, perguntou:

— É verdade, ó Henrique! — que diabo vais tu agora fazer ao Palácio de Cristal, de tarde?

— Eu? Ao Palácio?

— Mas sim, mas sim, menino! Houve quem te visse.

— Ah! efectivamente. Estive lá há dias. Passeei pelos jardins, para me distraír, para espairecer. Nem já me lembrava...

— Só para isso?

— Pois para que mais havia de ser?

— É que o Adrião — tu conheces, foi nosso contemporâneo em Coímbra — disse-me que errava também pelos jardins, românticamente, uma pequena boa como todos os diabos, só com o defeito de mostrar os dentes, talvez um pouco grandes, ao sorrir-se.

— Os dentes grandes? — interrompeu Henrique

— Sim, os dentes grandes . . .

— Então, cautela. É uma verdade apurada, em biologia, que a função é que faz o órgão. Se ela tem os dentes grandes, é porque morde . . .

Riram com alarido.

— No entanto — insistiu Henrique — não sei que relação possa existir no facto de, à mesma hora, passearem no mesmo jardim duas pessoas de sexos diferentes.

— Simples coincidência . . .

— Com certeza. O Adrião viu-nos juntos ? — interrogou Henrique sobressaltadamente.

— Não . . . Isso não me disse êle.

— Aí está ! *Voilà comme on écrit l'histoire !* — exclamou Henrique, tranqüilizado.

E, em voz baixa, quasi confidencialmente :

— Se eu tivesse amores que fôsse necessário esconder não iria assoalhá-los em público no Palácio de Cristal. A idade, a situação de casado, as conveniências sociais, impunham-me um recato inviolável.

— Mas, quantas desculpas, quantas desculpas ! . . . E com que eloquência te defendes duma acusação que ninguém te fez ! . . .

— É para saberes. Estas explicações dou-tas a ti, que és meu amigo. E diz ao Adrião que afine o intellecto e que seja sóbrio nas conclusões a tirar dos inocentes passeios nos jardins públicos em que homens e mulheres se encontram. *Au revoir . . .*

— Mas atende, atende. Eu creio que o Adrião, em vez de ofender-te, até te lisonjeou, attribuindo-te complicações extra-matrimoniais com uma dama de augusta beleza.

— *Au revoir ! . . .* — exclamou outra vez Henrique, reencetando a marcha.

Tinha empalidecido. O coração batia-lhe agitadamente dentro do peito, o sangue circulava-lhe nas veias com mais rapidez. Aquela maldita tibieza de ânimo que era a sua tortura constante ! Agora, já livre dos olhares investigadores e penetrantes de Salgueiro, perguntava a si mesmo como conseguira disfarçar, simular, como o não denunciou um rubor — um ridículo rubor de colegial — subindo-lhe à face e traíndo-o, como as afirmações e as negativas lhe haviam saído nítidas da bôca, como a voz se lhe não velára. Porquê, porquê ? De-certo porque Salgueiro era um amigo discreto, em quem confiava plenamente, tendo a convicção de que se êle tudo soubesse tudo reservaria para si. No entanto, Adrião, com a sua suspeita, prestára-lhe um serviço. A impertinência dêsse bacharel, que em Coimbra se tornára conhecido pela alcunha irónica de « Dr. Beldroegas » entre três gerações académicas, fôra providencial. Já se lhe falava no nome associando-o a uma personalidade feminina, e isto era grave para a sua reputação de homem austero, de casado modelar. Adrião não se limitaria a confidenciar o que supusera unicamente ao bom e leal Salgueiro : seria verboso com todos os Salgueiros que conhecesse, os quais, por sua vez, acrescentariam alguma coisa para imprimir maior interêsse emotivo, maior relêvo, a um episódio vulgar e sem significação : e poderia muito bem acontecer que qualquer dêstes Salgueiros um dia aludisse ao caso diante de uma amiga de Maria Clara. Eis o perigo.

— Não, não ! Realmente não tive prudência !

Como é que eu, nesta idade e com as minhas responsabilidades, cometi um tal excesso ?

Estugando o passo e abandonando-se a um pavor absurdo, aproximava-se de casa, já com o temor de que a espôsa viesse mais tarde ou mais cedo a conhecer o seu desvio. Então, a paz caseira, a tranqüilidade conjugal, que sempre ambicionára, perturbar-se-iam fatalmente. Nunca mais entre êle e Maria Clara seria possível a concórdia, uma serena estima mútua em que as suas existências desiludidas deslizassem . . .

Mas, diante desta perspectiva funesta, Henrique insurgiu-se, acometeu-o uma súbita fúria de rasgar, lacerar a tirania duma adoração morta que ainda o oprimia, de recuperar a sua liberdade, de reentrar inteiramente renovado numa outra vida não contaminada pelos males que o faziam sofrer, de ir, com o coração desafojado e uma transfiguradora alegria no espírito, para o amor simples e promissor de Maria Emília, gritando a sua paixão em voz alta, com altivez e com orgulho, para que todos o ouvissem e para que todos o invejassem.

— Que me importa que Maria Clara venha a saber que amo uma outra mulher ? — murmurava êle. Haverá escândalo ? Ela não se conformará e reclamará a separação ? Embora ! Ficarei liberto.

Mais sereno e mais corajoso por influência dêstes raciocínios, Henrique sentia-se capaz de afrontar os maiores desdêns, de fitar, sem o estremecimento dum só músculo, a face do mundo com a pácificação e a frieza com que fitaria uma face humana. Quando, porém, entrou em casa e Maria Clara foi para êle de braços abertos e um riso tranqüilo iluminando-lhe

o rosto, tôda a sua energia amoleceu. Não seria, realmente, uma ignomínia atraçoar aquele pobre ser que tanto lhe queria ? Henrique vinha da impureza, da vilania, da infâmia moral, trazia ainda os ouvidos cheios da música duma voz feminina que não era a de Maria Clara e na bôca um perfume de beijos que não era o dos beijos dela : e a espôsa diligente, lidando activamente no ninho plácido construido para agasalhar a adoração de ambos, esperava-o com o sossêgo de alma de quem com pontualidade cumpre os seus deveres, dedicada, igual no affecto, contente, encantadora !

— Ando a enxovalhar-me como um trapo. É preciso terminar com a torpeza que me avilta, romper . . .

Mas como ? Os seus sentimentos não correspondiam aos seus actos. Vivia numa irresolução permanente. Maria Emília era, para Henrique, o amor invencível e revelador ; com ela, acreditava na felicidade — essa felicidade por que suspirára durante tanto tempo ; Maria Clara não passava duma grande amiga, capaz de dedicações mas incapaz de rejuvenescê-lo : e foi com indiferença que beijou a espôsa, pensando na outra.

VI

Quando na manhã seguinte acordou, batendo as pálpebras à claridade que se filtrava, fresca e indecisa, pelas frinchas das janelas cerradas, Henrique apenas conservava, de todos os acontecimentos que no dia anterior o tinham impressionado, a recordação viva e aliciante de Maria Emília, do seu corpo esvelto, da sua misteriosa tristeza, duma voz de ritmos de ouro que ainda escutava num enlêvo, prolongada no seu ouvido por uma singular alucinação nervosa. Tôdas as outras coisas — remorsos por ter ludibriado a espôsa, mentindo-lhe constantemente à adoração, receios de que a paixão que o agitava entrasse nos domínios duma publicidade escandalosa, as piedades pela resignada vítima das suas desordens morais e sentimentais — lhe pareciam recuadas para um distante passado que já o

não comovia. A própria sobreexcitação febril que o sacudira, em horas intensas acabadas de viver, desaparecera completamente. Estava tranqüilo, sentia florir nele uma doce mocidade de alma, eram mais nítidos os seus pensamentos, e logo atribuía esta ressurreição emocional à influência que a imagem constante de Maria Emília exercia sobre o seu espírito e sobre a sua substância. Ela era o amor, a renovação, a ventura profética, reavivava-lhe a confiança morta. Só depois de conhecê-la, de falar-lhe, é que Henrique tinha aprendido a observar-se com justeza nos mais recatados sentimentos e a encontrar as palavras eloqüentes que os definissem com precisão. A beleza espiritual, a graça indizível que de Maria Emília lhe vinham, flutuavam num disco de luz à volta da sua fronte, dando-lhe asas aos sonhos hesitantes. Nunca mais tentaria fugir-lhe, acontecesse o que tivesse de acontecer, porque em Maria Emília via êle o seu superior destino de homem consciente.

Maria Clara levantára-se logo ao raiar da manhã, para dar ordens, para vigiar o serviço das criadas. Henrique ouvia-lhe no corredor os passos ágeis abafados pela fôfa lã dos tapêtes, adivinhava-lhe o adorável desalinho que a tornava mais bela, o lindo corpo coberto por um amplo roupão de setim creme apertado na cinta por um largo laço de sêda côr de rosa pálida, os cabelos alisados à pressa anelando-se-lhe sobre a fronte ebúrnea, o langor dos olhos amortecidos. O momento tinha encanto e delicadeza, certamente, e para muitos, para todos os que não fôssem devorados por uma sêde infinita de aspirações e de desejos novos, aquela vida caseira,

recolhida, pacífica, suave, seria a felicidade sem nuvens. A ternura, o cuidado com que Maria Clara fazia mais leve o seu andar, só para não lhe interromper o fundo sono reparador ! A gentileza, a galantaria, a finura emotiva com que ela não tardaria a entrar no quarto, avançando na ponta das chinelas bordadas, para o despertar com um beijo longo, vaporoso, musical, murmurando na fraqueza, no mimo duma voz de convalescente :

— Bons dias, meu amor ! . . .

Mas, uma avassaladora ansiedade de inédito trazia Henrique em alvoroço doloroso. Fatigavam-no, afinal, aquelas felizes, ditosas scenas matinaes, que para si já não tinham novidade e que caíam numa monotonia fastidiosa. Maria Clara, cândidamente, revelara-se tôda aos seus olhos, na esplêndida nudez corpórea e na resplandecente nudez da alma. Não soubera prolongar indefinidamente a graça que o teria transfigurado, de-certo por ignorar que a mulher que quizer ser constantemente amada pelo mesmo homem, há-de conservar sempre alguma coisa de enigmático, para sua defesa. O ser feminino fundamente apaixonado e cioso da sua ternura possui o instinto da simulação — um instinto por tal forma subtil que nunca é possível avaliar o que nele existe de sinceridade ou de intelligente exagêro. Em amor como nas religiões, o mestério é essencial para perpetuar os sentimentos affectivos. As divindades só podem viver permanentemente na adoração dos crentes, — porque se occultam. No momento fatal em que se revelassem às vistas curiosas, seriam esquecidas ou desdenhadas. Como as divindades, a mulher tem de ocul-

tar-se um pouco, não se revelando inteiramente, de modo a que todos os dias nela surja alguma coisa desconhecida que duplique o seu poder de sedução. E Maria Clara, que era uma inexperiente, entregou-se sem reservas, o que a desvalorizou aos olhos do marido, no instante em que o apetite sensual se apaziguou. Oh ! mas Maria Emília era para êle a sensação subtil e ignorada que tanto cativa certas organizações de *élite*, ainda quási a desconhecia na sua existência e na sua emotividade, envolvia-a uma penumbra que lhe imprimia relêvo e um dom de atracção mais forte ! Reconstituía na imaginação as suas formas sóbrias e alongadas de serpentina elegância, as atitudes graciosas e scismadoras. Apesar-de viúva, conservava a firmeza de contornos duma adolescente ; o seu ventre estéril tinha a primitiva pureza de linhas ; os seios eram erectos e rijos, parecendo esculpidos num alabastro transparente e nítido que um vago vapor de topásios fundidos acariciasse ; a pele possuía a ductilidade, a frescura da juventude e dir-se-ia iluminada por uma chama interior. Como não havia de amá-la até à loucura, se ela lhe ofertava tudo quanto Maria Clara já não podia dar-lhe, para prendê-lo ao coração, para enlaçá-lo, apoderar-se dêle, apertando-o nos braços invisíveis da voluptuosidade ?

Saltou do leito e mesmo em camisa de dormir correu à janela, de pés nús sôbre a alcatifa, espreitando a manhã através das vidraças. No azul ardia a fogueira dum sol radiante. A atmosfera fulgia sob a concha dos céus, trespassada pela claridade fulva. Henrique experimentava a impressão deleitosa da paz envolvente. Nos vidros pousavam le-

vemente as sombras ondulantes projectadas pelos ramos duma roseira de trepar que recobria a parede exterior e que em maio esplendia da pompa das florações.

— Que linda manhã ! — murmurou, regalado.

A intervalos espaçados chegavam até êle as vozes das pessoas que lidavam em casa. Distinguia perfeitamente a de Maria Clara, pelo timbre especial, pelo som. Ao dirigir-se de novo para o leito, esbarrou contra uma cadeira, que se desequilibrou, caíndo com ruído. Tornou a colocá-la no seu lugar, e deitou-se, espreguiçando-se. A esposa, ouvindo barulho no quarto, appareceu de repente, tôda afogueada, exclamando :

— Já acordaste, Henrique ?

— Agora mesmo !

— E não esperaste por mim ! Queria eu despertar-te, com o beijo do costume, ingrato !

— Anda dar-me êsse beijo e eu mesmo acordado. Será mais saboroso . . .

Estiveram abraçados um momento. Henrique sentia-lhe as pulsações cadenciadas do sangue nas veias e afagava-lhe o rosto com a mão.

— Serás sempre meu amigo ?

— Sempre !

— Até à morte ?

— Se eu digo sempre ! Que mais desejas ?

Maria Clara era feliz e não pretendia disfarçar a felicidade.

Maria Emília e Henrique passaram então a encontrar-se com regularidade, ora num ponto,

ora noutro. A pouco e pouco perderam o mêdo de que pudessem surpreendê-los e denunciá-los. Para que haviam de esconder-se como dois criminosos, se o amor os santificava ? A simpatia que os uniu, o hábito de se falarem amiudadas vezes, aproximára-os definitivamente e dera-lhes audácia — uma audácia capaz de afrontar todos os perigos. E, quanto mais Henrique a conhecia, mais a sua admiração aumentava e mais profundamente se absorvia no amor por essa divina mulher que o trazia exaltado e longe das realidades humanas. Ah ! incontestavelmente apenas Maria Emília poderia curar o seu mal interior, viver a mesma vida dêle numa perfeita comunidade de ideais, de emoções, de alegrias psíquicas, de inspirar e activar a eclosão dos seus pensamentos, de ser, mais do que uma deliciosa amante, uma conselheira sagaz, uma boa amiga, uma adorável irmã ! Ela, sim ! Ela tinha a intuição lúcida dos sentimentos e das idéas, a inteligência criadora e maravilhosa, a beleza pensativa e atraente, a subtileza mental e a subtileza mais penetrante da alma ! Depois, havia sofrido, fôra desgraçada, tivera pezares : a sua adoração pelo homem que verdadeiramente amasse seria complicada de reconhecimento, de ardor voluptuoso e de delicadeza emotiva. Com o amor, Maria Emília oferecia generosamente, a Henrique, o repouso e a doçura !

Nesta embriaguez contínua dos sentidos, êle não pensava em nada mais, alheava-se de tudo, terminou por desinteressar-se completamente da própria espôsa, já estranha ao seu coração. Considerava que jâmais Maria Emília se banalizaria a seus olhos. Seria sempre uma personalidade

elevada pela nobreza do sentir e pela argúcia do intellecto, sem a vaidade e a futilidade das mulheres que até aí havia encontrado. Com que admirável fé elle acreditava nestas concepções da sua imaginação!... Essa superioridade, mesmo, já ella tinha revelado, recusando abandonar-se aos delírios da sensualidade carnal, para que na adoração do seu espirito não houvesse máculas. Implorára-lhe, com insistência, que nunca a obri-gasse a actos que a rebaixassem, para que ambos não tivessem de arrepender-se mais tarde: e Henrique prometera, sem hesitações. Também a queria amar puramente, místicamente, num eterno arroubo, sem contactos que a aviltassem. Meditando nisto em horas de recolhimento, Henrique vislumbra uma beleza extra-terrestre numa adoração assim, renunciando voluntariamente à posse para não manchar-se de impurezas irreparáveis: e a elevação moral de Maria Emília mais avultava no seu entendimento.

Uma tarde, depois de longa conversa, Henrique perguntou-lhe quais eram as jóias de que mais gostava.

— Para que me fazes essa pergunta? — interrogou ella, intrigada.

— Quero dar-te uma pequena lembrança minha, para que, por influxo dela, me tenhas sempre presente na imaginação.

— Desejas então converter uma convertida? — exclamou, olhando-o vagarosamente.

— Eu sei, eu sei... Mas a minha dádiva não terá outro valor além do da sua significação.

— Pois, dá-me antes uma flor. Partindo de ti,

hei-de estimá-la mais do que estimaria uma jóia rara.

— Se eu afirmo que será uma coisa insignificante ! . . .

Maria Emília, vencida, insistia ainda :

— Não quero que faças tolices, não permitirei que gastes dinheiro comigo. Se eu te fôsse pesada, sofreria imenso. Julgo-me tam satisfeita com o affecto com que recompensas a minha dedicação ! . . .

— Pesada ! Que loucura ! . . .

Teimou, recusou, mas por fim disse, muito séria :

— Olha que só aceito um delgado fio de ouro que seja o símbolo da aliança das nossas almas. Fica certo disto. Se não respeitares a minha vontade, então . . .

— Que fazes ?

— Zango-me, e não te apareço durante um mês. Será o teu castigo — disse ela, sorrindo.

Cerrando as pálpebras num delíquio, Maria Emília acrescentou, com voz fatigada e como que envergonhando-se duma confissão em que se exalava todo o seu ser de mulher :

— E também será o meu, porque te adoro, porque te adoro, e não posso viver sem ti.

O beijo de despedida com que nesse instante se afastaram para tornarem a ver-se mais tarde, foi duma ternura infinita . . .

Daí a dias, quando outra vez se falaram, Henrique pregou-lhe na *corsage* um alfinete de peito em que rutilavam pedras preciosas, e observou-a com certa curiosidade, seguiu-lhe os movimentos, espiou-lhe o olhar como se nele quisesse sur-

preender um contentamento que lhe lisonjeasse o orgulho. Maria Emília tinha afirmado que não lhe aceitaria jóias de elevado valor : e Henrique propositalmente desobedecera. No alfinete que lhe dava fulguravam, irizavam-se à luz, brilhantes e esmeraldas. Mal o entreviu, Maria Emília afirmou :

— Não era isto o que entre nós estava combinado . . . Não quero ! . . . Pega-lhe, leva-o !

— Não sejas tôla nem faças scenas . . . Que disparate ! É uma pobre lembrança . . .

— Eu bem sei que não é — protestava ela. Não consinto que exageres. E isto é um exagero . . .

— Um exagêro e considerável são as tuas palavras — interrompeu Henrique, beijando-a na fronte. Talvez tu não saibas a importância das jóias em amor . . .

— Não sei, com efeito !

— Eu digo-ta. Houve uma vez um rei que, tendo sido infeliz na sua existência, deparou, na adoração duma dama do seu paço, a felicidade completa. Nunca mais deixaram de amar-se com paixão, desde o primeiro beijo trocado. Ora, o rei, infinitamente grato por tanta ventura, todos os anos, no aniversário do dia em que começaram a querer-se, lhe ofertava uma jóia maravilhosa. Já ela tinha em seu poder um verdadeiro tesouro, quando perguntou ao bem-amado :

— Para que me dais, meu senhor, tantas preciosidades ?

— É para poder contar, por elas, os anos de encanto e de doçura que te devo — balbuciou o soberano, beijando-a exaltadamente.

— E tu também, como o rei fiel, hás-de amar-

-me com essa constância? — interrogou Maria Emília, pousando-lhe a cabeça no ombro.

— Hei-de, filha. Até à morte! . . .

— Ah! então! . . . — murmurou ela, irresoluta e contemplando fixamente o alfinete.

Henrique analisava-lhe a expressão fisionómica e ia notando evidentes sinais de regosijo. Êste incidente desgostou-o vagamente.

— Olha que é muito lindo! . . . Muito lindo! . . .

— dizia Maria Emília, remirando-o, iluminando o rosto na scintilação das pedras finas, que dardavam ao sol.

— Gostas?

— Imenso!

— Ainda bem que soube compreender o teu gosto.

— Mas, não queria isto! Nunca mais te torno a aceitar nada — murmurava ela, amimada e sorridente.

Aproximando a sua bôca da bôca de Henrique, os seus lábios encontraram-se com fervor, com intensidade, com desejo, demoradamente, longamente, como se nesse ósculo de agradecimento e de afeição, ela pretendesse sorver-lhe a alma, o calor, o sangue. Depois, passado o minuto de ebriedade, apoiando-se, cambaleante, ao braço de Henrique para não cair desamparadamente, ficou-se a olhá-lo muito pálida, os dentes cerrados, numa tremura convulsa. As narinas dilatavam-se nervosamente: duas lágrimas redondas e grossas tremiam-lhe nas pálpebras; do seu peito, que arfava, subiam fundos suspiros.

— Sabes do que eu tenho medo, muito

mêdo ? — perguntou ela, quando conseguiu serenar.

— Não ! — respondeu Henrique. De que é ?

— Da hora do adeus, que terá menos lágrimas do que amargura e crueldade !

— Mas, essa hora nunca baterá para nós — tranqüilizou Henrique.

— Sei lá ! Vivemos numa situação instável, todos os perigos são possíveis . . .

Ele pegou-lhe brandamente nas mãos que acariciou e que osculou com delicadeza, enquanto Maria Emília dizia :

— Nas mãos, não . . . Beija-me na bôca porque aí o perfume dos beijos será mais duradouro.

— Espera ! Deixa-me beijar também estas mãos de bondade, de afago, de perdão, mãos que sabem consolar como nenhuma outras.

Ela sorria, muito rosada, com uma doce languidez nos olhos — e êsse sorriso parecia desdobrar um ligeiro, invisível véu de esperança sôbre o seu destino futuro.

— Às vezes, assalta-me um receio inexplicável, que me aflige extraordinariamente — revelou Maria Emília. E é precisa a tua presença para que eu me tranqüilize. Só ela pode fazer um milagre no meu coração.

— Mas és tôla, és tôla ! . . . — murmurava Henrique. Se nada nos ameaça ! . . .

— Ama-me sempre ! — pedia ela num transporte.

— Constantemente, enquanto viver . . .

— Não é verdade ? ! . . . Afinal, êste nosso amor não prejudicará ninguém, porque sou eu a

primeira a exigir que os que de ti dependem, os que estão à tua volta, nunca sofram por minha causa.

— Nem eu os faria sofrer. Acima da exaltação dos sentidos, o dever moral. De resto, apenas procuro em ti o gôzo espiritual e nenhum outro sentimento grosseiro.

Levaram tempo esquecido nesta entrevista e só se separaram com tristeza ao baixar silencioso da noite, ansiando já pelo momento em que voltariam a encontrar-se, a dar-se as mãos, a trocar confissões. Quando ficou só, porém, Henrique, libertado da confusão que dêle se apossava junto de Maria Emília, foi invadido por um estranho pensamento que lhe atravessou o espírito como um relâmpago, perturbando-o até ao fundo da consciência. O encanto que floria em Maria Emília, como um sortilégio, perdia alguma coisa da radiação luminosa. Porquê ? Porquê ? Não o sabia : mas, na sua dolorosa sensação, havia desgosto e azedume. A scena do alfinete descobrira uma pontinha de vulgaridade nessa mulher que êle considerára superior a tôdas as mulheres, pelos dons affectivos e pelos dons do intellecto. Julgara-a desinteressada, isenta de vaidades, inacessível às ambições terrestres, e inesperadamente vira que ela era feita do barro comum em que tôda a humanidade é amassada, ao vivo lume das paixões impuras. Irritado, murmurava :

— Que tempestuosa perturbação esta criatura veio trazer à minha existência ! E com que direito ?

Mais outra desilusão ! — monologava Henrique. Por tôda a parte para onde conduzia os passos

ou orientava os sentimentos, apenas encontrava enganamentos. Maria Emília surgira aos seus olhos ávidos no esplendor duma beleza e na profundidade duma consciência que o enchia de orgulho. Imaginou-a, em instantes de meditação, como possuidora duma sensibilidade de extensão infinita que tornava ilimitada a potência compreensiva da sua alma. Descobriu mesmo nela, logo às primeira palavras que lhe ouvira, relações ocultas, secretas analogias que os aproximavam tanto pela concordância do sentir como pela concordância do pensar. Um incidente trivial, porém, vinha obscurecer a claridade, a lucidez maravilhosa dêste sonho. Maria Emília traíra-se, na fulguração de cubiça com que aceitára o alfinete e que não pudera mascarar à sua análise sagaz.

Henrique, melindrado, magoado, duvidava, perguntando a si próprio se uma tal mulher lhe daria tôda a felicidade que dela ingenuamente chegou a esperar — e uma voz secreta dizia-lhe que não.

— Bem ! É necessário então acabar com isto ! — afirmava, disposto aos sacrifícios da separação.

Mas, a esta idéa, logo uma angústia maior o acabrunhou. Havia ido muito longe, para retroceder sem saúde e sem sofrimento. Além disso, o seu ressentimento não se baseava numa prova irrecusável, mas em meras suspeitas. Quem lhe diria que êsse ressentimento não era falso e que nem sequer tinha seqüência, razão lógica, a valorizá-lo ? Para que havia de lutar, se seria vencido ? Sempre que se revoltava intimamente contra a tirania dêsse amor novo que viera, como um mistério, ao seu encon-

tro, tôdas as vezes em que o que nele havia de honesto, de leal, de grandeza moral, de carácter, lhe fazia germinar no espírito o desejo de romper abertamente com Maria Emília, logo o seu egoísmo e a sua paixão sincera lhe inspiravam raciocínios opostos à ruptura, deixando-o prostrado, rendido de desalento e de fadiga.

As lembranças de vários episódios ocorridos com ela, certas passagens da sua conversação animada e encantadora, acudiam-lhe de repente, imprimindo ao vulto da mulher amada uma gracilidade incomparável. Agora mesmo, no momento em que Henrique se entregava ao pensamento de nunca mais lhe aparecer, recordava o enlêvo com que Maria Emília, numa entrevista anterior, lhe perguntára :

— Tu não tens filhos, Henrique ?

— Não ! — respondera êle. Não tenho, e mal calculas o que soffro por isso.

— E porquê ?

— Por tudo ! Uma criança inocente, em quem começa a alvorecer um destino, é sempre admirável na pacificação, na ternura duma vivenda. Essa criança põe o amor conjugal em relações directas com a ventura perfeita e com o céu : e não sei que delicioso sabor tem o seu riso cristalino, o seu galrar incessante, na tranquillidade das habitações. Depois, representa a certeza da continuidade de duas existências que, em certo minuto, um sentimento superior fez vibrar prodigiosamente. E por não ter filhos, penso que, quando a morte me fulminar, nada mais restará de mim, enterrada a minha carcassa, num mundo em que vivi !

— Também assim o entendo — disse Maria Emília. Oh ! um filho é uma bênção de Deus . . .

— Que tristeza me fazem os lares onde os não há ! — atalhou Henrique. Imagino então que a êsses lares falta alguma coisa que os complete. E queres saber ? Parece-me que a ausência dêsses filhos tem causado a desgraça de muitas uniões . . . Por um filho . . .

— Que darias ?

— Daria quanto tivesse e sem hesitações !

Maria Emília, ouvindo-o, suspirou, baixando a fronte : e Henrique, lembrando êste incidente, considerava-a absorvida no desejo de dar-lhe êsse filho ambicionado, para o prender perpétuamente a ela com laços tam fortes que nenhuma dôr, nenhuma amargura da terra seriam capazes de quebrar.

Cansada, meditativa, um pouco rosada, com os olhos húmidos de pranto, Maria Emília oferecia-lhe um encanto inefável. Com que veneração a beijou nessa hora de inolvidável meiguice, por lhe parecer que ela se preocupava com a sua máxima felicidade ! Sentia-se infinitamente venerado. As lágrimas, o sorriso triste, a expressão venturosa do rosto de Maria Emília, a sua beleza comunicavam ao amor de Henrique uma visível emoção que o dignificava . . .

Tudo isto se reacendia na sua memória, no momento em que êle descobria nessa mulher maravilhosa uma imperfeição que lhe conturbava o esplendor. E insurgia-se contra si próprio, queria esquecer tôdas as fraquezas que a amesquinhassem, só para que não se desvanecesse aos olhos dêle o que em Maria Emília existia de doce, de superior, de perfeito . . .

Quási perto de casa, ao voltar duma esquina, Henrique teve um encontro que o fez reentrar na realidade das coisas. Com efeito, M.^{me} Silva Marques, com a opulência das suas formas, os seus cabelos ruivos, a sua pele sardenta, a sua vivacidade, a sua ruidosa alegria, avançava para êle, sorrindo já, ameaçando-o com o leque :

— O quê, o quê ? — inquiriu M.^{me} Cenoura, antes mesmo de estender-lhe a mão. Pois, um severo moralista entra a estas horas para jantar ?

— Oh ! minha senhora — interrompeu Henrique, tirando o chapéu — pode fazer-se excelente moral sem ser-se pontual à sôpa !... E como vai o marido ? E a prole ? Bem, não é verdade ?

— Vamos vivendo !... Mas não desvie, não desvie... Que propósitos são êsses ? A espôsa só em casa...

— O trabalho, minha senhora !... Esta religião é que me obriga a não cumprir com rigor os meus deveres de bom comedor e de marido pontual.

— Só o trabalho ?

— Só êle ! E creia que nesse trabalho não há enredos sentimentais.

— Ora ! Os homens...

— Os homens são um permanente pretexto para as mulheres se queixarem. Se êles lhes faltassem, como êsses anjos se aborreceriam !...

— Eu por mim !...

— É uma das suas mais terríveis acusadoras, V. Ex.^a !...

— Não ! Uma das suas mais tolerantes julgadoras.

Riram com afabilidade. Acendiam-se os can-

dieiros da iluminação pública, os passeios animavam-se, desfilava gente apressada.

— Pois, lá estive hoje alguns instantes com a pobre Maria Clara ! — revelou M.^{me} Silva Marques.

— Ah ! V. Ex.^a visitou a minha cabana ?

— O seu paraíso, emende. Possui uma vivenda de apetite, um encanto . . .

— Maria Clara terá recebido essa visita com extraordinário agrado.

— Coitada ! Sempre amável ! E conversamos um pouco, efectivamente . . . Não quero que me agradeça, mas saiba que o desculpei.

— Ela acusou-me, êsse doce inimigo de saias ?

— Não ! Maria Clara ama-o. Como poderia acusá-lo ?

— Mas se me defendeu ! . . .

— Defendi-o do abandono em que a deixa, sem coração, sem bondade. Oh ! essa formatura em Direito, êsses processos, êsses tribunais ! Deus me livre de ter um marido advogado . . .

— E porquê, minha senhora ?

— Justos céus ! Os advogados, para tirarem os estranhos da cadeia, condenam as espôsas a reclusão perpétua.

— A vida tem os seus lados amargos ! Mas, foi na solidão que S. Bernardo mais suspirou com saúdades do céu.

— Êsse, era santo ! E as criaturas dêste nosso tempo de descrença são tôdas umas tristes peccadoras.

Henrique tirou o relógio, viu as horas.

— Quantas são ?

— Sete e meia, minha senhora.

— Já ?

— Sete e meia, e V. Ex.^a está agravando, com o interêsse, o brilho da sua conversação, o desespero duma demora que eu queria ter evitado. Mas quem pode deixar de ouvi-la religiosamente ?

— Oh ! não quero que, por tam pouco, venha a perturbar o seu exame de consciência ! — exclamou M.^{me} Cenoura, com um riso intencional. E tenho de partir também, que já me espera o Marques.

— Recomende-me a êsse homem feliz !

— Abrace por mim Maria Clara. E cautela com o coração . . .

— Está tranqüilo, ou por outra, está adormecido !

— Que êle não desperte . . .

Despediram-se com um apêto de mão que fez tilintar as pulseiras de ouro, cravejadas de pedras preciosas, que M.^{me} Cenoura trazia nos pulsos redondos, lisos, gordos. Henrique ainda se voltou, depois de dados alguns passos, para ver mais uma vez essa interessante mulher de réplica pronta e flexível como a lâmina dum florete oculto entre flores. Era suntuosa, magnífica, bem lançada, de curvas perfeitas. Ao caminhar entre o ruje-ruje das sêdas, alta, ondulante, tinha um ar de rara distinção . . .

No entanto, a visita que ela fizera a Maria Clara desagradava a Henrique. Não consentiria que sua espôsa tivesse intimidades com M.^{me} Silva Marques, porque a sabia intriguista, um pouco perversa, comprazendo-se em derramar nas almas serenas a sua gôta de veneno.

— Que diabo iria ela fazer lá a casa ? — mono-

logava. As relações de Maria Clara com M.^{me} Cenoura foram sempre cerimoniaosas. Nunca se visitaram !

Sob a impressão destas considerações, Henrique perturbou-se, repentinamente. Saberá M.^{me} Cenoura alguma coisa do romance com Maria Emília ? Teria entrado no seu lar mais para a espionagem e para a intriga do que para estreitar relações de sociabilidade ? Seria aquela visita o resultado das indiscretas bisbilhotices do Adrião, do famoso Adrião, sentimental e parvo, que espalharia por tôda a cidade, imbecilmente, o que havia contado ao Salgueiro ? Estas suposições atribulavam Henrique : mas prontamente se dissiparam, logo que êle, transpondo o portal da sua habitação, viu no alto da escada, com a afabilidade costumada, Maria Clara vestida para o jantar. Ela tinha-o lobrigado da janela, por detrás dos vidros, embaciados pelo frio do crepúsculo, e imediatamente correrá para Henrique, gulosa dos seus beijos, enternecida, iluminada pelo reflexo da sua beleza de loura.

— Viva o meu amor ! — gritou êle, de baixo.

Maria Clara estendeu os braços para Henrique, fez o movimento de quem quisesse atirar-se.

— Olha que cáis ! Tem cuidado ! . . .

— Ampara-me, que eu salto.

— Não, que maluqueira ! Nada de loucuras.

E já tranqüilizado, conhecendo pela alegria de Maria Clara que M.^{me} Cenoura ou fôra generosa ou nada conhecia dos amores com a outra, o que era mais provável, subiu os degraus a dois e dois, experimentando um fundo contentamento. Ao estreitar a espôsa num abraço, pôs nos afagos mais mei-

guice do que de costume. Devia, afinal, àquele dócil ser de abnegação e de carinho um pouco de affecto. Sempre que vinha para casa inquieto, preocupado, com o coração em sobressalto, encontrava uma devoção inalterável, uma candura permanente, uma bondade que o desanuviava, que o desoprimia, que o suavizava, restituindo-lhe o gôzo de viver.

— Não adivinhas quem esteve cá hoje, tôda a tarde, a fazer-me companhia ? ... Uma, duas, três ...

— Adivinho ! Foi M.^{me} Cenoura — interrompeu Henrique, rindo.

— É verdade ! Oh ! mas nesse caso, adivinhas, efectivamente ... Quem to disse ?

— Ninguém ... Eu possuo, realmente, faculdades divinatórias.

— Ora ... Encontráste-a, talvez, foi ela ... — disse Maria Clara, passando-lhe a mão pela barba.

— Acautela-te ... Nada farás que eu ignore ... Queres que adivinhe também um segredo teu, que imaginas muito escondido ?

— Eu ? Segredo ? ... Dize lá.

— Pois bem ! Sei que me não podes ver, que és minha inimiga mortal, que me odeias ...

— Oh ! Henrique, nem a brincar ! — exclamou Maria Clara, tapando-lhe a bôca com a palma da mão.

Henrique desviava a cara e continuava, entre gargalhadas :

— Sei que quando me beijas tens vontade de morder-me ...

— Cala essa voz mentirosa, cala, cala ! — respondia Maria Clara, apertando-o mais nos

braços e tentando abafar-lhe as palavras com o rosto.

Depois, desprendendo-se d'êle muito séria e com um rubor na face :

— Seu mau ! Se eu não penso noutra coisa ! Se só estou contente quando êle se encontra perto de mim . . . Até parece que me enfeitiçou !

— Já vês que adivinho — atalhou Henrique, puxando-a de novo para si e beijando-a com fervor.

Foram andando, pelo corredor, para o quarto, enlaçados e de mãos dadas. O canário cantava estridentemente na sua gaiola dourada, enchendo tôda a casa de música festiva. O candieiro, suspenso do tecto da sala de jantar, derramava no compartimento uma luz branda que fazia scintillar os cristais e as pratas. Das flores que morriam nos solitários exalavam-se perfumes suaves. E tanta quietude, tanta ordem, tanto alinhamento nas mínimas coisas ! Henrique, notando tudo isto, perguntava mentalmente, ao lado de Maria Clara, se esta paz, esta quietação, êste confôrto, a certeza de que a espôsa o amava com um amor em que não havia desigualdades, não seriam a verdadeira felicidade mesmo para uma alma como a sua exigente e sequiosa de emoções novas.

— Outro beijo, aqui na face, para abrir o apetite ! — ordenou êle a Maria Clara.

E, enquanto purificava as mãos numa água aromatizada que já encontrára no lavatório, Henrique, comovido, disse :

— E agora, sempre te direi, minha filha, que a intimidade de M.^{me} Cenoura te não convém, não convém à nossa pacificação,

— Mas, que intimidade ? Pois eu ! . . . — murmurou ela, surpreendida.

— Está claro ! . . . Já sei ! . . . Não a chamaste, foi ela que veio . . .

— De-certo . . .

— E não podias pô-la na rua, brutalmente. Sou o primeiro a reconhecer as coisas . . . Nem isto é uma repreensão que te faço . . . É apenas um aviso, uma lembrança, uma prevenção . . .

— Se ela até me aborrece . . . Acredita . . . Tem uns ditos, umas esquisitices, umas insinuações . . . Não gosto ! . . .

— Mais uma razão. Quando ela voltar, mandas-lhe dizer pela criada, muito simplesmente, que não estás em casa ou que estás doente, que tens azia, dôres de cabeça . . . Se te parecer, dize-lhe mesmo que não estás para aturar maçadas.

— Mas, filho, que mal te fez a pobre criatura ?

— Nenhum . . . Mal, não me fez nenhum . . . Mas tu não ignoras como ela é intriguista. Ah ! intriga por prazer, para estragar a alegria dos outros . . . E agora, com êste conselho, o meu amor vai ser sábia, avisada, prudente.

Passou-lhe um braço à roda do pescoço, estreitou-a tôda contra o peito como se pretendesse ofertar-lhe uma protecção forte, beijou-a outra vez nos cabelos, na testa, nos olhos, na bôca e exclamou :

— Vamos a êsse jantar, que deve estar divino !

Sentada à mesa, sob o jôrro fulvo da luz que descia do alto e a aureolava, Maria Clara resplandecia. O brilho dos seus olhos era mais vivo do que ordinariamente, um júbilo estranho inundava-lhe o rosto. Henrique, notando-lhe a diferença murmurou :

— Eu hoje desconheço-te, palavra ! Estás contentíssima. Foi da visita de M.^{me} Cenoura ?

— E aí voltas tu ! . . .

— Então de que foi, de que foi, santo Deus ?

— Como tu adivinhas, interroga-te a ti mesmo.

— Com franqueza . . . Jogaste talvez na lotaria, saiu-te a sorte grande, vais comprar um palácio e vestidos, muitos vestidos . . .

Ela protestou.

— Muitos vestidos, sim ! Os vestidos são a maior aspiração das mulheres. E por falar em vestidos : — Oh ! Maria Clara, conheces a história daquele imperador oriental que, estando doente, foi aconselhado por um mago a vestir a camisa duma pessoa feliz, para sarar ?

— Não conheço ; conta-me . . .

— Pois êsse imperador mandou por todo o mundo emissários règiamente pagos que, com a mira em recompensas fabulosas, começaram à busca da criatura que tivesse sido absolutamente venturosa, para lhe pedirem a camisa.

— E encontraram-na ?

— Qual ! Preguntaram a muitos pela felicidade, e todos abanaram tristemente a cabeça, numa negativa mais triste. Então, desesperados voltavam já ao palacio, quando, num prado, toparam um pastor. Ao inquirirem se êle fôra sempre feliz, o homem, que era vèlho de tôda a vèlhice, respondeu afirmativamente.

— Depressa, a tua camisa ! — ordenaram os enviados do soberano. Dar-te hemos por ela tudo quanto pedires.

— Eu nunca tive camisa ! — interrompeu o pastor, espantado.

— Acabou a história ?

— Acabou ! Já vês que os vestidos, mesmo a camisa, não dão a felicidade . . . — concluiu Henrique.

Ao cabo dum instante de silêncio, êle, pousando o talher no descanso de prata, interrogou :

— Mas com a lenda do imperador doente, ainda não sei porque razão estás hoje tam satisfeita.

— E queres que to diga ?

— Quero, de-certo.

— Há-de ser ao ouvido, para ninguém mais saber, nem o canário.

E, levantando-se rapidamente, Maria Clara, batendo as palmas, correu para Henrique, tomou-lhe a cabeça entre os braços, e murmurou, em voz baixa :

— É porque há muito me não tratavas com tanta afabilidade, tanto carinho. Em paga da tua boa acção, toma lá . . .

E encheu-lhe o rosto de abrasados beijos.

VII

Maria Emília era uma dessas mulheres nervosas e românticas que vivem na permanente e devastadora febre das aspirações e para quem o mundo, a vida humana, são incompreensíveis sem que neles desabroche permanentemente a flor da idealidade espalhando graça e perfume. Uma educação falsa, sem base na realidade moral, sem ser orientada por um princípio elevado e puro capaz de guiar as consciências por caminhos seguros através das incertezas da existência, impedira, por uma acção dissolvente e contínua, que o seu carácter se formasse completamente, alimentando nela um mórbido e nefasto sentimentalismo. Aos dōze anos, entrára para o colégio em que se conservou até aos dezassete, com excepção dos saborosos meses de férias em que regressava a casa, ao convívio familiar, dorida pela

saúde das companheiras ausentes — com quem trocava longas cartas — e aborrecendo-se até ao fastio no isolamento da Quinta da Farragosa, onde seu pai, magistrado fóra do serviço, voluntariamente se fechou, com os seus livros e as suas tristezas, desde que a espósa, D. Margarida de Menezes, doce senhora devota com um rosto muito pálido iluminado pela luz dos olhos negros e scismadores, morrera tuberculosa, ainda quando Maria Emília era pequenina.

Muitas vezes, nos vagares dos dias de repouso, sentada à sombra das altas tílias e com um romance esquecido no regaço, ela se lembrava da pobre mãe tam cedo desaparecida, jazendo na alva capela de família do cemitério do Repouso, sob a ramaria dos ciprestes em que nas manhãs de sol os pássaros cantavam — como se a morte tivesse uma voz musical e evocadora. Nesses instantes de meditação, Maria Emília recordava a figura amorável que tocava de fugitivo encanto os seus dias dispersos e extintos e que, por um poder estranho, a punha em comunicação com o passado. Que falta lhe fizera essa boa e carinhosa mãe, com os seus conselhos, a sua experiência, a sua dedicação ! Mal a conhecera. A memória dela esfumava-se na penumbra sugestiva dos anos volvidos : — mas, como se no seu espírito alvorasse uma súbita claridade, Maria Emília lembrava-se duma vaga sombra errando pelos corredores da vivenda que no Pôrto então habitavam, falando baixinho, murmurando as palavras, muito branca e muito melancólica, talvez já tocada pelo mal que a arrebatára precocemente. Sobretudo não esquecera os mínimos detalhes da

hora trágica em que ela fechára os olhos para sempre, o silêncio cortado de gemidos que pesava sôbre a casa, o pai caído de joelhos diante do leito mortuário e abafando os soluços nas dobras da roupa, as criadas andando na ponta dos pés, tôdas vestidas de preto e a cara brilhante do sulco das lágrimas, o cheiro a medicamentos que se respirava !

Reconstituía na imaginação a scena lúgubre da despedida, quando o padre chegou na sua branca sobrepeliz em que negrejava a estola, a mãe deitada no caixão, de mãos em cruz sôbre o peito magro, tam linda entre os ramos de flores e tam tranqüila que parecia dormir, o marido beijando-a pela derradeira vez na testa gélida, emoldurada pelos cabelos negros em que a luz projectava reflexos azulados, a avó, D. Vicência, levando-a, cega de pranto, junto do ataúde e dizendo-lhe :

— Dá um beijo na mamãzinha que vai para o céu e que te não torna a ver, minha filha !

Com que nitidez êstes episódios ficaram gravados no cérebro de Maria Emília ! No seu temperamento impressionável, as emoções não se desvaneciam rapidamente. Coisas fúteis para outras pessoas, faziam-na sofrer até à tortura. Às vezes, tinha crises inexplicáveis. Certo dia, já depois do falecimento da mamã, nos jardins da Quinta da Farragosa, o *Joli*, *fox-terrier* de pura raça, arrancára-lhe das mãos uma boneca que despedaçou com os dentes afilados. Ela gritou, rompeu num berreiro assustador que encheu de alarido os arruamentos e as alamedas e que assustou as pombas arrulhando no pombal à fina claridade da manhã de écloga latina. Quando o pai e os criados acudiram, num

sobressalto, encontraram-na desmaiada perto do tanque em que marulhava uma água cristalina, enquanto o *Joli* se encarniçava contra as roupagens da boneca já em tiras e as pombas cobriam, com seu vôo alvoroçado, as verdes copas das árvores.

Conduziram-na para a cama, chamaram a tôda a pressa um médico. A febre, sobrevindo, tornou-a delirante ; mas, nos momentos lúcidos, reclamava a boneca que o *Joli* havia destroçado e que lhe causava tanta pena como a morte da mamã. Durante duas semanas, esteve enfêrma, curando-se finalmente em seguida a um intenso tratamento.

Mais tarde, no colégio, a crise repetiu-se quando Luísa Silveira, uma das suas amigas, saíu por ter concluído os estudos. Luísa fôra com Maria Emília dizer o seu adeus ao parque onde tanto brincára nas horas de recreio, à fonte escondida entre folhagens em que uma frígida água todo o dia cantava, enchendo o ar de murmúrios flutuantes e onde as colegiais, nas tardes quentes, mergulhavam as mãos côr de rosa para se refrescarem. Estiveram um minuto paradas diante dessa fonte idílica e Luísa, com os olhos marejados, disse :

— Nunca mais aqui voltarei, Maria Emília ! . . .

— Vais então deixar-me ?

— Vou ! Hoje mesmo . . . Não tarda a chegar o carro que há-de levar-me ao combóio ! . . . E não queria partir. É curioso . . . A pena que eu tive do papá e da mamã quando para aqui entrei, e a pena que agora tenho de ti, das árvores, da fonte, das outras nossas companheiras ! . . .

— Vais deixar-me ! . . . Vais deixar-me ! — gaguejava Maria Emília, . . .

Deram ainda uma pequena volta pelos jardins onde floriavam violetas e reentraram no colégio, emudecidas e pensativas. Foi então que Maria Emília, isolando-se no quarto de dormir, alarmou a população da casa com gritos estridentes, atirando-se para cima do leito de ferro que rangia sob o peso do corpo. Era já adolescente e manifestava certos gostos bizarros, determinadas tendências estranhas que preocupavam os professores. A directora, correndo para o compartimento ocupado por Maria Emília, batia à porta aflitivamente, para que ela viesse abri-la, mas as suas ordens eram inúteis. Teve de ser chamado um carpinteiro, que fez saltar a fechadura. Maria Emília, estirada na cama, com os dentes cerrados, a face contraída, os olhos desmedidamente abertos, estava imóvel. A directora, alucinada, chegou a julgá-la morta : mas o médico procurado a tôda a pressa, tranqüilizou os temores, diagnosticando um ataque de nervos e, pela aplicação imediata de calmantes, restituiu-lhe a serenidade e a consciência. No entanto, a convalescença não foi rápida ; e sempre que se lembrava de Luísa, a enfermidade agravava-se-lhe.

— Paixão assim ! . . . — exclamavam as companheiras, entre risos irónicos.

— Que desafoque essa paixão em cartas ! — replicavam outras, intencionalmente.

O pai, apreensivo, inquieto com aquela doença de Maria Emília que o trazia alvoroçado com o temor de perdê-la, como já havia perdido a espôsa, fôra logo buscá-la ao colégio, levando-a na sua companhia para o repouso da Quinta da Farragosa, onde ela se restabeleceria, entre os arvore-

dos que poetizavam a solidão, os vergeis floridos, os ares salubres, os cuidados de todos os momentos.

Ali encontraria o repouso ambiente, o propício esquecimento de impressões mais vivas e dolorosas, a saúde, a alegria de viver; e, com efeito, passado um mês, Maria Emília, em completa liberdade, saltava, ria, regava as flores, jogava a péla, animava com a sua mocidade encantadora a solitude da vivenda rural, onde o pai, mais abatido de dia para dia, fumava de manhã à noite charutos que acendia uns nos outros, mergulhado na leitura de vélhos livros e mirrando no desamparo que o envolvia.

A Quinta era deliciosa como situação e como estância de descanso. Ocupava todo um vale onde, em certos fins de tarde, os rouxinóis cantavam como os que costumava escutar, nas noites de lua, a Joanninha dos olhos verdes: — e sempre nela havia, com as sombrias aromáticas, a fresquidão consoladora. Um alto e extenso muro circundava-a, vedando-a às curiosidades. Árvores vetustas, com os troncos cobertos de musgo, ramalhavam à aragem; latadas de limoeiros, correndo ao longo das paredes, perfumavam-na no verão com a fragrância das suas florações; a água de rega fugia e brilhava por entre as relvas ou pelas tiras de alfaxe; e, na primavera, o jardim esplendia da pompa nupcial das rosas de trepar, que se enroscavam nos galhos das faias, dos choupos e das tílias, que subiam até às janelas do primeiro andar da habitação, despenhando-se em grinaldas. Para lá do parque, espreiavam-se os terrenos plantados a bacelos que, em setembro, raparigas de cintura airosa e de perna núa vindimavam, ao som de can-

tigas, das trovas de amor da inspiração popular, conduzindo as uvas em fundos cestos de vime aos vastos lagares. Maria Emília cruzava-a em tôdas as direcções, jovial como uma ave. Era a poesia daquele êrmo que nunca mais se movimentára, desde que a mãe lhe morrera, cuspiendo sangue nos arrancos da tosse.

Oh ! antes da morte da mamã, havia convidados, havia visitas, as salas desertas povoavam-se, ressoando de risos, de conversas. Muitas vezes, mesmo, D. Margarida, com as suas magras mãos de longos dedos em que não brilhava uma única jóia, tocava ao piano, admiravelmente, certas páginas maravilhosas de Schubert e de Beethoven, e a música — evocadora e incomparável como arte que nunca se materializa em imagens reais, que é sempre vaga e misteriosa e que só pode ser compreendida por almas subtis e superiores — ganhava na pacificação ambiente um extraordinário, indizível encanto. Nas horas de luar, alvejavam pelo parque vestidos brancos, vultos fugitivos, escutando, no meio das massas de verdura, o *Momento musical* ou a *Appassionata* . . .

Agora, porém, o piano estava esquecido ao seu canto, debaixo duma capa de linho, as páginas musicais compostas pelos incomparáveis poetas que tam profundamente sabem falar aos espíritos doloridos, nunca mais se tornaram a abrir sôbre a estante ; não vinham visitantes que reanimassem a casa, parecendo tam morta como D. Margarida e agasalhando apenas, em vez de amores, um homem triste que vivia de saúdaes e uma pobre criança que não tinha começado a viver,

ignorando ainda, na sua virginal candura, o mundo e os seus conflitos, as suas misérias, as suas tempestades morais. Neste doce isolamento a imagem de Luísa Silveira — a meiga Luízinha que com ela tantos anos convivera — foi-se-lhe amortecendo na memória, e Maria Emília de novo voltou para o colégio, a concluir a educação iniciada ; mas nunca mais se prendeu intensamente a nenhuma das suas companheiras, por temer as amarguras duma separação inevitável.

No último ano de internato, recebeu de Luísa uma longa carta confidencial que lhe produziu no sentimento uma funda excitação. Com efeito, a amiga escrevia-lhe de longe, da vila risonha e campestre onde então vivia, anunciando-lhe que ia casar-se — e existia nas suas palavras um entusiasmo ardente, uma absoluta e ingénua confiança na felicidade. Havia, realmente, na epístola de Luísa, o enlêvo, a alegria dos amores felizes. A paixão dessa rapariga sonhadora era uma aurora, resplandecia de luz e confiança, não existia nela a nota crepuscular do desenlace, que derrama nas almas a tristeza fatal dos inenarráveis desalentos. E como parecia apaixonada ! Tinham-se encontrado, pela primeira vez, em Vila do Conde, durante um claro estio. Luísa estava a banhos de mar, com a família, e a sua beleza aureolava-a. Na praia, de manhã, quando a flor imaterial da luz desabrochava num céu muito azul e tôdas as formas adquiriam nitidez de linhas e relêvo de contornos, ela era, com a sua graça vaporosa de loura, a frescura e a pureza da sua pele, a doçura dos seus olhos, o encanto dos seus vinte anos, uma ideal Musa vestida de fustão branco, tendo na

cabeça um gorro de veludo preto em que ondulava à brisa marinha uma alva pluma. Nos passeios de barco, pelo Ave, ao ascender da lua, com cantigas à desgarrada e guitarras gementes, nos *pic-nics* pelos arredores, nas horas de calor em que as sombras eram inefáveis e consoladoras, nas reuniões em que se dançava, Luísa destacava-se luminosa-mente pela superior sedução da formosura, e sempre atrás dos seus passos de deusa erravam os adoradores. Preferiu a todos Carlos, filho dos viscondes de Tarmagal, que nesse ano concluíra o curso de engenharia e que as severas senhoras com meninas casadouras consideravam um « bom partido », pela fortuna dos pais, pelo esplendor da posição social e pela distinção das maneiras. O laço que os prendeu foi tam forte que logo nos começos do outono, quando as fôlhas se desprendiam dos ramos e a paisagem se amarelava, o visconde de Tarmagal foi pedir, para Carlos, solenemente, a mão de Luísa. Depois, deixaram Vila do Conde, ela começou com a doce tarefa do enxoval — a mais feliz ocupação das noivas. Carlos, que morava a pequena distância, num solar próximo da vivenda de Luísa, via-a diàriamente: e, em horas leves que ligeiramente fugiam, ambos iam tecendo sonhos de sêda e luar.

Ela contava a Maria Emília que já tinham escolhido casa. Ficariam a viver numa quinta do visconde de Tarmagal, onde havia floridos jardins e extensos pomares e onde também corria « como no colégio, a pura água duma fonte ». Venturosa, amando Carlos com um amor em que nunca pousára o desespêro duma desilusão, Luísa confessava a Maria Emília que nada mais queria da vida. « E tu,

ainda no colégio, não é verdade ? — rematava ela. Desejava agora ver-te. Deves estar crescida, menos criança do que quando te conheci. Mais tarde, se teu pai der licença, virás passar comigo algumas semanas, para, juntas, revivermos o nosso tempo passado. Olha que tenho saúdaes ! . . . Mas eu sei lá se poderás vir ! Talvez que o coração te não deixe . . . »

Durante todo o resto do ano, Maria Emília pensou, continuamente, no casamento de Luísa, no seu encanto, na sua satisfação de mulher que, com o amor, conquistava a plena liberdade e a plena independência, que teria uma casa para governar e que jovialmente iria para o futuro, pelo braço dum homem que lhe apaziguava as ansiedades do coração. Como seria êle, êsse Carlos, de quem Luísa lhe falava com exaltação e ternura ? Para que pudesse interessá-la com tanta intensidade, com certeza que se pareceria com êsses moços idealmente belos que encontrava nas estampas coloridas dos romances de complicado enrêdo, devorados à noite, no silêncio do seu quarto, e que sempre tinha escondidos, entre o colchão e o enxergão do leito, para que a directora, muito austera, lhos não sequestrasse.

Nunca deparára na vida os homens que realizavam a aspiração das raparigas adolescentes, porque no colégio apenas entravam o padre capelão e professores de idade, corcovando e com os cabelos todos brancos, e porque na Quinta da Farragosa só havia o António hortelão, cavador espadaúdo e de mãos calejadas, que a tratava por « minha menina », e o escudeiro, o Baptista, que já era vélho no tempo da

mamã. Mas conhecia Luízinha, com ela se apaixonára por um desses namorados de novela que foi a preocupação das suas almas inexperientes e cândidas.

— Um rapaz assim para marido é o meu ideal !
— dissera Luísa, muito còrada e com um brilho de febre nos olhos azúis.

Como se recordava neste momento, dos lances esquecidos e com que fidelidade os reconstituía ! Em certos instantes, refugiando-se na solidão do parque, longe das outras collegiaes, Maria Emília pensava longamente no caso de Luísa, que lhe parecia singular — e o seu peito arfava apressadamente. Um desejo indefinível invadia-a, absorvia-a, causava-lhe prazer e sofrimento. Era uma ânsia indominável de interpretar, pela intuição ou pela intelligência, certas coisas que no mundo julgava nebulosas, em que ninguém até aí lhe falára, mas que ela adivinhava com a argúcia especial do espírito feminino.

Luísa ia casar-se, deixaria os pais pela companhia amorável de Carlos, levariam ambos tardes esquecidas beijando-se de mãos dadas, seria uma senhora, disporia livremente de si, a sua existência deslizaria num perpétuo arroubo ! Então, desfalecida de cansaço, idealizando o romance da amiga que a sobressaltava e fazia estremecer as mais recônditas fibras do seu ser de mulher, Maria Emília desejava veementemente abandonar o colégio para sempre, reentrar na posse do seu destino, conviver, aparecer nas reuniões mundanas, mostrar-se nas ruas das cidades, ir no verão para as praias ou para as termas, ter também adoradores que a cortejassem, que murmurassem louvores à sua passa-

gem, que lhe atirassem gentilmente a linda flor dum madrigal. A sua sentimentalidade mórbida, exacerbada pela leitura doentia de maus livros, desmoralizada por idealismos fora da realidade universal, irritada por uma educação absurda que não procura formar caracteres e alargar os horizontes intelectuais, principiava a debater-se angustiosamente, agitada por bizarros apetites de luxo e de gozo que a clausura do colégio mais excitava. Também ela, como Luísa, queria ter um noivo de quem gostasse, a quem se consagrasse, para quem fôsem todos os seus pensamentos, mesmo os mais indecisos. Exasperava-se na estreiteza em que a sua personalidade se confinava, ambicionando experimentar sensações misteriosas que ignorava mas que nitidamente pressentia, com êsse quinto sentido que, em determinadas organizações nervosas, atinge uma acuidade prodigiosa.

Nela, incessantemente se dava o desequilíbrio do sentimento e da razão, se feria o conflito permanente da realidade e do ideal. Em seguida a estas divagações, recolhia pensativa ao seu quarto, com o olhar amortecido, fatigada, exausta; e então, como era uma crente, orava com fervor, entregava-se a exaltados misticismos para tornar a sua fé mais perfeita e para deparar na religião uma paz de que a sua alma atribulada carecia . . .

Mas, o momento de sair do colégio chegou, por fim — e com que prazer íntimo, com que infinita jovialidade ela preparou as malas, ordenou os livros e as roupas, fez a selecção das suas recordações com antecipação para que no instante entre todos agradável da partida, não houvesse demoras e para que

atrás de si não ficasse o mais fugidio traço da sua passagem por aquele lugar, que fôra uma prisão ! Sentia uma curiosidade voluptuosa em revolvêr, nas gavetas do toucador, os massos de cartas das amigas, atados com fitas de sêda côr de rosa, as flores sêcas, as fôlhas das heras com datas escritas a tinta. Releu algumas dessas cartas e riu-se da infantilidade dos seus dizeres. Como tudo nela havia mudado ! Quanta diferença ! Uma companheira, de quem não tivera mais notícias, escrevera-lhe, durante umas férias, contando-lhe penalizadamente a morte dum canário a que tôdas as manhãs dava gêma de ovo cosido. Uma vez foi encontrá-lo morto, rígido, na gaiola, com as patitas para o ar e o bico aberto. « Não calculas a minha pena e a de minhas irmãs por esta desgraça ! Coitadinho ! Parecia que tinha uma alma, que me conhecia ! Debicava o meu dedo, muito brandamente, para me não magoar, quando lhe levava a comida, e se eu me afastava, desatava a cantar, como a pedir-me que me não retirasse. Ainda hoje choramos por êle. Enterramo-lo a um canto do jardim, num caixão de fôlhas de rosa, fizemos-lhe uns lindos funerais !... » Maria Emília lembrava-se de que outrora, quando recebera esta carta, tinha chorado, impressionada pela calamidade ; e agora, sorrindo, exclamava :

— Muito crianças éramos nós !...

Uma outra condiscípula, a Julinha Pinheiro, irrequieta, viva, que durante as aulas, sentada na sua carteira, estava sempre a desenhar a caricatura da directora, de grandes óculos na ponta do nariz, e que um dia, pilhada nessa brincadeira, fôra severamente repreendida diante de tôdas, também com

ela mantivera uma activa correspondência, em que narrava histórias da cidade, o entrecho das comédias que via representar nos teatros onde ia com o pai, namoros das estâncias balneares onde passava o verão, quando o colégio fechava.

Maria Emília rasgou, queimou sôbre o peitoril da janela a abundante epistolografia, soprando as cinzas arrefecidas para o pátio e reservando apenas as cartas mais sérias de Luízinha, que levava consigo para a Farragosa, porque essa era, na verdade, para ela a amiga inolvidável. Enfim, uma tarde, parava à porta do colégio uma carruagem com o pai e com o António hortelão, que viera na boleia, ao lado do cocheiro e que ajudou a transportar as malas de Maria Emília, carregando-as às costas e conduzindo-as, arquejando, para a carro: e ela correu logo a despedir-se da directora, que a abraçou lacrimojando, e das outras colegiais que a fitavam com tristeza, invejando-lhe a sorte e pensando também no dia em que se evadiriam dali, para as alegrias da vida, do amor, da sociedade.

Nessa mesma noite, chegou à Quinta da Farragosa, contundida pelos solavancos da viagem, mas com uma felicidade nova no coração. E com que regalo, com que suavidade, com que delícia dormira o suspirado sono da libertação! Deitára-se sem que a alvoroçassem os cuidados de ter de levantar-se ao raiar da luz matinal, para se lavar, para se vestir, para iniciar os seus trabalhos de escolar: — os temas de francês e de inglês, a conversação com professoras estrangeiras, o piano, as matemáticas, a história natural, tôda uma vasta sciência que ela ia esquecer aprazivelmente na Quinta, onde queria

apenas devotar-se às suas flores, aos seus vestidos, às suas leituras sentimentais, às suas aves domésticas, aos seus passeios entre as árvores, à veneração pura do papá. Nunca mais teria de almoçar, de jantar, de tomar o chá, de adormecer, ao toque de sinetas, nunca ninguém mais mandaria na sua vontade, inspiraria os seus actos, conduziria os seus desígnios. Como esta liberdade era afável para o seu espírito !

Logo no dia seguinte, ao despertar do seu sono virginal, assomou apressadamente à janela de sacada, espreitando a Quinta por detrás das vidraças e recebendo em cheio, no rosto, a saudação da luz. Ouvia o canto dos pássaros pelas espessuras do arvoredor, o « tling-ling » da bica de água caíndo no tanque, contemplava o píncaro dos montes que se elevavam muito para além do parque, projectando a sua massa azulada, que uma neblina adoçava, contra um fundo que o sol nascente abrasava de fogo. E a serenidade era completa. De fóra, não chegava um grito mais vibrante, um ruído, um tumulto. Mentalmente, comparava a pacificação da sua vivenda rural com o colégio, que acabava de deixar na cidade, cheio do barulho das conversas na rua, dos móveis arrastados, dos carros rolando com estrépito nas pedras da calçada. O silêncio envolvente era-lhe grato, condizia finamente com o seu estado de alma, parecia-lhe que a sua existência se esclarecera de repente, que aos seus olhos se iluminavam tôdas as obscuridades, que as incertezas da sua individualidade de mulher se haviam dissipado. Experimentava um alívio indizível.

Espreguçando-se com indolência, deu alguns

passos com os pés nús sôbre o tapête, parou, enlevada, a contemplar o seu quarto, forrado de papel branco com flores azúis, mobilado também de branco. O leito, pequenino e recatado, escondia-se entre cortinados de alva cassa que o tornavam vaporoso e mais faziam ressaltar a sua virgindade. Na porta do guarda-vestidos, que era de espêlho, a luz que entrava, fresca e vitalizadora, pela vidraça, acendia faíscas, relâmpagos. Maria Emília, encantada, sorria . . .

Depois, vestiu-se vagarosamente, pondo um grande escrúpulo na *toilette*, abriu as janelas para que o ar balsâmico circulasse sem obstáculos, curvou-se à varanda, cantarolando, e como avistasse o pai, que já andava, sempre apreensivo e triste, pela quinta, foi dar-lhe, com um beijo casto, os bons dias. Corria uma dessas manhãs varonis, vibrantes, gloriosas. Neste cenário, a beleza de Maria Emília adquiria maior encanto.

— Então, não estranhaste a mudança, minha filha ? — inquiriu o pai, passando-lhe um braço à volta do pescoço.

— Oh ! papá ! . . . Estranhei . . . Mas, estranhei para melhor.

— Dormiste ?

— Magnificamente ! Levei tôda a noite dum sono. Está-se aqui tam bem ! — afirmou ela.

¶ O magistrado encarava-a com olhos enternecidos, recompondo na imaginação e na saúde, pelo seu vulto de adolescente, um outro vulto que fôra o seu enlêvo antigo.

— Se soubesses como a tua falta era dolorosa para mim ! — disse êle.

— Mas, porque não me foi buscar há mais tempo ?

— Era preciso êsse sacrifício. Seria um grande egoísmo da minha parte que eu pusesse o gozo de ter-te na minha companhia acima da tua educação.

Passearam, vagarosamente, pelos arruamentos, ao lado um do outro, sob as árvores sonoras que havia meio século erguiam ninhos inocentes nos seus ramos e davam sombra. Ao fundo, no terreno a horta e a pomar, o António hortelão cavava e assobiava.

— Agora jàmais me deixarás, não é assim ?

— Não queria deixá-lo nunca.

— Eu, minha filha, não tenho mais ninguém no mundo . . . Tu, ainda tens tua avó . . .

— É verdade, papá, e como está a avó Vicência ?

— Boa. Ainda ontem recebi carta dela . . . Promete-te uma visita para breve.

— Coitada da avózinha ! Sou tam amiga dela !

Sentaram-se debaixo das tílias, num banco de cortiça. Uma fragrância capitosa evolada das cores embalsamava a atmosfera. Ao sol, zumbiam abelhas.

— Mas, não te aborrecerás desta solidão, desta melancolia ?

— Eu, papá ? Ora essa ! . . .

— És nova, gostarias talvez mais das cidades, do convívio, da vida ruidosa. E olha que tenho pensado muito nisso, minha filha ! Realmente, dói-me que estejas quási sequestrada, sem diversões, sem falares com as tuas amigas . . . Mas eu

não posso ! . . . Não posso sair daqui . . . Não sei como há-de ser e não queria, na verdade, que me abandonasses no meu destêrro — murmurou êle, com voz dorida.

— Se eu nada peço ! . . . — respondeu Maria Emília.

E abraçando-se ao pai, que tinha os olhos rasos de água, beijou-o de novo na face, na testa, nas mãos, com infinita meiguice.

— A minha filha, pobre dela ! . . . — murmurou, comovido. Se ainda tivesses mãe, se Deus não ta houvesse levado tam cedo, serias mais feliz. Só as mães sabem falar com eloqüência à alma das filhas . . .

— E os pais também.

— Não, não . . .

— Porque não ? — perguntou.

Êle não respondeu, fixando-a demoradamente e com affecto. Os seus lábios tremiam um pouco, sob o bigode branco ; pela sua face cortada de rugas escorregou com lentidão uma lágrima.

— Porque não ? — insistia Maria Emília, afaçando-o.

— Porque Deus não deu aos pais a delicadeza, a piedade, a subtilidade de sentir que deu às mães, minha filha.

O Baptista, com a sua quinzena branca, o seu laço branco esplendendo no peitilho da camisa, a cara tôda barbeada de fresco, veio dizer à menina e ao senhor doutor que o almoço estava na mesa.

— Vamos, pois, almoçar, Maria ! — acudiu o pai, levantando-se e enxugando os olhos ao lenço. Não tens appetite ? . . . Não ? . . .

— Um enorme apetite. É destes ares . . .

— É que, naturalmente, no colégio, as horas das refeições eram diferentes.

— Ora, senhor doutor — interrompeu Baptista com a familiaridade de longos anos de serviço — come-se sempre quando há vontade. E então quando se é moço, como a nossa menina, o apetite nunca falta.

— Dizes bem, Baptista! — apoiou o magistrado. Tu é que falas verdade! . . .

Os primeiros tempos passados na Quinta da Farragosa foram encantadores para Maria Emília, que achava um fino sabor ao viver simples na companhia do pai, na beleza da paisagem, na solidude que tanto concordava com o seu romantismo e com a vivacidade da sua imaginação. Sentia-se mais leve, mais ágil, respirava melhor, estava mais forte e com melhores côres. O Baptista, lisonjeando-a, costumava dizer-lhe, à mesa :

— A menina até parece que ressuscitou. Está mais linda !

— Porquê, Baptista ? — interrogava o magistrado.

— Crédo, meu senhor ! Quando ela aqui chegou, vinha branca como um papel, sem pinta de sangue no rosto. Agora, é esta graça que se vê.

Maria Emília sorria, enlevada nas gentilezas do vélho servo.

— Talvez não seja assim ? . . . Está aqui o senhor doutor. É mais sábio do que eu, mais entendido. Poderá dizer as coisas como elas são.

— Com efeito ! . . . — atalhava êle. Parece-me que o Baptista tem razão.

— Isso, lá na cidade, meu senhor, as meninas são plantas de estufa, andam magrinhas, amarelinhas, não prestam para nada. Tremem maleitas. Bons ares é o que se quer. E quer-se aldeia, para a saúdezinha, para se comer melhor. Só na aldeia é que estas flores se dão.

— Ó Baptista, tu estás a falar muito bem ! — acudia Maria Emília, risonha.

— Pudera ! Se lhe quero tanto ! . . . Olhe que já estava cá em casa quando a menina nasceu, e trouxe-a muitas vezes ao colo, quando fazia perrices . . .

— Eu fazia, então, muitas perrices, Baptista ?

— Muitas, não. Assim . . . assim . . . Mas sempre dava cada grito ! E era capaz de chorar uma hora seguida. Não é verdade, senhor doutor ?

— Sim ! A Maria, em criança, era muito má ! — respondia o magistrado, tocando na face da filha com a ponta dos dedos.

— Má, coitadinha ! . . . Não era, deixe falar ! Adormecia-me no ombro como um passarinho.

Quando se levantavam da mesa, Maria Emília ia para o seu quarto, enquanto o pai se fechava no escritório, folheando, meditando êsses livros que o traziam « em bolandas » — como o Baptista segredava à filha ; e durante horas seguidas, ela entregava-se tôda ao cuidado de arrumar as suas coisas, de renovar as flores — que o António hortelão de manhã colhia nos canteiros, ainda orvalhadas — nas jarras de porcelana, nos solitários de cristal. Uma vez por outra, entrava no salão,

sentava-se ao piano, tocava alguma página preferida ou baixava ao pátio, onde ficavam as extensas capoeiras, atirando regaçadas de milho às galinhas e aos patos, rindo-se em altas gargalhadas ao ver correr as aves. A Brásia, a cozinheira, acudia de mãos nas ilhargas, pachorrenta e gorda, rindo-se também e remirando-se na mocidade e na beleza da menina «que era uma perfeição, uma pintura», como dizia ao Baptista.

Em certos instantes, Maria Emília era invadida por uma inexprimível tristeza. Voltavam a perturbá-la pensamentos que não sabia coordenar, ansiedades, vagos desejos, aspirações — e parecia-lhe então que a sua existência, longe de tôdas as paixões humanas, naquele isolamento de que apenas a sombra do pai quebrava a monotonia, sem nada conhecer da vida, nem contentamentos nem amarguras — era, na realidade, infeliz. Recordava-se com mais saúde de Luísa, já casada, já independente, que continuava a escrever-lhe, entoando hinos à sua ventura e perguntando-lhe se ela não amava nenhum homem, se não tinha noivo ainda. Amar um homem! Para ela, para a sua ignorância, tais palavras não possuíam uma significação concreta. A Farragosa era um destêrro, ficava longe de todos os centros de população, a uma légua de distância da aldeia habitada por cavadores e jornaleiros, gente pobre, onde o António hortelão tinha a mulher e os filhos. Ninguém ali vinha a não ser a avó, uma vez por outra e quasi sempre de fugida. Demorava-se apenas dois ou três dias e logo começava a suspirar pelo conforto, pelo aconchêgo da sua casa da cidade, a

que se habituára e de que não queria saír. Um dia, falára em levar Maria Emília com ela; a passar uns meses : mas logo o pai, que nada dissera, se levantou soluçando, mais abatido e mais pálido.

— Eu não vou, papá. Sossegue. Sou muito amiga da avó, mas não vou — acudiu Maria.

— Vai, filha. Precisas. Chegaste a uma idade em que hás-de gostar de divertir-te . . . Estou costumado à solidão. Não te preocupes comigo.

— Não vou, não vou. A avózinha desculpa ! . . .

Por fim, fôra D. Vicência que espontâneamente murmurou, disfarçando :

— Eu disse isto por dizer. Era até para saber se a Maria era tua amiga ! Não me compreenderam . . .

— Mas, mamã, eu sou o primeiro a concordar. A Maria deve ir, coitada ! Tam só, aqui neste deserto . . .

— Ora — atalhou Maria Emília. Tenho eu lá coração para me afastar do papá !

O magistrado beijou-a com reconhecimento, exclamando :

— Pois, então não vás, não te afastes . . . É uma delicadeza que te agradeço vivamente.

E agora, na Farragosa, quebrado o encanto dos primeiros dias em que voltára do colégio, evocando a felicidade de Luísa com o marido, no enlêvo dos convívios mundanos, ela julgava que teria de permanecer ali encerrada, para que o pai, tam atribulado, não fôsse pungido por um desgosto que aumentasse a sua dôr.

Nada lhe faltava, certamente. Era amimada

como uma criança, rodeavam-na de carinho, nenhuma vontade pesava tirânicamente sôbre a sua vontade; mas uma voz secreta dizia-lhe que a sua ventura não era completa, e pensava, realmente, num dêsses homens idealizados que lhe trouxesse alguma alegria ao coração ansioso!... Impacientava-se, escolhia na sua pequenina biblioteca um livro que a tranqüilizasse — quási sempre a *Legenda dourada*, de Voragine, e refugiava-se na paz imensa do parque, procurando as deleitosas penumbras, a ler as vidas dos santos em que o seu misticismo de virgem mais se afervorava. Em muitas ocasiões, porém, a leitura era-lhe insupportável. Sentava-se à varanda com a mão encostada à face e passava longos momentos abismada num scismar contínuo, olhando a paisagem sem a ver, abandonando-se a uma lassitude que lhe tirava tôda a energia. Uma surda irritação subia do fundo do seu ser. Tinha desejos de chorar e fazia esforços para reprimir as lágrimas. Analizando-se, observava nela caprichos inexplicáveis que a atormentavam continuamente; sentia raivas, desesperos íntimos, revolviam-na perversidades repentinas, era acometida pelo desejo de fazer mal a alguém; e só conseguia sossegar, desafogando pela prece a inquietação interior.



VIII

Durante dois fastidiosos, arrastados meses, Maria Emília viveu, sempre enclaustrada na quinta, a existência monótona de todos os dias. Naturalmente vivaz e expansiva, a ausência das relações de sociabilidade fazia-a sofrer, aborrecendo-a, enervando-a; e, em certos instantes, surpreendia-se a ter saüdades do colégio, das amigas que lá deixára e que a esqueceram, da clara e fria fonte escondida entre folhagens onde, nas tardes quentes, as colegiais mergulhavam, rindo, as mãos côr de rosa. A vida livre que idealizára, em horas de mais doce scismar, fôra para ela uma decepção. Na Farragosa, com efeito, era independente, não estava submetida à tirania das lições, dos toques de sineta, das ordens de ninguém; mas não tinha com quem comunicar, com quem desabafar e trocar impressões, a não ser com Baptis-

ta, velho escudeiro, com a cozinheira, com o António hortelão — porque o pai, que tanto a amava, recaíra no seu abatimento, procurando a solidude, o isolamento completo, para melhor continuar um diálogo de amor e de ternura que nem o sepulcro pudéra interromper. O magistrado não suportava nada que o desviasse do seu sonho, do encanto espiritual das suas meditações. A recordação de D. Margarida morta transformára-se para êle num fecundo motivo de emoção e de inspirações ; e para mais intensamente ressuscitar na imaginação uma figura desaparecida, passava os dias encerrado no escritório, vendo em muitos dias a filha apenas ao almoço e ao jantar. Nesses tristes tempos de clausura, só duas vezes Maria Emília fôra, com o pai, assistir às festas familiares do aniversário de D. Vicência : mas, a cidade era odiosa ao taciturno magistrado, com o seu ruído permanente, a sua vasta agitação, as suas ocultas tragédias, as suas mentiras sociais, e em vão D. Vicência — que o venerava pela constância e pela devoção consagrada à memória da pobre filha — procurava retê-lo em casa, queixando-se do abandono em que todos a deixavam com a velhice e os achaques. Cumprido o dever a que se considerava obrigado, logo apressadamente partia para a quinta, a lembrar-se ou a esquecer.

— Como te dás na Farragosa, menina ? — perguntára D. Vicência à neta, numa destas ocasiões.

— Dou-me bem, avó. Pois como havia de dar-me ? — respondia Maria Emília.

— Mas, talvez gostasses mais de viver na cidade, não é assim ?

— Gostava, isso gostava !... A quinta é tam deserta, não há com quem conversar, não há divertimentos !...

Maria Emília contava então dezanove anos ; a sua beleza, inteiramente formada, resplandecia, era um dêsses admiráveis tipos femininos que raramente a natureza se compraz em lançar entre as multidões incaracterísticas, para que iluminem, para que encantem e para que inspirem a modelação plástica das raças futuras. Seu tio Alberto, irmão mais vélho de D. Margarida, que era médico e que outrora, no esplendor da mocidade, fizera versos e lêra Balzac, chamava-lhe galantemente o *Lírio do Vale* ; e a avó, pensando na dolorosa sorte desta maravilhosa flor condenada, por egoísmo ou por loucura paterna, a um exílio perpétuo, entre árvores e entre montes escavados, longe de tôda a actividade consciente e de todos os interêsses humanos, entendia que Maria Emília não devia ficar eternamente sequestrada à alegria, ao amor, à missão para que fôra marcada pela misteriosa mão do destino. Para a neta, o casamento seria a redenção. Com êle, as pesadas portas do seu cárcere abrir-se-iam amplamente para a doce felicidade de que era merecedora, pela graça, pela pureza, pela bondade, pelos soberanos dons do espírito. Onde estaria, porém, o homem que verdadeiramente a amasse e que lúcidamente a compreendesse ? D. Vi-cência esperava encontrá-lo ; mas, primeiro que tudo, era necessário consultar o genro, cautelosamente, para que êle se não melindrasse, obter o consentimento essencial para que Maria Emília passasse mais tempo na cidade do que nas solidões

rurais, convivendo, mostrando-se, frequentando as festas mundanas.

Uma tarde, na Farragosa, onde então se encontrava, aproveitando uma curta ausência de Maria Emília, aflorou levemente a questão, com grandes rodeios. A timidez punha-lhe uma tremura na voz, que vacilava, que hesitava. Uma filha de Alberto, prima de Maria Emília, ia casar. D. Vicência não quis perder o ensejo, e falou nesse casamento ao genro que ainda se conservava à mesa do jantar, pensativo e abatido.

— É uma ligação de sentimento e de conveniência. Ele tem uma boa situação, é um excelente rapaz, creio que a fará feliz.

— E Alberto está contente ?

— Sem dúvida. Todos os pais precisam de pensar um pouco no futuro das filhas . . .

O magistrado, acendendo um charuto e atirando o fósforo queimado para o cinzeiro, esteve um momento silencioso e de olhos baixos, raspando com a unha maquinalmente o pano que cobria a mesa. Volvido algum tempo, murmurou, espaçando as palavras :

— Eu, sobre o casamento, tenho idéas um pouco diferentes das da maior parte das pessoas.

— Diferentes, como ? . . . — interrogou D. Vicência, interessada.

— Julgo que é bem triste que os pais andem durante longos anos a criar uma filha, com todo o carinho, todos os cuidados, tôdas as ternuras, para mais tarde a entregarem ao primeiro intruso que surja, apeteendo a sua formosura, a sua inocência, a frescura da sua mocidade, a primavera sagrada do seu corpo.

— Eis aí uma curiosa teoria ! . . . — atalhou D. Vicência.

— Não lhe parece isto horrível, mamã ? Quem nos diz a nós que êsse intruso conduzirá pelo suave caminho da ventura a ingénua mulher que lhe confiarem ? Que garantias de seriedade, de honestidade, de correcção de hábitos e de carácter nos dará êle ? Nem sequer o conhecemos exteriormente, quanto mais na sua psicologia ! A confiante rapariga que o aceite por marido, iludida pelo ludíbrio dos sentidos, levada quási sempre por impressões que nem ela própria será capaz de definir, resumindo-as num sagaz juízo crítico, também o não conhece, na maior parte dos casos. E aqui está porque muitos casamentos são uma fonte de infortúnios ! . . .

O viúvo falava pausadamente, meditando as palavras, acentuando com intenção certas passagens dos seus dizeres.

— Por essa forma, então, nenhuma rapariga casaria . . . — disse D. Vicência.

— Oh ! nem todos pensam como eu.

— Mas o casamento, a união de dois seres, não é uma lei natural ? Tu mesmo casaste e eu nunca me arrependi de ter-te dado a mão de minha infeliz filha.

— É verdade, mamã. Também eu casei ! . . . Mas, então raciocinava como namorado e hoje raciocino como pai e como homem que a desgraça tem ferido rudemente ! . . .

— Segue-se, portanto, que se amanhã Maria Emília encontrasse um rapaz que a amasse, que tivesse boas qualidades, que ela amasse também, tu te insurgias, muito embora a fizesses sofrer, não é verdade ?

— Se isso acontecesse, seria uma calamidade mais para mim, que estou costumado a experimentar tantas. Em todo o caso . . .

Conteve-se, com medo de ir mais longe do que desejava. Por instantes, esteve quebrando a cinza do charuto no bôrd do cinzeiro, enquanto D. Vincência, cruzando as mãos sôbre a mesa, o olhava com uma insistência de quem pretendesse adivinhar sentimentos que se não revelavam.

— Em todo o caso — concluiu o magistrado — faria os maiores esforços para evitar dores a minha filha. Mas, esta transigência, mamã, não significaria a capitulação dos meus modos de ver. E peço mesmo a Deus que a hipótese apresentada pela mamã se não transmude numa realidade . . .

O crepúsculo baixava. Uma sombra incerta começava a invadir o compartimento, atenuando a dureza de linhas do mobiliário. Um sino, muito ao longe, tocava as Avé-Marias, e em baixo, no jardim, Maria Emília brincava com o *fox-terrier*, o *Joli* — já velho e guloso — rindo às gargalhadas. Baptista trouxe um candieiro, que dourou de luz a sedosa penumbra da sala.

— Há tam poucos seres sinceros, mamã! Há tam poucas almas em quem se possa confiar cegamente! Eu penso que os homens se dividem em duas categorias: — os de temperamento frio, os que vivem mais pela razão do que pelo coração, e os emotivos. Estes últimos, a que certamente pertenco, carecem de ter à sua volta affectos inquebrantáveis e podem, realmente, tornar feliz uma mulher, desde que entre os dois se estabeleça uma unidade moral perfeita. Os outros são refractá-

rios a tais comoções e dum egoísmo que os conduz a não sacrificarem, mesmo às espôsas, a menor parcela do seu gôzo próprio, da sua comodidade. Deus me livre que Maria Emília, se tiver de casar-se, se apaixone por um dêstes homens, porque, sensível como é, será enormemente desgraçada.

— Tu pensas demasiadamente, reflectes mais do que deves. É da solidude em que vives. A existência tem mais espontaneidade do que as nossas opiniões, artificiais a maior parte das vezes. Quem se isola como tu, habitua-se fàcilmente ao gôsto das coisas amargas — interrompeu D. Vicência, para contrariá-lo e advogar a causa da neta.

No fundo, porém, ela achava-lhe razão. Notava, sobretudo, que o genro não perdera, mesmo na tristeza, a intelligência e o bom senso que sempre nele admirára desde que o conhecera.

— Amargura seria que Maria Emília me trocasse por um apaixonado qualquer que lhe apparecesse, que me deixasse aqui sòzinho, sem afeições, sem alegrias, vivendo da memória inefável dos mortos que são a minha amorável companhia, para seguir jovialmente um desconhecido, enquanto o pai, que a criou com o maior amor, que nela pôs tôda a sua esperança, que vive ainda porque ela vive, fôsse esquecido sem piedade...

— O Evangelho diz : — « Por teu marido, deixarás pai e mãe ».

— Eu sou um crente, mamã : mas não posso conformar-me, nesse ponto, com o Evangelho. No entanto, reconheço a minha imperfeição e os meus defeitos...

D. Vicência não insistiu. Seria inútil tentar

convencer o genro, que na sua negativa apenas oferecia uma resistência passiva: e seria também crueldade levá-lo a aceitar, sem reacções e sem protestos, a perda de Maria Emília que representava tudo quanto, na vida afectiva, êle salvára da morte. O que tivesse de succeder fatalmente succederia, porque as fôrças humanas são impotentes para paralisar as fôrças transcendentales.

Saíra da Farragosa com a certeza de que o magistrado por todos os processos contrariaria o casamento da filha: mas ela estava nova, podia esperar, tinha diante de si um largo futuro . . .

Logo no inverno dêsse ano sobreveio um acontecimento inesperado que exerceu influencia decisiva sôbre a sorte de Maria Emília. Com effeito, o pai, que uma tarde, iludido pela serenidade do tempo, se demorára até ao cerrar da noite sob os arvoredos da quinta, recolheu ao seu quarto com arrepios de frio, queixando-se duma pontada no lado esquerdo do peito. Na manhã seguinte, ardia em febre, e o médico, chamado urgentemente, diagnosticou uma pleurisia grave. Daí a três dias, o magistrado morria quási sem padecimento, apagando-se como uma luz a que tivesse faltado o óleo, e o seu corpo era removido para o Pôrto, num caixão de madeira forrado de chumbo, para que perpétuamente repousasse junto do da espôsa, de quem só transitòriamente se separára. A casa da quinta da Farragosa fechou. Os criados, chorando pelo bom senhor que durante tantos anos serviram, dispersaram. Só ficou o António hortelão, para que os silvados e o mato se não apoderassem dum terreno fértil que andava a horta e a flores. Maria

Emília, vestida de luto, com os olhos vermelhos de lágrimas, fôra para casa da avó, na cidade, iniciando-se então verdadeiramente a sua vida nova.

Os primeiros tempos foram bem ásperos para a sua sensibilidade. Na recordação da órfã, já havia a nota fúnebre de dois cadáveres. Um, o da mãe, diluía-se-lhe na imaginação, se pretendia evocá-lo. Mal a tinha conhecido. Os anos apagaram-lha na memória, com a sua opaca sombra. Mas o do pai, que lhe fugira à adoração, excitava-lhe o sofrimento e angustia-lhe a saúde. Relembrava certos episódios das horas plácidas com êle vividas, os seus êxtases ao contemplá-la, o geito brando com que a abraçava, beijando-a levemente na fronte, afagando-a como se ela ainda fôsse pequenina; evocava a tremura da sua voz quando lhe falava na mãe, o calor do seu affecto por ela . . . O pranto sufocava-a; e, nestes momentos, julgava que a sua felicidade ficára para sempre sepultada na Farragosa. Uma tristeza penetrante invadira-a; e desejava agora, vivamente, voltar à quinta, encerrar-se lá para sempre com o fantasma bem amado do pai, consagrar-se tôda ao culto dessa memória venerável, esquecer o mundo e os seus espectáculos.

Observando-se, parecia-lhe que no seu sentimento existia uma contradição permanente, um capricho que a torturava, descontentando-a com tudo o que possuía. Efectivamente, no colégio, aspirava a viver na Farragosa, em completa liberdade, com o pai, com os livros, o piano, as músicas, as caixas de tintas, as aguarelas; na quinta, alvorocava-a a vontade de viver na cidade, satisfazendo os seus appetites de luxo, inerentes

à vaidade feminina, encantando os homens com a sua beleza, provocando um côro de saudações à sua passagem; e chegada, enfim, ao Pôrto, imediatamente a inquietação a oprimia, obrigando-a a pensar na elevação moral dos renunciamentos, na poesia do silêncio, na doçura dum recolhimento que nenhuma curiosidade humana violasse! Era uma insatisfeita eterna e a si mesmo perguntava se nestas aspirações antagónicas não haveria uma pontinha de desequilíbrio.

Durante o luto, pouco saía. Apenas acompanhava a avó à missa dos domingos — nas suas roupagens pretas que tanto realce lhe imprimiam à brancura da carnção esplêndida e aos cabelos dum negro azulado — dons que fizeram com que Gil Mendes, poeta lírico, a comparasse, num poema célebre entre a mocidade literária, a uma das nove Musas, noiva espiritual de Apolo — e a casa de senhoras vélhas e religiosas, que lhe louvavam a seriedade e o propósito, dizendo-lhe que desconfiasse dos homens que quisessem cortejá-la, porque o «mundo estava perdido» desde que a fé dêle fôra banida. Em certos dias iam também jantar, ela e D. Vicência, umas vezes a casa do tio Alberto, que achava mais alvura e mais graça ao lindo *Lírio do Vale*, outras vezes, a casa da filha, da prima Eugénia, já casada com Teles Antunes, filho do capitalista Teles Antunes, que enriquecera no Brasil, negociando em borracha, e que agora pacificamente engordava no seu palacete da Avenida da Boavista, consultando todos os dias os câmbios e dirigindo severas objurgatórias à política brasileira. Maria Emília notava, então, que o primo Antunes, um

moço sentimental de bigodinho alourado *en brosse* e uma face còrada e magra, reparava muito nela, se embevecia na radiação da sua formosura, lhe seguia dòcilmente os passos através dos corredores tapetados e por ela manifestava deferências que lhe desagradavam. A princípio, não compreendeu esta muda e constante contemplação, que lhe aborrecia, vindo dum homem que só lhe merecia segretos desdens, pela estreiteza da inteligência e pela fatuidade. E lamentava mesmo a pobre Eugénia, tam viva, tam encantadora pelo espírito, para sempre ligada a um marido banal, incapaz de compreender-lhe a superioridade das virtudes mentais e a elevação dos dons morais.

— Que espécie de interêsse encontrou minha prima nesta criatura ? O do dinheiro ? Oh ! mas o dinheiro tem uma representação tam pequena na felicidade ! . . . — monologava ela.

Mais tarde, porém, as suas dúvidas dissiparam-se. Certo dia, ao jantar, a avó aludiu ao divórcio duma senhora das suas relações, caso contado pelos jornais e que constituía o grande escândalo do momento. D. Vicência condenava com palavras austeras uma lei que, no seu entender, apenas contribuíra para mais desorganizar a família, já tam desorganizada ; e foi então que Teles Antunes interveio, exclamando :

— Parece-me que a avó não tem tóda a razão.

— Não tenho razão ? Ora essa ! . . . Achas então muito decente . . .

— Eu creio que essa lei será verdadeiramente libertadora para alguns casados que se não dêem bem. Ainda outro dia o dr. Silvério, meu amigo,

que está a fazer uma notável carreira nos tribunais, assim o disse numa roda em que eu estava . . .

D. Vicência pousou o talher, ageitou os óculos de aro de ouro no nariz, e muito irritada :

— E que me importa a mim o que diz o dr. Silvério, teu amigo ? Eu não andei em Coímbra, nada sei dessas coisas que lá se aprendem, mas nem por isso deixarei de sustentar que a lei é imoral . . . Tam imoral que permite dêstes factos . . .

Pegando outra vez na faca e no garfo, para comer a asa de frango que tinha no prato, D. Vicência contou o caso estupendo de haver homens que se divorciavam para novamente se consorciarem.

— Já há alguns casados duas vezes e em vésperas de terceiro casamento.

— Mas, avó, o que haviam de fazer então dois cônjuges com génios incompatíveis, que não pudessem viver juntos ? — perguntou Teles Antunes triunfante.

— Que fizessem o que lhes apetecesse ! Que fôsem mesmo cada um para o seu lado, menos para outro consórcio ! — atalhou ela.

— Não poderiam, pois, ser felizes daí em diante os que se separassem. Porque é o que diz o doutor Silvério, meu amigo . . .

E voltando-se para Maria Emília, que sorria do calor que a avó punha na discussão :

— Não é verdade, prima, que todo o homem casado que não encontre o seu ideal na mulher com quem se unir, tem o direito de procurar a sua felicidade em outro casamento ? . . . Diga ! a prima é inteligente, conhece as coisas. Qual é a sua opinião ?

Maria Emília fitou-o um instante desdenhosamente e murmurou :

— Eu não tenho opiniões sôbre êsses assuntos...

— Ah ! Então a prima !... — gaguejou Teles Antunes.

— Em todo o caso — continuou ela, sublinhando as frases — considero que tôda a mulher solteira, que aceita por marido um homem divorciado, é ainda menos digna do que êle. Porque êsse homem, inconsistente, vago de sentimentos, não lhe oferecerá a mínima garantia de ventura. Pelo menos, levará para o novo lar, em vez duma certeza tranquilizadora, uma dúvida constante. Eis como eu penso.

Teles Antunes, acabrunhado, baixou o rosto pálido sôbre o prato e não a tornou a olhar mais em tôda a noite ; D. Vicência, desvanecida e orgulhosa com a neta, louvou-a calorosamente, exclamando :

— E assim pensa tôda a gente de bem, minha filha !

O tio Alberto, que durante a controvérsia se conservára calado, enchendo um cálice de vinho do Pôrto, fez uma saúde entusiástica e madrigalesca ao *Lírio do Vale*, que «à formosura de Diana aliava a sabedoria de Minerva». Só Eugénia, enlevada no marido, não compreendia o motivo porque todos se insurgiam contra êle, parecendo-lhe, intimamente, que Teles Antunes estava na verdade e que os seus contraditores flutuavam no êrro. Não lhe escapára mesmo a secura, a irritação surda e nervosa das palavras da prima Maria Emília, agora confusa

pelos aplausos que em seu louvor ainda se ouviam e que para ela iam subindo como o fumo dum incenso votivo. Còrava aos elogios do tio Alberto ; e o perfil da sua fronte pura, sob a auréola dos cabelos que mais negrejavam à luz do gás, desenhava-se limpidamente numa zona que dir-se-ia feita de âmbar líquido . . .

O luto findou e as tristezas de Maria Emília fundiram-se como os ténues nevoeiros numa tépida manhã de sol. Passou então a conviver mais frequentemente com as famílias que visitavam a avó, a alegria ressurgia na sua alma, iluminando-lhe mais a beleza : e as impressões dolorosas dos anos findos a pouco e pouco se lhe apaziguaram no coração inquieto. Nos meses de calor, ela e D. Vicência trocavam as atmosferas sufocantes, esbraseadas, da cidade pelas amplidões salubres e tónicas da beira-mar, preferindo alguma dessas pacíficas estâncias de silenciosas casarias aninhadas no meio de pinheirais umbrosos e de dunas douradas, adormecendo ao embalo cadenciado das ondas. Nos casinos onde se dançava, nos *pic-nics*, com ingénuos *flirts*, nos chás das cinco horas na praia, no afago da sombra dos toldes em que as porcelanas reluziam como esmaltes, Maria Emília dava sempre a nota atraente da sua rara elegância de tam flexíveis linhas, de tanto ritmo e de tanta harmonia, e para ela se elevavam ternamente os olhos dos homens. De tempos a tempos, absorvia-a um forte desejo de solidão, e o seu capricho, o seu mal imaginário voltavam a perturbá-la, dando-lhe asas à fantasia, fazendo-a pensar em coisas absurdas, muito longe de tôda a realidade.

Então, escolhia um livro, pegava no guarda-sol de sêda clara e ia sentar-se nos rochedos que as vagas, em certos momentos, cobriam da renda frágil e alva das espumas. A crueza da luz feria-lhe a retina, toldava-lhe a vista de scintilações que a estonteavam; mas, no banho flúido que a envolvia de claridade havia o encanto duma pacificação incomparável, parecendo descer levemente sôbre o vácuo da vida. A água ondulante e marulhosa resplandecia até aos últimos planos do horisonte, entoando um salmo religioso, profundo e solene. Por vezes, a mancha duma vela branca surdia entre o azul do céu e o verde marinho, acordando o prazer das longas viagens para distantes países, para outros continentes, onde uma outra humanidade activamente lidasse na busca alucinante da riqueza. E Maria Emília, seduzida por êste espectáculo sempre movimentado e novo em que a monotonia é impossível, demorava-se sôbre as rochas quási gregas pela linha e pela côr, até ao baixar do crepúsculo, para contemplar o oceano ardendo debaixo da fogueira maravilhosa do sol no ocaso. Nestes instantes, despertavam nela estranhas emoções. Sob a forma de sentimentos vagos, indefinidos, perpassavam-lhe na imaginação os longínquos episódios dos alvorescentes anos da sua adolescência. Uma ansiedade, que não podia precisar, alvoroçava-a. Esperava, com exaltação, um facto inédito, um acontecimento decisivo que lhe enchesse a existência, uma paixão que a dominasse: e tanto se concentrava, tanto se recolhia, tanto sonhava e idealizava essa paixão indecifrável, que já a sentia crescer, aumentar, dentro do coração quimêricamen-

te, para além de todos os limites. Sob a influência poderosa destas sensações, Maria Emília experimentava conjuntamente sofrimento e gôzo . . .

O facto inédito e impientemente desejado chegou com o amor — e êsse amor teve para Maria Emília o enlêvo místico duma visitaçào divina e profética, revelando-lhe misteriosas faculdades de sentir latentes na sua alma. De todos os rapazes que a cortejavam, um houve que a impressionou vivamente. Encontrou-se com êle numa reunião em casa de D. Rosa Bastos, viúva do dr. Bastos que fôra influente político na Monarquia e que exercera o alto cargo de governador civil, num distrito de segunda ordem. D. Rosa era amiga de infância e tinha sido companheira de colégio da avó, e esta amizade, uma vez contraída, nunca mais afrouxou, retendo em si o calor, a sinceridade dos tempos antigos. Depois da morte do marido, D. Rosa viera para o Pôrto, ondê ainda tinha pessoas de família e os seus conhecimentos ; e, novamente, as duas viúvas reencetaram o affecto dourora, que uma demorada separação interrompera sem que, no entanto, o extinguisse. Conservando os seus antigos hábitos de sociabilidade, D. Rosa recebia às quarta-feiras à noite, com a afabilidade fidalga que tanto a distinguia ; e as suas recepções caracterizavam-se precisamente pela finura, por uma delicadeza aristocrática que denunciava uma mulher superior, culta, admiravelmente educada que, mesmo na velhice, com uma poeira de neve sôbre os cabelos e a pele da face em vincos, ainda era iluminada por um reflexo de beleza.

Maria Emília adorava as horas passadas no

recato e no conforto da vivenda de D. Rosa — horas que ligeiramente fugiam sem fadiga. Quási sempre havia outras raparigas — a Fernanda Magalhães, a Laurinha Seixas, a Dulce de Oliveira — com quem ela se entretinha ou fazia música, tocando algumas páginas de Mozart em que parecem erguer-se de repente sombras de amores antigos, trechos de Beethoven em que as aspirações nunca realizadas, como aves irreais e emigradoras, batem melancòlicamente as asas na doçura dos poentes religiosos e dormentes. Enquanto tocavam, as senhoras vélhas, sentadas à roda duma larga mesa de pau preto, conversavam, relembrando o passado, almas simbólicas que apenas de saúde viviam. Uma noite, inesperadamente, appareceu para o chá e para cumprimentar D. Rosa, sua meiga madrinha, Eduardo de Magalhães, irmão de Fernanda, com quem ainda se parecia no langor dos olhos pretos e em certos traços fisionómicos. Regressava, então, de Londres onde havia completado os seus estudos de engenheiro industrial, e tinha realmente um ar britânico na correcção, na compostura do vestuário, na face tôda barbeada, na sobriedade dos gestos, nas maneiras. Foi Fernanda quem o conduziu junto de Maria Emília, depois do beijo respeitoso na magra mão da madrinha, que o recebeu com ternura, encantada de vê-lo ao cabo de tam longo afastamento, de sabê-lo no Pôrto, bem perto dela, já liberto das névoas dos cinzentos, tristes céus ingleses, e achando-o mais varonil, mais perfeito, completamente formado. Comovida, D. Rosa exclamou, sorrindo :

— Como a vida passa depressa ! Lembrar-me

eu de que fui à igreja baptizar-te, quando tu não tinhas mais de dois palmos de altura!... E agora, já homem!... Pois ainda me não esqueceu a tua figura — uma cara rabugenta e vermelha, com dois olhos muito negros como contas de vidro a reluzir, e a cabecinha tôda calva, como a dum vé-lho... E o que tu berraste, quando o padre te mergulhou na pia baptismal...

Riram, a esta pitoresca evocação.

— Que quer, boa madrinha? Eu não podia ficar vé-lho para sempre... Alguma vez havia de remogar! — respondeu Eduardo.

— E remogaste, com efeito. Quanta gentileza! Não é verdade, D. Vicência?

A avó de Maria Emília, fazendo com a cabeça um lento sinal de assentimento, murmurou:

— De-certo, de-certo...

— Anda, vai! — ordenou D. Rosa a Eduardo. A mocidade só está bem com a mocidade. É muito egoísta... A vélhice faz-lhe frio!...

— Ó madrinha, se eu até sinto um grande calor perto de si!... — atalhou Eduardo, sorrindo.

— E trazes madrigais de Inglaterra, êsse país que, segundo me dizem, é tam positivo...

Dialogaram ainda um momento, amavelmente. Em seguida, Fernando apresentou o irmão a Maria. Ela fitou-o com curiosidade e logo encontrou uns olhos que se demoraram com interêsse na contemplação da sua beleza resplandecente: — e êsse olhar foi como a doce promessa da simpatia nascente que os impeliu com mãos de sortilégio e de carícia um para o outro. Imediatamente Eduardo pareceu a Maria Emília bem diferente de todos os homens

que até aí conhecera : e o que mais nêlle lhe agradava era a luz dos olhos reflexivos e profundos e o som da voz — uma voz esquisitamente musical, sonora, rica de timbre. Sem saber porquê, lembrou-se nesse momento de Luízinha Silveira e do seu casamento com Carlos. Ao piano, enquanto as senhoras falavam de Eduardo, recordando a mãe, a D. Ernestina, tam cedo morta, Maria Emília tocou *lieder* de Schubert com uma expressão, um colorido, que o surpreenderam.

— Mas, é uma grande artista ! — cumprimentou êle.

— Oh ! não diga isso ! — acudiu ela, ruborizada. Como estou ainda longe de comunicar a esta maravilhosa música tôda a alma que a espiritualiza ! Há certas dificuldades de técnica que não posso vencer, certos efeitos, certas nuances que me escapam . . .

— Não, não. Para que há-de ser assim injusta consigo própria ? Eu acho-a completa.

— Certamente ! — afirmou Fernanda. Quem me dera saber tocar como ela . . .

Eduardo voltou-se para a irmã, interrogando-a :

— Tu também tocas ?

— Quási nada.

— Agora, não sei que mudanças fizeste, ignoro se te transformaste : mas antigamente, eras muito preguiçosa.

— Oh ! Eduardo ! . . .

— Eras, eras ! . . . E para a arte, minha filha, é preciso ter-se paixão, uma paixão absorvente, que se não fatigue nunca, que continuamente se ex-

cite . . . Serás tu capaz de sentir uma paixão desta ordem ? — interrogou êle, passando-lhe a mão pela face morena.

Falaram dos grandes compositores, e Eduardo, que era um guloso de som, encontrava nesses homens tam raros uma superioridade evidente, uma aristocracia de génio :

— São os verdadeiros poetas da humanidade. E a *Nona Sinfonia* de Beethoven vale para mim a Bíblia.

Maria Emília escutava-o, enlevada, pousando a mão direita sôbre o marfim das teclas, numa attitude de abandôno que mais encanto imprimia à sua graça.

— Porque a música é a maior das religiões. Só ela ensina aos homens a bondade, a elevação moral, só ela inspira as profundas piedades e as profundas comoções. Certos oratórios de Bach, ouvidos de noite, na paz, no recolhimento, na solidão grandiosa duma catedral, teem a beleza das parábolas de Jesus Cristo . . .

— Que blasfêmia ! — interrompeu Fernanda. Como tu vens dessas terras de herejes !

— Oh ! filha, eu não blasfemo, digo a verdade. E se eu pudesse, aqui neste logar, fazer um curso de religiões comparadas, sem aborrecer as senhoras, havia de convencer-te . . .

— Mas não aborrece ! Que idéa ! . . . — afirmou Maria Emília.

— Não, minha senhora — protestou Eduardo, rindo — não farei êsse curso, para que Fernanda, minha doce irmã, não seja amanhã, por causa do meu deísmo artístico, minha inimiga.

Divagou ainda, longamente, sôbre arte, disse a impressão que a música lhe produzia nos nervos, fundindo a incompatibilidade que existia entre o seu espírito e a sua carne e derramando nas mais recônditas fibras do seu ser de consciente um desejo indizível. A voz de Eduardo, elevando-se, parecia cantar, transmitindo à palavra tôdas as inflexões da dôr, da ternura, da alegria : e muitas das suas reflexões floriam de vivacidade espiritual. Quando, no fim do chá, êle se separou de Maria Emília, sentiu a tremura da mão dela, feminina e delicada, na sua mão forte : e de novo a olhou, interrogando-a com a vista, querendo talvez surpreender-lhe no rosto os segredos da intimidade moral.

De volta a casa, com a avó, Maria Emília fechou-se no quarto, deitou-se. Estava nervosa, sobressaltada, não podia conciliar o sono ; mas, na sua vigília havia doçura. Tinha, afinal, encontrado o homem ardentemente sonhado, o homem capaz de conduzi-la aos lendários jardins da Ventura, mais belos do que os do rei Artur, onde as flores nunca secavam sob um céu perpétuamente azul e regadas por uma água cristalina, sempre pura e murmurante. Reconstituía incidentes do seu passado, que agora lhe ocorriam com nitidez admirável. Uma tarde, no colégio, junto da fonte que bucolizava o silêncio merencóreo do parque, ela e Luízinha Silveira falaram do amor, do casamento, de namoros : e recordava-se de que dissera à amiga que nunca aceitaria por marido um ser estúpido, sem finuras de alma e sem finuras de inteligência, muito embora êle fôsse sumptuosamente formoso, como as personagens de certas gravuras idealizadas.

Ora, até esse momento, todos os homens que lhe tinham aparecido eram apagados e frívolos como o primo Antunes, grosseiros e fúteis como os que nas praias, durante o verão, lhe diziam banalidades confidencialmente: e já ela desesperava de que o seu sonho tivesse uma representação concreta, quando Eduardo de Magalhães surgiu repentinamente, como uma revelação. Êle aliava a uma graça viril, máscula, atraente, as virtudes mais duradouras e preciosas da cultura, do saber e do intellecto: — e a vida na sua companhia, ouvindo-o, seguindo-lhe a ascensão mental, pagando-lhe a sua adoração com outra adoração igual em sinceridade, em lealdade, em constância, deveria correr mais brandamente do que um fio de água num regato de vidro. Mas, poderia êle amá-la, com efeito? Não estaria já esse coração vencido por outros affectos? Com o seu poder de sedução e vindo duma cidade onde existiam mulheres que realizavam o tipo artístico, terrestre e divino ao mesmo tempo, de Lawrence ou de Greuze, com certeza que se teria prendido ao amor duma dessas invejadas criaturas. Esta incerteza amargurava Maria Emília: e só serenou inteiramente quando logo de manhã, assomando à varanda, viu passar em baixo Eduardo, que a cumprimentou, tirando o chapéu e que novamente a olhou com insistência. Fernanda, naturalmente, fôra indiscreta — pensava Maria Emília — indicando ao irmão a rua onde ela morava! Recuperando a tranquillidade, raciocinando com mais lucidez, Maria Emília monologava:

— Mas, se assim foi, é porque Eduardo a in-

terrogou... E se a interrogou, é porque isso o interessava!...

Logo daí a dois meses, num jantar de família, o tio Alberto, à sobremesa, dizia, com um sorriso afável, que o lindo *Lírio do Vale* seria em breve um *Lírio da Cidade* porque precisamente na cidade havia quem compreendesse melhor a beleza do que no campo.

— Oh! tio Alberto, então isso diz-se? ... Olhe que na solidão, no isolamento, é que S. Bernardo visionava o céu! — replicou ela, com um claro riso.

— Isso foi em outros tempos, menina. Então, ainda havia santos, ainda o céu se mostrava às almas sublimes. Hoje, só há pecadores e o céu escondeu a glória e os esplendores aos profanos...

D. Vicência, enlevada, envolvia a neta num olhar comovido; a prima Eugénia sorria também; e só Teles Antunes baixava sobre a mesa os olhos e a face contraída e lívida. Eduardo e Maria Emília casaram no fim desse ano, ao desfolhar das últimas rosas de verão, quando já uma tristeza outonal entristecia a paisagem e um arrepio de frio passava nas folhagens amareladas...

A inconstância ou a ilusão enganadora do amor! E como os sentimentos mais elevados são, afinal, caprichosos! Desde a primeira vez que Maria Emília viu Eduardo, lhe falou, sentiu tremer a mão dêle na sua, o coração encheu-se-lhe de alegria e a alma de aspirações. Durante as curtas semanas do namôro, que tam levemente deslizaram, foi construindo na imaginação, para seu gozo íntimo,

tôdas as delícias, todos os sonhos dourados pelo fulgor duma felicidade que nunca se apagaria. A paixão alvorescente sobreexcitava-a, era-lhe sumamente grato levar horas seguidas pensando nele, na ventura que lhe daria, como uma benção. Mas, volvido um ano sôbre o casamento, a sua idealização evaporou-se sem deixar imagens suaves, rastro de luz, enlêvo, perfume; e logo começou a notar-lhe coisas que a desencantavam, que a irritavam. Êle era trivial como todos os homens, tinha os mesmos instintos e o mesmo egoísmo feroz, parecia-lhe já desinteressado da sua ternura e da sua beleza, consagrava mais tempo aos livros do que a ela, preferia ao seu convívio o convívio dos amigos, aos prazeres da casa os prazeres da rua; e, melindrada, murmurava:

— Iludiu-me! . . . Iludiu-me! . . .

Uma vez, entrou no escritório de Eduardo, pé ante pé. Êle estava a fazer cálculos matemáticos numa larga fôlha de papel branco. Maria Emília puxou o papel de repente, e Eduardo, colérico, voltando a cabeça, bradou nervosamente:

— Dá cá isso! . . . Que séca! Vieste fazer com que eu não encontre a solução dum problema, já quási resolvido.

Muito pálida, muito magoada, Maria Emília pousou sôbre a mesa a fôlha de papel; e sem dizer uma palavra, sem um queixume, encerrou-se no seu quarto, a soluçar. Eduardo, distraído, não foi vê-la, consolá-la na sua grande dôr.

— Ah! o ludíbrio dos sentidos. Porque ela fôra ludibriada, de-certo. Pensára ingenuamente que o marido a preferiria sempre a tudo, que a sua delei-

tosa existência de casada dislizaria entre rosas de perene frescura e de perene aroma, e todo o seu pensamento se malográra. Nesse momento, sentiu morrer alguma coisa muito bela e muito nobre na alma : mas por orgulho, por altivez, escondeu o sofrimento e nem à avó disse nada. A vida conjugal, daí em diante, porém, transformou-se para ela num permanente suplício. Breve foi a embriaguez do seu amor e a realidade era-lhe bem dolorosa para o sentimento. Entristecera, mas Eduardo nem sequer reparava na sua tristeza, como também não reparava na frieza dos seus modos, na sua secura propositada, sempre entregue aos livros, aos algarismos, às combinações algébricas. Amava a sciência e desdenhava-a a ela. Considerava-se uma vítima daquele homem a quem quisera dedicar-se perpétuamente e que a não compreendia . . .

Começava a odiá-lo, quando Eduardo morreu desastrosamente, numa fábrica, apanhado pelo volante duma máquina que o esmigalhou, lhe partiu os ossos, lhe trituroou as carnes. Cruelmente, diante da massa sangrenta daquele corpo que lhe entrou em casa, embrulhado num lençol, Maria Emília experimentou um fundo alívio, julgando-se intimamente redimida de escravidões. O casamento, se fôra para ela um desengano, fizera-lhe uma revelação amorosa. Viúva, de novo em companhia da avó, ansiadamente procurava o perfeito amor criado na sua fantasia e na sua sensibilidade de mulher, por um mórbido romantismo.

Foi então que Henrique de Miranda a conheceu . . .



IX

O vivo sentimento amoroso parecia agora rejuvenescer todos os dias em Henrique, sob o profundo influxo da sua adoração por Maria Emília. Encontrava um sabor deleitoso no isolamento, porque, longe de tudo o que lhe perturbasse o sonho contínuo, podia concentrar-se e repelir qualquer comunhão material ou espiritual alheia às ansiedades do coração. O espírito libertava-se-lhe de temores e de preconceitos e a vontade tornava-se nele mais imperiosa, dilatava-se, engrandecia-se. Para Henrique, a potência compreensiva da alma, iniciando-se no encanto da mulher reveladora, era ilimitada ; e esta virtude nova, súbitamente despertada no seu ser, causava-lhe orgulho. A acção que Maria Emília nele exercia tinha alguma coisa ou de milagroso ou de profético, porque, amando-a com

febril exaltação dos sentidos, conseguia definir-se psicologicamente, reconhecia a verdadeira essência da sua personalidade afectiva, a sua sensibilidade adquiria uma extensão que jàmais possuía.

A hora divina em que com ela cruzára nas ruas da cidade, por uma clara manhã de domingo, era inolvidável e merecia-lhe uma gratidão infinita. Nesse dia maravilhoso, um destino propício guiára-lhe certamente os passos. Uma primavera florida e perfumada tinha chegado; cantavam as rôlas bravas pelos pinheirais balsâmicos, e como no *Cântico dos Cânticos*, a mulher desejada appareceu, deixando atrás de si um rastro de luz em que os seus olhos se deslumbraram.

Sentia uma inexprimível doçura em pensar em Maria Emília constantemente, em vê-la a todos os momentos, em estar só com ela, em falar-lhe com a bôca perto da sua face, respirando-lhe o hálito, abraçando-se na contemplação da sua beleza, sofrendo a suave opressão do seu domínio, confessando-lhe as idéas mais íntimas, as aspirações imaginadas, os escrúpulos, as apreensões — para que Maria Emília o tranquilizasse. A paixão que dêle se apoderára transformou-se num fogo interior, surdo, devastador, permanente, em que abria a flor mística dum gôzo sem nada de impuro e de terrestre.

Continuavam a juntar-se tôdas as semanas, umas vezes em Lega, estendendo os seus passeios até à capela da Boa Nova, outras na Foz ou nos jardins públicos do Pôrto, em pleno dia, como dois conhecidos que se encontram e naturalmente trocam algumas palavras — para não provocarem as curiosidades e as suspeitas : — e sempre o amor de

Maria Emília adquiria novas formas de expressão que se transmudavam num inexaurível motivo de emoções. Henrique dissera-lhe, uma tarde, que êstes encontros eram perigosos, porque poderiam ser denunciados por pessoas que se comprazem em fazer mal. Quis induzi-la a que realizassem as entrevistas numa solitária casa que êle alugaria e onde ninguém iria surpreendê-los. Maria Emília, porém, acudiu sobressaltada :

— Ah ! isso não !

— Porquê ? Porquê ? — interrogou Henrique. Pois, não te inspiro eu alguma confiança ?

— Inspiras-me tôda a confiança, de-certo. Mas o que me pedes é impossível. Não posso aceder ! . . . Seria uma inconveniência, concorda.

— Inconvenientes e até imprudentes são estas nossas conversas diante de tôda a gente.

De olhos baixos, batendo, com as luvas nos joelhos, Maria Emília, muito córada, não respondia.

— Dize ! . . . Não é verdade ? — perguntou Henrique.

— Há uma diferença flagrante . . . — exclamou ela, por fim. Escuta. Eu sou capaz de fazer por ti os maiores sacrifícios. Mas poupa-me . . . Respeita-me. Para que hás-de humilhar-me ? Pois, não basta que nos amemos assim, espiritualmente, renunciando a tudo o que na nossa adoração pudesse haver de inferior ? Não seremos dêste modo mais dignos um do outro ? . . .

— Então, julgaste ? . . . — gaguejou Henrique.

— Eu não julguei nada ! — acudiu Maria Emília, pondo-lhe a mão na bôca e sorrindo. Não te

disse que me mereces a maior confiança? Não duvidado da tua lealdade. Ora, tu prometeste-me que nunca exigirias de mim actos de que eu tivesse de envergonhar-me...

— E ainda não esqueci a promessa! — murmurou Henrique, fitando-a nos olhos.

Estavam no Passeio Alegre, sentados no mesmo banco, perto dum maciço de árvores, do lado do poente. O sol empalidecia no azul luzente e o ar era tépido. A dois passos, o mar tinha a serêna ondulação dum lago.

— De-certo que me não vais querer mal por esta recusa! — disse Maria Emília.

— Não, efectivamente — afirmou Henrique. Mas, se concordasses com o meu alvitre, haveria talvez mais tranquillidade, mais paz no nosso amor.

— E porque não há-de haver essa paz assim? A paz dos espíritos é uma consequência da certeza. Só os que duvidam vivem na inquietação. Ora, para nós ambos, a certeza de que nos amamos é inabalável.

Levantaram-se, passearam um instante nas ruas desertas, calados e meditativos. No seu romantismo, Henrique achava agora uma ideal beleza àquela adoração que se depurava de tôdas as impurezas, para mais se sublimar; e sob a impressão dêste sentimento, Maria Emília apparecia-lhe maior, moralmente.

— Certas renúncias — interrompeu ela — correm poderosamente para prolongar as emoções e, portanto, para eternizar a felicidade. Amando-nos sempre assim, tu não terás remorsos de traíres tua mulher e eu também os não terei de sacrificá-la...

— Para que me falas em minha mulher? —

preguntou, de súbito, Henrique, parando um instante e interrogando-a com o olhar.

— Porque não ? Prático algum crime ?

— Não práticas nenhum crime, com efeito, mas isso desgosta-me . . .

De novo se sentaram. Henrique, emudecido, batia com a ponteira da bengala no chão e havia desespêro, nervosismo nos seus movimentos. Maria Emília observava-o, intrigada.

— Magoei-te, Henrique ? Se magoei, perdoa-me.

— Ah ! não, não ! Perdoar-te porquê ?

— Pensei . . . Vejo-te tam irritado ! . . . E essa irritação não será uma prova do teu affecto por ela ? Os homens são capazes de tôdas as duplicidades . . .

Maria Emília falava com uma raiva condensada nas palavras, que eram sêcas, rápidas, coléricas. O despeito tranfigurava-a, imprimia maior expressão ao seu rosto, ordinariamente calmo.

— Mas, se a amas, porque não hás-de ser franco ? E porque não cortaremos nós, implacavelmente, nesta altura, o fio da nossa paixão ? Eu disse ainda há pouco que sou capaz de fazer por ti os maiores sacrificios . . .

Diante desta inesperada decisão, tôda a energia de Henrique se dissolveu, como um perfume se dissolve no ar. O nome da espôsa, evocado por Maria Emília, parecera-lhe uma profanação, um escárneo à ludibriada que a essa hora, esperando-o, pacificamente lidaria no lar comum, alheia a tôda a culpa humana ; mas agora, no receio de perder um amor que o renovava, tudo o que no seu ser existia de fraco, de cobarde, de subalterno, lhe impunha a

cobardia, a fraqueza e a inferioridade ; e foi com voz trémula que exclamou :

— Não me compreendeste, não me compreendeste ! Se não gostei que aludisses a minha mulher é porque te amo tanto que ela me aparece como uma intrusa importuna na nossa adoração, pretendendo entrepor-se entre nós, desligar as nossas mãos, afastar-nos ! . . .

— Foi só por isso ?

— Só por isso, juro-to.

— Ah ! então ! . . .

Maria Emília, olhando para todos os lados, no receio de que alguém surgisse de repente, beijou Henrique na face. Depois, enleando os seus dedos nos dedos dêle, com uma fadiga que lhe comunicava maior encanto, quis levar mais longe as suas audácias e murmurou :

— Coitada ! . . . Eu não lhe tenho o menor ódio, muito embora êsse sentimento seja bem humano, no meu caso, não é verdade ? Não pretendo mesmo fazê-la padecer, evitar-lhe hei contrariedades, escondendo de todos o amor que por ti sinto, precisamente quando me tenta o desejo de confessá-lo em voz bem alta, para que ninguém o desconheça . . . Essa seria a minha maior ventura. Mas, resignar-me hei à obscuridade. Em todo o caso . . .

Calou-se um instante, confusa, para observar Henrique, que a escutava perturbado.

— Porque não continuas ? — inquiriu êle.

— Tenho medo de melindrar-te . . .

— Não melindras . . . Dize. Em todo o caso . . .

— Em todo o caso, as criaturas consciêntes.

tem o direito de procurar a felicidade onde ela reside, e a minha está inteiramente em ti... Que mal faz, portanto, que nos adoremos, que nos adoremos?...

Ele ouvia-a embevecido, admirava-lhe a sinceridade duma dedicação que considerava tam grande e tam absorvente, a radiação da beleza, a profundidade do pensamento e do sentimento: e a figura de Maria Emília adquiria aos seus olhos vastas proporções.

— Mas, que tens tu? Que tens? Não falas, não me respondes...

— Ouço-te e admiro-te! Que mais desejas?

— Confessa ao menos que estou na verdade.

— Confesso! E confesso que te amo mais do que nunca, que te quero para sempre, que eternamente te adorarei, porque és boa, porque és justa, porque me encantas! — bradou com entusiasmo e com alegria, procurando-lhe as mãos que ela lhe abandonou e que elle apertou com fôrça entre as suas.

— Oh! Henrique, se tu fosses livre, livre, se vivesses só para mim!... Se chegasse um dia em que as nossas duas existências se fundissem numa só existência moral e nunca mais se desunissem! — exclamou Maria Emília. Que elevação incomparável o meu amor por ti atingiria então! Mas não és livre, não podes, estás prêso!... A nossa paixão tem de purificar-se no sofrimento... Por quanto tempo?

— Estás então desalentada? — perguntou elle, surpreendido.

— Desalentada, eu? Não! Sou uma organiza-

ção vivaz. A esperança em mim nunca morre. Confio nem sei em quê — respondeu Maria Emília.

O sol baixava cada vez mais, faülhando, ardendo para as bandas do mar. As sombras condensavam-se e a atmosfera arrefecia. Henrique pegou-lhe de novo na mão que beijou longamente.

— É o beijo da despedida! — murmurou Maria Emília, melancólica.

— Não. É o sinal dum novo encontro.

— Mas, como as despedidas dóem! — acrescentou ainda ela.

A caminho da cidade, Henrique reflectindo sôbre as particularidades do seu encontro com Maria Emília, sentia-se invadir por um desgosto muito secreto, que não sabia definir. E de que provinha êsse mal-estar? Ela amava-o com frenesi, com loucura, não hesitando em comprometer-se só para viver uma ligeira hora na sua companhia. Em Maria Emília tudo era luz, ritmo, harmonia, graça. O amor duma mulher assim devia exaltá-lo até ao orgulho; e nos primeiros tempos, experimentou, na realidade, êsse orgulho magnífico. Mas agora, se considerava, se raciocinava, apareciam-lhe na perfeição de Maria Emília algumas imperfeições. Notou a primeira — que logo se esvaíu — quando lhe ofereceu o alfinete cravejado de pedras preciosas, que ela constantemente trazia. Não compreendia também a insistência com que se recusava a encontrar-se com êle longe dos olhares curiosos que pudessem espiá-los, preferindo para as suas entrevistas os logares públicos onde tôda

a gente a visse. Sim, de-certo, o receio, o pudor, a sua timidez de mulher, a sua fragilidade . . . Mas, êsse receio, essa timidez desapareciam ao ar livre, em sítios bem evidentes, onde ela se comprometia pelo menos na reputação. Henrique, intrigado, perguntava a si mesmo se neste procedimento não haveria cálculo, algum sentido oculto que Maria Emília velasse, uma possível perfídia! . . . Inesperadamente, fez-se uma luz no seu espírito. Sobressaltado, monologou :

— É isso mesmo! . . . Na verdade! . . . Como é que eu não tinha visto, não tinha entendido ainda? Ah! a mulher é sinuosa como a serpente . . .

Continuou a meditação nervosamente, num completo alheamento da realidade.

— E aqui está porque ela falou em Maria Clara, sabendo que isso me desagradaria, porque é inteligente . . . E aqui está porque ela ainda há pouco suspirava pelo dia da minha liberdade, em que se quebrassem tôdas as cadeias que me prendem e livremente eu pudesse dispôr de mim. As suas palavras representavam uma insinuação . . . Com os nossos encontros públicos quererá, naturalmente, promover um escândalo que me torne incompatível com Maria Clara, para que eu, em seguida, me volte todo para ela . . . É isto, é isto! E como ela representa, que talento na simulação!

Tirou do bôlso um lenço para enxugar, refrescar a testa, a face afogueada. A comédia de Maria Emília com êle parecia-lhe monstruosa. Para que não errasse, analisava-a minuciosamente, estudava-a sob todos os aspectos. Negava-se a acreditar nos seus raciocínios.

— Tenho uma fantasia enfêrma ! — murmurava. Aqui estou eu a complicar o que é tam simples, a enegrecer o que é tam claro . . .

Lentamente recuperava a serenidade um momento alterada, sorrindo do seu alvoroço, envergonhando-se intimamente das suas suspeitas.

— Pois, não é tam natural que uma mulher honesta se recuse ao encontro, dentro duma casa deserta, com um homem ? A minha proposta é que foi leviana, é que foi até pouco delicada . . . E não é igualmente natural que uma mulher que ame profundamente um homem, o queira livre e só para si ? . . . Esta minha imaginação ! E o vício é portugûes, é da raça.

Já pacificado, seguia pela rua fóra, quando de súbito viu avançar para êle uma face risonha, dois braços que se erguiam, uma voz que o saudava amigavelmente : — era o Silveira, o bom Silveira, seu condiscípulo, seu companheiro de casa e de guitarra em Coímbra, que não tornára a encontrar desde o jantar oferecido ao Damasceno, no idílico retiro da Ponte de Pedra.

— Pára, homem, cumprimenta a gente. Há que tempos te não vejo ! — exclamou Silveira com afabilidade.

— Como vão êsses ossos ? — bradou Henrique, apertando-lhe a mão. De resto, eu não desapareci. Sou visível todos os dias, em minha casa, no meu escritório, nestas benditas ruas do Pôrto, tam sujas, tam cobertas de lixo. Tu é que te sumiste.

— Estive fóra umas semanas, efectivamente.

E mordendo, cortando com os dentes a ponta dum charuto :

— Tu não sabes uma novidade ? . . . Uma novidade sensacional, uma coisa estupenda ?

— Não sei !

— Nem poderias sabê-la, por mais torturas que infligisses ao engenho, por mais que consultasses, em sonhos, a pitonisa . . . Pois, a novidade é esta, menino. O Damasceno . . .

— Ah ! adivinho. Casou, fruí as delícias da lua de mel, está felicíssimo, o animal !

— Mas, não está ! Êsse animal, como tu dizes, não casou, já não casa. Arrependeu-se, escreveu uma carta medonha à noiva, fugiu novamente para Paris e não tenciona voltar mais à pátria.

— E porquê, porquê ?

— Porque, na véspera da cerimónia nupcial, analisando-se, fez uma importante descoberta no seu próprio ser, obsceno e gordo. Descobriu que não tinha vocação para o casamento, que era refractário, por sentimento, por tendência liberal, à tirania duma espôsa, aos despotismos conjugais, enfim, o diabo ! . . .

— E assim perdeu êsse nosso pobre amigo a felicidade, já quando para êle se abriam as portas de ouro do Palácio da Ventura ! — exclamou irónicamente, Henrique.

— A felicidade . . . — interrompeu Silveira. Mas, que é a felicidade ?

— A devoção perpétua a um sonho ou a um dever, na opinião de Rénan, historiador das Origens do Cristianismo.

— Êle já não sonha e nunca se devotou a deveres. Era lá capaz disso ! . . . E depois, o dever de aturar para todo o sempre uma menina provinciana,

que borda a missanga, que de-certo é beata, que canta o *Noivado do Sepulcro*, olha que era de arrasar um homem, mesmo que tivesse menos anos e menos cinismo do que Damasceno. Considerando bem as coisas, creio que êle fez bem . . .

— Saüdemo-lo ! — atalhou Henrique. Saüdemos o sábio e o justo que está na verdade e no egoísmo . . . *Good by !* . . .

Separaram-se. Como era ainda cedo para o jantar, Henrique, despedindo-se de Silveira, deu uma larga volta para fazer horas, parando a cada momento a conversar com os conhecidos que iam aparecendo, na suavidade do crepúsculo que baixava sôbre a cidade, tornando-a mais imprecisa e vaga. Entrou numa tabacaria a comprar charutos, escolheu numa livraria as novidades literárias de Paris, para espairecer os ócios dos serões nocturnos passados em casa, enquanto Maria Clara, perto dêle, fazia o seu *crochet* ou bordava, manejaudo destramente as agulhas que brilhavam à luz entre os seus dedos côr de rosa. Quando, afinal, retomou o caminho da vivenda, de novo reavivou as suspeitas sôbre a sinceridade do amor de Maria Emília. Palestrando com Silveira, aludira à definição que Rénan dera da felicidade; e agora cogitava que o genial poeta da *Oração na Acrópole*, que é uma das mais puras e nobres páginas da literatura latina, resumira a verdade em algumas sóbrias palavras. Com efeito, a felicidade como êle a julgava era apenas uma ficção. Nunca o amor das mais belas mulheres poderá oferecer essa felicidade aos homens, se êle não fôr posto acima dos delírios da sensualidade, que são transitórios, se se não trans-

mudar numa espécie de religião, que é a forma em que as almas sensíveis condensam as sêdes de ideal. E a sua adoração por Maria Emília atingia, com efeito, um tão elevado grau de sublimidade e de pureza ? Consultando-se, Henrique via claramente que não. A ignorada força que o impelia para essa criatura maravilhosamente bela era ainda uma aspiração voluptuosa. Momentos antes, quando ela lhe pedia que a não humilhasse, vencendo a sua fragilidade, que lhe respeitasse o pudor feminino, que a amasse como poderiam amar os anacoretas e os santos, renunciando às plenas satisfações da posse física para só se enlevarem nos esplendores do espírito, êle experimentára uma desconsoladora decepção. A sua primitiva promessa fôra inconsiderada. Verificava que não conseguiria cumpri-la, porque uma ambição áspera e indomável de luxúria atormentava-o, na ausência de Maria Emília. Era ainda feliz, recordando-a, porque se dedicava a um sonho ; mas os sonhos são efémeros. A sua alegria não seria mais perfeita e profunda, dedicando-se a um dever ? E o dever era o amor a Maria Clara. Se assim procedesse, tôdas as suas inquietações serenariam e já esta serenidade lhe derramaria a pacificação no peito, esclareceria certas dúvidas, certas dolorosas hesitações que o conturbavam . . .

O trabalho da imaginação, a idéa fixa, fatigavam-no. Reagindo contra as suas preocupações, contra os seus cuidados permanentes, tentou desviar o curso das meditações, evocando o caso singular do Damasceno, que a dois passos do casamento, talvez da ternura, da unidade espiritual,

do lar, da família, apressadamente fazia as malas, comprava um bilhete do caminho de ferro, saltava para o combóio, correndo para Paris com um terror de lebre acossada por matilhas de galgos. Iam talvez acusá-lo severamente, condenar como incorrecto o seu inesperado procedimento : e Henrique perguntava se, fugindo, Damasceno não teria poupado à noiva amargos infortúnios e não teria conservado, para seu gozo íntimo, o encanto de ilusões que uma união conjugal destruiria. Achava mesmo lealdade na fuga do discípulo, que tivera a coragem de não sacrificar-se e de não sacrificar os outros, rompendo abertamente com vélhos preconceitos e proclamando a sua liberdade . . .

Era noite fechada quando entrou em casa. A luz do gás dourava, através dos « stores » corridos, as vidraças das janelas do primeiro andar. Fez um esforço para desenrugar a fronte do vinco dos pensamentos que o agitavam, compôs um rosto risonho para que Maria Clara de nada suspeitasse e foi com efusivo contentamento que dela recebeu o beijo costumado. À mesa do jantar, diante do prato da sopa, respirando o aroma das flores que morriam nos solitários, envolvido, penetrado pela calma, pelo bem-estar da sua habitação animada pela presença da espôsa diligente, Henrique notava que, sempre que vinha das paixões e das incertezas da rua, atribulado por emoções que o faziam sofrer e lhe exacerbavam o mal interior, ali, naquele refúgio em que não havia sobressaltos e onde a vida deslizava igual e pacífica, encontrava a paz e a esperança. Esta observação que mais duma vez tinha feito já, encantava-o e ao mesmo tempo

doía-lhe porque mais intensificava os seus remorsos.

— Tu não comes, Henrique ? — perguntou Maria Clara.

— Espera ! Deixa-me repousar. Se soubesses como estou cansado ! E tenho pouca vontade ... Apetece-me mais ver-te, admirar-te ...

— Ora ! Creio eu lá nesse apetite — interrompeu ela, risonha.

— Não crês ? Não crês ? ... Repete.

— Creio ! ... Mas, gosto que me digas isso muitas vezes ! ...

Levando a colher à bôca, Henrique mirava-a com enternecimento. A sua beleza expandia-se com a graça duma flor, irradiava-lhe da fronte, do vestido claro, das rendas da *corsage*, da elegância das linhas do busto ; e sem saber porquê, êle encontrava-lhe um enlêvo novo, a luz e a graça duma formosura inédita, a simplicidade, a naturalidade. Achava-a menos banal do que de costume, e esta descoberta enchia-o de júbilo. Até as suas palavras o surpreendiam, depuradas de artificios, espontâneas, leais, não encobrindo sentidos ocultos, não mascarando intenções. Não estaria ali, efectivamente, essa felicidade que êle ansiosamente procurava para além da sua habitação, correndo atrás de aventuras românticas sem uma finalidade ? Silenciosa, Maria Clara, de-certo para não interromper as lucubrações do marido, comia vagarosamente, espiando-lhe os movimentos com uma ternura que se lhe denunciava nos olhos.

— Tu não dizes nada ? Não tens nada que

contar-me ? — interrogou Henrique, pousando a colher no prato.

— Que sei eu ? Aqui todo o dia metida !... Tu, sim, é que deves saber grandes novidades. Vens da rua, dos teus amigos, da leitura dos jornais...

— Também não sei nada que tenha interêsse. Os amigos nada revelam, os jornais nada contam. É uma sensaboria !

Quando a criada tirou a louça servida e foi à cozinha buscar outro prato, Maria Clara, muito rosada, com um riso que a iluminava, acudiu :

— Pois, sei eu uma nova de sensação !

— Então, dize-a.

— Logo, no fim do jantar, quando estivermos sós.

— É segrêdo ?

— Oh ! um grande segrêdo. É preciso que nem as paredes ouçam. E afirma o provérbio que elas teem ouvidos...

— Vá !... Põe para aí o que sabes. Não sejas má.

— Não sejas tu curioso...

Mas a criada voltava. Já os seus passos se ouviam, apressados e leves, pela alcatifa do corredor, e Maria Clara, com um dedo no nariz, sus-surrou um *schiu* com tanta petulância e um ar tam infantil que fez sorrir Henrique.

— Que será ?... Que terá ela para dizer-me ? — monologava.

Até ao café, a sua curiosidade foi-se excitando progressivamente. A princípio, temeu outra vez que Maria Clara conhecesse já algum episódio do

seu idílio com Maria Emília ; mas, vendo-a tam tranqüila, tam quieta, sossegou. De vez em quando, a espôsa, olhando-o furtivamente, como se quisesse pressentir-lhe a impaciência que o perturbava, ria, escondendo a bôca nas dobras do guardanapo : — e havia travessura e puerilidade nesse movimento. Por fim, a criada levantou a mesa, tirando a toalha de linho que substituiu por um largo pano bordado. Ficaram então sós. Henrique, acendendo um charuto, acomodando-se melhor na sua cadeira de couro lavrado, murmurou :

— Venha de lá agora êsse segrêdo, minha senhora. Manda seu marido, e as ordens dos maridos, segundo os Evangelhos, devem merecer respeito e obediência às espôsas, que são a carne da sua carne e o osso do seu osso.

Estavam sentados em frente um do outro, no abandôno adorável da existência caseira. A clari-
dade do gás, incidindo sôbre as flores dos solitários, projectava sôbre o pano da mesa ténues manchas de sombra, desenhando corólas e folhagens. Maria Clara, ameaçando-o com a ponta do dedo, exclamou :

— Pois, o segrêdo é êste : — saiba o senhor meu marido que tenho um namôro ! . . .

E como êle a fitasse com espanto, entre irónico e scéptico, ela afirmou, espaçando as palavras murmuradas lentamente :

— É como lhe digo . . . Tenho um namôro ! . . .

— Tens um namôro, Maria Clara ? — acudiu êle, já risonho do ar conjuntamente sério e cómico da espôsa.

— Tenho, sim . . . E a culpa dêste meu desvio

da fidelidade conjugal é tôda sua. As responsabilidades pertencem-lhe, senhor !

— Conta lá isso, então. Como foi que te apaixonaste ?

— Assim, não conto nada. Espere um momento.

Ela mesma pegou na sua cadeira que conduziu para junto da cadeira de Henrique, e passando-lhe um braço pelas costas, continuou :

— A coisa ainda está no princípio . . . Ainda não há paixões irreparáveis e fatais. Mas tome cautela ! Se me deixa ficar em casa todo o dia fechada, espreitando apenas o céu azul através dos vidros, então ! . . .

Beijou-o demoradamente, apertou-o mais contra si, pousou-lhe a cabeça ágil e graciosa de ave no ombro. Henrique protestava contra êste transbordamento de meiguice, exclamando :

— Tire-se para lá, mulher infiel. Pois, ainda ousa, depois da confissão do seu crime ! . . .

— Sim, senhor, ousa ! . . . Sou assim audaciosa !

— Êle certamente, é um bardo pálido, tem uns olhos negros e terríveis, uma grenha emaranhada pelo vento e pelas tempestades do coração, põe a mão no peito à maneira dos tenores de ópera lírica, para dizer-te « Amo-te, oh ! amo-te ! » — não é verdade ? — inquiria Henrique, com a placidez, a certeza de que Maria Clara o adorava, que não via outro homem no mundo, que êle era a sua única ventura, a sua única aspiração, o seu contentamento na terra.

E como ela, em vez de falar, o apertasse mais nos braços e cerrasse as pálpebras num delíquio, Henrique intimou, fazendo grossa a voz :

— Responda ! É como eu disse, o seu apaixonado ?

— Assim, assim ! . . . — cascalhou, numa risada cristalina, que encheu a casa de alegria.

Um instante ficaram calados. À sua volta tudo adormecia em sossêgo. Nenhum ruído perturbava a serenidade do ambiente, azulado pelo fumo do charuto.

— Mas agora, Henrique, sem brincar, sempre te quero dizer uma coisa que me tem intrigado. Tôdas as tardes, há uma semana, passa aí na rua, no passeio oposto, um homem que olha para as nossas janelas com insistência.

— O quê ? — exclamou êle, perturbado.

— Não sei quem seja, não o conheço nem quero conhecê-lo, mas esta perseguição começa a irritar-me.

— Tu, é claro, atiras-lhe com a janela na cara.

— Não ! Isso era o que êle desejaria, porque lhe dava a entender que notava a sua presença.

— Dizes bem ! — concordou Henrique.

A observação parecia-lhe subtil, e mais uma vez verificava que tôda a mulher, mesmo a mais apagada de inteligência, possúi, em amor, uma sagacidade especial.

— Dizes bem, com efeito . . . Mas, eu rebento-o — bradou Henrique, exaltadamente.

— Aí está ! Era disso que eu tinha receio . . . Queres bater-lhe, promover um grande escândalo, concorrer para que amanhã se diga, em casa das pessoas das nossas relações : — « Henrique teve de espancar um homem que andava a fazer-lhe a côrte à mulher. » É isto ? . . .

— Com que eloquência o defendes ! — exclamou êle, rilhando os dentes.

Tinha-se levantado e cruzava o tapête da sala a largos passos, numa agitação que o transtornava.

— Pretendes então que tanto atrevimento fique impune ? — perguntou, fitando-a com os olhos brilhantes de cólera.

— Pretendo apenas defender a minha reputação e a tua, para que ninguém se ria de nós . . . Perdeste a confiança em mim ?

Diante da tranqüilidade e da firmeza com que Maria Clara o encarava, o seu furor dissipou-se. Envolveu-a num demorado olhar, como se tentasse adivinhá-la nas suas mais indecisas ansiedades, e logo acalmou. Parecia-lhe tam honesta, tam digna na sua simplicidade, tam affectiva, que duvidar dela seria praticar uma acção vil.

— Tenho em ti a mais absoluta confiança ! — asseverou êle, firmemente.

— Então ! . . .

— Mas a ousadia merece ser castigada ! E com violência.

— Para quê ? Mudo o meu quarto de trabalho para a varanda envidraçada do lado do quintal, e o homem interromperá os seus passeios pela nossa rua . . . E pode acontecer até que a sua passagem por aqui seja casual . . . Não demos às coisas uma significação que elas não teem ! . . .

Levantou-se também, dirigiu-se a Henrique, que ainda se conservava sombrio, amimou-o, beijou-o, éscarneceu-o :

— Oh ! que ciúmes, que olhos maus, que ferocidade, que Othelo !

— Se te parece ! . . . Essas coisas nem a rir se dizem !

Maria Clara deixou cair os braços, a flor do riso murchou nos seus lábios, e foi com voz de queixume que murmurou :

— Desejavas então que eu nada dissesse, que me calasse, que escondesse ? Mas só as mulheres culpadas ou as que premeditam sê-lo, escondem e se calam ! . . .

A advertência era tam justa, por tal forma sincera, e revelava em Maria Clara tanta honestidade, que o mau humor de Henrique fundiu-se como a neve ao sol.

— Tens razão . . . Tens sempre razão — bradou, alvoroçado, batendo-lhe duas vezes na face, levemente, com as pontas dos dedos. Quem está fóra do bom senso, da proporção equilibrada das coisas, sou eu. E não se fala mais nisso. Dá-me mais um beijo, na bôca, para ma purificares das inconveniências que por ela saíram.

Já reconciliada, Maria Clara beijou-o, acariciou-o no rosto, na cabeça, com a mão pequenina e branca, ligeira como uma asa.

— Não saís hoje ?

— Não ! Hoje não posso. Tenho muito que lêr, muito que estudar. Vou para o meu escritório. E como o trabalho que espera por mim é de muita responsabilidade e eu não queira ser interrompido, o meu amor deixa-me só, perdoa-me . . .

Sentado à escrivaninha, tendo aberto diante de si um processo que não lia, Henrique ia coordenando as idéas e os sentimentos despertados no seu espírito e na sua inteligência, pela revela-

ção grave de Maria Clara. Nunca havia pensado num tal desfecho, nem mesmo nos dias em que ia encontrar-se com Maria Emília, traíndo a espôsa pelas perfídias de alma e pelo desejo carnal com que cubiçava o seu tam perfeito corpo. Jàmais considerára que ela o pudesse traír também, usando dum direito que Henrique, egoístamente, se attribuía por inteiro, que só para si reclamava. E agora êste caso imprevisito, estranho, derramava-lhe na alma uma infinita inquietação. Experimentava uma sensação bizarra, que não conseguia definir lúcidamente. Sabia que Maria Clara o amava — o amava com um amor sempre crescente, que era sua pela sensibilidade, pela substância consciente ou material, pelo sangue, e que todo o tormento da mulher, todo o seu ansioso desejo, se resumia em agradar-lhe, que não concebia a vida sem a presença dêle bem perto do calor do seu seio, do afago da sua ternura, que ela era pura e isenta de culpas, que não seria capaz de ludibriá-lo, mesmo que a fizesse sofrer amargamente, que a sua bondade ignorava o sabor deleitoso da vingança — e no entanto, se nela meditava um fugidio minuto, sentia um indeciso travor de repugnância, quási a culpava dum crime imaginário ! E porquê ? Simplesmente porque um homem, um desconhecido, para Maria Clara erguera olhos de luxúria, desejando-lhe a beleza, os perfumados beijos da bôca, o aroma da carne branca, esplêndida, sem manchas de pecado ! Êsse homem, contemplando-a furtivamente, viera trazer uma funda perturbação à quietitude do seu lar ; e Maria Clara, olhando-o também, surpreendendo-lhe o interêsse que o

conduzia, perscrutando-lhe as intenções, não seria uma adúltera, ao menos pelo sentimento perverso? Então, só por imaginar que alguém pretendia disputar-lhe aquela mulher que era legitimamente sua, que lhe pertencia, que retinha entre os seus braços, a fúria de novo irrompeu, transbordou, passou-lhe pelos olhos a visão vermelha do sangue, da morte. Com a mão fechada, batia rijamente sôbre a escrivaninha, como se quisesse esmagar, paralisar para todo o sempre, as palpitações impuras de impuros corações. A sua tortura era intensa, e a imaginação mórbida de Henrique mais lhe irritava o padecimento. Com surpresa sua, o desejo sensual por Maria Clara, que supunha bem morto dentro de si, despertava e atormentava-o. Tôdas as alturas esplêndidas que o seu amor por ela outrora atingira, se iluminavam repentinamente, ardendo na sombra do passado como um fogo revelador. No tormento que o exasperava, Henrique ia vivendo uma das horas mais líricas e doces da sua paixão por Maria Clara — horas que tinham perdido o encanto e a poesia e que, de súbito, renasciam prodigiosamente mais belas, mais infiltradas de sonho e de ansiedade, com uma duplicada irradiação de fôrça e de ritmo!...

E quantos outros homens — pensava — já a teriam desejado também, ao passar por ela, na rua, quando a levava pelo braço para a missa, para o teatro, para casa de pessoas das suas relações! Quantos apeterceriam a frescura da sua carnção, a magia da sua formosura, o seu encanto de rosa humana! Quantos seriam alucinados pelo prazer irrealizado de apertá-la nos braços, de sorver

-lhe a mocidade e a graça num ósculo brutal! Quantos olhos a despiriam, numa nudez imaginária, para voluptuosamente se embriagarem no esplendor, na modelação, na pureza das suas formas! Um ódio turvo, subindo-lhe do peito, sufocava-o. Acusava mentalmente Maria Clara de deslealdade, de perfídia: e à idéa de que ela pudesse pertencer a outro, desvairava.

— Mas, então, amo-a? Amo-a? — interrogava êle. Amo-a, agora que a sei cubiçada, cortejada pecaminosamente por outro?

Levantou-se, passou a mão trémula pela fronte, respirou com sofreguidão.

— Henrique? — bradou de fóra a voz de Maria Clara:

— Que é?...

— Posso entrar?

— Ainda não! Espera um pouco. Só um momento mais.

O som musical desta voz fê-lo voltar à realidade das coisas. Delirava, positivamente. A inocência da espôsa surgia aos seus olhos num reluzente disco de luz. O perverso, o culpado era êle.

Concentrando-se, estudando-se melhor, reflectindo nos pensamentos suscitados pelo seu desvairamento, murmurou:

— E quando fôsse criminosa, teria eu, responsável único por êsse crime, a autoridade moral suficiente para acusá-la?

Ah! de-certo que não, julgava Henrique. Fôra êle quem esquecera os deveres conjugais, a que jurára fidelidade. Trocára-a por uma outra mulher, desdenhára a sua beleza por uma outra beleza

capitosa e provocante, era-lhe infiel ainda não pela carne, mas pela alma, o que era mais grave. Eis a sua irremissível falta. Então, inspirado por tôdas as comoções experimentadas, prometeu a si mesmo que, embora continuasse a intriga amorosa com Maria Emília — tanta era a mágoa que sentia em perdê-la — saberia ser forte, evitando uma queda irremediável. Assim, justificar-se-ia aos olhos de Maria Clara, se ela viesse a conhecer a sua traição.

X

Durante tôda essa longa, fastidiosa noite, Henrique — revolvendo-se no leito ao lado de Maria Clara, que pacificamente repousava sem um estremelecimento, respirando apenas — meditou na complicação em que a sua vida moral se abismára, de repente, por culpa sua, por inconsistência de carácter, por leviandade. Reconhecia que não tinha fixidez de sentimentos, que era volúvel como certas organizações femininas, que o não governava um sólido princípio de dignidade a que presidisse a razão, e revoltava-se contra uma tal dependência que lhe amolecia a vontade e o escravizava. Nessa dolorosa hora de insónia, a sua admiração ia para os homens excelsos que conseguem triunfar das lancinantes solicitações sensuais, que marcam uma linha recta ao seu destino e que jàmais dela se afas-

tam através do furacão das paixões e das tempestades emotivas. Só êles, pela intelligência e pela nobreza de sentir, eram dignos da existência. O antigo anacoreta, levando anos de penitência e de ermo escondido na caverna aberta nas anfractuosidades da rocha, extático ante a caveira e a cruz, isolado da humanidade, relendo nos pergaminhos amarelados a austera palavra de Deus, sonhando com as perpétuas glórias do céu e nada querendo do mundo, dos seus fastígios, das suas riquezas, das suas vaidades, tinha para Henrique uma grandeza incomparável. Uma fé esplêndida, que nunca afrouxava, iluminava-lhe os pensamentos e as castas vigílias; e, pelo sacrificio, atingia na verdade a pacificação e a confiança. Êle, infelizmente, não possuía uma fé semelhante. À volta da sua vida, infrutífera sob o ponto de vista do exemplo moralizador, havia o vácuo. Era uma personalidade dúbia, vaga, nevoenta, sob o permanente jugo de impressões e de sensações fugazes e diversas. Nem sequer lhe era possível formar um lúcido resumo crítico da sua psicologia...

Contemplando a espôsa adormecida à débil, mortíça claridade que uma lamparina, ardendo num azeite muito puro, derramava no compartimento — claridade que dir-se-ia feita de sombra crepuscular e de fulgores de ouro — Henrique embevecia-se na sua beleza. A imobilidade do sono imprimia-lhe à fronte graciosa mais candidez e harmonia, maior doçura de contornos. Pois bem! Essa beleza, essa mocidade, essa maravilhosa primavera da carne, eram suas, pertenciam-lhe; e, talvez por isso, tinha-as esquecido,

chegára a aborrecer-se de Maria Clara, arrepen-dera-se mesmo de haver casado com uma mulher que começára a apparecer-lhe tam fútil desde que a febre carnal que o alucinára se acalmou no seu organismo. Mas, bastou que um outro homem surgisse, movido pelo desejo de repastar, saciar os olhos nas occultas graças daquela formosura — que só para êle floria — de roubar-lhe um affecto seguro e inutável, para que immediatamente o seu amor pela espôsa renascesse entre arrefecidas cinzas ! A esta idéa, de novo se exaltou, rosnou de furor, foi acometido por uma cólera homicida, por uma raiva sanguinária. Se Maria Clara lhe fôsse infiel, se porventura faltasse ao respeito que devia à sua dignidade de homem e à dignidade do nome que usava, libertar-se-ia dela pela morte, lavaria com sangue a mancha da infidelidade ! Olhou-a outra vez, demoradamente, como se na serenidade da sua fronte quisesse surpreender o germinar, o desabrochar de sonhos impuros ; mas logo a exaltação que o desconcertava abrandou, em face de tam descuidada inocência.

Então, condenou-se a si próprio, que se insurgia contra supostas traições, quando êle conscientemente traía. Êste egoísmo pareceu-lhe estupendo. Que desvairada razão ou que orgulho implacável e cego o levavam a reprovar nos outros actos que continuamente praticava ? A confusão dos pensamentos e das emoções aturdiu-o. Não podia raciocinar, reflectir com lucidez ; e a tranquillidade envolvente, a solitude da casa, o sos-sêgo inalterável da rua, donde não subia o menor ruído, mais o faziam sofrer. Queria o tumulto, o

barulho, a agitação que o distraíssem de idéas que sentia profundamente cravadas no cérebro como um prégo cravado na madeira. Passava dumas recordações para as outras, sem se deter longamente na análise de nenhuma. A fronte escaldava-lhe. Lembrava-se do seu namôro com Maria Clara, de incidentes dos seus anos de estudante, das rugas aos calouros, pelas betesgas desertas, com a moca debaixo da capa flutuando ao vento : e um imenso desconsôlo pesava sôbre o seu peito, fazia-o arquejar. Ambicionava a quietação, a paz : e para alcançá-las, prometia não hesitar. Era preciso, efectivamente, romper com Maria Emília, para que, se algum dia tivesse de acusar, a porção incorruptível do seu espírito o não acusasse também. Os juizes, para serem perfeitos, careciam de mover-se numa salubre atmosfera moral. E seria tam fácil o rompimento ! Dir-lhe-ia que aquele amor era uma loucura, que nunca poderia ofertar-lhe a felicidade completa e que lhe era impossível viver por mais tempo no embuste, na mentira, na degradação da consciência. Se não partissem por caminhos opostos, afastando-se um do outro para sempre, a sua dôr viria a ser mais amarga : e ela, um dia, quando a ebriedade amorosa findasse, nítidamente compreenderia que comprometera o seu futuro de mulher, amando um homem que não podia dispôr de si e que por isso lhe tornára impossível a ventura. Era nova, era esplêndidamente bela, encontraria um noivo, um marido, um ser a quem se consagrasse e que a reabilitasse duma paixão desgraçada. Recompunha na imaginação as palavras que havia de di-

zer-lhe para a convencer, diluindo-lhe a crueldade :

— Minha filha, é necessário separarmo-nos. Mais tarde pungir-me-ia a tristeza de ter concorrido para o teu infortúnio. O nosso amor é uma angústia que terminaria por nos fatigar ou por nos enlouquecer.

Maria Emília, certamente, reagiria, imploraria com lágrimas que a não deixasse ; mas, por fim, diante duma decisão irrevogável, resignar-se-ia, por altivez. Se ela, ao contrário, se revoltasse, se desatasse em recriminações, responder-lhe-ia, naturalmente, soprando à brisa o fumo do seu charuto :

— E com que direito me recriminas ? Que te devo eu ? Nunca maculei a tua reputação de mulher, respeitei-te na honestidade e no pudor, se pura eras, pura ficaste. O nosso devaneio foi tam inocente como uma prece. Portanto, nada tenho a reparar e só quero agradecer-te, com reconhecimento, com fervorosa gratidão, os dias de encanto que me déste.

Que havia Maria Emília de responder a esta acabrunhadora verdade ? Nada ! Choraria apenas umas lágrimas que comoveriam a sua piedade mas que o não demoveriam do propósito em que estava. Se ainda o responsabilizasse por ter-lhe roubado a tranquillidade, Henrique, sarcàsticamente, retorquiria :

— O seduzido fui eu ! Nada mais fiz do que fitar uns olhos que constantemente me fitavam e beijar uma bôca que constantemente se me oferecia... Mas não fui mais longe, por temer êste doloroso momento.

Egoístamente, felicitava-se por não haver chegado, com Maria Emília, a uma situação irremediável que o coagisse a enganá-la, ao menos, como enganava Maria Clara, e que seria um contínuo estôrvo às suas deliberações, que para sempre o ligasse a ela, que o submetesse à opressão, ao despotismo da criatura que desejára, de que, finalmente, se não pudesse emancipar sem remorsos ou sem clamorosos escândalos . . . Estava resolvido ! A primeira vez que voltassem a encontrar-se, seria resolutivo, não desfaleceria ! . . .

Esta determinação aquietou-o um pouco, communicou-lhe algum alívio ; mas em breve, a duplicidade dos seus sentimentos, a fraqueza da sua individualidade, a sua incompleta personalidade moral, volveram a conturbá-lo. A imagem de Maria Emília ergueu-se luminosamente diante dêle, vitoriosa de beleza, dominando-lhe a razão e a alma, mantendo-lhe na sensibilidade e na adoração todo o seu império, retendo-o prisioneiro. Entre êle e essa formosura perturbadora existia uma espécie de correlação emotiva e orgânica de que não se redimira ; e esta clara afinidade inutilizava, num minuto, os seus cálculos e as suas combinações. Tinha-a no sangue, nos nervos, no coração, como um fluido estranho. Estava impregnado dela até à medula. Renunciar a Maria Emília, seria renunciar a tudo — porque, sem o seu amor de sortilégio, julgava que não poderia viver. Voltou-se no leito tam bruscamente que Maria Clara acordou, sobressaltada, perguntando :

— Que é isso, Henrique ? . . . Tu que tens ?

— Tenho uma insónia que me tortura. É um

horror ! Estou ansioso que venha a manhã para me levantar.

Estonteada de sono, sorrindo, de pálpebras cerradas, ela pousou-lhe um braço sobre o peito, que arfava, acariciou-lhe a face com a mão, murmurando :

— Tranqüilisa-te . . . Faze por dormir. Não penses em nada, e verás . . .

— Dorme tu e não te preocupes comigo — respondeu êle, de mau humor.

Maria Clara ergueu-se, apoiando-se no cotovêlo, olhou-o e disse com voz de mimo :

— Estás zangado ? . . . E tens razão. Mas chamasses-me . . . Eu podia lá adivinhar que não dormias !

— Zangado, eu ? E zangado contigo ? Que idéa ! . . . A zanga é unicamente comigo, com êste maldito sistema nervoso que me atormenta . . . Dorme, dorme . . .

Uma claridade hesitante filtrou-se, fresca e alegre, através das janelas ; um pássaro despertou, cantando, na roseira de trepar que subia pela parede, enroscando-se na balsamina em flor que aromatizava o ar. Ouvia-se nos quintais próximos o grito estridente dos galos saüdando o alvorecer. Henrique enrodilhou-se na roupa e fechou os olhos. Prostrava-o uma grande lassidão. Docemente, um sono plácido, reparador, baixou sobre a sua cabeça, perdeu a noção das coisas exteriores, as idéas tornaram-se-lhe gradualmente mais vagas até se dissiparem como um fumo imaterial, e em breve adormecia . . .

Quando, horas depois, acordou já Maria Clara,

na cozinha, dava ordens às criadas e um furtivo raio de sol tremia por cima dos móveis envernizados, faíscava no espelho em irizações deslumbrantes. Devia ser tarde — pensou Henrique; e, precisamente nesse dia, tinha muito que fazer — uma causa importante a advogar no tribunal, que lhe ocuparia bastante tempo, um longo processo a consultar, clientes a atender. Saltou do leito, correu à janela, que abriu de par em par, batendo as pálpebras à claridade forte, tomou banho, vestiu-se: e só ao atar o nó da gravata se recordou, repentinamente, das atribulações, dos receios, dos cuidados que durante a noite tanto haviam retardado o seu sono e tanto angustiarão a pacificação da sua consciência. Agora, mais lúcido, viril, bem disposto, refrigerado pela água quasi gelada do banho frio que o tonificára, reintegrado em si mesmo, sorria das suas preocupações anteriores, tam infantis lhe pareciam.

As nebulosidades esclareciam-se, simplificavam-se, as coisas reentravam nas suas exactas proporções. Maria Clara fôra requestada, durante semanas, por um homem que lhe não produzira na simpatia o menor alvôrço; Maria Emília, a outra, a mulher que pela beleza e pelo espírito mais perto estava da sua veneração, aguardava-o ansiosamente, continuava a amá-lo com a mesma sinceridade e com a mesma elevação — a elevação de quem não esperava, que se devotava por grandeza de ânimo, por paixão verdadeira, que tudo oferecia e que, em troca, nada reclamava. Depois das agitações da noite, a manhã trazia-lhe a tranquillidade, com a luz puríssima e virginal, e trazia-lhe também o maravi-

lhoso júbilo de viver, que o reconciliava com o mundo e lhe esclarecia os pesados nevoeiros interiores . . .

Fitando Maria Clara com insistência, como se pretendesse levar mais longe as suas investigações psicológicas, Henrique pensava que a esposa lhe seria para sempre profundamente reconhecida e fiel, a-pesar dos seus desatinos, que o não podiam iludir a lealdade do seu olhar, uma bondade e uma candura que se lhe espelhavam no rosto, a franqueza que dilata irradiava, tornando-a visível aos entendimentos perspicazes até aos mais recônditos mistérios da sua intimidade. Tinha a certeza de que a possuía totalmente, que Maria Clara não era para êle uma desconhecida como Maria Emília, que não se furtava às suas observações, encerrando-se num segrêdo psíquico impenetrável. Havia, certamente, mulheres que nunca se revelavam inteiramente aos adoradores nos seus pensamentos e nas suas sensações, que conservavam a alma incomunicável, talvez para que o prestígio que as rodeava se não evaporasse subtilmente. Já muitas vezes, nas entrevistas com Maria Emília, Henrique havia experimentado a angústia de suspeitar, por detrás de sua fronte ebúrnea emoldurada no tom preto dos cabelos, a formação duma idéa ou dum capricho a que era absolutamente estranho em corpo e em espírito. As suas próprias palavras, algumas das suas expressões amorosas, iriam até despertar-lhe lembranças doutros amores extintos, emoções que êle era incapaz de interpretar: e, para se poupar a torturas morais, precisava de absorver-se na presença da sua be-

leza, procurar a felicidade deliciosa que ela lhe oferecia, abandonar-se todo ao deleite criado na imaginação.

Com Maria Clara, porém, a tranqüilidade não se alterava. O passado da espôsa não lhe acirrava o ciúme, sabia que a tinha encontrado em plena e divina florescência da castidade e que o seu coração nunca havia pulsado por outro homem. A sua confiança nela era completa . . .

Saíu de casa satisfeito e sorridente, e nesse dia, tendo de defender, em audiência de júri, uma pobre rapariga que, para esconder a desonra, estrangulára o filho ao nascer, foi eloqüente. O seu verbo atingira os altos cimos da piedade, em inflexões patéticas, amolecendo a severidade dos julgadores sempre dispostos ao castigo. Henrique mostrara que o acto da acusada, em vez de denunciar um crime, denunciava uma virtude, considerado à luz da moral social que tornava defesa a maternidade às mulheres que não fôsem casadas. Essa maternidade santificava-se, quando tivesse a salvaguardá-la a união conjugal. No caso contrário, era uma vergonha, uma vileza imperdoável que perpétuamente macularia um destino. Para tôda a mãe traída no seu amor, um filho seria a mancha inapagável, o escárnio, a ironia, a amargura, uma inexaurível fonte de desdita. Eis porque as dolorosas criaturas que não possuíam a coragem suficiente para afrontar os sarcasmos alheios, os desprezos, os vilipêndios, suprimiam violentamente os pequeninos seres que geravam nos ventres fecundos, aviltando-se mais, descendo mais baixo, mas querendo conservar a consideração do meio em que

viviam. Se as ludibriadas fôsem acolhidas com caridade cristã, certamente que não assassinariam os entes a que um beijo deu vida . . .

A acusada ouvia-o de olhos baixos, mãos cruzadas no regaço, tôda vestida de preto, e uma face doentia e emaciada que as lágrimas sulcavam. Da sua miséria, da sua passividade, da sua tristeza, exalava-se uma infinita dôr que comovia os jurados. Absolveram-na, e o juiz, severo na sua toga negra, depois duma prática austera em que lhe lembrou os deveres de tôda a mulher digna, mandou-a em paz, enquanto Henrique era vivamente felicitado pelo seu discurso, pelo fogo da sua oratória.

No fim dessa semana, uma nova inquietação o alvoroçou. Maria Emília pedira-lhe para se encontrarem outra vez no Palácio de Cristal, onde românticamente poderiam reconstituir, pela influência do lugar e dos scenários, a doce história do seu amor — porque já as horas findas lhes iam deixando nas almas o suave travor da saúde. Henrique acedeu, encantado. Havia no desejo de Maria Emília, tam finamente compreensível, poesia e beleza, como em tudo o que vinha da sua inteligência, da sua ternura, do seu subtil espírito de mulher.

Foi a um sábado ; um pálido sol outoniço resplandecia e dourava a atmosfera. Sentado com Maria Emília á sombra das tília, Henrique ouvia-lhe a voz musical e enlevava-se na contemplação da sua formosura. Era a primeira vez que se falavam depois da revelação de Maria Clara.

A decisão que tomára de romper com ela, fechando os olhos ao seu pranto, cerrando os ouvidos às suas lamentações, esquecera-lhe logo que a viu surgir, diante de si, radiante na nuvem dos cabelos brilhando à luz, no esplendor das carnações de deusa, na incomparável gracilidade das formas belas e de tam puras linhas. Parecia-lhe até que a amava mais do que nunca, que todo o seu reconhecimento de homem e de apaixonado subiam para ela como o incenso sóbe dum turíbulo, nas augustas e recolhidas naves dum templo. Desejava-a com fúria, e, para retê-la junto de si, praticaria os maiores desatinos. Maria Emília conversava alegremente, iluminando com um sorriso as suas palavras: e nesse sorriso, Henrique julgava surpreender o instintivo contentamento da mulher que se sabe fundamentalmente amada. A descoberta encantava-o.

Estava um tempo magnífico. A sombra caía dos ramos do arvoredó, das espessuras da folhagem e espalhava uma nódoa rôxa na areia branca. Henrique deixava-a falar sem a interromper, experimentava um prazer de ordem sensorial e emotiva em ouvir-lhe o som da voz. Olhava na sua frente, através dos troncos, para as bandas do Douro, descortinando trechos verdes de rio encrespando-se à aragem branda, espiava a solidão à sua volta com uma atenção sempre crescente, talvez na ânsia de perscrutar algum obscuro pensamento que escapava à sua percepção, de apoderar-se de qualquer segredo que se lhe não confessava. Na margem oposta, dos lados do Candal, açodados calafates trabalhavam num barco de pesca e as suas silhuetas projectavam-se na água, que tremia à superfície.

Mais longe, erguia-se a massa sólida das casarias, resplandecendo de alvura como uma enorme peça de faiança ; e em tôdas estas coisas dir-se-ia latejar um forte sôpro de vida.

— Dize-me, dize-me — exclamou ela — tens pensado um pouco em mim, durante a nossa longa ausência ?

— Sempre ! Penso sempre em ti — de dia, acordado, de noite, em sonhos — respondeu êle. Se soubesses, se eu te contasse . . .

— O quê ?

— A violência dêste amor, que me não concede repouso, nem alegria, nem serenidade . . .

— Mas é assim que se ama ! — disse Maria Emília, pousando-lhe levemente a mão no ombro.

Calados, envolvidos pelo afago da sombra, penetrados da paz envolvente, sentiam o adejante murmúrio dos ramos sôbre as cabeças. Uma fôlha morta, desprendendo-se, caiu perto dêles, rangendo ligeiramente no saibro.

— Começa o outono ! — exclamou Maria Emília.

— Mas, nas nossas almas, a primavera é de ontem — afirmou Henrique, atirando-lhe ao regaço a flôr dum madrigal.

Ouviram passos, voltaram-se em sobressalto. Um vulto de mulher, com um vestido de tons claros e abrigando-se do sol sob a sombrinha de sêda escarlata, perdia-se, esgueirava-se por entre as árvores. Henrique julgou reconhecê-la, ergueu-se perturbado para melhor a observar.

— Quem é ? — inquiriu Maria Emília.

— É curioso ! — disse Henrique, com uma pali-

dez súbita no rosto. Creio que é uma criatura das minhas relações e das relações da minha mulher, M.^{me} Silva Marques, uma ruiva e sardenta. Ela ver-nos-ia ?

Estava trémulo; inquieto. Maria Emília fitava-o, fazendo uma momice irónica.

— Não, com certeza — asseverou ela. Passou tam de longe ! . . . Não reparou. De resto, estamos escondidos pelas ramarias.

— Sei lá ! . . . — atalhou êle, hesitante.

— E se visse ? Se visse ? . . . Senta-te. Não tenhas mêdo. Eu sou mulher, tenho mais a perder do que tu e vê se me inquieto ! . . .

— Ah ! se visse, era uma coisa muito grave . . . Tantas vezes te disse que êstes nossos encontros ao ar livre eram perigosos ! . . .

Curvou-se ainda, espreitando o vulto feminino que seguia por outro arruamento deserto, com a saquinha de sêda preta bordada na mão.

— Parece-me M.^{me} Silva Marques, com efeito . . . Mas não será . . . O andar não é o dela . . . Não é . . . Não é, não ! — tranqüilizou Henrique, sentando-se.

Maria Emília, raspando a areia do chão com a biqueira do sapato de verniz, estava triste e pensativa.

— Sempre apanhei um susto ! . . . — asseverou Henrique.

— Tu disseste que, se essa senhora nos visse, seria uma coisa muito grave . . . Porquê ?

— Ó filha, porque tu não sabes como ela é intrigante. Faz o mal por prazer . . . Ia daqui direita contar tudo a minha mulher, era um escândalo, um pavor . . .

— Ah ! sim, tua mulher ! — acrescentou ella, desdenhosa. Deves-lhe abnegação, delicadeza . . . E eu ? . . . Com effeito, a mim nada deves.

— Que queres dizer ? . . .

— Quero dizer que, na realidade, a mim nada deves. A espôsa legítima é outra. Eu sou, apenas, um capricho de momento, um episódio . . .

— Oh ! Maria Emília ! . . . Mas é não queres reconhecer as coisas. Bem sabias que eu era casado.

— Sabia. E no entanto, amei-te, amo-te acima de tudo. Em paga, nem sequer serás capaz de sacrificar ao meu amor um pouco da tua tranquillidade caseira . . . Estás enfiado de receio, estás ridículo . . . Sê sêga e dize-me com lealdade o que sou eu, então, para ti.

Uma lágrima borbulhou, tremeu nos seus olhos ingênuos como os das Virgens dos pintores primitivos.

— Bem, agora choras ! . . . — exclamou Henrique, comovido.

— Eu queria que o meu amor te inspirasse ao menos a coragem de por mim affrontares os outros — balbuciou ella.

— E inspira ! Quem te diz que não inspira ? . . . Mas ouve, se eu temo as intrigas, é por ti unicamente, é com receio de perder-te ou de fazer-te soffrer.

Enroscou-lhe um braço à volta do pescoço e puxou-lhe docemente a cabeça para o peito.

— Vá, não chores . . . Somos duas crianças. A nuvem já se dissipou . . . De resto, eu é que fui imprudente, tomando por nuvem o que não era mais do que algumas arrôbas de carne . . . Dá-me um beijo.

O incidente esqueceu, e Henrique, para que dessa contrariedade nada restasse, voltára a falar-lhe exaltadamente na adoração que por ela sentia, cada vez mais exigente, mais avassaladora.

— De minuto para minuto, perto de ti, esta paixão exacerba-se. Comunicas-me um excesso de sentimento que eu não tenho palavras para definir, e um excesso de pensamentos que me é impossível revelar, porque o verbo humano é imperfeito. Assisto, deslumbrado, a uma sucessão ininterrupta de sensações prodigiosas.

— Falas verdade, Henrique ?

— Absolutamente verdade ! Foi o teu amor que me completou, que me deu a consciência do meu próprio ser . . .

— Quanta gratidão eu te consagrarei ! . . .

Levantaram-se, foram andando sob as árvores, que o sol amarelava e cobria de fulgor. Maria Emília, como se repentinamente se lembrasse de alguma coisa que a preocupava, exclamou :

— Oh ! Henrique, há muito tempo que ando para te fazer uma pergunta, pedir-te um conselho . . .

— Um conselho, pedido a um advogado, paga-se à tabela ! — lembrou êle.

— Mas, se não é ao advogado que me dirijo ! . . . Não é caso de tribunais, é outro caso mais sério, de consciência . . .

— Ah ! isso agora ! . . . Que é, dize lá ?

— É isto : — sou muito amiga duma senhora viúva, que se encontra precisamente na minha situação. Mas, apareceu um homem que deseja casar com ela.

— Está bem ! Que case. Que existe nisso de extraordinário ?

— Espera. Ainda não disse tudo . . .

— Que consulte o coração.

— Justamente por isso . . . Ela amou êsse homem . . .

— E já o não ama ?

— Julga que não . . .

— Então que fuja do casamento. Seria uma aventura arriscadíssima.

Concentrando-se um momento, para melhor ordenar as suas idéas, Henrique continuou :

— A tua amiga é viúva, como disseste, e o homem que a pretende para espôsa vai procurar uma coisa que ela já não poderá dar-lhe. No casamento, o fogo das paixões depressa se extingue, ficando apenas entre marido e mulher um affecto mais ou menos intenso. Considera, portanto, os riscos possíveis dêsse fatal período de serenidade, se o affecto de que te falo não se mantém no coração.

— Seria horrível ! — concordou ela.

— Seria um permanente inferno !

E desenvolvendo mais o seu pensamento :

— Um amor constante, inalterável, apenas poderá ser sentido pelos homens de cultura vasta e aguda sensibilidade, e haverá sempre nesse amor mais piedade, gratidão, reconhecimento, do que voluptuosidade. Possui estas virtudes indispensáveis à ventura o noivo da tua amiga ?

— Ela crê que não.

— Pois bem. Aí vái o meu conselho : — ela que se não case.

— Assim igualmente eu pensava, e já lho tinha dito.

— Então, encontrámo-nos na mesma opinião, como nos encontrámos no mesmo amor. Quem se quere bem, sempre se encontra — disse êle, sorrindo.

— E desejas a paga ? — inquiriu Maria Emília.

— Oh ! eu não andei em Coímbra para aconselhar gratuitamente. É claro que desejo a paga . . . Um beijo, apenas . . .

Despediram-se : e agora, longe da mulher que o tranqüilizava com tam doce geito em tôdas as suas preocupações, o temor voltava a atormentar Henrique. Seria, com efeito, M.^{me} Silva Marques a solitária que nessa tarde passára nos jardins do Palácio de Cristal ? Ainda duvidava. À primeira vista, parecera-lhe ela. Eram de M.^{me} Cenoura as formas opulentas, transbordantes, fazendo estalar a sêda do vestido, o pisar arrastado, o movimento do corpo — êsse corpo que abrigava, com tanta maldade, tanta inteligência e tanto espírito. Depois, vendo-a mais ao longe, desconheceu-a, e isto serenava-o. Mas, se na realidade era ela, não tardaria que Maria Clara soubesse tudo, que fôsse informada de que seu marido tinha entrevistas românticas com damas sentimentais, à sombra dos arvoredos, que se divertia, que folgava, que corria atrás de outros amores, enquanto ela, dentro de casa, lidava incessantemente para que nada lhe faltasse, para que êle sentisse à roda o conforto, o bem-estar, a elegância duma instalação essencial aos seus hábitos requintados, ao seu egoísmo de *jouisseur*. E a paz do seu lar, talvez a sua reputação de homem casado, ficariam irremissivelmente comprometidas !

Seria apontado a dedo, ouviria nas suas costas os risos de sarcasmo e as ironias picantes, haviam de enxovalhá-lo, de vilipendiá-lo! E via já Maria Clara ansiada de soluços, repelindo-o, recusando-se a perdoar-lhe a infidelidade, dizendo-lhe que queria ir para casa dos pais, gritando pelos corredores, narrando às criadas o seu infortúnio, atirando-se para cima das cadeiras em ais e em gemidos, mostrando-lhe, irada e descomposta pela dôr e pela cólera, a enormidade da sua vileza. Esta perspectiva desconcertava-o: e apenas sossegou quando, ao entrar em casa, já perto da noite, Maria Clara, sorridentemente, o acolheu com a afabilidade do costume, sem um gesto mais nervoso, sem uma palavra que denunciasse um desgosto. Para ter a certeza de que ela nada sabia, ainda perguntou:

— Então, sempre só tôda a tarde? Nem uma visita? Nem o apaixonado infeliz passando na rua e mirando fatidicamente o azul do céu?

— Ninguém! Sempre só, realmente. Quem havia de vir, de lembrar-se de mim, se tu me esqueces?

— Se eu te esqueço?... Não, filha! Há duas coisas que incessantemente me lembram — tu e o trabalho. Sem êle, não saíria do teu regaço, debaixo do fulgor dos teus olhos. Tinhas de sacudir-me, de afugentar-me, de bater-me o pé...

Maria Clara còrou e Henrique, já tranqüilizado, falava verbosamente, zombava com ela, que o ouvia, muito reservada. A dama importuna que o surpreendera no Palácio não era M.^{me} Cenoura, efectivamente. Henrique conhecia-a bem, não lhe ignorava nem a perfídia nem a manha sinuosa

A outra apparecera, de repente, pelas duas horas da tarde e logo se sumira. Se fôsse M.^{me} Silva Marquês, correria a casa de Maria Clara, tomaria o eléctrico ou um trem de praça para chegar mais depressa, e depois dos cumprimentos, esbaforida, procurando um pretexto, experimentando intimamente um regosijo diabólico pelo mal que ia causar, pelo desastre duma felicidade que sem hesitar mataria, havia de dizer tudo, como quem naturalmente conversa. Henrique reconstituía mentalmente o diálogo:

— Ah ! é verdade ! Já me esquecia. Encontrei agora seu marido.

— Onde ? — preguntaria Maria Clara.

— No Palácio. E por sinal que me feriu uma particularidade : — conversava, sentado num banco com uma senhora ainda nova. Deve ser das relações de ambos, de-certo. É uma mulher alta, elegante, uma beleza ! . . .

E se visse Maria Clara empalidecer, cambalear, romper num choro abafado, exclamaria, juntando as mãos :

— Mas, meu Deus, que tem ? Pois não é tam vulgar que um homem, como Henrique, encontre senhoras conhecidas ? . . . Estavam num lugar quasi público, à vista de todos. Nem elle nem ella se escondiam . . . E até pode ser que não fôsse Henrique . . . O mais certo é que não fôsse. Passei de largo . . . E é tam possível um engano, nestas condições ! Sossegue, minha querida. Não tem motivos para essa dôr, para essas lágrimas ! . . .

Mas eram sete horas. Maria Clara oferecera-lhe meigamente o rosto ao beijo da sua bôca ainda

perfumada pelo aroma de outros beijos, abraçara-se nêle, fôra terna como sempre, nada sabia, portanto. Esta certeza, tam bem deduzida, acabou por pacificá-lo.

Mais tarde, findo o jantar, quando Henrique se perparava para sair, Maria Clara, acompanhando-o ao quarto, fechou a porta, correu o reposteiro e perguntou com uma tremura na voz :

— Pois, ainda sais hoje ?

Êle, que estava de costas para a espôsa, em frente do espêlho, voltou a cabeça, murmurando :

— De-certo . . . Porque fazes essa pergunta ? Só quando tenho trabalho urgente, deixo de sair, bem sabes . . .

Falava serenamente, sem se conturbar ; havia naturalidade nos seus modos, placidez nas suas respostas.

— Não, tu hoje não sais. Não o consinto ! — bradou ela com uma firmeza que Henrique lhe desconhecia.

— Não consentes ? Ora essa . . . Mas que propósitos ! . . .

— Não consinto ! Primeiro, hás-de dizer-me uma coisa.

Aproximando-se dêle, com o rosto contraído, desvairado, os lábios brancos, exclamou :

— Para que me enganas ? Para que me és infiel ?

— Enganar-te, eu ? — acudiu Henrique, tímido e gaguejante.

Era a scena, a fatal scena que sempre o atribulava quando a recompunha na imaginação, no receio daquela hora que, mais tarde ou mais cedo,

devia chegar. M.^{me} Cenoura fôra pontual, não faltára com o seu veneno. Uma confusão que não conseguia dominar, por mais esforços que fizesse, denunciava-o.

— E que razões tens tu para essa desconfiança ? . . . — balbuciou Henrique.

— Não é desconfiança, é certeza . . . O senhor é um embusteiro. Não negue ! Tenha a coragem dos seus actos . . .

— Dos meus actos ? Que actos ? . . . E as provas ? Não se acusa ninguém sem provas, por bisbilhotices, por boatos — dizia Henrique, baixando a voz para não ser ouvido pelas criadas.

— As provas ! . . . Para que são essas provas ? . . . Se eu sei tudo ! . . .

Henrique, desatando a gravata e atirando-a ao chão, com raiva, bradou :

— Eu ignoro o que a senhora sabe . . . Mas tinha-lhe proibido que recebesse em minha casa mulheres ordinárias, e desobedeceu-me. Se elas eram agradáveis à sua companhia ! . . . E, afinal, que infâmias lhe contou M.^{me} Cenoura a meu respeito ? Diga. Exijo-o ! . . .

Maria Clara, esgotada da energia dos primeiros momentos, abateu-se sôbre o tapête do quarto, chorando convulsamente, e murmurando, com voz entrecortada :

— Eu não lhe merecia traições, não lhas merecia ! Vivia só para o senhor, sacrificava-me contente pelo meu saêrificio, só lhe pedia um pouco de ternura, de affecto e nada mais. E iludiu-me, e riu-se de mim, e escarneceu-me com outras mulheres . . .

— Não lhe permito que me fale assim, não deixarei passar impunemente as insolências — bradou, ameaçadoramente, cerrando os punhos e aproximando-se dela.

— Que me faz ? Bate-me ? Mata-me ? E que me importa ? Que interêsse tem a vida para mim, dêste momento em diante ?

Passeando agitadoamente, resfolegando, o rosto congestionado, o olhar brilhante, Henrique insistiu :

— Mas que foi que lhe disseram ? Eu sei . . . Disseram-lhe que me viram a conversar com uma senhora, no Palácio ? Sim, é verdade ! Era uma amiga de minha irmã, uma companheira que ela teve no colégio e que entrava em minha casa desde pequena. Encontrei-a por acaso, parámos a falar um instante. Que há nisto que possa ofendê-la nessa dignidade tam sensível, nesse seu amor em que não acredito ?

— Assim é, assim é ! — retorquiu Maria Clara. O que me revelaram não teria importância se eu não conjugasse tais revelações com o seu procedimento. Eu bem sentia. Há muito que já não era o mesmo. De dia para dia, a diferença era palpável. Aborrecia-se quando eu o abraçava, aceitava os meus beijos com enfado, por caridade, e muitas vezes até se esquecia de me beijar ao sair ou ao entrar em casa ! . . . Pensa que eu não reparava em tudo, em tudo ? . . .

Arquejava, redobrava de pranto, abafava o rosto contra o tapête, vencida, desfeita, mísera.

— Julga que tudo isto me escapava ? . . . Nada escapa a uma mulher que ama como eu o amava,

ao senhor!... Antigamente, não me abandonava um só instante, depois do trabalho, e a sua presença enchia-me de felicidade. Agora, deixa-me sempre só, de noite, de dia, continuamente, como uma escrava que se despreza, como um cão a que, com a côdea, se atiram pontapés. Andava ralada de tristeza e fazia esforços para rir. Sentia que lhe pesava, que era demais na sua existência, que constituía um estôrvo...

— Mas, que destempêro é êsse? Que delírio a acometeu? — gritava Henrique.

— E nem quere que eu me queixe!... Ameaça-me. Tenho de sofrer e de recalcar o meu sofrimento. Não posso! Não posso mais... Se não desabafasse, morria... Agora, isto acabou. Tinha de acabar...

— Pois, que acabe! Não serei eu que tentarei demovê-la. Reentre na sua liberdade! Se quiser, sorrirá então livremente para os homens que a requestam! — regougou Henrique, espumando de cólera.

Maria Clara ergueu-se com ímpeto, magnífica de cólera, soberba de arrogância, exclamando:

— Seja desleal, mas não seja vil com a dignidade duma mulher que nenhum mal lhe fez e que não pode desagrar-se!...

Henrique, arrependendo-se logo da grosseria injustificada, dominou-se, continuando:

— Querias então que eu ficasse perpétua-mente de joelhos, diante de ti como diante dum altar, como se tu fôsses Santa Maria Clara e eu um teu fiel devoto? Minha rica, já se não ama assim! Só nos romances os maridos lamechas

vivem constantemente aninhados nos braços das espôsas !...

A voz de Henrique tinha uma acidez de amargura e de ironia que mais cruéis tornava as suas palavras.

— Eu nunca lhe pedi isso, ao senhor ! Nunca lhe pedi orações. O que esperava, na minha ingenuidade, é que me fôsse fiel, que me não enxovalhasse, que me consagrasse algum interêsse !...

E desvairada, com os olhos cegos de lágrimas, concluiu :

— Que lhe custava isso ? Não lhe custava nada !... E consolava-me, tornava mais funda a minha gratidão pela sua piedade, já que o seu amor tinha morrido . . .

Havia nesse momento tanto desespero, tanta melancolia, tanta paixão nos queixumes de Maria Clara, que Henrique impressionou-se, quâsi a admirou. Como o sofrimento a tornava superior !

— Entendamo-nos e duma vez para sempre. Tratei-te algum dia mal ?

— Pior ! Tratava-me com fria indiferença !...

— Olha que horror, que tormento, hein ?

— Será ! Mas, eu deixo-o livre . . . Amanhã . . .

— Hoje, se quiser !

E rindo sardonicamente :

— Porque não há-de ser hoje ?...

Maria Clara não respondeu. Estendida sobre o tapête, com o rosto entre as mãos, para que os seus gritos se não ouvissem, mordida os lábios até fazer sangue.

Henrique, pegando no chapéu, abriu a porta, saíndo num arremêso e bradando :

— Adeus ! Faça como entender.

Mas já no corredor, dominando a sua exaltação, pensou que Maria Clara tinha motivos para acusar e que elle, insultando-a, agravando o seu padecimento, procedia vilmente, como um carcereão. Voltou atrás, mais serêno, entrou no quarto. A espôsa, caída no chão, enrodilhada, amachucada como um trapo, chorava em silêncio, soltando fundos suspiros. Apiedou-se de tanta miséria, de tanta fragilidade, de tanta angústia. E era uma angústia que elle causára, com a sua leviandade, com o seu incorrecto procedimento. Sentia fundos remorsos, penitenciava-se. Tinha vontade de curvar-se sôbre a espôsa, de ajoelhar diante dela, de implorar-lhe um perdão que de-certo lhe não seria negado, porque Maria Clara amá-lo-ia sempre com a mesma constância, a mesma ternura. O orgulho — o seu nefasto orgulho de homem, porém, impedia-o de obedecer aos puros impulsos da sua consciência. Atirou o chapéu para cima duma cadeira e, de mãos nos bolsos, com os cabelos em desalinho, o rosto pálido, mordendo o bigode, passeava agitadamente no quarto, enquanto Maria Clara continuava o seu choro silencioso, enovelada a um canto, sacudida por grandes soluços. Não sabia que dizer, como reatar um doloroso diálogo interrompido, para tentar uma desculpa que, se o não absolvesse, ao menos apaziguasse aquelle incidente tempestuoso . . . Ela havia-o ameaçado com sair de casa, com romper abertamente os laços conjugais, e êste facto acendia a sua cólera e mais o endurecia. Mas não teria a traída razão ? Meditava nisto e condenava-se a si próprio, com a austera impassibilidade crítica dum

juiz que só procurasse fazer justiça. Afinal, o culpado era êle ! . . .

Envolveu Maria Clara num olhar de bondade e de misericórdia e comoveu-se. Coitada ! Como ela sofria pela morte dum amor que considerava eterno, com a deslealdade dum marido que julgava o mais puro, o mais impecável dos homens, de-certo por desconhecer as misérias do coração humano ! Foi para ela de braços abertos, decidido a humilhar-se, a implorar-lhe a absolvição de que carecia para os seus pecados, para a pacificação do seu espírito — porque o padecimento dos outros, dos sem culpa, era-lhe insuportável ; conteve-se, porém, de repente, por uns restos de vaidade que ainda o faziam insistir no êrro e na altivez. Queria que fôsse ela, primeiro, a dirigir-se-lhe, a afagá-lo, a beijá-lo. O chôro de Maria Clara exasperava-o, acordando no seu ser instintos maus.

— Então ? . . . Em que ficamos ? Sempre quiere deixar-me ? — perguntou, parando diante da esposa.

Maria Clara nada disse, mas redobrou no seu aflitivo pranto. Então, a piedade venceu Henrique e, baixando-se sôbre aquela pobre criatura, que era a resignada vítima de tantos desatinos, sentindo a necessidade imperiosa de ser bom, murmurou, puxando-lhe a cabeça para o seu peito :

— Maria, ouve . . . Ouve e perdoa-me . . . Mas, juro-te que há em tudo isto uma torpe intriga e um mal entendido deplorável.

Ela esboçava um sinal de negativa e de descrença, tentava repeli-lo.

-- Olha bem pará mim ! Há uma memória sa-

grada que eu nunca deixarei de respeitar, enquanto viver : — é a memória de minha mãe. Pois bem ! Por ela te juro, Maria Clara, que nunca te traí, que depois que casei contigo, nunca mais tive ligações íntimas com outras mulheres ! — bradou Henrique.

Mirou-o fixamente nos olhos. Um clarão de alegria iluminou-lhe o rosto :

— Mas, não se passeia no Palácio, de tarde, solitariamente, com uma senhora honesta ! — observou ela.

— Crê-me ! Pela memória de minha mãe te juro que nunca te traí !

— Isso é verdade, Henrique ? . . . É verdade ? Deve ser . . . Se juras pela memória de tua mãe ! . . .

Maria Clara, rompendo num choro mais forte, enlaçou-lhe os braços no pescoço, beijou-o sôfregamente, exclamou, já reconciliada :

— Tu magoaste-me ! Tu magoaste-me muito . . . E eu não te merecia tanto . . . Mas perdô-te porque o amor que te tenho é maior do que a minha dôr !

— Sim, filha ! Magoei, na verdade. E as grosserias fôram brutais . . . Estava fóra de mim, não sabia o que dizia. Mas cala-te, desculpa-me, mais uma vez te peço. E que a scena de hoje seja a primeira e a última entre nós . . . De resto, há alguma coisa de providencial nela. Fez uma ressurreição . . . Sou tam teu amigo ! Quero-te tanto ! Nunca mais tornes a perder a confiança em mim. E agora, o beijo da paz e do perdão entre nós . . . E que êsse beijo me depure !

XI

— Henrique, não me troques por outra mulher, porque nenhuma será capaz de amar-te com a sinceridade e com a dedicação com que eu te amo ! — dissera-lhe Maria Clara, depois da reconciliação, encostando-lhe amorosamente ao rosto a sua face ainda molhada pelas lágrimas.

A dôr dava-lhe eloquência, inflexões patéticas à voz que ressoava exprimindo nitidamente os sentimentos da sua intimidade, grandeza e emoção às palavras que o surpreendiam pela cólera que nelas estremecia ou pela compaixão, pela piedade, pela ternura que as traspassavam, insuflando-lhe uma consciência. O amor e o sofrimento tinham despertado em Maria Clara, milagrosamente, um ser superior que, até êsse momento, se velára, se ocultára à compreensão de Henrique. A vida interior

fôra sempre muito débil, quási nula, na espôsa que apenas guardava as atitudes morais que êle lhe imprimia. De súbito, porém, essa vida irrompia maravilhosamente, transfigurando-a. Julgava-se libertado do desejo carnal que Maria Clara lhe despertou e que o casamento saciára — e eis que êsse desejo se reacendia mais violento e absorvente do que nunca ! Ela vingava-se das infidelidades, atraíndo-o mais, prendendo-o fortemente à sua adoração. Para aquela hora suprema reservára as virtudes excelsas que lhe imprimiam uma feição elevada à personalidade, conservára intacto o seu poder de sedução — e fácilmente o vencia. A sensibilidade feminina transmitira-lhe dons divinatórios !

Henrique abençoava do fundo da alma o conflito doloroso que por fim lhe restituía Maria Clara iluminada por uma beleza nova — beleza moral e física, beleza psíquica e visível.

— Pois, não é verdade ? — continuára ela, abalada por soluços espaçados que a fatigavam, tornando-a mais linda. Eu contento-me com a felicidade que tenho e que se resume tôda em ti. Nada mais quero, nada mais ambiciono. Mas esta felicidade estou disposta a defendê-la, com desespero, com fúria. A ninguém cabe o direito de vir perturbar-me, estragar a minha ventura.

— Vá, sossega . . . Foi um mal entendido, uma nuvem passada. Já outra vez há flores abertas e sol nos nossos corações — exclamava êle, para a tranquilizar.

— Se soubesses ! . . . Eu quis esconder tudo, ficar com êsse segredo só para mim . . . E tive ódio a M.^{me} Silva Marques, pela inconfidência

que me ia matando . . . Que me deixasse viver na ignorância dos teus desvios. Seria feliz ainda assim . . . Não desejava dizer-te nada, prometera a mim própria que nem um só queixume saíria da minha bôca, estava disposta a sofrer em silêncio. Mas não pude, não pude ! . . . Perdi a cabeça, não me contive. Se me calasse, o coração estalava-me dentro do peito. Não me maldirás por isso . . .

— Não, com certeza ! — afirmava Henrique, apertando-a nos braços. Mas vais ter muito juízo, ser sábia, ser prudente, possuir para o futuro tôda a confiança no teu marido . . .

— Tôda a confiança ! — asseverou ela. Sei que não me enganarás mais, que não poderás enganar-me. Seria tam cruel ! E não há crueldade na tua alma . . .

Maria Emília quási que lhe esquecia nessa hora de sinceridade. Henrique tinha agora a certeza de que se separaria dela sem dôr e sem saúde. Aparecia-lhe como uma imagem vaga, magnificamente bela, mas muito recuada para um passado remoto, esfumando-se numa penumbra em que a luz esmorecia, afrouxava. Ao lado de Maria Clara, ela empalidecia. Comparava a bondade duma, perdendo generosamente e revelando no perdão um amor capaz de todos os sacrifícios, e o egoísmo de outra que, ainda na última vez que se tinham encontrado, não pudera esconder a alegria causada pela espionagem de M.^{me} Cenoura, de-certo para que as intrigas dessa mulher destruíssem a vida conjugal de Henrique e irremissivelmente lho entregassem como um passivo instrumento dos seus

caprichos. Nesta esperança em que havia perversidade revelava-se a mentira de Maria Emília que lhe confessára querer amá-lo puramente, idealmente, sem que as pessoas que estavam à sua volta sofressem. Enquanto andou transviado, nada ouvia nem entendia, por uma alucinação dos sentidos. Mas, com a paz de espírito, recuperava a lucidez. Claramente sentia que a felicidade estava em sua casa, na adoração constante e pura da espôsa, e que, o que procurava para além das quatro paredes da vida que habitava, eram o enigma, a sensualidade, o pecado, o crime. Em Maria Clara surpreendia êle reunidas as qualidades soberanas que dão à mulher digna o domínio sôbre um mundo moral rebelde às corrupções. A outra era a Inimiga, destinada a impressionar, a desvairar as naturezas masculinas oscilantes pelo flagelo duma formosura venenosa. Como é que não verificára estas verdades muito mais cedo? Talvez porque o sobressalto da sua animalidade, da sua matéria voluptuosa e ardente, não o deixavam observar, envolvendo-o numa obscuridade doce de que lhe era penoso afastar-se. De resto, a presença de Maria Emília mergulhava-o numa espécie de embrutecimento e de êxtase que nêle produziam um estado de inconsciência mental e psicológica para tudo o que não fôsse ouvir-lhe uma voz aliando o ritmo à carícia afagadora. Recordando-a agora, sentia passar na alma, suavemente, a melancolia que fica sempre dos amores mortos e longínquos, como um aroma que viesse de longe, das ignotas regiões da luz e das rosas desabrochadas, das misteriosas ilhas jâmais devassadas por olhares

humanos, onde as flores perpétuamente abriam e perfumavam. Mas a sua luxúria aquietava-se, o fogo da volúpia — que êle tomára, nos primeiros dias do idílio com Maria Emília, como a aspiração para um infinito ideal de beleza e de inteligência — apagava-se-lhe no organismo. Era forte, enérgico, e tinha a certeza da sua fôrça e da sua energia !

Na sensibilidade de Henrique operára-se uma transformação completa que o fazia analisar por outros aspectos a sua paixão agonizante por Maria Emília. Como é que êle tam depressa se resignava à idéa de perdê-la, de repeli-la, de esquecer-lhe-la, quando o seu desejo restava insatisfeito e a sua admiração se mantinha viva ? No dia anterior, antes da scena com Maria Clara, ainda a idealizava como se ela houvesse baixado, etèreamente, dos intermúndios da perfeição e da graça, punha-a acima de todos os seus sonhos, acima de tôdas as ambições da sua alma, enquanto a espôsa se sumia na humildade, na frivolidade, no esquecimento. Agora, porém, Maria Clara surgia da sombra santificada, radiante de luminosidade, maravilhosa, ao passo que a Outra lhe aparecia não como a mulher salvadora e redentora, mas como a criatura nascida para o prazer, para o gôzo impuro, fascinando não pelo espírito mas pelo êncanto das exterioridades. Revivendo factos havia muito olvidados, Henrique relembra-se da disputa que outrora, em Coímbra, tivera com João Silvano, que proclamava a superioridade da fealdade feminina sôbre a beleza e que antepunha à mulher de exterior vencendo pela esplendidez aliciante da carne, a mulher de interior,

vencendo pela candura da alma, pelo predomínio do sentimento. Então, insurgia-se contra opiniões que lhe pareciam paradoxais; mas hoje, reconhecia a vacuidade da sua argumentação. Maria Emília era, precisamente, uma dessas mulheres de exterior, querendo captar, ser admirada, receber a veneração dum culto, correndo sempre insatisfeita à procura dum amor único e nunca o encontrando. Desde que a deixasse, ela imediatamente aceitaria outras simpatias, escutaria outros homens, sentiria outras comoções, porque era um instrumento de luxúria e não um instrumento de felicidade, possuindo a formosura que, na sua passagem, seduz as multidões de adoradores, que os fere, que os excita.

Teria com ela só mais uma entrevista, a derradeira. Chegou a pensar em escrever-lhe uma carta fria, glacial, despedindo-a, renunciando à sua adoração, sem dar-lhe outras explicações; mas, êste procedimento seria oposto à sua delicadeza. Não! O melhor era cortar com ela frente a frente, sem escusadas violências mas sem desfalecimentos, firmemente. Haveria mais correcção neste procedimento, de-certo. A carta representaria a fuga, a cobardia, uma fraqueza lamentável que lhe aviltaria a dignidade, sobretudo no instante em que nada temia já de Maria Emília, em que tinha o coração fechado para a ternura que ela lhe prometia com tam suave modo. Enquanto essa ternura efémera morria, ressuscitava poderosamente o amor pela espôsa. Henrique abandonava-se ao fugidio encanto duma paixão que era velha, que apenas havia adormecido transitóriamente no seu senti-

mento, e que elle achava nova, deliciosa, nunca experimentada. No alvoroço destas sensações, aspirava a uma vida futura de simplicidade, de liberdade, de ternura permanente e doce que nunca o perturbasse e que no seu espirito fizesse germinar e abrir uma flor de rara pureza. Queria emancipar-se depressa, para que fôsse mais límpido o horizonte em que teria de mover-se, sacudir de si tentações que o oprimiam, sair delas inteiramente renovado e daí em diante rebelde aos males de que até êsse momento sofrera. A visão duma existência vindoura pacífica, sã, crente, indemne a tôdas as tiranias estranhas, à sedução de tôdas as mulheres que não fôsem a sua, encantava-o; e, enlevado por êstes pensamentos, parecia-lhe que nas coisas que o rodeavam havia nessa hora um aspecto inédito, nunca por elle entrevisto.

— A vida é, realmente, singela e clara. Os homens, com as suas ambições, as suas sêdes de gozo, as suas imperfeições funestas, é que a complicam e entenebrecem! — murmurava elle. Viverei, portanto, singelamente.

E, se se demorava um pouco a meditar no fugitivo idílio com Maria Emília, quási se envergonhava do entusiasmo com que para ela fôra, perseguindo uma ilusão absurda. Aos quarenta anos, com os primeiros cabelos brancos e os primeiros vincos na pele da face, o namôro parecia-lhe ridículo.

— De mais a mais — monologava — um namôro com suspiros, com êxtases, com lirismos grotescos, com impaciências pelas entrevistas e até com ciúmes!

Então, bem radicada na sua vontade a idéa do rompimento, sentiu-se desopresso e contente, os dias começaram a ser menos fastidiosos para êle, era como se descobrisse uma face nova ao mundo. Do seu sentimento, desprendia-se uma curiosa sensação que não sabia definir. Outrora, com Maria Clara, parecia-lhe que vivia só, isolado, experimentando o fundo tédio da solidude: — e foi por isso, talvez, que tam inconsideradamente seguira os passos misteriosos de Maria Emília. No entanto, e já certo do amor dela, a amargura do isolamento continuára. Entre a tumultuosa agitação dos seres humanos — duma raça confusa por êle ignorada — sentia-se um ser àparte, afastado de tôdas as solidariedades morais ou intellectuais. Agora, porém, esta dolorosa impressão desvanecia-se como fumo. Julgava-se integrado nos seus verdadeiros destinos, vibrando ao contacto das turbas desconhecidas e por elas impellido para a frente. Do seu organismo irradiavam as fôrças, as energias, uma esperança maravilhosa vitalizava-o.

Logo na manhã seguinte ao drama com Maria Clara, houve uma adorável surpresa para a sua sensibilidade — surpresa que tomou como uma profecia. Com effeito, enquanto durou a perturbação que violentamente o atormentava, a casa com o seu silêncio, a sua ordem, a sua inalterável pacificação, a sua monotonia, enfastiava-o, quasi o desgostava. Não sentia o encanto, o equilibrio, a doçura que se comunicam à alma das pessoas habitando as moradas tranqüilas e que tanta influencia exercem nas naturezas requintadas — encanto e doçura que se exalam da simples nota colorida

duma flor entre mobiliários de luxo, do arranjo, da disposição, dos efeitos artísticos. De repente, porém, tudo viu e tudo compreendeu. A sua vida era um sossegado refúgio invulnerável às tempestades inevitáveis da existência, com o seu conforto, o seu alinhô, a sua elegância, a sua atmosfera de asseio e de bem-estar. A colocação dos móveis e o ar decorativo e calmo, o recolhimento, revelavam a presença dum ser feminino cheio de delicadezas. Lembrava-se de certas particularidades que o enterneciam. Com efeito, êle mesmo, com Maria Clara, nos primeiros meses de noivado, dispusera nas paredes da sala de jantar, forradas com um papel côr de rosa pálido e grandes ramos de flores, as peças de cerâmica raras e de reluzentes esmaltes, escolhera, na sala de visitas, os logares para os quadros adquiridos nas exposições de pintura, instalára o seu gabinete de trabalho em que havia largas, vastas estantes de pau preto atulhadas de livros encadernados em carneira, com os títulos a ouro rebrilhando nas lombadas e uma ampla mesa de pés torneados e com belas ferragens antigas. Sôbre esta mesa tinha sempre Maria Clara rosas na primavera e no verão e violetas no outono e no inverno, alegrando e perfumando o ambiente morno. Todos os detalhes caseiros, que dias antes lhe passavam totalmente despercebidos, lhe acudiam agora à memória e o comoviam. Abençoava a sua habitação pela lição moral que ela lhe professava naquele instante, e tinha a certeza precisa, evidente, de que sem tudo aquilo — que era a parte mais intensa da sua história de homem — não poderia ser feliz. Absorveu-se, por momentos, na recordação das

coisas evocadas, compreendendo-lhes melhor do que nunca a beleza, a poesia. A sua inteligência subtilizava-se; uma nova existência ia começar, enfim. Estava decidido! A partir da hora em que pela última vez se encontrasse com Maria Emília — só para dela se separar definitivamente — o passado sentimental impuro deixaria de existir para elle.

Nesse dia, Henrique saíu de casa muito cedo, logo ao romper da manhã, dizendo a Maria Clara:

— O meu amor hoje almoça só. Com grande mágoa minha, não posso acompanhá-la.

— É pena! Estou já tam costumada!... E sinto-me tam abandonada quando tu não estás!...

— Se eu a habituei tam mal! Foi uma tolice... As mulheres muito amimadas, à primeira contrariedade ou entristecem ou se zangam... Foi, na verdade, uma tolice... — dizia elle, sorrindo.

— Oh! mas se te arrependes!...

— Não me arrependo, está claro. De resto, o mal agora já não tem remédio. Terá o seu marido certo ao almoço e ao jantar, menos hoje.

— Tens, então, muito que fazer?

— Muito!

— Henrique!... — atalhou Maria Clara. Tu onde vais?

— Não to digo. É segredo!... Oh! um grande segredo!... Nem sequer posso vir almoçar a casa e é para falar menos, para o não revelar!...

Ela olhava-o fixamente, como se quisesse perscrutá-lo, surpreender-lhe as intenções ocultas; e

Henrique, observando-lhe a inquietação, disse, muito sério :

— Bem ! Não foi isso o que prometeste e nem é isso o que eu espero da tua sabedoria. No futuro, a nossa felicidade exige que tenhas em mim a mais completa confiança. E ainda outro dia me afirmaste que essa confiança seria inabalável no teu espírito . . .

— E é ! — exclamou ela firmemente. Vai ! . . .

— Até logo, ao jantar. Pensa um pouco em mim.

— Pensarei sempre, a todos os minutos . . . Se eu te quero tanto ! . . .

Beijaram-se, abraçaram-se e em seguida Henrique desceu a escada, voltando-se para trás, já à porta, rindo para a espôsa e fazendo-lhe com a mão enluvada um gesto afável. Na rua, o esplendor da luz feriu-lhe a vista, chamando-lhe a atenção para o espectáculo exterior. Uma rosa fina e imponderável de sol derramava sôbre a cidade o seu invisível pólen de ouro. A aglomeração das casarias ensoalhadas e resplandecentes tinha para os olhos de Henrique lados em que êle nunca havia reparado. Na luz difusa, as próprias coisas inertes pareciam adquirir mobilidade e vibração. Por vezes, ao passar rente aos altos muros dos jardins, aspirava o perfume errante das corolas que se espalhava no ar quente, ou enlevava-se na gracilidade, na ternura dum longo ramo cheio de fôlhas ramalhando à aragem, no tom uniforme da calíça. Uma espécie de lenta sedução evolava-se dos scenários que o cercavam, e, como se quisesse obedecer a esta sedução, como se sentisse a sua carne penetrada por ela, Henrique apressava o passo. Havia muito tempo que não

achava à vida um sabor tam agradável. Embevecendo o olhar na alegria diurna, na translucidez do céu, reparando no júbilo envolvente, no incessante movimento da população afadigada, parecia encontrar nos rostos uma satisfação que os iluminava. Hortaliceiras ambulantes, conduzindo à cabeça o gigo carregado de hortaliças, lançavam o seu pregão estridente; trotavam carruagens, ao estalar dos chicotes, nas pedras da calçada; de dentro das lojas vinha o rumor das conversas. O burgo estava em festa e, contudo, nesse dia, Henrique ia para os funerais dum amor que julgou eterno, para o entêrro duma esperança que um momento o trouxe deslumbrado. Primeiro, no repouso do seu escritório, entregar-se-ia ao trabalho útil. Depois, almoçaria em qualquer restaurante e, pela uma hora da tarde, encontrar-se-ia com Maria Emília para a suprema despedida. Queria retardar o mais que lhe fôsse possível êsse instante, de-certo doloroso, que lhe estragaria a sua paz, que o perturbaria. Não era, mesmo, sem tristeza que êle compareceria à entrevista final, porque é sempre triste abandonar os affectos que nos ofereceram alguma ventura. Mas o abandôno era preciso. Reclamavam-no agora, implacavelmente, a serenidade do seu lar, o seu carácter, a lealdade e a devoção de Maria Clara, que soube perdoar com tanta grandeza de alma...

No escritório, diante de processos em papel selado; à mesa do restaurante, em frente do peixe frito e do *beef* com ovos, constantemente, Henrique foi recompondo na imaginação as palavras que diria a Maria Emília, procurando formas atenuadas,

expressões que a não contundissem pela sua rudeza ; mas sentia-se obtuso, incapaz de subtilezas de espírito : e de mau humor, rosnava :

— O melhor será dizer-lhe as coisas sem rodeios, com tôda a clareza. Para quê mais mentiras ?

Renunciou a encontrar as frases justas, confiando na inspiração de momento. Lamentava já, sempre inconsistente, ter deliberado não lhe escrever. Uma carta seria muito mais simples, poupar-lhe-ia o desgosto de lamentações, de lágrimas — a êle que não podia, serenamente, ver chorar uma mulher — de assistir à scena lúgubre da partida de Maria Emília sufocada de soluços ou talvez fitando nêlo olhos desdenhosos ou fulgurantes de rancor. Sobretudo, essa carta, muito sêca, quatro linhas apenas, não o alvoroçaria no seu egoísmo, não lhe excitaria aquella timidez ridícula que teimosamente ressurgia em todos os actos mais sérios que com a sua personalidade se prendiam . . . Tomava o café, a pequenos sôrvos, no meio desta desordem mental, quando súbitamente um berro o atroou.

— Oh ! facínora ! — exclamou uma voz conhecida.

Era Salgueiro, magnífico na sua alegria e na sua saúde, que o tinha avistado através do cristal da porta de entrada.

— Temos então pândega, fuga do lar, abandono da espôsa, almôço nos logares públicos e justamente infamados de gula e devassidão ?

— Complicações, muito que lidar, uma horrível barafunda. E como vai o cadáver, homem ?

— Ótimo ! . . . Estou sem sorte. Se soubesse

que fazias gazeta às refeições familiares, tinha aparecido mais cedo, almoçávamos juntos, era uma orgia...

— Na verdade!... — murmurava Henrique.

Salgueiro tirava as luvas, pousava a bengala e o chapéu sobre uma cadeira, soltando um suspiro de alívio.

— Assim, se te não demoras um pouco, para conversarmos, tenho de almoçar só e é uma tremenda maçada.

— Não posso!

— Sê bom, sê amável!

— Não posso — insistiu Henrique. Bem vês: almoço fóra de casa, longe da companhia da mulher, assuntos graves a tratar, a ordenar... Não posso.

— Tenho tantas coisas a dizer-te...

— Dizes-mas outra vez.

— O Damasceno...

— Bem sei! Não casou. Fugiu para Paris, teve tino, deu uma prova de bom senso a meio caminho da vida.

— Quem foi que te informou!

— A minha polícia especial...

Tinha-se levantado, depois de pagar a conta, fóra lavar as mãos, alisar o cabelo.

— *Au revoir!* — exclamou êle.

— Na verdade, nem meia hora?... Eu, em meia hora, devorarei o *beef* e o pedaço de queijo essenciais à nutrição da minha animalidade, menino...

— Nem meia hora sequer. Primeiro o dever e só depois do dever as devoções. Adeus!

— Então, adeus, scelerado . . .

Na rua, sob a fálscção do sol, que dardejava, Henrique consultou o relógio. Tinha ainda tempo. Nesse dia, sobretudo, não queria ser o último a chegar. Acendeu o charuto, tomou o eléctrico. O coração pulsava-lhe desordenadamente, ao dirigir-se para o Palácio, que durante êsse amor que morria fôra o logar favorito da sua meditação e do seu sonho. A fraqueza de carácter que o atormentava parecia-lhe agora maior ; por momentos, julgou-se em plena abolição da vontade activa, uma alma sem ideal, uma individualidade incapaz de lutas. De manhã, ao sair de casa, pensava que nesse dia iria fazer uma jornada maravilhosa para a verdade : e agora imaginava que os seus passos o encaaminhavam fatalmente para a nebulosidade, para o mistério. Irritava-o o fundo volúvel do seu sentimento em amor e perguntava se já não seria capaz de experimentar uma dessas paixões que ocupam uma vida inteira. A reflexão àcêrca desta singularidade de temperamento transtornava-o : mas, estudando-se minuciosamente, pensava que no seu espirito existia um êrro crasso sôbre o amor e daí provinham as desordens emotivas e as ansiedades que o traziam numa perpétua agitação.

— Naturalmente — raciocinava Henrique — esperei muito do amor, julguei que êle me ofereceria o infinito : e, como me tivesse iludido, entrego-me ao prazer de destruí-lo com o desespero com que destruiria um falso ídolo !

Assim tinha acontecido, efectivamente, com Maria Clara ; assim ia acontecer com Maria Emília. Das suas quimeras, nem ao menos ficava doçura !

O eléctrico parou sob as árvores e Henrique, saltando, decidiu-se a aguardar a chegada de Maria Emília num sítio bem visível. Não procuraria, para êsse encontro derradeiro, os logares silenciosos e desertos onde ambos se sentissem mais sós e em que uma serenidade propícia fôsse fecunda à inspiração da sua ternura. Agora, já não temia que olhos curiosos o surpreendessem falando com uma senhora, num jardim pouco freqüentado. A solidude é que o tornaria suspeito. Ela ainda não tinha aparecido, o seu vulto gracioso de deusa, com a azulada auréola dos cabelos pretos sôbre a fronte, ainda não se havia mostrado, ligeiro, musical, incomparável de beleza, por entre os arvoredos, como nas baladas; e, quanto mais a esperava, mais Henrique sentia fugir-lhe a coragem necessária para o momento angustioso do rompimento. Vacilava, irresoluto, entre a obrigação moral de ir até ao fim e a tentação, que seria cómoda, de esquivar-se ao encontro com Maria Emília, fugindo-lhe, não lhe aparecendo mais, muito embora ela ficasse a fazer dêle os piores juízos; e, para se não deixar arrastar pela idéa da fuga, evocava a figura dolorida de Maria Clara, na noite em que o acusou da sua infidelidade, lacrimosa, chorando amargamente, enrodilhando-se, enovelando-se sôbre o tapête do quarto como um trapo, o peito arquejante, os dedos das mãos enclavinados nos cabelos, abatida, prostrada, vencida pelas desditas e pelas crueldades da vida. Coitada! E porque sofria ela tanto? Simplesmente porque o amava, porque professava pelo seu affecto um puro culto, experimentando felicidade em consagrar-se-lhe em

tudo e por tudo. Esta evocação reanimou Henrique.

— Serei um homem ! — monologou.

E, com efeito, quando passados minutos avistou Maria Emília, pisando vagarosamente a areia dos arruamentos com a graça da sua formosura e a sua leveza alada, foi para ela resolutamente, fechando os olhos a todo o encanto aliciador, recalçando o seu desejo, sufocando a sua adoração. Apertaram as mãos, trémulos. Henrique desviava a vista de Maria Emília, que o investigava, aguda e penetrante. Estavam na avenida de entrada, sob as árvores altas que interceptavam os raios solares, e ela estranhou que Henrique a tivesse esperado ali, sendo tam cauteloso, suspeitando denúncias, indiscretas intrigas.

— Que é isto ? — inquiriu ela, sorrindo. Então, já não tens medo de que nos surpreendam ?

— Não ! — balbuciou Henrique. De resto, todo o mal está feito. Serão inúteis resguardos . . .

— Como ? — atalhou Maria Emília, com um contente alvoroço que lhe não passou despercebido. Tua espôsa . . .

— Sabe tudo. Deu-se precisamente o que eu temia.

Fizeram alguns passos hesitantes. Por cima dêles, os ramos ondulavam quási imperceptivelmente, projectando no chão sombras movediças. A espaços, ouviam-se vozes humanas distantes, palavras incompreensíveis.

— E agora ? — perguntou Maria Emília, comovida e interrogando-o com a vista. E agora ? . . .

Nos seus dizeres havia incerteza, ansiedade

e inquietação. Henrique, perturbado, compromettido, de novo era invadido por um desfalecimento de energia.

— Mas tu não respondes, não respondes ? ... — exclamou ela, impaciente. Dize-me : — e agora ? Teremos de renunciar a êste amor, que era inofensivo para os outros e que era tam doce para nós ... para mim, pelo menos ? Eu sou forte ... Não escondas a verdade.

— Pois bem ! Agora — acudiu Henrique, contraindo os músculos da face, como quem toma uma deliberação irredutível — teremos de renunciar a êste amor, efectivamente ! ... E como isso me dói ...

Maria Emília empalideceu um pouco, apoiou-se ao seu braço, emudecida, silenciosa, com duas lágrimas tremendo nas pálpebras ; e Henrique, vendo-a fraquejar, foi invadido por uma piedade que amoleceu tôda a sua coragem.

— Mas ouve ... Nem tudo está perdido ... Quero explicar-te ...

— Se aqui houvesse um banco ... Não posso estar de pé ... — murmurou Maria Emília, com voz quebrada.

— Aí está ! Tinhas prometido ser forte ...

Mais pálida, mais sucumbida, Maria Emília nada dizia, enquanto ambos se dirigiam para a Avenida das Tílias, onde ela se abateu sôbre um banco, chorando. Henrique, em frente dela, seguia todos os seus actos, todos os seus gestos, todos os seus movimentos com uma intensidade de atenção que o esgotava para a intelligência comprehensiva das coisas que o cercavam. O sofrimento aparente de Maria Emília, que enxugava os olhos ao perfuma-

do lenço de rendas que tirára da saquinha de mão, parecia enredar uma trama complicada que o retivesse prisioneiro justamente no instante em que êle pretendia recuperar a liberdade. Depois dum curto silêncio, Maria Emília murmurou :

— Vieste então aqui dizer-me adeus para sempre ? É esta a última vez em que nos falaremos ? Desculpa a minha fragilidade . . . Eu não estava prevenida, e a surpresa foi muito rude . . .

— Escuta . . . — gaguejava Henrique.

— Imagina esta incoerência — continuava Maria Emília, sem o ouvir, como se quisesse aturdir-se no som das próprias palavras — imagina esta incoerência : Nunca saí de casa para as nossas entrevistas tam contente e descuidada como hoje. Afigurava-se-me que no meu caminho depararia a ventura — uma ventura que jâmais findasse, contigo na minha companhia. Afinal, vim ao encontro do desengano . . . Como as nossas confianças são falazes !

Henrique sentou-se junto dela, compadecido. Um sôpro de vento, arrepiando a copa das tílias, fazia chover sôbre êles fôlhas mortas, como asas que tivessem deixado de palpitar.

— Escuta — repetiu. Não penses que é sem amargura que eu digo adeus a êste amor, que tanta alegria, tanto gozo espiritual me comunicou em horas que eu nunca esquecerei . . .

— Não ! Nada de frases, de literatura. Para que hás-de encobrir mentiras nos artifícios da linguagem ? Quem ama, como tu dizes amar, não transige, rompe através de todos os obstáculos, nunca cede, nunca se resigna ! . . . — retorquiu Maria Emília.

Tinha recuperado a tranquillidade um minuto alterada e olhava agora Henrique com um olhar desdenhoso e frio.

— Mas tu não sabes, não sabes ! . . . — desculpava-se elle.

— Que é que eu não sei ? — perguntava Maria Emília, com uma surda irritação.

— Não sabes o que é que me obriga a afastar-me de ti, aparentemente . . . E digo aparentemente, porque podemos muito bem continuar a nossa adoração sem que ninguém a conheça, continuar mesmo as nossas conversas por cartas.

— Não — atalhou ella com firmeza. Para que havemos de prolongar por mais tempo um devaneio que a nada conduz ? É mais sério, mais digno acabarmos já.

A cólera rosava-lhe o rosto, transmitia maior mobilidade às suas linhas fisionómicas, mais vivacidade e mais brilho aos seus olhos. A sua fronte resplandecia duma beleza nova.

— Pois, não é melhor assim ? — inquiria ella, com um riso doloroso. Tu ficas livre e eu ficarei com mais um desengano.

Henrique, para fundir o desdém glacial de Maria Emília, que o pungia, contou-lhe, exagerando-a, a scena com a espôsa, os gritos alarmando a casa, de noite, as intrigas de M.^{me} Cenoura. Disse-lhe o horror da sua paz caseira comprometida, o clamoroso escândalo que sobre elle se abatera. Na sua perturbação, dispunha ainda da lucidez critica sufficiente para julgar que se aviltava, revelando, a estranhos, íntimos episódios conjugais, recatadas occorências do seu lar ; mas, nesse lance de angústia,

defendendo — a-pesar-de tôdas as suas promessas em contrário — uma duplicidade amorosa deplo-rável, encontrava uma espécie de prazer voluptuoso no aviltamento. Rebaixava-se, abdicando do seu orgulho de homem, para captar a complacência de Maria Emília. Ela sorria do seu rebaixamento, que considerava a expiação duma vingança que já principiava. Levantou-se, estendeu a mão, murmu-rou :

— Adeus !

— Espera — pediu Henrique. Não nos separemos como inimigos.

— Não ! Como inimigos, para quê ? São maus psicólogos aqueles que dizem que há uma curta distância entre o amor e o ódio. Separemo-nos como indiferentes ou como duas criaturas que começam agora a desprezar-se mutuamente...

— Para que me ofendes ? — bradou Henrique, levantando-se de salto. Para que me ofendes ?

— Quanta susceptibilidade ! — disse ela, rindo sempre. Eu não posso afirmar que nos separaremos como duas pessoas que muito se amam, porque não creio hoje no teu amor.

Deu alguns passos, cascalhando um riso sardónico — um riso em que havia despeito e rancor : de repente, voltando-se para Henrique que se conservava de pé, encostado ao banco, exclamou :

— E, no entanto, houve um tempo em que acreditei nesse amor. Parecias-me tam sincero, sabias representar com tanta arte !...

— Maria Emília !...

— Nada de exclamações peripatéticas, que são sempre redículas... Afinal, que era eu para ti ?

Por quem me tomavas ? Viste-me passar, seguiste-me, escreveste-me, as tuas palavras pareceram-me nobres, escutei-te. Mas o que querias de mim ? Para que me iludias ? Que te custava ser franco e ser honesto ? Eu era uma mulher fraca ; tu, um homem. Se tinhas a consciência do teu dever, porque me não poupaste a mais esta dôr ? Que mal te fiz eu ? Responde ! . . .

— Não me fizeste mal algum, com efeito. Mas ouve . . .

— Não ouço nada. Não te fiz mal algum. Ainda bem que o conheces. Podes ir agora pacificamente para os braços de tua mulher, como o marido pródigo que volta ao calor das vélhas afeições . . .

Sorrindo nervosamente, Maria Emília acrescentou :

— E para o futuro, sê-lhe fiel. Não voltes a fazê-la chorar, pobre anjo caseiro e terrestre — acrescentou zombeteiramente.

Para se vingar do vivo escárnio que o humilhava, Henrique bradou com raiva :

— Devo, na verdade, a minha espôsa essa fidelidade. É a única mulher justa que tenho conhecido. Quanto a ti, realmente, não te melindrei na tua dignidade, nada te prometi, soube respeitar-te — mais por cálculo do que por virtude, aqui to confesso sinceramente — não te prejudiquei em nada . . .

— E quem lhe diz ao senhor que me não prejudicou ? — interrompeu Maria Emília, rancorosamente.

— Meu Deus, em quê ? — inquiriu Henrique, rindo por sua vez. Eras viúva, eras livre, não tinhas compromissos . . .

Maria Emília fitou-o demoradamente, com os olhos fuzilantes e os lábios contraídos. Depois, com lentidão, espaçando as palavras, acrescentou:

— É melhor acabarmos já uma scena que começa a fazer-me sofrer demasiadamente. O senhor segue o seu destino, não torna a pensar mais em mim e eu, por altivez, por orgulho ofendido, chegarei a esquecê-lo também. Não queria dizer-lhe mais do que lhe disse. Mas o senhor, com as suas ironias, feriu-me. Antes de partir, desejo fazer-lhe uma revelação que de-certo lhe não despertará remorsos, porque apenas podem sentir remorsos as almas com algumas virtudes. O senhor, atravessando-se diante de mim e mentindo-me, confessando-me um amor que nunca me teve, prejudicou-me, na verdade. Quando o conheci, tinha o casamento tratado com outro homem, ia talvez encontrar, nesse consórcio, a felicidade, a paz do coração, a serenidade da existência...

Esta revelação inesperada desconcertou Henrique, que durante algum tempo contemplou mudamente Maria Emília. Depois, recuperando a serenidade, exclamou:

— Mas, porque não casaste, então?

— Porque, por um capricho que não posso explicar, pelo seu amor esqueci o amor que tam devotadamente se me oferecia... Lembra-se de eu lhe ter falado numa amiga minha, viúva, que estava para casar, não é verdade? Era eu!... E agora, definitivamente, adeus!

Henrique correu para ela comovido, admirando a grandeza daquele sacrificio voluntário, exclamando:

— Pois bem ! . . . Se assim é, devo-te uma reparação.

— Nada me deve. Adeus ! . . . De resto, nada aceitaria de si, porque princípio a odiá-lo, odeio-o já . . . Se eu o tivesse conhecido como o conheço hoje ! . . .

Com passos firmes, direita, altiva, escarnecedora, Maria Emília afastou-se, sem se voltar para trás uma única vez. No disco de sol que a envolvia, as formas do seu perfeito corpo ganhavam mais pureza, mais ritmo, mais harmonia ; a sua beleza de mulher irradiava luz.

XII

Tinha um noivo — monologava Henrique, ao deixar o Palácio de Cristal, onde certamente não voltaria tam cedo, para que a sua alma esquecesse emoções, sentimentos que ainda o perturbavam, o enchiam de confusão, para que nos seus olhos se apagasse de todo a luz duma imagem doce que fugira e que a-pesar-disso ainda o iluminava. — Maria Emília tinha um noivo, ia casar, reconstituir uma felicidade que a morte do primeiro marido interrompera. Mas eu apareci, interpus-me despòticamente entre o affecto de ambos, por egoísmo, por inconsiderada vaidade, separei-os, matei uma ventura que começava a florir em dois corações. E para que ? Que consegui eu com essa desastrada interferência ? Desvairado pela aspiração de fazer ressuscitar na minha sensibilidade um amor que julgava para

sempre morto, segui a primeira mulher esplêndidamente bela que me apareceu, entrei na paixão falaz que ela soube inspirar-me como num sonho, e depois dalgumas semanas de embriaguez dos sentidos, quando a reflexão chegou, um só incidente foi bastante para me mostrar que me tinha iludido. O que desta ilusão ficou é um resíduo amargo. Fiz sofrer rudemente alguém que estava à minha volta, que me pertencia pelo corpo e pelo espírito, e fiz sofrer também a mulher ideal que o meu desalento buscava para que, com a sua ternura e a sua elevação mental, me renovasse e me restituísse a esperança ! Eis a minha obra . . .

Maria Emília, ao partir, dissera irònicamente que êle seria refractário ao remorso, por ausência total de virtudes emotivas. Contudo, êsse remorso acabrunhava-o agora, vergava-o, excitava mais o seu infortúnio. À flor da tristeza que no seu peito abria mesclava-se um desgosto, uma inexprimível saúdade por tudo o que perdera. Maria Emília, a Inimiga, repelira-o num dos seus mais sinceros momentos. Ou ela não dispunha duma subtileza essencial para a compreensão exacta das consciências ou então nunca o tinha amado com o ardor, o fogo, a vibração apaixonada que lhe confessára com beijos e voz suplicante. Os mais incertos, indecisos pormenores dos dias iniciais do seu amor por ela avivavam-se-lhe na memória com admirável nitidez. Henrique sentia prazer em evocá-los, no instante elegíaco em que êsse amor tinha findado. Tornava a vê-la, na rua, por uma clara manhã de domingo, esbelta, gentil, no seu vestido preto com rendas brancas, enquanto ao longe um piano tocava os

lieder de Schumann; experimentava o sobressalto das doces horas que em pensamento lhe consagrara, ainda quando Maria Emília era para elle uma desconhecida; recordava a comoção extraordinária que o trespassou, ao escrever-lhe a primeira e última carta; agitava-o a perturbação que o invadira ao dirigir-se à entrevista marcada justamente nesse Palácio de Cristal onde o seu idílio começou e onde por fim acabára tam melancòlicamente. De novo a Inimiga se apossava do seu ser com tanto império, que Maria Clara, a pobre espôsa sacrificada aos seus desvarios, lhe esquecia. Agora, que tudo estava bem morto e bem enterrado, Henrique perguntava a si próprio se, na realidade, não teria comprometido irremediavelmente a alegria do seu futuro, afastando-se da mulher que ao seu árido pessimismo trouxera uma afirmação, um mágico fulgor da verdade. Mais do que nunca se lamentava pela dissolvente fraqueza do seu carácter tímido, pela falta de confiança em si mesmo. Tôdas as suas desgraças, tôdas as suas desventuras provinham dessa desconfiança que o vexava, que o enxovalhava, que o fazia encolher com temor, pálido e desfeito, sempre que era necessário mostrar decisão, coragem, virilidade de ânimo. Em tal desconfiança que lhe envenenára a existencia moral, medrava uma piedade doentia que o manietava. Ora, os homens fortes, os homens verdadeiramente nascidos para o triumpho, eram duros, cruéis, rebeldes a tôdas as comoções mórbidas. Maria Emília fôra, por momentos, a alma que o completára, que o ensinára a observar-se e a interpretar-se, que o seu desejo apeteçera e que a sua

inteligência admirou. Teria sido, de-certo, em anos vindouros, o verbo revelador que o conduziria menos aos delírios do gôzo carnal do que às perfeitas glórias do espírito, à paz, aos cumes iluminados da montanha da ventura onde as fronte scismadoras das divindades sorriem aos conscientes. No entanto, fugira dela, empurrou violentamente para trás uns braços ansiosos que se lhe estendiam, que o procuravam para o estreitar ! E porquê ? Porque Maria Clara chorára, caída sôbre um tapête, acusando-o de infidelidade a uma paixão que não sentia, que havia morrido, sem que êle tivesse culpa dessa morte. Algumas lágrimas femininas foram suficientes para queimar a flor pura duma adoração que começava a vicejar ! Ah ! de-certo que era incompleto, que havia uma falha importante na sua organização, que jâmais poderia ser feliz ! . . .

Nunca Maria Emília lhe pareceu tam esplendorosamente bela como no minuto inolvidável em que dêle se separou, orgulhosa, superior, sarcástica, rindo com soberba petulância. E deixára-a partir para sempre, sem um grito, sem uma súplica que ela talvez esperasse para render-se, para voltar aos seus beijos, ao calor da sua ternura — movido pelo receio de ser desprezado, obrigado pelas promessas solenes que, numa hora irreflectida, fizera à espôsa, temendo outras scenas domésticas, outras lágrimas, outros queixumes, outras lamentações, temendo sobretudo o escândalo, um movimento de opinião que o condenaria, a ruidosa publicidade de amores vilipendiados pela moral colectiva. Era incompleto, certamente ! Completo como homem era êsse Damasceno, seu condiscípulo na Universidade de

Coimbra, que depois de longos, exaustivos anos de estúrdia, sentira a necessidade de casar-se, de constituir família, ao aproximar duma vèlhice desalentadora; que seduzia o ingénuo coração duma suave rapariga da província, virginal, pura de toda a mácula humana, e que, na véspera da cerimónia nupcial, arrependendo-se, calculando repentinamente a grandeza do êrro que ia praticar, escrevia à noiva uma carta a despedir-se, fazia as malas e fugia alucinadamente às delícias do noivado, à serenidade do lar, sem que o atemorizassem os prantos da traída, as vociferações duma aldeia escandalizada, os juízos adversos que as pessoas íntegras pudessem formular sôbre o seu procedimento, e dizendo da capital francesa aos amigos, em bilhetes cínicos: — «Pascal, diante dos mistérios da religião católica, bradou: — «Revelação! Milagre!» — E eu, que não sou Pascal, diante da fatalidade dum casamento, aos quarenta e dois anos, num minuto de lucidez e de bom senso, exclamei: — «Safa! Olha que estopada!» — O que prova, rapazes, que os bons espíritos, mesmo em situações diferentes, se encontram sempre.»

Completo ainda lhe parecia Salgueiro, o jovial Salgueiro, que se formára amavelmente em Direito e que era uma espécie de herói das comédias de Tyrso de Molina, constantemente à caça de rôlas bravas; que todas as noites, em casa, anotava num caderno de papel almaço os estragos que o seu poder de sedução ia fazendo nos corações inocentes e que publicamente se vangloriava de nunca ter experimentado a melhor comoção diante das mulheres por êle ludi-

briadas. Muito bem se lembrava de ouvir-lhe dizer ao Silveira :

— Ternura feminina que vá além duma semana, é um horror só comparável aos círculos dantescos.

— Então, que fazes tu, Salgueiro, quando essa ternura quer ultrapassar tais limites? — interrogára Silveira, interessado.

— Emprego vários processos, que vão da gargalhada e do encontrão brutal à bengala, sempre que as circunstâncias assim o exigem.

Ele, porém, como era inferior ! Tam inferior que o Damasceno e o Salgueiro lhe pareciam vis no seu cinismo. E como esta inferioridade lhe amarfanhava o orgulho ! A primeira vez que sentiu palpitar o coração mais apressadamente por uma mulher, logo lhe ofereceu a mão de marido, com um rubor de colegial na face, sem rectificar a intensidade dessas palpitações. Mais tarde, já casado, concentrou-se e pressentiu o vácuo na alma. O casamento fôra uma desilusão. A felicidade mentira-lhe e, no entanto, precisava de ser feliz, para pacificar ambições que o alvoroçavam. A criatura idealizada em horas de febre, de ansiedade e de indizível tristeza, surgiu aos seus olhos, sumptuosamente bela. Amou-a com essa sêde e essa profundidade dos desiludidos para quem um amor verdadeiro é sempre uma revelação. Damasceno e Salgueiro não se contentariam com rápidas entrevistas, num jardim público, em que imediatamente se desatassem as mãos um momento apertadas e em que os beijos se extinguissem logo que comesçassem a arrulhar ; mas para êle, essas entre-

vistas eram a própria ventura, e, para o seu sentir, uma paixão que soubesse resistir às solicitações carnaes, que se mantivesse superior e alheia a todos os contactos grosseiros, atingiria a beleza suprema.

A meio do seu êxtase lírico, porém, a figura lacrimosa da mulher legítima levantou-se com o lábio cheio de soluços e despertou-o violentamente, fazendo-o reentrar na realidade da vida; e a sua cobardia coagiu-o à obediência. Ainda se Maria Clara rompesse em impropérios, em diatribes, cuspiendo-lhe insultos à face, atirando-lhe punhados de cisco ao rosto, se rugisse cóleras em vez de se carpir, talvez que a sua energia não sucumbisse, porque a rudeza tonificava-o, fortalecia-o, obrigava-o também a ser rude. Mas não! Ela chorou, lamentou-se, pediu a morte a altos brados, teve, para amolecê-lo, a eloquência do choro que dissolve tôda a frieza. O espectáculo do seu coração devastado, da sua crença amachucada, do seu débil corpo rendido pela dôr, venceu-o. E, para que Maria Clara não sofresse mais, condenava-se êle, voluntariamente, ao sofrimento, à amargura dos ideais para sempre destruidos. Como era, na realidade, fraco, miseravelmente fraco! E que indecifrável destino o perseguia, sem se cansar! Havia homens que, mesmo depois de casados, atiravam para as sargetas a noção dos deveres conjugais e levavam descuidadamente uma vida de devassidão e de torpezas, sem que perdessem o respeito da rua em que viviam, a estima do seu bairro, da cidade em que nasceram. Rodrigues Gorjão, por exemplo, tinha amantes que lhe custavam rios de dinheiro, era um devasso, conheciam-no na roda do mundo

em que a gente se diverte. No entanto, a esposa considerava-se absolutamente venerada por êle, que era tomado como o modêlo dos maridos; pacificamente os dias deslizavam para o seu egoísmo; nenhuma contrariedade o atormentava. E Rodrigues Gorjão, a quem a sociedade admirava o esplendor das virtudes, não era impellido para o amor de outras mulheres por imposições da alma, por solicitações do espírito, mas por animalidade, pelo ardor dos instintos brutais! Henrique, porém, na busca dolorosa da felicidade, amára Maria Emília idealmente, puramente — e logo a esposa o soubera, logo os olhos perspicazes de M.^{me} Cenoura o espiaram, logo à volta da sua adoração casta se teceu a rêde inextricável dos escândalos. Era de mais!...

Absorvido no fio fecundo dos seus pensamentos, Henrique cruzava as ruas com pressa, sem reparar em nada. Baixava silenciosamente a tarde. A côr desmaiava na aglomeração irregular das casarias e uma sombra fria melancolizava as calçadas. Como fôsse ainda cêdo, dirigiu-se ao escritório. Queria estar só, apetecia-lhe o isolamento de todo o ruído que o alheasse do recolhimento interior. A certa altura, alguém o chamou. Ergueu o rosto e encontrou o olhar penetrante de M.^{me} Silva Marques. Trazia pela mão o filho mais novo, o Chiquinho, um querubim rosado e louro; e os seus cabelos ruivos incendiavam-se na derradeira claridade do sol expirante.

— Venha cá, venha cá!... Então, onde vai com tanta pressa? — exclamou ela, de longe, sorridente e afável.

— Oh! minha senhora!... Ia tam distraído...

Queira desculpar-me, por quem é!... — respondeu Henrique, indo ao seu encontro.

Teve-lhe ódio! Como é que aquella mulher, causadora do seu infortúnio, da desordem que durante uma noite angustiosa espavoriu a tranquillidade da sua casa, exhibia ainda o soberbo impudor de cumprimentá-lo, de falar-lhe, de sorrir-lhe publicamente, como se fôsse a sua melhor amiga? E o talento, a arte com que ella sabia fingir uma afabilidade que não sentia! Por desgraça sua, havia de suportá-la, de representar também, para não ser acusado de indelicadeza com uma senhora. Os preconceitos sociais impunham-lhe esta mentira abominável!

— Como vai Maria Clara, a querida amiga? — interrogava ella.

— Bem... Isto é, de manhã, quando saí de casa, estava esplêndida... E esse excellente Silva Marques? Rijo, não é verdade?

Curvou-se a beijar a face branca do Chiquinho, a afagar-lhe a labareda rutilante dos cabelos.

— Quanto aos herdeiros, é escusado perguntar, a avaliar pela próspera saúde dêste, que é encantador, encantador...

— Coitado! Um pôço de doenças. Até hoje saí com elle, para que respirasse um pouco mais de ar... Feliz de quem os não tem, como o senhor.

— Pois, eu creio que lar sem filhos não será a morada perfeita da ventura... As crianças alegam a solidão, comunicam alma às vivendas...

— Ah! mas isso não compensa os trabalhos, as consumições que dão... Deixa-me lá ir, que a

estas horas já o Marques me espera . . . Beije por mim essa cara Maria Clara . . .

— Recomende-me ao marido . . .

Ao despedirem-se, apertando lentamente as mãos, M.^{me} Silva Marques, com um brilho nos olhos, ainda o ameaçou.

— E tenha pena dela, que o ama tanto . . . *Memento homo ?* — disse M.^{me} Cenoura rindo e com intenção.

— Minha senhora, não tenho exames de consciência a fazer — atalhou êle, rindo também.

— Pois, é fugir ao dever . . .

Não lhe respondeu, afastando-se, taciturno, enquanto M.^{me} Cenoura arrastava o Chiquinho pela mão, alumando os asfaltos com a graça da sua petulante vivacidade. Com que direito pretendia aquella mulher intrometer-se na sua vida sentimental ? Existiria no fundo do seu coração algum segrêdo occulto ? Henrique demorou-se na análise desta suspeita, descendo o passeio e, súbitamente, alvoreceu-lhe uma claridade no espirito. Ah ! de-certo, encontrára essa razão procurada desde a *soirée* em casa de Rodrigues Gorjão, desde que M.^{me} Cenoura, na sua ausência, visitára Maria Clara, desde a inconfidência dos seus amores com Maria Emília. Relacionando certos factos, determinados episódios, chegava à verdade. Lembrava-se agora de que, sempre que com êle se encontrava, M.^{me} Silva Marques o fitava demoradamente e dum modo especial, com os olhos aliciadores, que esquecia as suas mãos faiscantes de anéis nas mãos dêle, que o provocava, inútilmente, porque Henrique nem sequer reparava na provocação. Lembrava-se

até de que uma vez, como êle duvidasse da perspicácia das mulheres mesmo para a penetração dos sentimentos mais intimamente aliados à sua delicadeza e à sua feminina fragilidade, M.^{me} Cenoura, com um riso cascalhante, fitando-o com ironia através do *lorgnon* — um famoso *lorgnon* com cabo de ouro cravejado de pedras preciosas — murmurou :

— Os homens é que nessas coisas de sentimento precisam quási sempre da célebre luneta de Balzac . . .

Nessa frase escondia-se, positivamente, uma alusão, mas Henrique não se deu ao trabalho de perscrutá-la. Agora, porém, tudo se esclarecia e com que admirável nitidez ! M.^{me} Silva Marques oferecia-se-lhe, nutria por êle um desejo que nem sequer pretendia mascarar : e, como fôra repelida, vingára-se, denunciando as suas infidelidades a Maria Clara ! Ainda pouco antes, na rua, sentira a mão dela, que era pequenina e papuda, tremer na sua. Ela não amava, não poderia amar o marido, gordo, rechonchudo, obêso, de rosto congestionado, grotesco. Era inteligente, devoravam-na ansiedades que Silva Marques, ridículo, pesado, bovino, não seria capaz de satisfazer-lhe. Henrique, com a sua varonil mocidade, a sua figura apaixonada, a sua elegância, apeteceu-lhe . . . Foi desdenhada, enfureceu-se, espiou-o . . . Não lhe queria mal pela sua vingança. Desculpava-a. Uma aspição idêntica o desviára a êle do amor de Maria Clara . . .

No escritório, pouco se demorou. Não estava bem em parte alguma, sobressaltado pelas como-

ções violentas daquele violento dia. Recordou-se da pacificação da sua casa com saúdaes, e para lá se encaminhou. Ao chegar, o beijo puro, com que Maria Clara o recebeu, sossegou-o. A sua inquietação interior em breve desaparecia e era como se, depois duma áspera, interminável fadiga, tivesse encontrado repentinamente o bem-estar e o repouso, como se, em seguida a uma perigosa enfermidade, entrasse em convalescença. A rápida transmutação das impressões desencontradas no seu espírito surpreendia-o. Novamente verificava a sua falta de fixidez nos sentimentos.

— Então, como te dêste por cá sem mim ? . . .
Êsse apetite ? — perguntou êle a Maria Clara.

— Olha que nem sequer fui à mesa. Para quê ? Se tu não estavas ! Almocei no meu quarto de trabalho.

— Que tolíce ! — interrompeu êle, batendo-lhe levemente no ombro.

— Tolíce, não ! À mesa, havia de lembrar-me de ti com mais tristeza . . . Tu não me tornas a deixar só, Henrique ?

— Certamente que não torno . . . A não ser que surja alguma causa imprevista.

Maria Clara beijou-o sôfregamente, com devoção, com ternura, e êste afago purificou-o ; mas a tempestade moral de Henrique não se apaziguava. O sabor do sonho findo ainda o conturbava, mesmo junto de Maria Clara, a amiga dócil e fiel que só para êle vivia. Uma indizível necessidade de emoções íntimas agitava-o e, apertando nos seus braços a espôsa, acariciava-a com a sedução estranha da voz, do olhar, no desejo

único e supremo de dar a vida a um amor doente — a um amor que imaginou extinto e que agora, para seu gozo espiritual, pretendia reanimar, comunicar-lhe a flama vitalizante do sentimento. Queria, sobretudo, apagar na alma a imagem aliante da outra, da Inimiga, que constantemente ressuscitava, atormentando-o. Sem que essa imagem se desvanecesse de todo, não podia ser feliz nem transmitir a sua felicidade a Maria Clara, porque a lembrança de Maria Emília era uma acusação permanente, o remorso constante, maculava-lhe a pureza da emotividade, impedindo, com os seus braços de sombra — e entretanto tam fortes — que êle se dêsse inteiramente à espôsa. Então, para apressar êsse desvanecimento, para estimular no seu espírito o trabalho de desagregação dum sonho que pèrfidamente lá se refugiára, Henrique, quando estava só, entregava-se à acre volúpia de recordar Maria Emília, para estudá-la através das paixões por ela manifestadas. Era um organismo em que havia beleza, harmonia plástica, mas em que não existia beleza, harmonia moral. Mais calmo, reintegrado na sua própria individualidade, podia raciocinar livremente, alheio a influências que lhe toldassem a justa visão e perturbassem a equidade dos juízos críticos. Só agora notava que ela constantemente lhe mentira, para melhor o iludir e para mais longamente o reter na sua posse. Mentira-lhe quando êle lhe dera uma jóia que desejava sem valor e que aceitára, com um gesto rapace, ao contemplar o brilho das pedras preciosas. Portanto, no seu amor havia menos sinceridade do que interêsse material ! Men-

tira-lhe, ao pedir-lhe para ser amada puríssimamente, longe de tôdas as curiosidades, e fazendo quanto lhe era possível para comprometê-lo e conduzi-lo a uma situação irremediável com Maria Clara, ao rompimento conjugal, ao divórcio. Mentira-lhe, dizendo que lhe sacrificaria tudo, quando afinal nela apenas havia cálculo — um cálculo frio, reflectido, que a levava a defender a sua honestidade, a sua reputação de mulher, não por virtude, por pudor, mas pela ambição mal disfarçada duma legítima união futura. E agora, meditando mais serenamente, duvidava até do affecto de Maria Emília. Com que facilidade ela aceitára a separação, efectivamente ! Esperava lágrimas, scenas dramáticas e patéticas, gritos lancinantes, súplicas dolorosas, e encontrára apenas ironias fulgurantes, sarcásmos, desdêns, tudo o que não era normal numa mulher verdadeiramente apaixonada ! . . .

Estabelecia comparações, para que a lógica da sua meditação ressaltasse com mais nitidez. Maria Clara, traída, injuriada, não tivera uma única accusação. Concitára-o à piedade e ao cumprimento dos seus deveres com sinceras lágrimas ; e, no momento em que elle se curvou sôbre o seu corpo abalado pelos soluços, logo se ergueu radiante, com um reflexo de alegria e de esperança no rosto vincado pelo sofrimento, perdoando-lhe generosamente, amando-o mais do que nunca. Como a diferença entre as duas era flagrante ! Oh ! agora entendia tôda a enormidade do seu desvario e dêle se penitenciava, voltando-se para Maria Clara, que era a felicidade sem nuvens, a paz do coração, a doçura da sua existência, e fugindo da Outra, que era o

malôgro, a tentação impura, o ludíbrio. Para mais inteiramente se convencer, formulava hipóteses.

— Suponhâmos — monologava êle — que eu me deixava vencer pela sedução de Maria Emília, que me evadia do lar e do casamento, que me entregava para sempre a ela !

Um estremecimento corria-lhe o corpo. Se se não tivesse emancipado a tempo, como Maria Emília o faria desgraçado ! Na sua alma havia um sentimento superior a todos os outros — o sentimento do ciúme, que já fulgurára, quando Maria Clara lhe revelou que um homem, um desconhecido, a cortejava. Existia uma coisa em que não podia admitir partilhas : — o amor. Ora, Maria Emília era viúva. Um outro a tinha possuído antes dêle, dormira no seu leito, sentira o macio contacto da sua pele setinosa, provára com sofreguidão o doce sabor dos seus beijos. Ela guardaria ainda, fatalmente, na memória a lembrança perturbante e tumultuosa das estranhas sensações experimentadas. Para que Maria Emília pudesse conservar-se sempre grande, sempre elevada na sua adoração, era necessário que Henrique a conhecesse ainda virginal e casta, na ignorância divina das paixões humanas. E quantos homens teria ela amado primeiro do que o amára a êle, quantos lhe haveriam murmurado ao ouvido as confissões que Henrique lhe fizera ! Mesmo como amante, sera iuma tortura contínua, desde que no seu organismo se extinguisse a alucinadora febre voluptuosa...

Dia a dia, a recordação de Maria Emília diminuía de intensidade. Henrique isolára-se e convalescia. Todos os instantes que o trabalho lhe deixava livres, consagrava-os a Maria Clara, que renascera no seu affecto conjugal renovado por um incidente doloroso. Era-lhe aprazível, depois de jantar, deixar-se ficar à mesa, fumando o seu charuto e conversando repousadamente com Maria Clara, tam simples, tam cãndida, tam amorável, que o contemplava sempre com a mesma ternura e a mesma admiração, que se enlevava nas suas palavras, que mostrava no rosto tranqüilo a gratidão e o reconhecimento por aquella delicadeza. Às vezes, temendo que Henrique viesse a aborrecer-se do seu convívio, que tivesse saudades dos antigos passeios nocturnos pela cidade, das palestras com os amigos, e viesse a querer-lhe menos por isso, ella mesmo o incitava a que sãisse, a que não interrompesse hábitos contraídos :

— Anda, vai. Sou eu que te peço . . . Para que hás-de conservar-te fechado uma longa noite, quando podes espairecer, distraír-te ? — dizia ella com branda voz.

— Não ! Estou assim muito bem na tua companhia.

— Mas, antigamente . . .

— Antigamente, antigamente ! . . . Sabes uma coisa, minha filha ? Os dias passam, a velhice aproxima-se e tãda a velhice é egoísta, gosta do conforto, das comodidades ! . . . É semelhante aos gatos . . .

Maria Clara levantava-se, passava-lhe por de-

trás da cadeira os braços à volta do pescoço, protestava rindo :

— Vélho ? ... Mas tu não estás vélho ! Tens a mesma frescura de pele, a mesma agilidade, não se te vêem na cabeça muitos cabelos brancos.

— É que eu pinto-os, no meu escritório, longe de ti, para me não troçares. Tenho lá uma droga magnífica, que mandei vir de Paris, em segredo. Quando precisares, está às tuas ordens ...

— Não, sério ! Olha que não minto, para te agradar. Não te noto a menor diferença. Para mim és tam novo como quando nos casamos !

— É dos teus olhos ... E é para me enternecer. As mulheres são como as sereias de que fala a lenda.

As horas fugiam ligeiras no encanto dêste viver caseiro, a que Henrique achava um enlêvo indizível. Agora, que estava liberto, que podia olhar para o passado sem sobressaltos, tudo à sua volta parecia reflorir, ao calor da adoração de Maria Clara — um calor comunicativo, consolador, maravilhoso. Arrependia-se de tê-la olvidado um momento, para correr atrás de aventuras misteriosas, arrependia-se, especialmente, de havê-la julgado insignificante, pela estreiteza da sua inteligência, pela vulgaridade do seu espírito, quando, já desiludido, verificava que as mulheres espirituosas e inteligentes só raras vezes levam consigo a felicidade aos lares, que são vaidosas ou caprichosas, que procuram mais as admirações ruidosas do que os affectos íntimos. De resto, Maria Clara possuía outros dons que a nobilitavam como mulher e como espôsa : — era

terna, era devota, sacrificava-se para que elle não soffesse, e com tal geito, com tanta gentileza, que nunca, nunca fizera valer a grandeza do seu sacrificio, deixando-lhe a elle o cuidado de adivinhá-la. Se, realmente, não podia entendê-lo, acompanhá-lo no vôo das suas aspirações, pelo intellecto, acompanhava-o, entendia-o pela finura emotiva que, na mulher que ama, é sempre vivaz e profunda. No entanto, como fôra injusto com ella, outrora, quando conheceu Maria Emília e quando pela primeira vez lhe falou !

Chegára a preferir à espôsa essa intrigante M.^{me} Cenoura, que tinha uma conversa colorida, cativante, por certo, mas que era superficial, que há longo tempo andava a oferecer-se-lhe, com a sua nudez, a sua vivacidade, ao passo que Maria Clara, apagada, contente no seu acanhamento, com uma cultura mais que deficiente, fechada na sua casa, era a boa alma tutelar, a companheira inefável, não tendo pensamento mais vago que não fôsse para elle, retirada do mundo e das suas paixões, resumindo a sua ambição na ambição nobre de viver apenas para o marido, não desejando dar nas vistas, sumindo-se propositalmente, não querendo deslumbrar uma côrte de admiradores perversos. Ali estava, diante della, contrito, fazendo a sua penitência para melhor a merecer, afirmando com uma fôrça de convicção que já-mais sentira que a sua ventura de homem residia absolutamente na espôsa, na sua dedicação, no seu amor rebelde a tôdas as complicações, na sua ternura sempre igual. Vendo-a lidar afanosamente, mover-se dum lado para o outro, arrumar

um móvel deslocado, compor uma flor nos solitários que estavam sôbre a mesa, fitando-o e sorrindo, descobria-lhe uma formosura inédita, uma bondade que se não turvava, a intensidade dum sentimento emotivo que cada vez o aproximava mais dela. E já se não fatigava, se enfastiava de ouvi-la murmurar, atrás dos seus passos, com uma voz amimada :

— Meu queridinho !... Meu queridinho !...

Quanta affectividade, que suave encanto Henrique encontrava agora nessas palavras que revelavam um mundo de finas emoções ! Apenas uma particularidade o êntristecia ; mas Maria Clara não tinha culpa dessa tristeza. Effectivamente, sempre desejára com ânsia lancinante, com desespêro, um filho em que a sua existência, em que a existência de ambos, se prolongasse : e o ventre de Maria Clara mantinha-se estéril. Um dia, queixou-se desta esterilidade, disse-lhe, rindo :

— Não és minha amiga ! Nem um filho me dás !...

Ela viera sentar-se-lhe nos joelhos, apertou-lhe a cabeça num abraço, exclamou :

— E para que querias um filho ? Dize !...

— Ora ! Para que a nossa felicidade fôsse mais perfeita !

Esteve um momento pensativa, sempre abraçada a êle, e por fim murmurou :

— Se êsse filho viesse, depois havias de querer-me menos. Tinhas de dividir o teu amor por dois.

Em seguida, levantando-se um pouco còrada, com os braços caídos ao longo do corpo, num grande abandôno, afirmou :

— Mas, se tivesse um filho, na verdade, agradecê-lo-ia ao céu, visto que o desejas tanto. Eu não tenho vontades que não sejam as tuas ! . . .

Estas palavras tam simples, o modo tocante como Maria Clara as disse, comoveram Henrique, que a puxou para si, que a cobriu de beijos, exclamando :

— Não te quero mal por essa falta . . . Bem sei que, se isso dependesse de ti, não hesitavas . . . Talvez até que o culpado seja eu . . .

Em certas noites, Henrique, trazendo de fóra algum livro novo, chamava-a para junto dêle, lia em voz alta, explicava certas passagens de mais difícil compreensão que ela não entendia, no gôsto e na aspiração de educá-la, de afinar-lhe uma inteligência que nunca desabrochára porque não fôra cultivada cuidadosamente. Maria Clara, que outrora se aborrecia até ao tédio quando êle lhe suplicava que lêsse, seguia-o agora com interêsse, como se lhe tivesse surpreendido o desejo oculto. E era encantadora, batendo efusivamente as palmas quando a leitura se lhe não tornava nebulosa, fazendo por vezes observações que obrigavam Henrique a meditar, pela sua profundidade. No fim, quando êle fechava o volume, marcando com uma fita de sêda a página interrompida, ela terminava sempre por beijá-lo com fervor.

— É curioso ! — dizia êle.

— É curioso o quê ? Explica-te — rogava ela com um lampejo de alegria nos olhos serenos.

— Nunca um homem e uma mulher lêem juntos o mesmo livro, sem que um beijo ponha termo à leitura. Já assim aconteceu com Paolo e Francesca

de Rimini, quando ambos liam a história de Lanceloto. Por sinal que o beijo que trocaram então foi de fatalidade e de morte.

— Mas os meus beijos são de amor e de vida !
— respondia Maria Clara.

Certo dia, de regresso dos seus trabalhos forenses, Henrique passava na Praça da Liberdade, quando de súbito Salgueiro se aproximou dêle, exclamando :

— Onde é que o senhor se tem escondido ? Não aparece em parte alguma, naturalmente conspira, urde tramas na sombra, esquece as vélhas amizades. Não, isso é uma perfídia indesculpável !

— Ó Salgueiro famoso ! — gritou Henrique.

— Pare lá essa efusão e responda . . . Explique êsse ar radiante de homem a quem saíu a sorte grande.

— É que fiz uma descoberta considerável !

— E qual foi então essa descoberta ?

— Descobri a felicidade. Nem mais nem menos. A felicidade ! . . .

— Em alguma trapeira, longe das vistas conjugais ?

— No próprio lar, no amor da mulher ! . . .

— Pois, parabens ! É de arromba, a descoberta, com efeito ! Só eu tantas mulheres tenho amado e em nenhuma encontrei a ventura . . . Verdade seja que não é essa futilidade piégas que eu nelas procuro . . .

Riram com satisfação. Palestravam ainda quando, inesperadamente, pelo mesmo passeio em que

estavam parados, Maria Emília surgiu, avançando pelo braço dum rapaz ainda novo. Henrique fitou-a e empalideceu um pouco ; ela, mal o mirára com um olhar de desafio, seguindo altiva, ágil, direita, entre o frou-frou das sêdas.

— Ó menino, quem é êste soberbo mulherão ? Que olhos, que corpo, que beleza !

— Sei lá quem é ! Parece-me que é uma linda criatura. Nada mais posso dizer-te da sua história e da sua vida.

— Mas, ela olhou-te . . . Seria uma ilusão . . . Mas pareceu-me vê-la olhar-te e dizer qualquer coisa em voz baixa ao homem que a acompanhava . . . Naturalmente, o marido . . .

— Sim ! O marido, naturalmente. E tu lisonjeias-me. É uma delicadeza da tua parte supôres que todas as mulheres belas me desejam . . .

O episódio esqueceu. Demoraram-se ainda algum tempo, conversando em coisas banais, separando-se por fim. Henrique tornára a vê-la, a Inimiga notára-o mesmo com um olhar insidioso, de ironia e de triunfo, um olhar em que fusilava mais desdém do que ódio.

Os seus olhos, sombreados, velados pelas longas pestanas, brilhavam, lampejou neles um relâmpago. E tam forte e dominante fôra a influência que tinha exercido em Henrique, que o seu coração — que julgava sereno — ainda palpitára por ela, que no seu sentimento ainda vagueára a sombra incerta duma saudade. Não teria, pois, cura o mal da sua paixão pecaminosa ? Nesse instante, Maria Emília apparecera-lhe não como a mulher que se ama, mas como a mulher de gôzo, o delicado instrumento de

prazer, um ser magnífico e luxurioso que faria o orgulho dum amante. Resplandecia no esplendor supremo da sua beleza — que vencía — e da sua carne — que tiranizava. Como fôra inconsiderado, deixando-a ! . . .

Mas, já à porta de casa, a sua vontade despertou, sacudiu-o, electrizou-o, e uma repulsão instintiva por essa criatura dominou-o completamente, ao lembrar-se do amor puro, cándido, incorruptível de Maria Clara — um amor santificado que o elevava, que o sublimava de manchas grosseiras, de emoções mais grosseiras ainda. Maria Emília era o passado, de que tinha de arrepender-se. A espôsa era o futuro, a tranquillidade, a inalterável quietitude, para onde agora se dirigia, confiante, rejuvenescido, com a certeza da vitória do seu espírito sôbre a violência da sua sensualidade. Para definitivamente a esquecer, fugir-lhe-ia, decidira viajar.

Entrou resolutamente ; foi para Maria Clara com a alegria espiritual, com a veneração com que iria para um templo, a ajoelhar diante do retábulo da Virgem, se ainda na sua alma existisse a claridade da fé religiosa ; estreitou-a contra o peito, para lhe sentir as pulsações do coração ; purificou-se nos beijos dela ; e para que nunca mais um pensamento mau voltasse a perturbá-lo, para poder esquecer completamente a Outra, exclamou :

— Maria, nem tu sabes no que eu vinha agora a meditar, de regresso a nossa casa. Uma, duas . . . Não adivinhas ?

— Não ! E parece impossível, porque às vezes, sou capaz de sondar os teus pensamentos . . .

— Faze um esforço . . . Ainda não ? . . . Se não

tens subtileza alguma!... Pois, meditava nisto: — Tu nunca viajaste; eu também nunca passei para além da fronteira espanhola. Que dirias tu, portanto, a um longo passeio de dois, de três meses por essa França, por essa Suíça, por essa Itália, vendo povos, cidades, monumentos, civilizações, arejando o espírito, repousando?...

— Oh! meu filho!... Quanto te agradeço! Era a minha maior ambição, depois do teu amor!

— Bem! Toca a arranjar as malas. Partiremos dentro de quatro dias. Será a nossa viagem de núpcias... Porque não temos filhos, reconciliamo-nos há poucas semanas, ainda somos noivos!

Maria Clara lançou-lhe os braços ao pescoço, encostou o seu rosto ao rosto dêle, afagou-o, envolveu-o todo numa longa carícia, cobrindo-lhe a face de beijos ardentes — beijos em que ia, com a sua alma, a sua ternura infinita e o seu reconhecimento profundo.

— Sim! Será a nossa viagem de núpcias! — acrescentou ela. E olha que te amo hoje mais do que quando nos casámos, porque te conheço melhor, porque encontrei em ti um homem admirável que só a dôr me revelou!

FIM

DICCIONARIO PRÁTICO ILLUSTRADO

Diccionario encyclopedico
luzo-brasileiro

POR

JAIME DE SÉGUIER

2.ª EDIÇÃO

6.000 gravuras — 110 Quadros
90 Mappas — 1.000
retratos de individualidades celebres

Letras, sciencias, artes, defini-
ções, exemplos, synonymos.
antonimos, proverbios e locu-
ções proverbiaes, pronuncia,
etymologias, termos brasilei-
ros, locuções latinas e estran-
geiras, historia, biographia,
geographia, mythologia, noti-
cias bibliographicas, monograp-
hias de obras de arte, per-
sonagens e typos, formulario
orthographico, etc., etc.

O Dicionario Pratico Illustrado
realisa plenamente o typo per-
feito do dicionario manual;
deveis, pois, ter sempre
á mão

O. VERDADEIRO LAROUS-
SE PORTUGUEZ.



Encyclopedia pela Imagem

O grande successo de livreria em 1927

A mais interessante
e instructiva das publicações feitas
em lingua portugueza

Na *Encyclopedia pela Imagem*, a imagem methodicamente agrupada numa secção ordenada e logica, ensina-nos mais e melhor do que a mais extensa explicação.

A *Encyclopedia pela Imagem* abrange todos os ramos dos conhecimentos humanos: *Historia*, - *Geographia*, *Sciencias*, *Arte*, *Litteratura*, etc.

Volumes já publicados

Geographia : — As raças humanas. *Historia*: — Joanna d'Arc. — A Revolução Francesa. — *Historia da Arte*. A *Mythologia*. *Sciencias* : — Os animaes. — Os motores. — A T. S. F. (telegraphia sem fios). — O Mar.

Preço de cada volume

4\$000 — 1 por mez.



